

ANTONIO CARLOS AGUIAR DIAS

**ENTRE O ROMANCE E A EDUCAÇÃO
HISTÓRICA LOCAL: UMA ANÁLISE DA OBRA
CASSACOS, DE CORDEIRO DE ANDRADE, COMO
INSTRUMENTO EDUCATIVO NAS AULAS DE
HISTÓRIA LOCAL DO ENSINO MÉDIO, PARA
COMPREENSÃO DA CULTURA SOBRALENSE
NAS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XX**

ORIENTADOR: Manuel Tavares Gomes

**UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS
Instituto de Educação**

**Lisboa
2013**

ANTONIO CARLOS AGUIAR DIAS

**ENTRE O ROMANCE E A EDUCAÇÃO
HISTÓRICA LOCAL: UMA ANÁLISE DA OBRA
CASSACOS, DE CORDEIRO DE ANDRADE, COMO
INSTRUMENTO EDUCATIVO NAS AULAS DE
HISTÓRIA LOCAL DO ENSINO MÉDIO, PARA
COMPREENSÃO DA CULTURA SOBRALENSE
NAS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XX**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de
Mestre, no curso de Mestrado em Ciências da
Educação, conferido pela Universidade Lusófona
de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof^o. Doutor Manuel Tavares Gomes
Co-orientador: Prof^o Doutor Óscar Conceição de Sousa

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação

Lisboa

2013

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

*Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não
conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em
entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.*

Clarice Lispector

1

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

DEDICATÓRIA

A Deus. Não a Deus como uma flor, mas como a essência da flor.

A minha filha Rayssa Dias. Razão do meu EU como narrativa histórica.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não seria possível sem a colaboração dessas pessoas:

Ao meu orientador, Professor Doutor Manuel Tavares Gomes, que me fez enxergar o chão que estou pisando.

Ao meu mestre, Gustavo Said, por ser minha fonte de inspiração de um verdadeiro acadêmico.

À Professora Elisa, pelo apoio na organização do curso.

Ao meu irmão Carlos James, pela insistência de tentar fazer de mim um ser “normal”.

À Professora Rogelma Soares, por consertar meus erros gramaticais sem endireitar.

A Francisco Wóttila, por auxiliar-me no belo, isto é, na estética deste trabalho.

A Ivonir Aguiar e Carlos Júnior, que se foram e deixaram os rastros da dignidade para eu correr no encalço.

Aos Professores Almino Rocha, Verber Moreno e Hermeson Veras pelo apoio na pesquisa bibliográfica.

A Sophia Freire, simplesmente, por tudo...

Por fim, a todos que, de forma direta e indireta, cooperaram na realização deste trabalho.

RESUMO

É proposta deste trabalho analisar a cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX, a partir da análise da obra *Cassacos* de Cordeiro de Andrade, considerando-a como narrativa histórica. Essa proposição almeja servir de sugestão como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio. O percurso teórico da pesquisa, que se apresenta como estudo qualitativo de conteúdo, com análise histórica analítico-descritiva, está dividido em *A Terra*, que diligencia demonstrar a importância de estudar história local a partir da narrativa histórica, compreendendo a relação do espaço/tempo, identidade/memória como pressuposto para formação cidadã dos discentes, além de traçar uma leitura de Sobral, desde sua fundação até o ano de 1920, percebendo sua formação urbana a partir do cruzamento analítico das literaturas oficiais com a obra *Cassacos*. Um projeto de romanização da Igreja católica será identificado, e, por ilação, alvitramos a desconstrução e o lançamento de um novo olhar sobre a história de Sobral no período diocesano. Em *O Homem*, procuramos destacar as contradições existentes na biografia oficial de Cordeiro de Andrade, discutir suas atitudes políticas e compreendê-lo como agente social. Em *A luta*, percebemos, por meio das obras literárias e dos jornais que editava, que Cordeiro-criador confunde-se com Cordeiro-criatura.

Palavras-chave: *Cassacos*, história local, narrativa histórica, Cordeiro de Andrade, Sobral.

ABSTRACT

This work aims to analyze the Sobralense culture in the two first decades of the 20th Century, based on the *Cassacos de Cordeiro de Andrade* work rummage, considering it as historic narrative. The proposition longs for serving to suggestion as educative tool in the High School classes of Local History. The theoretical research route, which is presented as qualitative study of content, with analytical-descriptive historic analyses is divided in *A terra* (The Earth) , that demonstrate the importance of studying local history from the historic narrative on, understanding the space/time relation, identity/memory as a presupposition to the students' civic education, besides tracing a reading about Sobral since its foundation in 1920, also regarding its urban formation since the analytic crossing of the official literatures with the work *Cassacos*. A Romanization project of the Catholic Church will be identified and then proposed the deconstruction and the launching of a new look on Sobral history in the diocesan period. In *O Homem* (The man), It's our objective to stand out the existing contradictions in the official biography of Cordeiro de Andrade, discussing its political attitudes and understanding it as a social agent. In *A Luta* (The Fight), it is noticeable, by means of the literary works and the newspapers which was edited, that Cordeiro- The creator is mistaken by Cordeiro - The creature.

Key words: *Cassacos*, Local History, Historic narrative, Cordeiro de Andrade, Sobral.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

ABREVIATURAS

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Organização Não Governamental – ONG

Padre – Pe.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC

Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

Ministério da Educação e Cultura – MEC

Departamento Nacional de Obras Contra a Seca – DNOCS

Inspeção Federal de Obras Contra a Seca - IFOC

ÍNDICE

RESUMO	4
ABSTRACT	5
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – DA PROBLEMÁTICA AOS OBJETIVOS.....	21
1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA E DOS OBJETIVOS	22
CAPÍTULO II – PERCURSO TEÓRICO DA PESQUISA.....	23
2.1. Por que estudar história local?.....	24
2.2. Por que a narrativa histórica como direção e sentido da nossa pesquisa?	28
CAPÍTULO III – A TERRA	34
3.1 Sobral anterior a <i>Cassacos</i>	35
3.1.1 O Período do Gado.....	37
3.1.1.1 O gado em Sobral	41
3.1.2. O Período do Comércio	47
3.1.3. O Período do Algodão	55
3.1.4. O Período da Diocese	58
3.1.5. Uma análise da efígie de Sobral narrada no romance <i>Cassacos</i>	71
3.1.5.1. Os fatos que marcaram a história sobralense em 1919	74
3.1.5.1.1 – Paráfrase dos fragmentos supracitados dos jornais <i>Correio da Semana</i> do ano de 1919	101
3.1.5.1.2 - É hora de instalar um caleidoscópio sob <i>Cassacos</i>	102
3.1.5.1.2.1 - A epítome de <i>Cassacos</i>	102
3.1.5.1.2.2 - Uma análise da face literária do romance <i>Cassacos</i>	104
3.1.5.1.2.3 - Os retratos de Sobral em <i>Cassacos</i>	108
RETRATO I- A geografia física de Sobral:.....	108
RETRATO II- A religiosidade em Sobral.....	114
RETRATO III- O semblante da miséria	126
RETRATO IV- Campos de Concentração	129
RETRATO V- Diante da escuridão do Eclipse na urbe de Sobral, o Comunismo é a solução	136
CAPÍTULO IV – O HOMEM.....	143
4.1. Cronologia biográfica de Cordeiro de Andrade e a nossa procura por seus passos	144

4.2. Determinismo social e ideologia na biografia de Cordeiro de Andrade escrita pelo Padre Francisco Sadoc de Araújo.....	146
4.3 - Cordeiro de Andrade, filho de Sobral.....	149
CAPÍTULO V – A LUTA.....	152
5.1. A luta de Cordeiro como romancista.....	153
5.2- A luta de Cordeiro como jornalista.....	156
5.2.1- Debatendo com <i>O Debate</i>	157
5.3. A luta de Cordeiro de Andrade em querer fazer história.....	167
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	172
REFERÊNCIAS.....	176
ANEXOS.....	182

ÍNDICE DOS MAPAS

Mapa 1 - Rotas de penetração no interior nordestino (Séculos XVII e XVIII).....	39
Mapa 2 - Principais rios do Ceará.....	40
Mapa 3 - Povoado de Caiçara (metade do século XVIII)	44
Mapa 4 - Sobral 1773. Fonte: Rocha, 2003,p. 46.	46
Mapa 5 – Destaque para as Igrejas. Fonte: Rocha, 2003, p. 84.....	55
Mapa 6 - A linha do bonde.....	57
Mapa 7 - Mapa da cidade com as obras de D. José	66
Mapa 8 - Localização da Cidade de Sobral em relação ao mundo	III
Mapa 9 - Mundi	III
Mapa 10 – Continente Americano	III
Mapa 11– Brasil.....	IV
Mapa 12 - Nordeste.....	V
Mapa 13 – Ceará.	VI
Mapa 14 – Sobral	VII

ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1 - Alicerces da 1ª matriz (1742).....	43
Figura 2 – Igreja das Dores.	50
Figura 3 – Igreja de Santo Antônio.....	50
Figura 4 – Câmara Municipal de Sobral.	51
Figura 5 - Mercado Público.....	51
Figura 6 – Sobrado Cel. Ignácio Gomes Parente.....	52
Figura 7 - Prédio Major Manuel Francisco de Moraes.....	52
Figura 8 - Museu Dom José.....	53
Figura 9 - Sobrado Pe. Francisco Jorge de Souza.....	53
Figura 10 - Sobrado Major Ângelo Ribeiro	54
Figura 11- Solar Joaquim Lopes dos Santos.	54
Figura 12– Santa Casa de Misericórdia de Sobral.....	62
Figura 13 - O Ginásio Diocesano	62
Figura 14 - O Banco Popular de Sobral.	63
Figura 15 - Residência de Dom José.....	63
Figura 16 - Abrigo Sagrado Coração de Jesus.	64
Figura 17 - O Seminário Menor da Betânia.	64
Figura 18 - Museu Diocesano Dom José.	65
Figura 19 - O Arco do Triunfo.	65
Figura 20 - Dom José Tupinambá da Frota.....	67
Figura 21 - Capitão Zé Diogo.....	133

ÍNDICE DOS DOCUMENTOS

Documento 1 - O Eclipse do Sol	77
Documento 2 - A Grippe	78
Documento 3 - A Influenza	79
Documento 4 – Collegio Diocesano Sobralense	80
Documento 5 – Prophecias de Mucio Teixeira para o anno de 1919	82
Documento 6 - A Secca.....	83
Documento 7 - A Fome.....	84
Documento 8 – O eclipse total do sol	86
Documento 9 – Fome e desamparo.....	87
Documento 10 – No campo da fome	88
Documento 11 – A guerra continua	89
Documento 12 – Dr. Epitácio e a Secca.....	89
Documento 13 – Liga feminina pro-flagelados.....	90
Documento 14 - O Comunismo.....	90
Documento 15 - O Flagello da "grippe".....	91
Documento 16 – Violências e ameaças.....	92
Documento 17 - A verdade sobre os factos.....	92
Documento 18 - Trabalhar à força.....	94
Documento 19 - A Fome.....	95
Documento 20 - A Sêcca.....	97
Documento 21 – Banco Popular de Sobral	98
Documento 22 - Doloroso contraste	99
Documento 23 - Vicente Loyola.....	100
Documento 24 - Primeiro exemplar de <i>O Debate</i> , de Cordeiro de Andrade.	158
Documento 25 - Manchete do segundo exemplar de <i>O Debate</i>	158
Documento 26 - Manchete de <i>O Debate</i> . 26 de Fevereiro de 1931.....	158
Documento 27 - Terceiro exemplar de <i>O Debate</i>	159
Documento 28 - Manchete do Jornal <i>O Debate</i> , nº 26.....	159
Documento 29 - Notas à Margem, 19 de Fevereiro de 1931	160
Documento 30 - Notas à Margem, 26 de Fevereiro de 1931.....	160
Documento 31 - Documento 31 - Notas à Margem, 5 de Março de 1931.....	161

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

Documento 32 - Resposta a um possível insulto de <i>O Combate</i> , de Vilebaldo Aguiar.....	162
Documento 33 - Manchete que ironiza Vilebaldo Aguiar.	162
Documento 34 - Manchete acusa Vilebaldo de falsificação de dinheiro.	163
Documento 35 - Cordeiro de Andrade pede ajuda ao Desembargador do Estado.	163
Documento 36 - Documento 36 - Cordeiro de Andrade compara o seu caso ao de Vicente Loyola e Deolindo Barreto.....	164
Documento 37 - <i>O Debate</i> anuncia a condenação de Cordeiro de Andrade.....	164
Documento 38 - Cordeiro de Andrade.....	164
Documento 39 - Cordeiro de Andrade volta a ser alvo de processo.....	165
Documento 40 - Última manchete de <i>O Debate</i> , em 12 de Setembro de 1932.....	165

INTRODUÇÃO

Em decorrência de um *latu senso* em comunicação e mídia contemporânea, realizado antes deste mestrado, em Ciências da Educação, a nossa mente estava submergida no mundo virtual, ou mundo paralelo, ou realidade em potência, ou, como alguns designam de forma generalizada, na liquidez das relações.

Infiltrados nessa lógica de pensamento, o desejo era, justamente, aprofundarmos essa temática. Todavia, essa sensação veio a ser desafogada quando relembramos o âmago das disciplinas trabalhadas durante as aulas do mestrado. Todos os professores tiveram uma importância singular durante o percurso das aulas, mas alguns desses facilitadores tiveram um discurso que transformaram o micro de maneira macro. Isto é, abriram as cortinas de Fernando Pessoa¹ e mostraram que “pelo Tejo vai-se para o mundo”.

Foi através de Zoran Roca² que compreendemos a importância de conhecer o chão pisado. “Que as paisagens são fundamentais para o reconhecimento das identidades territoriais.” (Roca & Oliveira, 2005). E, por meio de outros, Boaventura dos Santos³ nos foi apresentado, fonte que nos fez enxergar que “as mudanças nos paradigmas dominantes são mais evidentes que a emergência de um novo paradigma”.

Imbuídos da natureza das mensagens desses intelectuais, voltamos a atenção para as margens do Rio Acaraú e percebemos que, por meio dele, vai-se para o mundo ao entrever a sua paisagem e o seu entorno como um dos elementos da identidade sobralense. Observando, assim, que a análise desse meio se faz não necessariamente pela busca de um novo modelo, mas, sim, pelas mudanças dos paradigmas dominantes.

Doravante, ao distanciarmo-nos do mundo em potência, ancoramos nosso olhar ao redor de nós mesmos, por meio deste trabalho, que vem a se posicionar como estudo da cultura sobralense das duas primeiras décadas do século XX, a partir da análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, enquadrando-a como narrativa histórica para, a partir de então, construir um trabalho capaz de vir a ser uma sugestão como instrumento educativo de referência para estudos nas aulas de História Local do Ensino Médio, mais especificamente Sobral.

¹ Fernando Pessoa foi um poeta e escritor português, nascido em Lisboa. É considerado um dos maiores poetas da Língua Portuguesa e da Literatura Universal.

Atentemo-nos ao poema *O Tejo é mais belo*, heterônimo, Alberto Caeiro.

² Professor Catedrático na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

³ Professor Manuel Tavares conversa com Boaventura de Sousa Santos, disponível

em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Em_torno_de_um_novo_paradigma.PDF. Acessado em: 01/04/2013, às 23h45min.

Diante desse objeto de estudo, a pesquisa traz consigo algumas interrogações que direcionam as problemáticas a serem investigadas: Como transformar uma análise de narrativa histórica em instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio? De que maneira a relação espaço/tempo influencia no cotidiano cultural das pessoas? Qual a relação entre a obra *Cassacos*, que se passa no ano de 1919, com a conjuntura social de Sobral nos anos de 1900 a 1920? Qual análise pode ser feita de Cordeiro de Andrade como sujeito histórico dentro do contexto social de Sobral?

No percurso do trabalho, será necessário, inicialmente, bebermos nas fontes pedagógicas dos PCNs e de outros textos educacionais, para arquitetarmos algumas sugestões educativas para as futuras aulas de história local, levando em consideração o abstrato que se esconde nas narrativas históricas.

De acordo com Bittencourt (2011):

Os traços da narrativa histórica distinguem-se pela intenção de aprofundar a realidade, pela busca documental e cuidado metodológico, pela extensão de seu projeto e de suas problemáticas (provenientes da história-problema), que evidenciam personagens representativos de grupos sociais, e pelas temporalidades mais complexas. Existe uma responsabilidade da narrativa histórica que é diversa daquela de caráter ficcional e não pode ser abolida. E tal responsabilidade existe também no ensino.

A utilização de uma história narrativa no ensino decorre de determinada concepção histórica e não pode se limitar a despertar interesse pelo passado nos alunos. A narrativa histórica é ponto inicial, e a partir dela existe a possibilidade da compreensão dos acontecimentos por meio das ações do sujeito (Bittencourt, 2008, p. 143 e 144).

Corroborando com a ideia de Bittencourt (2011), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) de História do Ensino Médio sobreavisam que:

(...) diferentes concepções do tempo e diferentes sentidos do passado coexistem com a cronologia, o que é fundamental para a compreensão do passado como mudança histórica. Essas diferentes concepções, expressas em mitos, rituais, calendários e inscritas nas memórias coletivas e individuais, podem ser recriadas em diferentes narrativas. Os sentidos do passado também aparecem nessas diferentes fontes, o que amplia consideravelmente as possibilidades de trabalhos com os alunos (PCN, 1997, p. 82).

No entanto, essas ideias pedagógicas não serão divergidas, mas, sim, complementadas com o anticonformismo a uma disciplina rígida defendida por Certeau (2012), ao aferir que a arte da narração representa também:

(...) o seu outro, com a “descrição” historiográfica e lhe modifica a lei sem a substituir por outra. Não possui discurso próprio. Não se diz a si mesma. Pratica o não lugar: *fort? Da?* Ali e não ali. Finge que se eclipsa por trás da erudição ou das taxinomias que no entanto manipula. Dançarino disfarçado em arquivista (Certeau, 2012, p. 143).

Abalizados dessa lógica da não exclusão, mas do complemento da rigidez pedagógica em relação à análise da narrativa e ao inconformismo desse objetivismo como doutrina, é que almejaremos ajustar esses raciocínios em forma de instrumento educativo para o estudo de história local e não de discussões teóricas sobre esses olhares, a fim de contribuirmos para os ideários de cidadania dos PCNs, que apontam para a perspectiva de que:

(...) os educandos venham a se apropriar de diferentes linguagens e instrumentais de análise e ação, para aplicar na sociedade, de forma autônoma e cooperativa, os conhecimentos que construíram/reconstruíram os processos de ensino e aprendizagem. Esse processo de transposição tanto implica protagonismo frente às relações sociais amplas e particulares nas quais os educandos estão imersos, quanto se constitui em fundamento essencial que contribui para que os mesmos construam/ reconstruam suas identidades sociais (PCN, 1997, p. 31).

Para tanto, é necessário considerarmos que a procura dessa reconstrução de identidade social seja um processo consciente da ação que o espaço e o tempo têm sobre cada indivíduo dentro da sociedade que faz parte, onde o sujeito deixa de ser mero coadjuvante e passa a ser protagonista do processo histórico, vindo a almejar, nas linhas e nas entrelinhas desta dissertação, desenvolver determinadas competências e habilidades propostas pelos PCNs de História, como:

Criticar, analisar e interpretar fontes documentais de natureza diversa, reconhecendo o papel das diferentes linguagens, dos diferentes agentes sociais e dos diferentes contextos envolvidos em sua produção.

Relativizar as diversas concepções de tempo e as diversas formas de periodização do tempo cronológico, reconhecendo-as como construções culturais e históricas.

- Estabelecer relações entre continuidade/permanência e ruptura/transformação nos processos históricos.
- Construir a identidade pessoal e social na dimensão histórica, a partir do reconhecimento do papel do indivíduo nos processos históricos simultaneamente como sujeito e como produto dos mesmos.
- Atuar sobre os processos de construção da memória social, partindo da crítica dos diversos “lugares de memória” socialmente instituídos
- Situar as diversas produções da cultura – as linguagens, as artes, a filosofia, a religião, as ciências, as tecnologias e outras manifestações sociais – nos contextos históricos de sua constituição e significação.
- Situar os momentos históricos nos diversos ritmos da duração e nas relações de sucessão e/ou de simultaneidade.
- Comparar problemáticas atuais e de outros momentos históricos.
- Posicionar-se diante de fatos presentes a partir da interpretação de suas relações com o passado (PCN, 2004, p. 28).

Todavia, é necessário ratificarmos e salientarmos, ao mesmo instante, que o desenvolvimento dessas habilidades e competências, durante a execução deste empreendimento intelectual, não será executado como item, isto é, como parte literal de um processo a servir de discussão pedagógica, ao contrário, as habilidades e competências do ensino de História propostas pelos PCNs serão partes da essência filosófica desta dissertação. Agindo como uma das ferramentas na construção desse instrumento educativo, aprofundando, através do espírito das suas significações, a investigação da história de Sobral nas duas primeiras décadas do século XX, a partir da análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade. Ao mesmo tempo em que estamos nos apropriando do imagético da ideia de Certeau (2012), ao afirmar que “o riso de Nietzsche perpassa o texto do historiador”.

Introduzido pelos interstícios dessa lógica é que *Cassacos* será posto em uma berlinda de reflexão que irá tentar pontuar seu papel de narrativa histórica como resultado do reflexo de ações que aconteceram antes e durante os anos de 1919 e início de 1920, época em que se passa a trama que compõe a obra.

Visto que, ao analisar o contexto cenográfico e o valor histórico de *Cassacos*, Araújo (1985) destaca:

O enredo se desenvolve em três cenários que se revezam: a cidade de Sobral, a fazenda “Oiticica” e o canteiro de obras da construção do açude Forquilha (...).

O título é sugestivo. “Cassacos” é palavra regional, coletivo de trabalhadores alistados pelo Governo para as obras de emergência. A falta de asseio, suas roupas sujas e surradas, com conseqüente mau odor, lembram o animal cassaco, ou gambá, marsupial do gênero “Didelphis”, comum na fauna regional, que emite cheiro desagradável, quando perseguido (...).

A intenção primeira foi a de ser sincero em narrar os fatos, fazer história, fazer reportagem. Depois, apareceu a tentativa de transformá-los em romance. Na composição do livro, começou como jornalista, para depois se transmutar em romancista (Araújo, 1985, p. 95 e 96).

Além disso, a figura de Cordeiro de Andrade será associada a algumas categorias complementares de investigação dessa análise, como: espaço, tempo, cidade, cotidiano, ação cultural, sujeito histórico, cultura humana, agente social, identidade cultural, classe social e caráter social. Visto que, parafraseando Araújo (1985), estudar Cordeiro de Andrade é caminhar numa tensão dialética, entre ação e reação recíprocas do homem e do meio.

A obra e o autor serão afetados por essa tensão, abrindo caminhos carregados de veredas que levará o trabalho a questionar o que Rocha (2003) coloca, ao se referir à história de Sobral como “nuanças eurocêtricas”. Tal afirmativa trará para o âmago das proposições aquilo que Cava (1976) analisa como a “Romanização do catolicismo brasileiro do início século XX” (Cava, 1976, p. 31), fazendo com que os objetos da análise sejam em relação à obra ou ao autor e que venham a constatar que “na natureza, os instantes morrem e são substituídos por outros. Em contrapartida, o mesmo acontecimento, historicamente conhecido, “sobrevive no presente”” (Ricoeur, 2012, p. 245).

Para tanto, a pesquisa proposta será desenvolvida mediante caráter qualitativo e técnica de análise de conteúdo, cuja natureza de análise vem da capacidade que o método tem de se “aplicar a uma grande diversidade de materiais, como permite abordar uma grande diversidade de objetos de investigação: atitudes, valores, representações, mentalidades, ideologias etc.” (Laville & Dionne, 1999, p. 214 e 215). No entanto, tais objetos serão investigados por meio de análise documental.

Embasados nessa metodologia, procederemos com alguns passos que irão estruturar os nossos instrumentos de pesquisa:

1º Passo: coletar as obras de Cordeiro de Andrade; 2º: coletar exemplares do jornal *O Debate*; 3º: coletar informações sobre a vida de Cordeiro de Andrade. 4º: coletar as principais bibliografias sobre a história de Sobral; 5º: selecionar as informações dessas bibliografias e jornais de época e focar nas duas primeiras décadas do século XX; 6º: Consultar quais os principais clássicos da Literatura nacional e internacional que subsidiam nossa pesquisa em questão.

Após esse caminho percorrido, nos inspiraremos na proposta de análise documental de Bittencourt (2011), cuja paráfrase segue as seguintes argumentações: sobre a existência em si do documento; sobre o significado do documento como objeto e como sujeito para, a partir de então, descrevê-lo, isto é, destacar e indicar as informações que ele contém. Mobilizar os saberes e conhecimentos prévios para explicar o documento, isto é, associar essas informações aos saberes anteriores e situar o mesmo em relação ao seu autor; identificar a natureza desse documento e também explorar essa característica para chegar a reconhecer os limites e o interesse do documento, isto é, criticá-lo (Bittencourt, 2011, p. 333).

Porém, antes de concluirmos este intróito, algumas indagações ainda se fazem necessárias, para um melhor esclarecimento ao leitor. O que essa análise se diferencia de outras pesquisas existentes sobre essa temática? Qual o motivo da escolha de Cordeiro de Andrade como protagonista deste trabalho?

Primeiro, é importante frisarmos que esta dissertação não se justifica pela pretensão do ineditismo. Longe de tal intenção. No entanto, é uma proposta de contemplação ao recorte histórico do início do século XX, da cidade de Sobral, em contrapartida ao aspecto diocesano da maioria das bibliografias existentes sobre essa temática. Tendo como alicerce a obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, literatura essa, e autor, praticamente desconhecidos da coletividade sobralense e, se for generalizar, do grande público nacional. Além disso, este trabalho traz consigo o apelo de ser sugerido como parâmetro de trabalho para estudo da história local com alunos do Ensino Médio, a partir da narrativa histórica.

Almejando, dentro dessa circunstância, traçarmos um caminho no qual a história local esteja ligada ao cotidiano, vindo a fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer, entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos históricos, uma reflexão sobre identidade social.

Por consequência, principalmente da interpretação histórica dessas pessoas comuns, é que resolvemos trabalhar com o desconhecido Cordeiro de Andrade. Considerando, nessa afirmação, a metonímia do autor pela obra.

Pois, mesmo com nascimento e vivência até os dias atuais em Sobral e sempre envolvidos com as questões culturais da cidade, só tivemos acesso à biografia de Cordeiro de Andrade ao trabalharmos com uma ONG que trazia seu nome: *Organização de Desenvolvimento Humano Cordeiro de Andrade*. A única pessoa, entre as dezenas presentes na reunião de fundação da ONG, que conhecia, superficialmente, a história de Cordeiro e que tinha lido uma de suas obras e uma única biografia feita sobre o escritor era o intelectual Pe. Osvaldo Carneiro Chaves, que, na época, deveria ter seus oitenta anos de idade.

Apesar da ONG ter tido uma curta duração, a história e a obra de Cordeiro nos despertaram grande curiosidade, fazendo com que viéssemos a adquirir, de forma hercúlea, a cópia de boa parte da sua obra literária, visto que toda ela só foi editada uma única vez, com exceção de uma obra póstuma que ainda não foi publicada, mas que também possuímos uma cópia.

Araújo (1985), ao descrever os dados biográficos de Cordeiro de Andrade de forma cronológica esquemática, destaca que o escritor nasceu em 26 de outubro de 1908, em Sobral, e faleceu em sete de novembro de 1943, no Rio de Janeiro. Homem de família humilde, vivenciou a desoladora estiagem de 1919. Ainda criança, foi trabalhar no Jornal *A Lucta*, de Deolindo Barreto, vindo a presenciar o assassinato do amigo e patrão dentro da Câmara Municipal de Sobral, em virtude de suas posições políticas.

Em 1931, Cordeiro lança seu próprio jornal, *O Debate*, fato que fez o jornalista ser expulso da cidade no ano de 1932, por conta de suas ideologias e, obviamente, temendo o mesmo fim de seu patrão.

Foi por meio de repetidas leituras de romancistas da Geração de 30 que o escritor autodidata despertou seu sentido telúrico da seca e o triste destino dos cassacos, vítimas das condições climáticas e sociais impostas pelo egoísmo do poder. Nascendo dentro desse cenário um escritor e jornalista que desejava fazer justiça e revolução a favor dos injustiçados, grupo no qual ele se incluía.

Abraçados por esse viés de relação entre torrão natal, autor e ideologia, além da observação que, dentre as obras editadas do autor, com exceção de *Anjo Negro*, todas tiveram como cenário Sobral, resolvemos estruturar a organização deste trabalho, partindo da problemática aos objetivos. Logo após, discutiremos o percurso teórico da pesquisa, vislumbrando compreender a importância de estudar a história local e de como realizar tal estudo por meio da narrativa histórica e, em seguida, nos apropriar, para formarmos a espinha dorsal desta pesquisa, da divisão de um clássico da literatura brasileira, *Os sertões*, de Euclides da Cunha, cuja demarcação proposta no livro é: *A Terra, O Homem e A Luta*.

Em *A Terra*, a proposta inicial é descrevermos a importância de se estudar história local e como realizar essa arte por meio da análise da narrativa histórica. Adiante, a ânsia será retratarmos Sobral no seu contexto histórico, fazendo um preâmbulo inicial desde sua fundação até as duas primeiras décadas do século XX. Para, a partir de então, após contextualizarmos Sobral histórica e geograficamente ao leitor, fundamentarmos a análise de *Cassacos* na perspectiva de como Sobral é representado física, histórica e sociologicamente pela *pena* de Cordeiro de Andrade.

Em *O Homem*, a análise a ser realizada será sobre o próprio José Cordeiro de Andrade. A pesquisa seguirá os passos da vida do escritor, tentando encontrar os rastros que o transformaram em Cordeiro de Andrade. Traçando uma relação entre o homem e a terra.

Em *A Luta*, a batalha será descrevermos a vida de Cordeiro como escritor e jornalista; seus combates ideológicos descritos em forma de literatura e jornal; as perseguições políticas e a luta em fazer história, no duplo sentido da expressão.

Concluimos o trabalho com as considerações finais, a fim de relatarmos os resultados obtidos no decorrer da pesquisa.

A linguagem que dará vida ao trabalho pretende, sem perder as normas técnicas exigidas para uma dissertação, traçar um diálogo com o leitor, fazendo isso por meio da regência que estamos utilizando: primeira pessoa do plural, onde o “eu” e o “você” estão inseridos, para que, junto com o didatismo estrutural da análise, possa vir a traçar uma atmosfera educativa, não como um capítulo à parte, mas, sim, como um objeto em si mesmo.

Portanto, para finalizarmos esta introdução, que se justifica, antes de qualquer outro fator, pela dualidade entre desejo e necessidade que esta dissertação tem de encarar Sobral não apenas pela retórica perspectiva de um ponto de vista, mas pela vista de outro ponto.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

CAPÍTULO I – DA PROBLEMÁTICA AOS OBJETIVOS

1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA E DOS OBJETIVOS

A maior parte da literatura histórica da cidade de Sobral, referente às primeiras décadas do século XX, é unânime ao retratar a cidade como um logradouro que gozava de uma evolutiva opulência econômica, e, por consequência, a população vivenciava o *glamour* de uma “sobralidade triunfante”, financiada pelo desenvolvimento comercial, pela criação da Diocese e pela formação de uma aristocracia política e religiosa.

Tal cenário é comumente repassado aos alunos do Ensino Médio de maneira fragmentada e descontextualizada, como tendo sido um privilégio da maioria, ou mesmo da quase totalidade da população sobralense, o desfrute dessa “sobralidade triunfante”.

Diante desse quadro, pintado pela aristocracia e descrito aqui de forma sintética, e da concepção educativa de como tal pintura é retratada aos alunos do Ensino Médio, temos como objetivo geral desta pesquisa realizar o estudo da cultura sobralense das duas primeiras décadas do século XX, a partir da análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, enquadrando-a como narrativa histórica para, a partir de então, construir um trabalho capaz de vir a ser uma sugestão como instrumento educativo de referência para estudos nas aulas de história local do Ensino Médio, mais especificamente relativa a Sobral.

Por ilação desse objetivo geral, formatamos os objetivos específicos, que são: Analisar a obra *Cassacos* de Cordeiro de Andrade, enquadrando-a como narrativa histórica, para que possa vir a ser um instrumento educativo nas aulas de história local do Ensino Médio; Perceber um novo olhar sobre a história de Sobral a partir do estudo do Período Diocesano; Pesquisar a relação da obra *Cassacos*, que se passa no ano de 1919, com a conjuntura social de Sobral nos anos de 1900 a 1920; Identificar o papel de Cordeiro de Andrade como sujeito histórico no contexto social de Sobral, nas duas primeiras décadas do século XX.

Motivados por essa problemática e direcionados por esses objetivos, desenvolveremos uma pesquisa na qual a *eia* será provocarmos a dúvida...

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

CAPÍTULO II – PERCURSO TEÓRICO DA PESQUISA

2.1. Por que estudar história local?

Dantes de embarcarmos na análise do universo da narrativa histórica de Cordeiro de Andrade como instrumento de pesquisa para a compreensão de um recorte histórico sobre Sobral, se faz necessário nos perguntar: Por que estudar história local?

Ao observarmos a maioria dos estudos sobre história local, os autores, comumente, iniciam suas abordagens relatando a falta de incentivo, ou mesmo certo ar de discriminação a esse tipo de pesquisa. Caso tenhamos curiosidade sobre esse relato, pesquisemos em um *site* de busca, utilizando expressões como: história local; ou estudo sobre história local; ou métodos de pesquisa sobre história local; ou história local na escola, enfim, encontraremos a seguinte sequência de artigos, com algumas nuances, dependendo da expressão, cujas introduções recaem sobre os mesmos conflitos:

Por exemplo, na abertura do artigo, *História local: objetivos, métodos e fontes*, escrito por Silva (2001):

É um campo da História marcado por um paradoxo curioso: desvalorizado ou subvalorizado por alguns sectores, mas simultaneamente bem vistos e em grande pujança por outros. Alguns menosprezam a história local por entenderem que, na maior parte dos casos, é escrita por curiosos, sem escola, sem formação universitária ou com formação universitária não específica (Silva, 1998, p.383-384).

Ou na introdução do artigo *Ensino de história Local: um desafio para os professores do interior da Zona da Mata – o caso de Leopoldina*, escrito por Nogueira (2005):

Falar sobre Ensino de História (local)⁴ nos dias atuais é travar uma árdua luta contra preconceitos que, na época da mundialização do capital, emergem com grande força dentro e fora da escola. As disciplinas ligadas à formação do homem – chamadas comumente de humanas – deparam-se com uma série de obstáculos, pois em geral, não atendem aos anseios e necessidades do mercado. Na era da informática e da Internet, que significado tem o passado para a sociedade? (Nogueira, 2005, p. 1).

O fato se repete nos objetivos iniciais do texto *A importância de se estudar História Local*, escrito por Lopes (2011): “O artigo tem como objetivo relatar a experiência da pesquisa feita sobre

⁴ Nota do Autor.

a história da educação de Blumenau e a importância de estudar história local e regional, e a valorização da mesma, que não tem sido estimada como devia ser” (Lopes, 2011, p. 1).

No entanto, será possível observarmos, no decorrer das nossas explanações, a dualidade entre necessidade e desejo do aprofundamento e valorização em torno das pesquisas sobre História Local. Materializadas, inclusive, nos artigos relatados inicialmente, essa necessidade e desejo podem ser verificados quando analisamos os Parâmetros Curriculares Nacionais, considerados pelo MEC como elemento norteador das nossas práticas pedagógicas.

Quando se trata do Ensino Médio, segmento que nos interessa no momento, em virtude, obviamente, de ser a modalidade inserida neste contexto, os PCNs são divididos em três áreas de conhecimento: Linguagens e Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Tendo como base a disciplina que estamos trabalhando, nos deteremos, no momento, em alguns fundamentos da área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, mais especificamente em História, nossa matéria em questão.

Todavia, é necessário não perdermos a noção de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, pois os próprios Parâmetros, ao nos orientar a uma direção para um ensino compatível com as novas pretensões educativas, nos alertam:

(...) os conceitos estruturadores do ensino disciplinar e de seu aprendizado não mais se restringem, de fato, ao que tradicionalmente se considera responsabilidade de uma única disciplina, pois incorporam metas educacionais comuns às várias disciplinas da área e às das demais áreas, o que implica modificações em procedimentos e métodos, que já sinalizam na direção de nova atitude da escola e do professor (PCN, 2002, p. 14).

A essência desses conceitos estruturadores do ensino disciplinar e de seu aprendizado, incorporados às metas educacionais comuns às várias disciplinas da área e dos demais âmbitos, nos faz considerar que, a partir desse enfoque, o estudante possa vir a adquirir as competências de “comunicar e representar, de investigar e compreender, assim como contextualizar social ou historicamente os conhecimentos” (PCN, 2002, p. 16).

Ao considerarmos os olhares preconceituosos em relação às pesquisas sobre história local, esses argumentos desenvolvidos pelos PCNs e a nossa pergunta inicial, *Por que estudar História Local?* fazem com que tais reflexões nos introduzam numa linha de raciocínio desenvolvido pelos Parâmetros, em que o conceito de cultura, ao ser inserido no ensino de História, fez com que a ideia de *identidade* viesse a partilhar do centro das discussões do ensino desta disciplina. Colocando:

A construção do “eu” e do “outro”, assim como a construção do “eu” e do “nós” não ocorre no vazio. Essas construções têm lugar nos diferentes contextos da vida humana e nos diferentes espaços de convívio social em que os indivíduos e os grupos atuam, baseando-se no reconhecimento de semelhanças e, simultaneamente, de diferenças, bem como no de mudanças e permanências (PCN, 2002, p.72).

Ao prosseguirmos pelos trilhos do PCN, “a construção de identidades pessoais e sociais está relacionada à *memória*, já que, tanto no plano individual como no coletivo, ela permite que cada geração estabeleça vínculos com as gerações anteriores” (PCN, 2002, p. 72).

Abalizados na importância da inserção dos conceitos de *identidade* e *memória* no ensino de História, ao descrever as competências específicas dessa disciplina, os Parâmetros nos orientam, dentre as diversas competências, pela aptidão de investigarmos e compreendermos a possibilidade de “Construir a identidade pessoal e social na dimensão histórica, a partir do reconhecimento do papel do indivíduo nos processos históricos, simultaneamente, como sujeito e como produto dos mesmos”, assim como: “Atuar sobre os processos de construção da memória social, partindo da crítica dos diversos “lugares de memória” socialmente instituídos” (PCN, 2002, p.75).

Além disso, os PCNs argumentam que, para nós nos contextualizarmos socioculturalmente, é necessário:

Ultrapassar a posição de espectador passivo diante da vida coletiva e da visão fragmentada da realidade social, substituindo as explicações simplificadoras, que reduzem os acontecimentos a sua dimensão imediata, ou aquelas que atribuem os acontecimentos à ação das forças do acaso ou das vontades transcendentais, bem como a excessiva valorização das mudanças tecnológicas desvinculadas dos contextos de sua constituição por uma visão mais integrada, articulada e totalizante. O aluno passa a compreender a vida coletiva e a realidade social como resultantes de um conjunto de relações e elementos integrados e articulados no tempo, passíveis de serem transformados pela ação humana e de serem compreendidos, organizados e estruturados racionalmente (PCN, 2002, p.76).

Portanto, podemos observar que os PCNs, utilizando como sustentáculo os conceitos de *identidade* e *memória*, nos alertam para a importância de conhecermos o chão que pisamos para, só assim, nos tornarmos protagonistas da nossa própria história.

Um raciocínio *a pari* ao dos PCNs é o da historiadora Bittencourt (2011), ao destacar que:

A história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer –, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente.

A história local geralmente se liga à história do cotidiano ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente como no passado (Bittencourt, 2011, p. 168).

Em seguida, Bittencourt (2011) ainda nos alerta para dois conceitos que trabalhamos em nossa análise dos PCNs, *identidade e memória*, demonstrando que “a questão da memória impõe-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se acha a história local” (Bittencourt, 2011, p.169).

Portanto, podemos pensar, a partir desses argumentos bibliográficos, na importância e necessidade dos estudos que vamos realizar. Contudo, a fim de fazermos com que essa necessidade esteja relacionada umbilicalmente ao desejo de mergulharmos profundamente no estudo sobre história local e de, *a priori*, fortalecermos a resposta para nossa indagação inicial, podemos observar algumas colocações dos três autores citados anteriormente, para tentarmos materializar de forma mais concreta suas ponderações. E não ficarmos com a falsa impressão de que eles tenham se limitado ao campo das lamentações. Ao contrário...

Parafraseando Silva (1998), as principais funções educativas e pedagógicas do estudo sobre história local estão na capacidade de podermos fazer e refazer a história da comunidade; na valorização de aspectos comuns a outras comunidades; em conhecermos a sua própria identidade; despertarmos o amor inteligente à terra; compreendermos que uma nação é um todo feito por parte. Porém é importante observarmos que a história local não deve servir para despertar o etnocentrismo, que possa vir a fomentar o ódio e a rivalidade.

Ao tratar o assunto através dessas mesmas vertentes educativas e pedagógicas, Nogueira (2005) ressalta que:

a escola (...) acaba esquecendo que a cidadania começa a partir da valorização do regional para então remeter-se ao nacional. Por isso a valorização da memória do município favorece o surgimento de um espírito crítico e comprometido com o bem comum (Nogueira, 2005, p. 8).

Ao atentarmos para o raciocínio de Lopes (2011), o terceiro autor citado no nosso preâmbulo, a abordagem sobre história local em sala de aula é o ponto de partida para a aprendizagem histórica e é a melhor forma do aluno se relacionar com a sua herança cultural.

Por fim, seguindo os rastros do raciocínio do nosso irmão lusitano Fernando Pessoa, ao nos mostrar que “pelo Tejo vai-se para o mundo”, é que embarcaremos na jangada da narrativa histórica pelas águas do Rio Acaraú, almejando, assim, irmos para o mundo, mediante o entrelaçamento com nossas identidades culturais.

2.2. Por que a narrativa histórica como direção e sentido da nossa pesquisa?

Após analisarmos os fundamentos básicos da importância de estudar a *História Local*, faz-se necessário dialogarmos sobre *Narrativa Histórica*. Considerando que será através dessa modalidade literária que mergulharemos no universo histórico da cidade de Sobral, compreendido nas duas primeiras décadas do século XX, sem desmerecermos, obviamente, o aspecto da narrativa ficcional, contida nas linhas e nas entrelinhas de *Cassacos* e, em geral, de grande parte das narrativas históricas.

Seguindo o mesmo raciocínio utilizado no item anterior, no qual o alicerce inicial da discussão foi baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, é necessário esclarecermos, através desses PCNs, compartilhados com as vozes e a filosofia literária de outros autores, como a narrativa histórica pode ser aplicada como instrumento de reconstituição do passado na disciplina de História.

Inicialmente, ao analisarmos os fundamentos da linha de raciocínio do historiador que tem como percepção básica o olhar através do retrovisor na relação espaço/tempo, faz-se com que os PCNs observem que:

O passado pode ser utilizado como padrão para determinadas sociedades que procuram reproduzir ou conservar em seu cotidiano as “velhas formas do viver”; e pode também ser usado como um guia de orientação para sociedades que enfrentam pequenas ou grandes mudanças e necessitam de modelos ou exemplos. O passado pode ainda ser invocado para justificar ou apoiar determinadas reivindicações ou para explicar algumas mudanças ou a necessidade delas. De qualquer modo, o passado está intrinsecamente relacionado com o presente, e é nele que os historiadores, na prática de seu ofício de reconstituir o passado ou construir o conhecimento histórico, encontram as “lentes” com que olham para o passado (PCN, 2002, p. 70).

Prosseguindo nesta perspectiva de análise do pretérito no contexto da História, os PCNs nos levam a um raciocínio *a fortiori*, demonstrando que:

(...) quando nos referimos ao passado, não estamos nos referindo de modo impreciso a todas as coisas que aconteceram antes do momento presente, e sim ao passado construído pelas ações humanas em diferentes épocas e espaços, valorizando, portanto, o papel dos indivíduos como criadores de realidades e agentes das transformações a partir das relações sociais que constroem entre si. É esse conjunto, portanto, que constitui o objeto da História (PCN, 2002, p.70).

Imbuídos dessa compreensão entre o passado e o estudo da história, conseguiremos espreitar o tempo “como construção humana e o tempo histórico como construção cultural dos povos em diferentes épocas e espaços” (PCN, 2002, p. 73), além disso, verificamos também que, para descobrir os sujeitos históricos em meio ao movimento das grandes estruturas, é necessário “contextualizar as ações dos sujeitos nos diferentes espaços (...) em suas esferas públicas e privadas e nas múltiplas dimensões – econômica, política, social e cultural – em que a conjuntura e as estruturas estão presentes” (PCN, 2002, p. 70 e 71).

Baseado nesse raciocínio dos Parâmetros Curriculares, no qual o tempo é uma construção humana e que está intimamente relacionado com o espaço, os PCNs procuram, a partir de então, conduzir o aluno, dentre os diversos significados das competências específicas da História, a deixar de ser mero coadjuvante e passar a ser protagonista do espaço em que está inserido, ao considerar como “objeto de ensino da História a superação da passividade dos alunos frente à realidade social e ao próprio conhecimento” (PCN, 2002, p. 74). Buscando, assim, fazer com que o discente seja capaz de “construir a identidade pessoal e social na dimensão histórica, a partir do reconhecimento do papel do indivíduo nos processos históricos, simultaneamente, como sujeito e produto dos mesmos” (PCN, 2002, p. 75); de buscar fazer com que o aluno atue “sobre os processos de construção da memória social partindo da crítica dos diversos “lugares de memória” socialmente instituídos” (PCN, 2002, p.75). Além de almejar que o discente posicione-se “diante dos fatos presentes a partir da interpretação de suas relações com o passado” (PCN, 2002, p. 76).

No entanto, é necessário um parêntese, apesar da lógica didática dos Parâmetros estar alicerçada nas competências e habilidades dos alunos, os PCNs ressaltam:

(...) que não devemos encarar os estudantes de História do ensino médio como futuros historiadores. Mas devemos estimulá-los a perceber diferenças e semelhanças entre os múltiplos sentidos que o passado pode ter em nossa sociedade, e as variadas intenções com que é invocado para referendar este ou aquele projeto político ou valorizar esta ou aquela inovação tecnológica, por exemplo. E, ainda, a título de exemplo, podemos diferenciar um sentido de passado, como padrão ou modelo para o presente (PCN, 2002, p.81).

Em contrapartida, os PCNs demonstram que as competências e habilidades terão o objetivo do desenvolvimento das questões

(...) cognitivas que conduzam à apropriação, por parte dos alunos, de um instrumental conceitual – criado e recriado constantemente pela disciplina científica –, que lhes permita analisar e interpretar as situações concretas da realidade vivida e construir novos conceitos ou conhecimentos. Ao mesmo tempo, esse instrumental conceitual permite a problematização de aspectos da realidade e a definição de eixos temáticos que orientam os recortes programáticos, bem como, apontam para novas possibilidades de criação de situações de aprendizagem (PCN, 2002, p. 77).

Defronte a essas argumentações e diante a vários caminhos que podem ser seguidos pelos professores e, conseqüentemente, pelos alunos nas análises dos processos históricos, os PCNs sugerem que as concepções de tempo podem ser expressas “em mitos, rituais, calendários e inscritas nas memórias coletivas e individuais, podem ser recriadas em diferentes tipos de narrativas” (PCN, 2002, p. 82).

Salientando também que:

Os seres humanos transmitem mensagens e suas visões de mundo em forma de verso ou de música; na forma como se vestem ou se alimentam; no modo como constroem os edifícios e organizam aldeamentos, vilas e cidades. Em cada uma dessas formas de expressão e em suas diferentes linguagens há reflexos das problemáticas essenciais vividas pelos seres humanos em diferentes sociedades ou épocas e espaços (PCN, 2002, p. 82).

Diante dessas fundamentações, podemos vir a relacionar a narrativa como elemento histórico aos conteúdos escolares e às tendências historiográficas.

Para a historiadora Bittencourt (2011):

(...) conhecer e acompanhar as principais tendências da produção historiográfica não é apenas uma questão de caráter teórico, mas trata-se também de uma necessidade prática, porque é com base numa concepção de *história* que podemos assegurar um critério para uma aprendizagem efetiva e coerente (Bittencourt, 2011, p. 140).

Em síntese, esse diálogo traçado com os PCNs nos demonstra que a análise histórica de um determinado contexto pode vir a ser realizada mediante o caminho das narrativas históricas, fazendo com que o aluno tenha uma visão mais compartilhada do processo histórico no qual está inserido. Ao mesmo tempo em que venha a educar o olhar para compreendermos que a cultura de um povo pode ser pesquisada por um gênero literário no qual a “ficção” e a “realidade”, ao mesmo tempo em que se confundem, demonstram os costumes e as personagens de uma determinada época, num dado espaço de tempo, de uma forma que, muitas vezes, ficam ocultados nas tradicionais análises cronológicas.

Tais argumentos nos lembram o que diz Ricoeur (2012), ao constar que “o mundo exposto por toda obra narrativa é sempre um mundo temporal. (...) O tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal (Ricoeur, 2012, p. 9)”.

Ratificando essa ideia, Lukács (*apud* Gato, 2003) “estabelece sua teoria segundo a qual o romance cumpre, na moderna sociedade burguesa, o mesmo papel da epopeia no mundo antigo. Neste sentido, o romance histórico viria a ser a épica moderna” (Lukács *apud* Gato, 2003, p. 38).

Diante desta analogia, observamos que o romance histórico:

(...) atende, de maneira muito especial, ao mundo material e cultural: costumes, ambientes, forma de viver, instrumentos, etc. As circunstâncias, pois, importam mais que o herói, e se propaga a ideia do “herói passivo”. A degeneração das ideias estéticas realistas, nascidas do romantismo, produzira o naturalismo documental (Gato, 2003, p. 38).

Nesse mesmo raciocínio, e, ao mesmo tempo, diferenciando o romance tradicional do contemporâneo, Leites & Leites Júnior (2010) preceituam que:

A inovação a ser destacada é a inserção no papel de protagonista de uma personagem histórica; isto significa dizer que não mais se toma por regra a superposição de

protagonistas ficcionais em um contexto histórico, passando-se a reconstruir na própria personagem protagonista o elemento histórico. Doravante, essa personagem protagonista passa, pois, a incorporar à sua “raiz histórica” e a “construção ficcional” expressa pelo literato, afinal, o escritor molda seu “herói histórico” segundo sua “liberdade poética”. Esta é, assim, a premissa para que o RH deixe de apenas recontar a História e comece a re-ler, a re-construir esta (Leites & Leites Júnior, 2010, p. 4).

Por fim, diante das diversas ilações descritas, podemos substanciar a essência de toda essa análise da narrativa como documento histórico, observando a abordagem esquemática de Certeau (2012) sobre esse mutualismo literário:

1. Um *fato*, em primeiro lugar, é indicativo. As maneiras de fazer não designam somente atividades que uma teoria tomaria como objetos. Essas maneiras organizam também a sua construção. (...)
2. Para explicar a relação da teoria com os procedimentos dos quais é efeito e com aqueles que aborda, é oferecida uma *possibilidade*: um discurso em histórias. A narrativização das práticas seria uma “maneira de fazer” textual, com seus procedimentos e táticas próprios. (...) Isto implicaria sem dúvida em reconhecer o valor teórico do romance, tornado *zoo* das práticas cotidianas desde que existe a ciência moderna. Isto seria, sobretudo, restituir a importância “científica” ao gesto tradicional (é também uma *gesta*) que sempre *narra* as práticas. Neste caso, o conto popular fornece ao discurso científico modelo, e não somente objetos textuais a tratar. “(...) É um “saber-dizer” exatamente ajustado ao seu objeto (Certeau, 2012, p.141).

É justamente seguindo a direção e o caminho da narrativa histórica, dentro das perspectivas defendidas acima, que caminharemos pelo torrão natal e reinventado pela Literatura e História, que querem, ao:

(...) serem escritas, evitar a perda definitiva de um sujeito, de uma vida, de uma sociedade. Negam a perda, fingindo, no presente, o privilégio de recapitular o passado no texto, de perenizar e estabilizar uma verdade sobre os outros e sobre si mesmo. Ambas fazem o trabalho do luto, querem ser a voz do morto (Albuquerque Júnior, 2008, p. 353).

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

Portanto, para iniciarmos o desbravar dessa terra, usaremos essa lógica, em que o morto nos falará de como as raízes do passado interferem na construção do recorte histórico a ser debatido neste trabalho, no caso, na edificação do nosso presente em questão.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

CAPÍTULO III – A TERRA

3.1. Sobral anterior a *Cassacos*

Após esta rápida explanação sobre a importância de estudar história local e os meandros literários da narrativa histórica, poderíamos seguir, imediatamente, para a essência literária de “Cassacos”. Todavia, se faz necessário, para uma melhor compreensão do leitor, uma análise de Sobral anterior e durante os anos de 1900 a 1920. Visto que flarmos pelas origens da cidade e por alguns séculos posteriores nos levará a uma contextualização capaz de compreendermos, de modo mais didático e histórico, o universo do discurso de Cordeiro de Andrade.

Diante desse intróito, um termo merece uma determinada atenção: Flanar. É justamente com a vestição de um *flâneur* que, para ele, “é um prazer imenso decidir morar na massa, no ondulante... Estar fora de casa; e, no entanto, se sentir em casa em toda parte; ver o mundo, estar no centro do mundo e ficar escondido do mundo” (Benjamin, 1991, p. 221), portanto, podemos constatar que a história venha a ser o condutor das nossas ruas ou *vice versa*. Pois, para o flador, essas ruas são “íngremes. Conduzem para baixo, senão para as mãos, para um passado que pode ser tanto mais enfeitante na medida em que não é o seu próprio, o particular. Contudo, este permanece sempre no tempo de uma infância” (Benjamin, 1991, p. 185).

No entanto, é necessário que o flador considere, durante sua caminhada, que a estruturação e o cotidiano urbano de um determinado espaço são criados, conforme a visão de Certeau (2012), a partir de uma tríplice operação:

- 1) A produção do espaço *próprio*: a organização racional deve, portanto, recalcar todas as poluições físicas, mentais ou políticas que a comprometeriam;
- 2) Estabelecer um não tempo ou um sistema sincrônico, para substituir as resistências impreensíveis e teimosas das tradições; estratégias científicas unívocas possibilitadas pela redução niveladora de todos os dados, devem substituir as táticas dos usuários que astuciosamente jogam com as “ocasiões” e que, por esses acontecimentos, armadilhas, lapsos da visibilidade, reintroduzem por toda a parte as opacidades da história;
- 3) Enfim, a criação de um sujeito universal e anônimo que é a própria cidade: “a cidade”, a maneira de um nome próprio, oferece assim a capacidade de conceber e construir espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas umas sobre as outras. Nesse lugar organizado por operações “especulativas” e classificatórias, combinam-se gestos e eliminação de um lado, existem uma diferenciação e uma redistribuição das partes em função da cidade, graças a inversões, deslocamentos, acúmulos etc. De outro lado, rejeita-se tudo aquilo que não é tratável e constitui, portanto, os detritos de uma administração funcionalista (anormalidade), desvio, doença, morte, etc (Certeau, 2012, p.160).

Portanto, absorvidos por esse espírito de flandador e dessa tríplice operação proposta por Certeau (2012) é que mapearemos a estratégia dessa caminhada. Todavia, é necessário, em virtude da própria essência desse trabalho e da necessidade sintética de um esquadramento histórico, que tenhamos uma fundamentação literária que seja didática e objetiva.

Para isso, diante dos diversos estudos existentes sobre história de Sobral, resolvemos utilizar como parâmetro o livro *O Lado Esquerdo do Rio*, escrito por Rocha (2003), complementado por algumas outras literaturas sobre a história de Sobral, que irão transitar no centro ou na periferia desse diálogo.

A escolha de Rocha (2003) como literatura central desse diálogo inicial se justifica por ser didática e objetiva, e por também nos conceder a capacidade de “compreender a evolução da cidade a partir de seu centro e os problemas de ordem econômica, política, social e espacial” (Rocha, 2003, p.21). Outrossim, este olhar evolucionista do centro urbano, retratado de forma literária e por meio de representações gráfica mediante plantas de localização, facilitará a um melhor posicionamento geográfico do leitor na compreensão da obra *Cassacos*, que será analisada posteriormente. Fazendo, assim, com que essa reflexão histórica seja também uma estruturação dos cenários urbanos descritos por Cordeiro de Andrade.

À vista disso, vamos considerar que:

A configuração urbana de Sobral se dá pelo encadeamento das estruturas urbanas definidas em cada período, ensejando sua expansão, considere-se, também, que o centro é uma amostragem espacial mais representativa do desenvolvimento da estrutura urbana de toda a cidade (Rocha, 2003, p. 22).

Para Rocha (2003), os principais fatores de localização e expansão urbana de Sobral se deram em cinco períodos, definidos pelo autor da seguinte forma: *O Gado*, *O Comércio*, *O Algodão*, *A Diocese* e *A Indústria*.

Essa abordagem de Rocha (2003) foi definida em um recorte de tempo inserido num “período de 1742, quando do início da construção da matriz da Caiçara, que aglutinou em torno de si o pequeno núcleo urbano sobralense, até 1954, final da construção do Arco Nossa Senhora de Fátima”. Porém, dentre os itens descritos, o que nos interessará serão os períodos compreendidos entre *O Gado* e *A Diocese*.

Mas, antes de seguirmos os rastros desse gado, é necessário situarmos, no mapa político mundial, a cidade de Sobral. Assim, localizaremos, geograficamente, o chão que iremos pisar. Para isso, a nossa observação inicial terá uma metodologia dedutiva, que, de forma simplista, é: “(...) um raciocínio que parte de uma ou mais premissas gerais e chega a uma ou mais conclusões particulares” (Ferreira, 2004). Em síntese, procurando proporcionar uma perspectiva mais significativa do todo para a parte. Contudo, é necessário compreendermos essa geografia, “não como um quadro fechado em que os homens se deixam observar tal qual os insetos de um território, mas como um meio pelo qual o homem realiza sua existência, enquanto a terra é uma possibilidade essencial de seu destino” (Dardel, 2011, p. 89).

Seguindo a coerência desse raciocínio dedutivo e da compreensão geográfica de Dardel (2011), observaremos, inicialmente, Sobral no aspecto geográfico em relação ao Mundo, ao Continente, ao País, à Região e ao Estado em que está posicionada. *Vide Anexo I.*

Diante desses dados, contidos no Anexo I, algumas indagações se fazem necessárias: Como se formou essa cidade? Qual a origem do seu povo? Quais os pontos preponderantes da sua formação econômica? Como se encontrava o cenário urbano e social dessa cidade nas duas primeiras décadas do século XX? Quais as sinuosidades vistas por Cordeiro de Andrade diante desse cenário de início do século XX em Sobral, que o inspiraram a escrever a narrativa histórica: *Cassacos*?

3.1.1 O Período do Gado

Eu venho dêrne menino,
Dêrne munto pequenino,
Cumprindo o belo destino
Que me deu Nosso Senhor.
Eu nasci pra sê vaquêro,
Sou o mais feliz brasileiro,
Eu não invejo dinhêro,
Nem diploma de dotô.

Sei que o dotô tem riquêza,
É tratado com fineza,
Faz figura de grandeza,
Tem carta e tem anelão,
Tem casa branca jeitosa
E ôtas coisa preciosa;
Mas não goza o quanto goza
Um vaquêro do sertão.

Da minha vida eu me orgúio,
Levo a Jurema no embrúio
Gosto de ver o barúio
De barbatão a corrê,
Pedra nos casco rolando,
Gaios de pau estralando,
E o vaquêro atrás gritando,
Sem o perigo temê.

Observamos, no fragmento do poema *O Vaqueiro*, de Patativa do Assaré⁵, além da linguagem regionalista utilizada como marca cultural de um povo, o *glamour* ao vaqueiro, símbolo da cultura nordestina, ou mesmo o arquétipo do herói do sertão. Essa personagem vai surgir no cenário nordestino, justamente, em virtude da criação de gado implantado na região. Tal fato merece uma reflexão, pois:

Na época do “descobrimento” do Brasil, os povos indígenas não conheciam animais como o boi, o cavalo e o carneiro. Foram os europeus que trouxeram esses animais, inicialmente para região do açúcar, em Pernambuco e na Bahia. Ali, o gado era criado para fornecer alimento (carne e leite) e também força de tração, ou seja, os animais puxavam carroças e faziam girar as moendas para triturar a cana-de-açúcar. Com o passar do tempo, o número de rebanhos cresceu e começou a incomodar os donos de engenhos. Eles precisavam das áreas ocupadas pelo gado para plantar cada vez mais cana. A criação de gado próximo às plantações de cana também gerava outros problemas e causava prejuízos. Os animais invadiam os canaviais e comiam a cana-de-açúcar. A solução para esses problemas foi levar os rebanhos para o interior nordestino, em particular para os sertões do Ceará. A busca por novos postos para o gado ocorreu principalmente entre o final do século XVII e o começo do século XVIII (Farias & Freitas, 2011, p.53).

Para Capistrano de Abreu (*apud* Farias & Freitas, 2011, p. 54), as rotas de penetração do gado no interior nordestino eram trilhadas da seguinte forma:

⁵ Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré, foi um poeta, compositor e improvisador brasileiro. É considerado um dos mais importantes representantes da cultura popular nordestina. http://pensador.uol.com.br/autor/patativa_do_assare/ (Acesso em: 15/03/2013, às 09h05min)

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



Mapa 1 - Rotas de penetração no interior nordestino (Séculos XVII e XVIII)

Fonte: Capistrano de Abreu apud Farias & Freitas, 2011, p. 54.

Seguindo os vestígios dessas trilhas, verificamos que os caminhos apontam para o interior da região Nordeste e, conseqüentemente, para o interior do Ceará. Mas uma pergunta se faz necessária: O que faziam esses desbravadores ao alcançarem seus objetivos geográficos? “os conquistadores, inicialmente, instalavam suas fazendas de criar gado às margens dos rios com maior volume de água, especialmente os rios **Jaguaribe** e **Acaraú**” (Farias & Freitas, 2011, p.54).

Para uma melhor visualização, caso venhamos a desejar seguir o percurso dessas águas e dos outros rios que ajudam a formar a bacia hidrográfica do Ceará, vamos nos atentar ao mapa que segue:

primeiros povoados e vilas, a exemplo de Sobral, Quixeramobim e Icó (Farias & Freitas, 2011, p. 56).

Portanto, “as fazendas cortadas ou margeadas pelos rios Acaraú e Jaguaribe eram mais valorizadas que as demais terras da capitania do Ceará” (Rocha, 2003, p. 28), como é o caso do território de Sobral, cortado pelo Rio Acaraú.

Tal fato pode ser observado ao analisarmos, abaixo, os valores de fazendas fora e às margens do Acaraú:

VALORES DAS FAZENDAS FORA E ÀS MARGENS DO RIO ACARAÚ

FAZENDAS FORA DAS MARGENS DO ACARAÚ	TESTADA POR FUNDOS EM LÉGUAS	VALOR	DATA
Riacho da Gangorra	1 x 1	120\$000	1770
Tucuns	1 ½ x 1	160\$000	1792
FAZENDAS ÀS MARGENS DO ACARAÚ	TESTADA POR FUNDOS EM LÉGUAS	VALOR	DATA
Macaco	½x 1	100\$000	1757
Lagoa Grande	1 x 1	350\$000	1792
Santa Cruz	½ x ½	300\$000	1792
Lagoa do Mato	¼ x 1	150\$000	1792

Tabela 1 - Fonte (Rocha, 2003, p. 28)

Mas perguntas se fazem necessárias: Qual a primeira fazenda que deu origem ao nosso povoado e que, em seguida, vai dar origem à cidade de Sobral? Quais as particularidades da pecuária em Sobral? Que tipo de cenário urbano foi construído a partir da criação de gado em Sobral?

3.1.1.1 O gado em Sobral

Considerando o recorte histórico feito por Rocha (2003), o período do gado em nossa região vai “do final do século XVII a meados do século XVIII”, tendo a Fazenda Caiçara como embrião que dará origem à cidade de Sobral.

Este começo é sintetizado por Girão & Soares (1997) da seguinte forma:

No dia 14 de outubro de 1702, o português Antônio da Costa Peixoto, vereador em Aquiraz, conseguiu uma sesmaria na Ribeira do Acaraú, no local onde hoje está localizada a cidade de Sobral – com uma légua e meia de comprimento por meia légua de largura, estendendo-se da

margem esquerda do Rio Acaraú ao sopé da Serra da Meruoca.

Parte dessa sesmaria foi herdada por sua filha Apolônia, casada com Antônio Marques Leitão. Mais tarde, sua filha, Quitéria Marques de Jesus, casada com Antônio Rodrigues Magalhães, herdou a propriedade de seus pais. Em 1750, o casal veio residir na fazenda, que recebera a denominação de Caiçara, transformando-se, em pouco tempo, numa florescente povoação (Girão & Soares, 1997, p. 19).

Todavia, para Rocha (2003), “não foi encontrada informação sobre a casa-sede da Fazenda Caiçara. Consta que seu proprietário, Cap. Antônio Rodrigues de Magalhães, não morava, de fato, na Caiçara, mas na Fazenda Macaco, terra vizinha e também de sua propriedade” (Rocha, 2003, p. 30).

Tal afirmação, sobre as extremas da Fazenda Caiçara, pode ser ratificada ao observarmos o auto do inventário de Quitéria Marques de Jesus:

(...) uma légua de terra e meia de cada lado do rio Acaraú e limitava-se ao Norte com a fazenda Macaco, onde residia o Capitão Antonio Rodrigues Magalhães e a sul com as terras da fazenda Sobrado, de Manuel Cardoso, casado com D. Francisca Diniz (Barbosa, Lucas, Souza & Vasconcelos (2000, p. 13).

De acordo com o padre João Mendes Lira, na “Fazenda Caiçara (...) moravam 12 escravos (...) possuía 14 cavalos de estimação e muitos objetos em ouro, prata e bronze” (Lira, 1976, p. 37).

Em meio a esse encadeamento de ideias, observamos, assim, que, durante a metade do século XVII e até quase o fim do século XVIII, o gado comercializado nas principais praças da colônia enriqueceu rapidamente os fazendeiros do interior do Ceará.

Essa riqueza se dava ao fato de que, a partir dessas criações, surgem as charqueadas.

Instalações nas quais o gado era abatido e era produzido o charque (...). Essas instalações foram construídas especialmente na foz dos rios maiores, como Acaraú e Jaguaribe. Daí a carne era embarcada em navio para outros lugares do Brasil, como Recife, Salvador e Rio de Janeiro, onde servia de alimento para soldados, pobres e escravos (Farias & Freitas, 2011, p. 70).

A logística do charque ou a indústria de carnes secas “impediu a decadência da pecuária frente ao desastre canavieiro. (...) O desempenho do binário Icó-Aracati e Sobral-Acaraú foram os de maior destaque” (Rocha, 2003).

Diante desse desenvolvimento financeiro, certificamos que a Fazenda Caiçara, aos poucos, vai se tornando um local bastante próspero, com um comércio efervescente. Só para ilustrar,

A fazenda passou (...) a atrair mercadores viajantes que viviam da venda de seus produtos por todo o sertão. Assim, capitaneada pelo comércio do gado, iniciou-se uma rede de trocas na região quando, dos centros comerciais receptores de carne seca, eram trazidos diversos produtos e escravos que ali chegavam através dos portos de Camocim e Acaracu (Barbosa, Lucas, Souza & Vasconcelos, 2000 p. 14).

Ao mesmo tempo em que essas redes de troca aumentavam, os colonizadores se embrenhavam, cada vez mais, no interior, e a Igreja seguia o mesmo caminho de sertão adentro, com intuito de aumentar suas terras e de catequizar os índios da região.

Comungando com a situação da época, o:

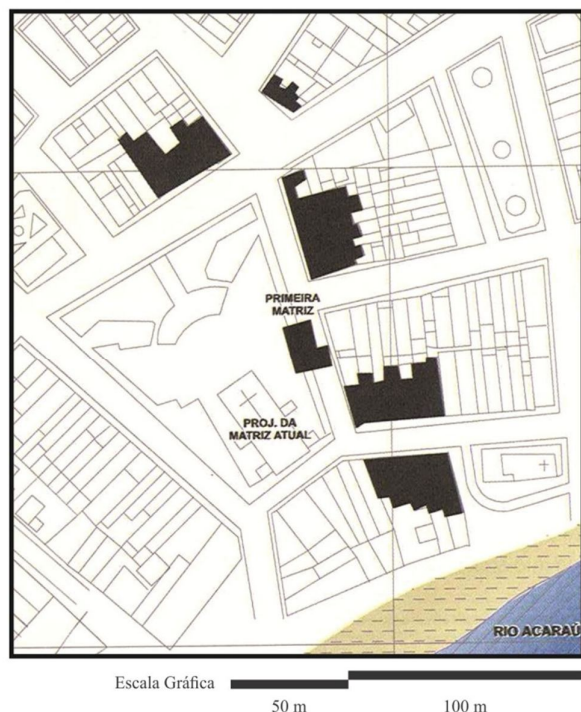
Cap. Antonio Rodrigues Magalhães, a pedido do Padre visitador Lino Gomes Correia, doou terras da Fazenda Caiçara para a construção da Matriz em julho de 1742. Era improvável que doasse terras onde havia sua casa de morada. O sítio escolhido para a sede do curato era um elevado à margem esquerda do rio, justamente onde seu leito é mais estreito, facilitando a travessia a vau. A primeira capela (de N. S. da Conceição), que servia de matriz à freguesia do Acaraú, não existe mais. Situava-se a 2,70m (dois metros e setenta centímetros) à frente da base do patamar da atual matriz, em alinhamento com a então rua Nossa Senhora do Carmo (Rocha, 2003, p. 41).



Figura 1 - Alicerces da 1ª matriz (1742). Fonte: Rocha, 2003, p. 43.

Essa primeira igreja era bem mais rústica e acanhada que a atual, tendo sido iniciada sua construção em 1742 e ruída em 1762. “Não consta quando foram concluídos os serviços de construção, nem quando foi benta a Igreja, que, segundo o costume do tempo, tinha uma única porta na frente, com duas pequenas janelas em cima, correspondentes ao coro, sem torres, com o pavimento de barro batido e única sacristia ao lado nascente” (Rocha, 2003, p. 43).

A partir desses dados e das descrições feitas por D. José Tupinambá da Frota sobre a Fazenda Caiçara, o arquiteto Herbert Rocha, através do desenho de Nelson Paiva, nos presentearia com a reconstituição do povoado da Caiçara.



Mapa 3 - Povoado de Caiçara (metade do século XVIII)
Reconstituição a partir das descrições de D. José. Fonte: Rocha, 2003, p. 42.

Mas logo esse povoado, em virtude de suas atividades pastoris e comerciais, iria ser elevado à vila por ordem do “Governador de Pernambuco, Manuel da Cunha Menezes. A primeira sessão da câmara (...) deu-se no dia da instalação da Vila Distinta e Real de Sobral – 05 de julho de 1773” (Girão & Soares, 1997, p. 21).

O nome da vila se justifica por ser “tipicamente lusitano”. “Distinta”, por ser colonizada por brancos – portugueses ou seus descendentes – sem origem indígena, como ocorria nas missões. E Real, por ser criada por ordem direta do rei e com a senha de sua proteção e simpatia”(Rocha, 2003, p. 47).

Podemos ainda fazer mais uma elucubração relativa ao significado terminológico: E por que o termo Sobral? A forma mais didática e sintética para responder esse questionamento é o descrito no livro *Sobral História e Vida*:

Sobral significa plantação de sobros, árvore de onde se extrai a cortiça, muito comum na região norte de Portugal. A plantação de sobros originou a palavra sobreiral ou soveiral que, por corruptela, gerou o vocábulo Sobral.

Existem controvérsias sobre a denominação de **Sobral**, cidade da Ribeira do Acaraú.

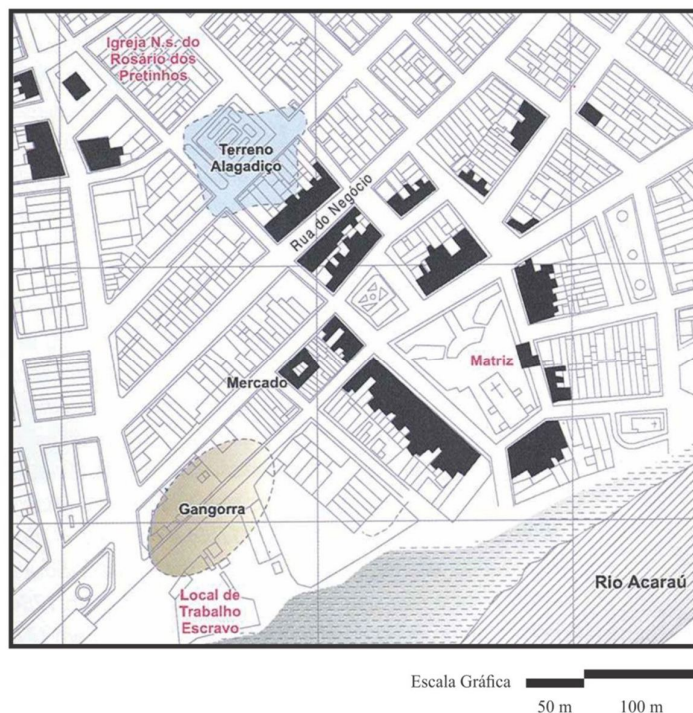
Pela primeira hipótese, o nome **Sobral** teria sido uma homenagem ao Ouvidor-Mor Dr. João da Costa Carneiro e Sá, que chegou à localidade por volta de 1770, para providenciar a instalação da vila.

Referido Ouvidor-Mor nascera em Sobral, distrito de Viseu, ao norte de Portugal. O nome de Vila Distinta e Real de Sobral teria sido, pois, uma forma de agradecimento ao encarregado de promovê-la à elevada condição de Vila, o que muito significava, pela autonomia política e administrativa conquistada, a partir de então, 05 de julho de 1773, quando foi desmembrada da Vila de Fortaleza.

Essa hipótese é considerada simplista, e sem comprovação documental, pelo historiador Cônego Francisco Sadoc de Araújo.

A segunda hipótese defende a ideia de que o nome Sobral deriva de **Sobral da Lagoa**, localidade ao norte de Portugal, terra natal de Antônio Marques Leitão, pai de Quitéria Marques de Jesus, herdeira da Fazenda Caiçara, casada com Antônio Rodrigues Magalhães. A filha mais nova do casal Bárbara Maria de Jesus, teve por padrinho o português José Rodrigues Leitão, primo de sua mãe, natural de **Sobral da Lagoa de Óbidos**, em Portugal (Girão & Soares, 1997, p. 22 e 23).

Portanto, caso estejamos com anseio de nos reportar ao tempo e caminhar pela Vila Distinta e Real de Sobral, sem transviarmos, seguiremos o mapa abaixo:



Mapa 4 - Sobral 1773. Fonte: Rocha, 2003,p. 46.

Parafraseando Rocha (2003), ao analisar a estrutura urbana do período do gado em Sobral e considerando o esquadramento dessa escala gráfica, que procura retratar a Vila Distinta e Real de Sobral, é possível observarmos que a povoação da Caiçara ocorreu em duas etapas: a primeira com a construção da Praça da Matriz, seguida da instalação da Vila Distinta e Real de Sobral, em 1773. A malha urbana, durante esse período, se desenvolveu mais para o oeste do que ao longo do rio, buscando o norte. O segundo núcleo de povoação ocorreu em 1759, com a doação de trinta braços de terra por Vicente Lopes, genro de Antônio Rodrigues Magalhães, para a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos. A capela foi concluída em 1777, sendo construídas diversas casas no entorno da capela (Rocha, 2003).

Apropriados desse raciocínio arquitetônico, podemos concluir, por meio do pensamento de Rocha (2003), que tem como espelho inspirador Manuel Castells⁷, que a zona urbana da Vila Real e Distinta de Sobral pode ser lida da seguinte forma:

1- Simbólica: Igreja, Matriz e Rosário (poder divino e eterno), a Casa da Câmara e a Cadeia (Poder Municipal, temporal);

⁷MANUEL CASTELLS nasceu na Espanha, em 1942, e é professor de Sociologia e Planejamento Regional na Universidade da Califórnia, Berkeley, onde ingressou em 1979, após lecionar, por 12 anos, na Universidade de Paris. Disponível em: http://www.zahar.com.br/catalogo_autores_detalhe.asp?aut=Manuel+Castells (Acesso em: 15/03/2013, às 9h40min)

2- Lúdica: Praça da Igreja, como locais de festas e encontros sociais;

3- Política: Centro da legislação (Igreja e Câmara)

4- Econômica: A praça da Igreja, a Rua dos Negócios e o Mercado. As transações eram baseadas principalmente na troca, e a moeda principal era o gado.

5- Habitacional: As casas eram simples, visto que não representavam poder. O que representava poder era o gado, no entanto, existia uma harmonia arquitetônica que viria acompanhar Sobral até meados do século XX.

3.1.2 O Período do Comércio

O período em que as portas do comércio de Sobral passam a expandir inicia no final do século XVIII à metade do séc. XIX, em virtude das:

(...) charqueadas ou a chamada indústria da carne-seca necessitava de uma infra-estrutura que conseguisse oferecer um suporte logístico para sua sobrevivência. Para isso existiam as oficinas de charque, nelas havia uma divisão de tarefas entre as pessoas e a especialização do trabalho em diferentes fases: “Cuidar do gado antes do abate, o abate propriamente dito, esquartejamento, salga da carne, exposição ao sol, vigilância da produção, transporte até os portos e carregamento nas embarcações” (Farias & Freitas 2011, p.71).

Em vista da necessidade dessa organização de trabalho, foram erguidas estruturas prediais que modificaram a paisagem urbana e, conseqüentemente, fizeram com que as pessoas comesçassem a se aglomerar nas vilas, gerando, inclusive, uma maior oferta de trabalho, visto que “era mais barato contratar mão de obra livre que adquirir escravos” (Farias & Freitas, 2011, p. 71).

Com isso, as feiras transformaram-se em verdadeiros pontos de encontros de caráter gregário. “Na feira vendia-se de tudo, desde os perecíveis até os mais duráveis, mesmo que a principal moeda de troca fosse ainda o boi” (Rocha, 2003, p. 68).

No entanto, “a seca⁸ de 1777⁹ foi um grande golpe para o rebanho cearense. (...) Com a estiagem, os cearenses perderam a posição de destaque da indústria e comércio do charque, que se transferiu para o Sul do Brasil” (Rocha, 2003, p.69).

⁸ Nota do autor: O termo seca será utilizado durante todo esse trabalho por ser o comumente empregado em nossa região como sinônimo de escassez de chuva, fome, miséria, migrações e etc. (Simone, 1994, p. 39 e 70).

Apesar desse desastre natural, a Vila Sobralense conseguia se desenvolver. Em virtude, principalmente, de sua posição geográfica. Fato observado nos comentários que se complementam de Souza (1994) e de Rocha (2003):

Na região Norte a única via de comunicação foi a **Estrada da Caiçara**, pondo em contato direto com o litoral – núcleo central administrativo – os pontos povoados da Ribeira do Acaraú, de que a Vila de Sobral tirou vantagens de sua posição geográfica, ligando-se por essa via às áreas férteis dos Inhamuns, donde se ramifica para a bacia do Banabuiú e terras piauienses (Souza, 1994, p. 39)

Apesar das secas periódicas, o Vale do Acaraú sustentava suas populações graças à sua favorável bacia hidrográfica, que é benéfica pela vertente barlavento da serra da Ibiapaba. Assim, no leito dos rios secos cavavam-se cacimbas, que eram bastantes para a população e gados menores, principalmente o caprino, que se adapta muito bem à estiagem. A Vila de Sobral era um refúgio relativamente seguro em tempos de secas, quer pelo rio Acaraú, quer pelo comércio incipiente. A agricultura era de subsistência e, principalmente nesses tempos, provida pela Serra da Meruoca, que encontrava na Vila de Sobral espaço para seu consumo, pago através do escambo ou mesmo do pouco dinheiro circulante (Rocha, 2003, p. 70).

Diante da sua geografia e em face do seu crescimento, ganha o título de Princesa do Norte, fazendo a Vila torna-se cada vez mais majestosa para os padrões urbanos da época.

Tomando como base os dados e a linha de raciocínio de Rocha (2003), na primeira metade do século XIX, a população sobralense era três vezes maior que a da capital Fortaleza. Em 1819, a população de Sobral era de aproximadamente 20.000 habitantes. Tal densidade demográfica ocorria, justamente, em virtude da estabilidade econômica da região, propiciada pelo desenvolvimento comercial. Diante desse crescimento, diversas mudanças sociais passaram a ocorrer, tanto na esfera política como arquitetônica da Vila.

Motivado por todo esse desenvolvimento e pelo episódio ocorrido no estado do Ceará, onde:

(...) durante a Revolta dos Balaios (1839-1840), as ideias separatistas dos conservadores tiveram eco em algumas cidades cearenses. Em Sobral aconteceu o episódio mais representativo desta periférica disputa por ocasião da

⁹Na seca dos três sete, 1777 – 1780, morreu mais da metade da população da região castigada. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=646863#ixzz2NLoD8Jkv>. (Acessado em: 15/03/2013, às 10h20min)

vinda do então nomeado Presidente da Província, o Senador Pe. José Martiniano de Alencar, que, acompanhado de uma pequena tropa destinada a sufocar a rebelião local, hospedou-se na casa do capitão-mor Francisco de Paula Pessoa, chefe do Partido Liberal. A casa foi atacada pelo grupo conservador sobralense, saindo vitoriosa a força legalista (Rocha, 2003, p. 78).

Sobral foi elevada à condição de cidade, como ratifica Araújo (1991).

Com o fim de manifestar sua gratidão aos habitantes de Sobral que o levaram à vitória, o Presidente Alencar resolveu elevar a Vila à categoria de cidade e deu-lhe o nome Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú, mediante a expedição da Lei nº 229, de 12 de janeiro de 1841. Qualificou-a de fidelíssima, por ter se manifestado tão denodadamente fiel ao seu governo. Com isso, enalteceu e honrou o povo sobralense. Mas, não feliz com a mudança do nome, retirando Sobral e o substituindo por Januária. Tal alteração não agradou a população (Araújo, 1991, p. 30).

Portanto, de acordo com Girão & Soares (1997), o nome Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú e, em seguida, somente Sobral se justifica da seguinte forma:

Fidelíssima – o qualificativo Fidelíssima explica-se como uma forma de agradecimento ao povo sobralense por ter sido fiel às tropas do governo, quando aqui ocorreu a *Sedição de Sobral* (dez. de 1840).

Januária – assim designada para homenagear a irmã de D. Pedro II, D. Januária. Esta foi a forma encontrada pelas tropas legalistas para agradar o imperador (Girão & Soares, 1997, p. 23 e 24).

De Vila à Cidade. A Princesa do Norte é caracterizada, na primeira metade do século XIX, pelas transformações urbanas e pela acelerada construção de igrejas e casarões que formarão, de maneira mais enfática, os cenários das personagens criadas ou mesmo “encarnadas” na obra de Cordeiro de Andrade.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



Figura 2 – Igreja das Dores.

“Um nicho pequeno e antigo havia onde foi construída a Capela das Dores, originando o terceiro bairro da Vila Distinta de Sobral. A capela não se sabe quando foi construída, mas sabe-se que existia em 1818”¹⁰.

Fonte: Elaborada pelo autor.



Figura 3 – Igreja de Santo Antônio. Fonte: Elaborada pelo autor.

¹⁰Texto retirado da placa pública oficial de caracterização predial.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



Figura 4 – Câmara Municipal de Sobral. Plenário 5 de Julho. Inaugurada em 08 de abril de 1851¹¹.
Fonte: Elaborada pelo autor.



Figura 5 - Mercado Público, construído de 1818 a 1821. O mercado, demolido em 1935, foi o centralizador do comércio da cidade.
Fonte: Rocha, 2003, p. 86.

¹¹ Texto retirado da placa pública oficial de caracterização predial.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



Figura 6 – Sobrado Cel. Ignácio Gomes Parente, o primeiro sobrado de Sobral (...) erguido em 1814. Fonte: Rocha, 2003, p. 89

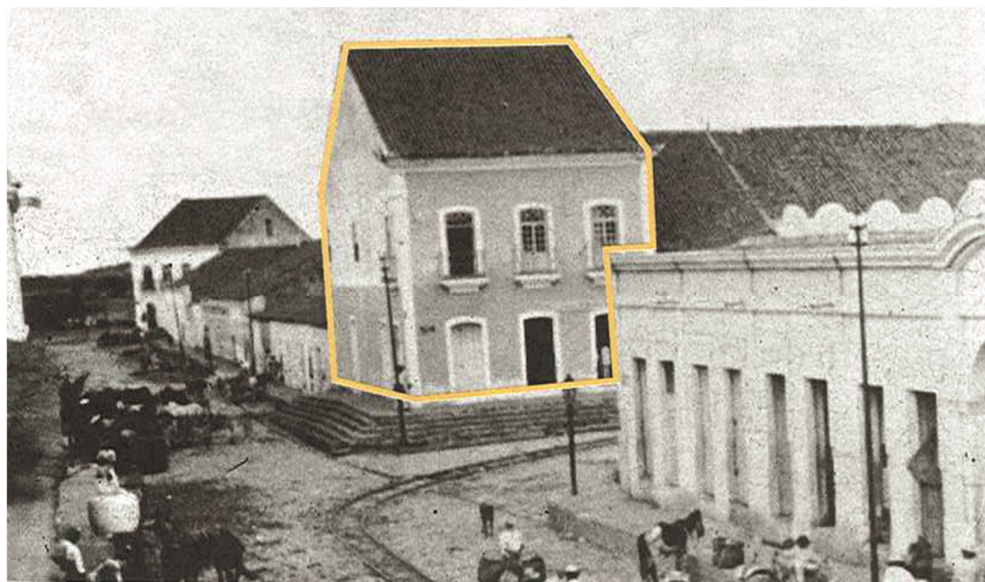


Figura 7 - Prédio Major Manuel Francisco de Morais (1865): (...) O prédio era conhecido como Farmácia Monte. Fonte: Rocha, 2003, p. 93

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



Figura 8 - Museu Dom José. Construído pelo major João Pedro Bandeira de Melo em 1844, este edifício é integrante da Segunda Fase dos sobrados sobralenses¹². Fonte: Elaborada pelo autor.



Figura 9 - Sobrado Pe. Francisco Jorge de Souza (1858): Localiza-se em frente ao Museu. Foi comprado posteriormente pelo Senador Paula Pessoa. Reformado em 1997 para abrigar a Casa da Cultura da Prefeitura Municipal de Sobral. Fonte: Rocha, 2003, p.97.

¹² Texto retirado da placa pública oficial de caracterização predial.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



Figura 10 - Sobrado Major Ângelo Ribeiro, funcionou como cassino até metade do séc. XX. Foi parcialmente demolido na década de 1980. Fonte: Rocha, 2003, p. 99.

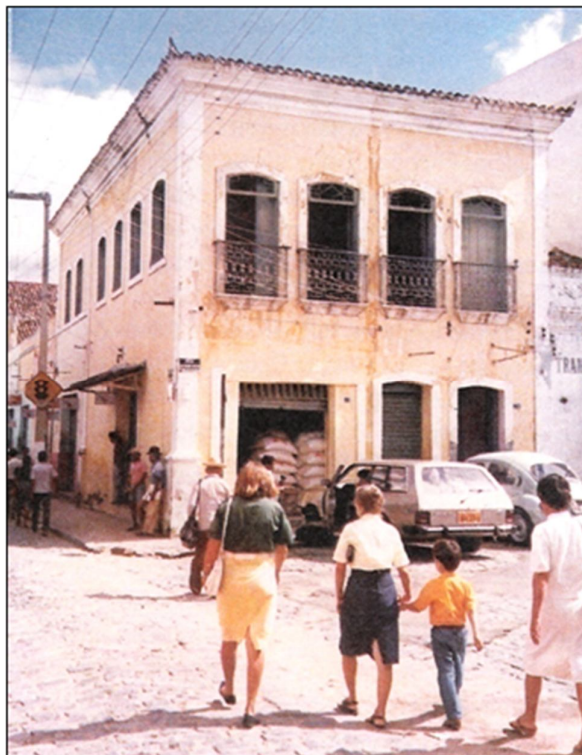
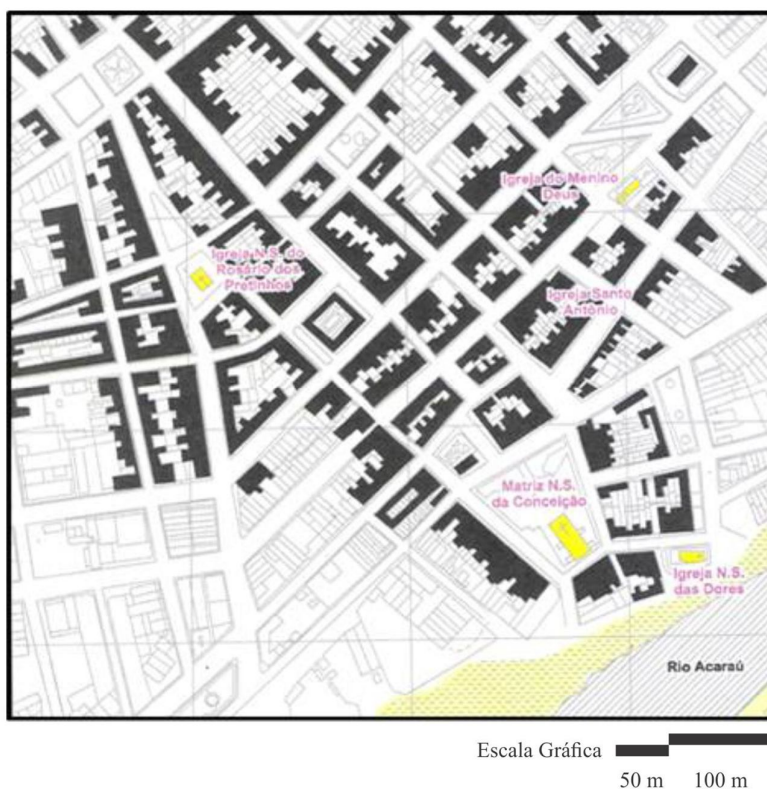


Figura 11- Solar Joaquim Lopes dos Santos. É um elegante exemplar da 2ª fase dos sobrados. Fonte: Rocha, 2003, p.101.



Mapa 5 – Destaque para as Igrejas. Fonte: Rocha, 2003, p. 84.

3.1.3. O Período do Algodão

Após a seca de 1777-1780, outra escassez de chuva abala, de forma mais impiedosa, as criações de gado e, conseqüentemente, o comércio do charque, é justamente a seca de 1790-1793¹³. Além desses fatores, outras questões contribuíram para o fim das charqueadas. Como: “A concorrência do charque produzido no Rio Grande do Sul, que era considerado de melhor qualidade que o cearense, houve também a influência da expansão das lavouras de algodão, que se tornou mais lucrativo do que fabricar charque” (Farias & Freitas, 2011, p. 71).

Só para termos uma ideia da problemática social ocasionada por essa seca, “a população de Sobral, entre os anos de 1872 e 1900, sofreu uma redução de quase 4.000 pessoas, e o Ceará assistiu à perda de 1/3 de seus habitantes que morreram ou emigraram” (Rocha, 2003, p. 119).

Em meio a esse contexto, a cotonicultura invade o sertão cearense. O algodão passa a ser denominado por nossa gente como “ouro branco”. O produto ganha uma importância cultural e

¹³ 1790 - 1793 - Seca transformou homens, mulheres e crianças em pedintes. Foi criada a Pia Sociedade Agrícola, primeira organização de caráter administrativo, cujo objetivo era dar assistência aos flagelados. Disponível em: <http://ogritodaseca.blogspot.com.br/2011/06/cronologia-das-secas-1583-2001.html> (Acesso em: 15/03/2013, às 12h10min)

econômica tão dimensionada que, durante muito tempo, torna-se a principal riqueza do Ceará. Tal fato faz com que artistas populares, como Luiz Gonzaga¹⁴, venham a homenagear o produto com canções que demonstravam o trabalho duro dos sertanejos na cotonicultura.

Algodão

Bate a enxada no chão, limpa o pé do algodão
Pois para vencer a batalha,
É preciso ser forte, robusto, valente ou nascer no Sertão
Tem que suar muito pra ganhar o pão
Que a coisa lá num é brinquedo não

Mas quando chega o tempo rico da colheita
Trabalhador vendo a fortuna, se deleita
Chama a família e sai, pelo roçado vai
Cantando alegre ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai.

Sertanejo do Norte

Vamos plantar algodão
Ouro branco que faz nosso povo feliz
Um produto do nosso sertão.
(Fonte: Farias & Freitas, 2011, p. 72).

Seguindo o raciocínio de Farias & Freitas (2011), o algodão era um produto já existente na América e era cultivado pelos índios na produção de rede. Na época da colonização, o produto era utilizado como forma de subsistência na produção de tecidos para escravos. Com a Revolução Industrial e, conseqüentemente, com o aquecimento da indústria têxtil na Inglaterra, o Brasil, juntamente com a Índia e os Estados Unidos, passa a ser o maior fornecedor de algodão para os ingleses. É importante salientarmos que os produtores de algodão não deixaram de criar gado, desenvolvendo o binômio “gado-algodão” (Farias & Freitas, 2011, p.73 e 74).

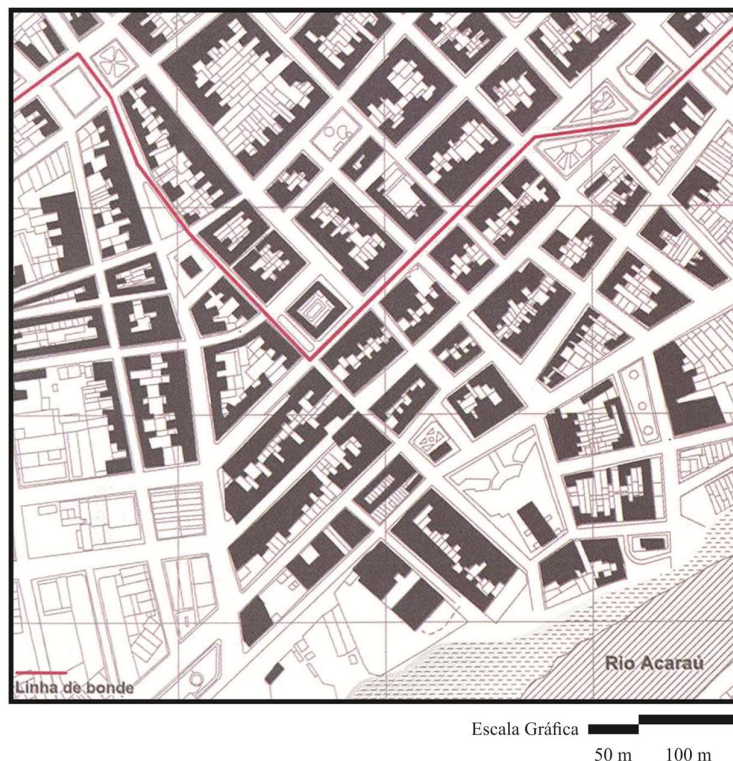
Seguindo as marcas da reflexão de Rocha (2003), observamos que, em razão da guerra da Secessão Americana (1860-1865)¹⁵, o Brasil passa a ser um dos maiores fornecedores de algodão para as indústrias inglesas, com o Ceará exercendo grande destaque. Diante de um mercado crescente da cotonicultura, a industrialização em Sobral inicia seus primeiros passos, com a instalação da Fábrica de Tecidos de Sobral, em 1887, que tinha como proprietários o aracatiense radicado em Sobral, Ernesto Deocleciano, e o maranhense Cândido Ribeiro. Através de Deocleciano, em parceria com o Governo Federal, foi criada a empresa Carril Sobralense, que era

¹⁴ Luiz Gonzaga (1912-1989) foi músico brasileiro. Sanfoneiro, cantor e compositor nascido em Exu, Sertão de Pernambuco. Recebeu o título de "Rei do Baião". Disponível em: http://www.e-biografias.net/luiz_gonzaga/ (Acesso em: 15/03/2013, às 13h10min)

¹⁵ Guerra da Secessão Americana - Foi um conflito armado entre os habitantes do sul e do norte dos EUA, que ocorreu entre 1861 a 1865. No processo de crescimento territorial norte-americano, os moradores do sul e do norte entravam em confronto. Disponível em: <http://www.colegioweb.com.br/historia/a-guerra-de-secessao.html> (Acessado em: 15/03/2013, às 13h25min)

bondes puxados a burro, que fazia transporte de pessoas e cargas até mesmo para outros estados como o Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro. Deocleciano era sócio, também, da Construtora Humberto Sabóia e Cia.

A zona urbana ganha, assim, um bonde puxado a burros, cuja linha é descrita a seguir:



Mapa 6 - A linha do bonde.

saía da Estação Ferroviária em demanda do Largo do Rosário, passando pelo Mercado e chegando à Praça do Teatro São João; posteriormente, a linha foi expandida até a Cruz das Almas, no bulevar onde hoje está o Arco do Triunfo. Fonte: Rocha, 2003, p. 131 e 142.

Outro elemento importante nessa fase áurea de Sobral foi a construção da estrada de ferro Sobral-Camocim, enfim, era a criação da Estação Ferroviária, conforme relata Girão & Soares (1997, p. 117-118):

Em 07-10-1873, a Câmara Municipal de Sobral, através de ofício, demonstrou ao Governo da Província a grande conveniência da construção de uma via-férrea que comunicasse Sobral com o Porto de Granja ou Acaraú.

Em 1878, os vereadores de Sobral dirigiram ofício do Governo Imperial pedindo a construção da Estrada de Ferro de Sobral, como forma de socorrer os flagelados da seca ocorrida em 1877 – 1879.

Depois do assunto debatido na Câmara e Senado, foi assinado, pelo Imperador D. Pedro II, o Decreto nº 6918, de 01/06/1878, autorizando a construção da ferrovia (...)

Os trabalhos tiveram início a 1º de julho de 1878 e foram concluídos a 31 de dezembro de 1882, data de inauguração da Estrada de Ferro de Sobral, ponto de partida para a penetração da ferrovia no Ceará (...).

A estrada contribuiu decisivamente para fazer de Sobral o pólo hegemônico da Zona Norte do Ceará, uma vez que a entrada de mercadorias no Estado era feita pelo Porto de Camocim.

O trem era o único meio de transporte utilizado por autoridades que desejassem conhecer Sobral, até o início do século XX (Girão & Soares, 1997, p. 117e118).

No seio dessa prosperidade econômica, a cidade ganha novos contornos urbanos e um Bispo. Preparando-se, assim, para uma nova era. A construção da *Micro-Roma*. É hora de consolidar a fé...

3.1.4. O Período da Diocese

Ao traduzirmos livremente a análise do historiador brasileiro Schmidt (2011) sobre o início do século XX, verificamos que as transformações ocorridas durante essa centúria foram aceleradas e impactantes no cotidiano de toda humanidade.

As novas revoluções científicas alteraram demais a maneira de compreender o universo, a sociedade, a estética, a biologia e o homem enquanto ser humano.

Albert Einstein, por exemplo, anunciou a teoria da relatividade. Através da crítica à mecânica clássica de Newton, Einstein demonstrou que, por meio da relatividade, podemos compreender melhor os fenômenos do universo que envolvem grandes velocidades, massas e concentrações de energia.

Essa teoria tem como marco de suas pesquisas a cidade de Sobral. Foi:

(...) na Praça Oswaldo Rangel, mais conhecida como do Patrocínio, encontra-se o monumento ao eclipse total do sol, ocorrido em 1919, fato que projetou Sobral no cenário científico mundial e consagrou o nome do cientista alemão Albert Einstein, que teve comprovada sua teoria da relatividade.

O marco registra um dos acontecimentos que mais se destacaram na história de Sobral, na primeira metade deste século, a 29 de maio de 1919, às 8 horas e 56 segundos, com duração de 5 minutos e 28 segundos.

Este eclipse não seria visível no hemisfério setentrional pelos observatórios europeus e norte-americanos. Daí a sua importância para astrônomos e físicos que se dirigiram a Sobral para ver o fenômeno, visto que, após

minuciosos estudos, ficou comprovado que, somente em Sobral e da Ilha do Príncipe, na costa ocidental da África, as condições de observação seriam bem mais favoráveis. Expedições foram enviadas aos referidos locais, tendo a Sobral chegado três importantes comissões para estudar o evento, sendo intérprete das mesmas o engenheiro Leocádio Araújo (...). O posto de observação foi instalado no Jockey Clube, ainda no Velho Prado, situado em frente à casa onde se hospedaram os cientistas, hoje ocupada pelo SENAC¹⁶. No dia 19 de maio, segundo relatório escrito por Crommelin, da equipe de Greenwich, o dia amanheceu com o céu coberto de nuvens, mas logo se dissiparam. O sol permaneceu durante quatro ou cinco minutos, o que tornou possível a tomada das fotografias (Girão & Soares, 1997, p. 133 e 134)¹⁷

A química, também, sofre diversas transformações a partir da descoberta do raio X, dos raios alfa e beta, culminando na descoberta do número atômico e a consequente reorganização da tabela periódica.

As ciências sociais ganham novos contornos, fundamentando a sociologia como ciências, tendo quatro grandes fundadores: Karl Marx, Georg Simmel, Max Weber e Durkheim.

Os estudos sobre a mente humana, denominados psicanálise, realizados por Sigmund Freud, passam a exercer um fascínio extraordinário entre homens e mulheres do século XX. Para Freud, a Psicanálise tinha um conteúdo subversivo porque faria as pessoas se conhecerem profundamente.

O belo, também, ganha novos paradigmas. Influenciados pelas descobertas da Física e da Psicanálise, o Surrealismo, o Impressionismo, o Expressionismo, o Futurismo, o Cubismo, o Dadaísmo, dentre outras tendências levam a estética da Literatura e das Artes Plásticas a novos caminhos, nos quais um dos ideais passou a ser lutar contra a arte do passado.

Em meio a essa ebulição sociológica, artística, tecnológica e científica, o início do século XX reescreve a história da humanidade em vários sentidos. O mundo se prepara para a Primeira Guerra Mundial. A Alemanha e a Inglaterra disputam mercados. Distante das Américas e da Europa, uma outra revolução ganha seus contornos sociológicos, a Revolução Russa, trazendo os ideários marxistas.

Enfim, o modernismo traz consigo a *Belle Époque*, a Indústria, o Capitalismo, os comunistas, os automóveis, as mulheres de cabelos e vestidos curtos, o anarquismo, os aviões, a

¹⁶ O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) é, desde sua criação, em 1946, o principal agente da educação profissional voltada para o Setor do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. Disponível em: <http://www.senac.br/institucional/senac.aspx> (Acessado em: 20/03/2013, às 21h22min)

¹⁷ Nota do autor.

eletricidade, a ciência defendendo que não existe nem tempo e nem espaço absoluto, tudo isso mexia com o comportamento das sociedades.

Influenciado por toda essa metamorfose social, o Brasil rompe com o Imperialismo e passa a viver a República Velha, as mudanças econômicas, as questões abolicionistas, influências positivistas em vários setores sociais, os movimentos operários e os comunistas.

Sobral, mesmo distante dos grandes centros, mas embrenhado pela dicotômica tradição eurocêntrica e, ao mesmo tempo, pelas ideias modernistas que permeavam a atmosfera do Brasil e do mundo, sofria todas essas transformações sociais que estariam ocorrendo no mundo, além das domésticas transformações socioeconômicas, em virtude de uma série de fatores já mencionados. Dessa forma, a antiga Januária chega ao século XX com todas essas influências universais e caseiras, além de um novo fato que vai impulsionar ainda mais a metamorfose dos seus cidadãos: “A criação da Diocese de Sobral em 1915” (Rocha, 2003, p. 146).

Em consonância com a maioria das literaturas tradicionais sobre história de Sobral, Girão & Soares (1991), um dos ícones dessa temática, analisa a criação da Diocese de Sobral da seguinte forma:

A ideia da criação do Bispado deve-se a Dom Jerônimo Tomé da Silva, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, sobralense dos mais ilustres.

A partir de 1912, Dom Manuel da Silva Gomes, 3º Bispo de Fortaleza, consegue com o Papa Bento XV a criação de dois bispados: Crato e Sobral, os pólos desenvolvidos mais afastados de Fortaleza. E neles dispõe dois excelentes administradores – Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Dom José Tupinambá da Frota, respectivamente.

A constituição do patrimônio, condição indispensável à implantação da Diocese, foi obra do Mons. Filomeno do Monte Coelho, que, durante o ano de 1915, arrecadou recursos financeiros para esta finalidade, apesar da grande seca que castigava o Ceará.

Criada pela Bula *Catholicae Religionis Bonum*, em 10 de novembro de 1915, assinada pelo Papa Bento XV, (Giacomo Della Chiesa) a Diocese de Sobral foi instalada a 22 de julho de 1916 (Girão & Soares, 1991, p. 60).

Porém, para retratarmos, com mais detalhes, o berço e a filosofia religiosa, social e política da Diocese de Sobral, é necessário perquirirmos um pouco sobre a personalidade de Dom José Tupinambá da Frota “1º bispo (...) sobralense, nascido a 10 de setembro de 1882 e falecido a 25 de

setembro de 1959”. Dom José dirigiu a Diocese de Sobral durante 51 anos, dos quais 8 anos como vigário e 43 anos como bispo”(Girão & Soares, 1997, p. 60 e 61).

Por efeito ou influxo, tal citação nos demonstra que, diante do pioneirismo e do tempo de bispado, criador e criatura se confundem.

Contudo, uma outra personagem tem papel fundamental na criação da Diocese de Sobral, Dom Jerônimo, arcebispo primaz do Brasil em Salvador – Bahia e tio de Dom José Tupinambá da Frota.

O desempenho do arcebispo na criação da Diocese de Sobral e sua interferência em fazer do sobrinho, o então vigário de Sobral desde 1908, o 1º bispo da cidade podem ser ratificados nas descrições de Lira (1982).

D. Jerônimo não conseguiu ser o primeiro Cardeal do Brasil. Outra ideia luminosa veio-lhe a cabeça. Fazer de seu sobrinho o segundo cardeal. Em 1915 trabalhou muito junto à Santa Sé para a criação de uma Diocese em sua terra natal – Sobral. Uma vez criada a Diocese do Crato, não havia razão porque não se criasse outra na zona norte do Estado, tão carente de ação episcopal como a região do Cariri. Veio a criação. Depois D. Jerônimo partiu para outra batalha - a nomeação do Padre Dr. José Tupinambá da Frota para o Primeiro bispo de Sobral. A maior organização metafísica do Brasil era, sem dúvida, o mais indicado para ocupar o sólio episcopal de Sobral. Pelo sim e pelo não, isto aconteceu. O “Jornal A Crença” da cidade de Granja, do dia 14 de Maio de 1916 que tinha como diretor o Padre Vicente Martins, em um longo artigo sobre a criação da Diocese e eleição de seu primeiro bispo deixa transparecer claramente isto – D. Jerônimo foi o filósofo e o arquiteto da Diocese de Sobral (Lira, 1982, p. 36).

O sacerdote formado na Universidade Gregoriana de Roma (...) Dr. em Filosofia e Teologia, (...) considerado pelos bispos como o *primus inter pares*, cobiçado por todos, a começar pelo arcebispo da Bahia e primaz do Brasil. Houve até um padre em Petrópolis que o classificou como “a maior cabeça metafísica do Brasil” (Lira, 1982, p. 5). Ao tornar-se bispo, chamou para sua Diocese a responsabilidade da transformação urbana, cultural e educacional da cidade, além da assistência religiosa. Isso pode ser aferido ao analisarmos suas principais obras arquitetônicas e a simbologia sociológica de cada uma delas.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



Figura 12– Santa Casa de Misericórdia de Sobral, iniciada em 1912, (...) inaugurada em 1925 (Rocha, 2003).



Figura 13 - O Ginásio Diocesano, criado em 1919, (...) Posteriormente chamado Colégio Sobralense, que na época era destinado exclusivamente ao ensino de rapazes, teve sua sede construída nos anos 40 e apresenta uma arquitetura de extrema simplicidade (Rocha, 2003, p. 148).

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



Figura 14 - O Banco Popular de Sobral (criado em 1927), cuja sede data de 1935, tem também fachada *art-déco* (Rocha, 2003, p. 149).



Figura 15 - Residência de Dom José. O prédio construído pelo Senador Francisco de Paula Pessoa para sua residência, entre os anos de 1836 e 1839 (...). Em 1915, foi comprado pela Diocese de Sobral para servir de residência para o Bispo D. José Tupinambá da Frota, que nele morou de 1916 a 1933. Neste ano, transferiu-se para o Sobrado, onde hoje se encontra o Museu Diocesano (Girão & Soares, 1997, p. 47 e 48).

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



Figura 16 - Abrijo Sagrado Coração de Jesus. Construído em 1953 e destinado ao amparo de idosos. Havia uma caixa d'água, a primeira de uso público, que garantia o abastecimento daquela parte da cidade (Rocha, 2003).



Figura 17 - O Seminário Menor da Betânia. (...) que abrigaria mais tarde a Universidade Vale do Acaraú – UVA (Rocha, 2003, p. 152).

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



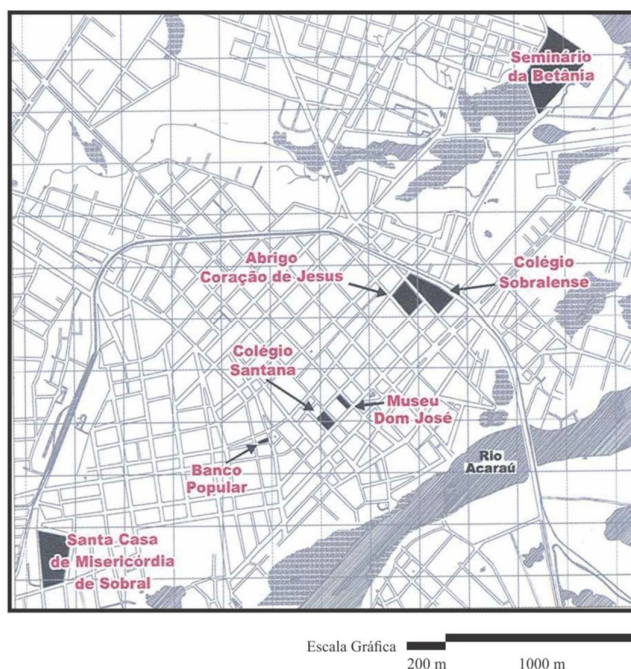
Figura 18 - Museu Diocesano Dom José. Dom José Tupinambá da Frota coletou, entre os anos de 1916 e 1959, um acervo de quase 5.000 peças reunidas no Museu Diocesano, considerado o 5º do Brasil em Arte-Sacra e Decorativa pelo ICOM (Conselho Internacional de Museus). Fundado a 29 de março de 1951 e inaugurado oficialmente a 10 de março de 1971 (Girão & Soares, 1997, p. 54).



Figura 19 - O Arco do Triunfo. Por iniciativa de Dom José, foi construído em 1953 (...) como marco da visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima a Sobral (Girão & Soares, 1997, p. 58).

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

Construiu também várias outras obras, como os acessos aterrados pela Lagoa da Fazenda, ligando o Seminário, hoje UVA, ao resto da cidade, as reformas da Catedral (Matriz de N. S. da Conceição) em 1939 e da Igreja do Rosário (Rocha, 2003, p. 155).



Mapa 7 - Mapa da cidade com as obras de D. José
(Rocha, 2003, p. 156).

O percurso feito pelo bispo, sempre de automóvel, a partir do Seminário Menor da Betânia à Santa Casa de Misericórdia era um passeio em revista às suas obras como autêntico senhor daquele burgo. O mesmo trajeto era percorrido por seminaristas a pé, em fila dupla, um espetáculo *sui generis* daquela cidade que alguns alcunharam (com exagero, é certo) de Micro-Roma (Rocha, 2003, p. 156).



Figura 20 - Dom José Tupinambá da Frota. Procissão pelas ruas de Sobral. Dom José de perfil com barrete. Foto de meados da década de 1910 (Rocha, 2003, p.158).

Parafraseando Freitas (2000), Dom José, intitulado o segundo fundador de Sobral, era um exemplo de autoridade e não eram atribuídos ao Bispo poderes sobrenaturais, no entanto, era detentor de princípios éticos de solidariedade e de amor à cidade, que dão uma dimensão carismática ao mito. Seu nome representa a imagem de uma elite aristocrática e pomposa, que faz com que haja uma legitimação da crença. Suas fotos, requintadas de características aristocráticas, espalhadas pelas casas, comércios e órgãos públicos, refletem o apelo religioso e a maneira de ser sobralense. Dom José, em sua época, era o detentor do poder público e religioso da cidade, tudo que era realizado tinha que ter sua benção.

Em meio a essa atmosfera eurocêntrica, tendo Dom José como mito, a cidade passa a ser tida e divulgada pela maior parte de seus formadores de opinião como:

Rica pela pecuária e pelo comércio, culta pelo intercâmbio com centros europeus e, ainda, abençoada pela igreja, Sobral cresceu e tornou-se portentosa e progressista, gerando um sentimento que não é um simples bairrismo, identificado pelo intelectual e político Parsifal Barroso como a *sobralidade* (Girão & Soares, 1997, p. 29).

Todavia, apesar de ser considerado popularmente, por boa parte da elite sobralense, como um livro apócrifo, Padre João Mendes Lira, citado anteriormente, uma espécie de secretário pessoal e confidente de Dom José, faz uma leitura da personalidade do Bispo, no livro *A Vida e a Obra de Dom José Tupinambá da Frota, o Primeiro Bispo de Sobral*, bastante contestatória.

Seguindo os caminhos da reflexão de Lira (1982) sobre a personalidade de Dom José, apesar de observarmos a dificuldade que o padre sentia em escrever sobre o bispo e amigo, chegando a confessar que não era fácil falar sobre um homem que oscilava na personalidade, sendo, às vezes, bondoso como um Fouché, amigo leal como Richilieu, temido como Napoleão Bonaparte, amante de si próprio como os ditadores.

Tais características se deram pelo fato de Dom José ter sido vítima da superproteção dos seus pais e do arcebispo da Bahia, seu tio D. Jerônimo Tomé da Silva. Essa superproteção, supervalorização o fizera se auto-julgar dono e conhecedor de tudo. Fato que o fazia exibir seus conhecimentos frente aos seminaristas de forma esnobe: “sei os caminhos de Roma – Seminarista é como cabra, só dá leite quando se bate – batina atrofia a inteligência.”

Em face de sua personalidade, Dom José nunca admitiu que tenha ocorrido interferência política do seu tio para que ele se tornasse bispo e, para procurar sua auto-afirmação, se dedicava às construções ciclópicas, sempre numa busca incessante de aumentar o patrimônio da igreja, deixando de lado seus aprimoramentos intelectuais e vivendo apenas do que tinha aprendido na Universidade Gregoriana.

Por fim, Dom José tinha uma ideia de grandeza, uma megalomania capaz de sacrificar amigos, correligionários e até a si mesmo para a realização das suas construções fantasmagóricas. Quando se fala em sacrifício a si em nome da megalomania, isso pode ser verificado ao constatar que Dom José não assumiu seu posto eclesiástico em uma cidade maior, por saber que não teria condições de ter o domínio espiritual e político da população, pois era extremamente vaidoso, vivendo sempre em busca de honrarias. Para se ter uma ideia, Dom José dominou o poder político de Sobral desde o início de seu bispado até 1947. Durante esse percurso, o bispo ganhou alguns inimigos de peso, como o juiz de direito, o Dr. José Sabóia, e o jornalista Deolindo Barreto.

Assim, não só a criação da Diocese, como toda a história da era Diocesana, se confunde com a história de Dom José.

Mas, além do bispo, outras personagens irão compor o cenário sobralense do início do século XX, dentre eles, que também faz parte do patrimônio histórico sobralense, na era Diocesana, e do imaginário literário e jornalístico de Cordeiro de Andrade é Dr. José Sabóia.

Inimigo político declarado de Dom José, Dr. José Sabóia “é um exemplo de um tipo de “herói” que consegue, apoiado, dentre outras coisas, nas regras definidas pela estrutura moderna do estado e do município, se projetar como um “outro herói sobralense” ou um outro senhor que se opõe ao “senhor maior”” (Freitas, 2000, p. 90 e 91).

Utilizando a metáfrase da ideia subsequente de Freitas (2000) sobre Dr. José Sabóia, notamos que ele foi o 14º juiz de Sobral, assumindo em 1899, e tendo sido aposentado em 1936. Além de detentor de grande poder político em Sobral, era herdeiro da fábrica de tecidos Ernesto Deocleciano, marco do desenvolvimento industrial de Sobral. Dessa forma, diferente do Bispo, que tinha o poder legitimado pela Igreja, o juiz tem como base de sustentação duas instituições: a jurídica e a familiar, cujas raízes são ligadas à tradição sobralense.

Costa (1982), ao comparar Dom José com Dr. José Sabóia, destaca que:

O Bispo e o doutor José Sabóia empatavam em vaidade. Eram dois bicudos que não se beijavam e passavam a vida inteira numa ciumeira que só vendo... ficando, ambos, decerto, a fazer as derradeiras apostas, lá em cima, na outra vida. (Costa, 1982, p.8)

Outro “herói” sobralense dessa era é o fazendeiro Francisco de Almeida Monte, conhecido popularmente como Chico Monte. De acordo com Freitas (2000), “este herói não chega a ofuscar a imagem positiva associada ao Bispo-Conde, nem mesmo a do Juiz (...), mas projeta uma símile característica e polêmica do ponto de vista de seu comportamento no campo político e social. Chico Monte (...) é considerado o “último dos coronéis”” (Freitas, 2000, p. 95).

Essa personalidade grotesca simbolizava bem os coronéis nordestinos do início do século XX. Para se ter uma ideia, dentre as diversas histórias que permeiam as atitudes violentas de Chico Monte, podemos destacar o caso que envolve o jornalista Deolindo Barreto. O fato de abordar esse caso se justifica por, além de se tratar de uma das pessoas que mais se destacaram no cenário diocesano, ter sido também através de Deolindo que Cordeiro de Andrade desenvolveu a paixão pelo jornalismo engajado. O autor de *Cassacos* trabalhou na tipografia auxiliando na impressão do Jornal *A lucta*, de propriedade de Deolindo Barreto. Fato que discutiremos posteriormente. Mas, retornando ao que nos interessa no momento, foi justamente com esse espírito de jornalista panfletário que Deolindo, de acordo com a interpretação de Costa (1987), interviu na briga de Dom José e Dr. José Sabóia. A desavença foi consumada em virtude do controle da irmandade de Nossa Senhora da Conceição e da loteria. Nesse ínterim, Deolindo é preso, acusado de linguagem imoral. Após ser solto, continua sua luta, utilizando, na epígrafe do, agora, seu jornal, *A Lucta*, a alma do

seu olhar: “*Diga-se a verdade na terra embora desabem os céus; e conte-se o caso como o caso foi, o cão é cão e o boi é boi.*”

Permanecendo nessa linha jornalística e, conseqüentemente, instigando a ira dos poderosos, o final de Deolindo não poderia ser outro, em um cenário cujo perseguidor era Chico Monte, o jornalista é alvejado com cerca de cinquenta tiros dentro da Câmara Municipal de Sobral. Deolindo só morre quarenta e oito horas depois, na madrugada de 18 de junho de 1924. Foram apontados como assassinos Chico Monte, Joaquim Bento e Vicente de Souza. Somente o último pega cadeia.

Esse fato vai marcar profundamente a vida de Cordeiro de Andrade, conforme veremos a *posteriori*.

Parafraseando Freitas (2000), a violenta atuação de Chico Monte o levará a conceder cargos e privilégios políticos ao próprio, assim como ao seu genro, Parsifal Barroso, que se torna um dos políticos mais influentes do Estado do Ceará.

Esta fase teve uma fortaleza muito intensa na mentalidade da população que, de acordo com Freitas (2000):

No discurso da “sobralidade triunfante” está implícita a construção de um consenso relativo à constituição do conceito mítico. A origem do discurso mitológico vem das representações construídas e estruturadas pela história e reproduzidas pela elite da cidade (políticos, jornalistas, intelectuais e famílias abastadas). Através de rituais, espaços, monumentos, “heróis” e lugares específicos, os grupos sociais que compõem essa elite, pautados em uma lembrança da história “recheada” por personagens membros desta elite, tentam transmitir e integrar todos os habitantes da Cidade em uma identidade que é veiculada como consensual, construindo e conservando uma aura de inocência no discurso.

Porém, nestes mesmos rituais, espaços, monumentos, “heróis” e lugares específicos, que influenciam na elaboração da ideia de “sobralidade” pela elite, percebe-se que, mesmo entre os membros do escol, não há unidade. Regras de classificação e desclassificação social são constantemente enunciadas no discurso dos grupos membros da elite em momentos de acirramento e disputa de um lugar privilegiado dentre os mais legítimos representantes da “sobralidade” (Freitas, 2000, p. 82).

Por fim, é em meio a esse contexto de “sobralidade triunfante” que decorre a fase Diocesana em Sobral, na qual o incenso e fumaça anunciavam o *glamour* pelo qual a classe dominante se deixava inebriar, sendo ela própria plateia e atriz de um drama que formou a

personalidade sobralense. A cidade, mais do que nunca, era percebida pelos cidadãos como fato social em que, nos bastidores, os excluídos trabalhavam para a manutenção daquele *show* que não podia parar (Rocha, 2003).

Porém, é justamente no contexto desses excluídos, mantenedores desse *show*, que não usufruíram do *glamour* dessa *sobralidade* que Cordeiro de Andrade vai vivenciar e, logo após, fazer uma leitura sobre essa Sobral. Enxergando a cidade com a vista dos principais aspectos que caracterizam o regionalismo literário de 30, ao mesmo tempo em que lança *a pena* na contramão da maioria das literaturas existentes e relativas a essa *Terra*. O raciocínio não será do centro para o centro, e sim, da periferia e do sertão para a construção do centro, isto é, para a construção e manutenção da “sobralidade triunfante”.

3.1.5. Uma análise da efígie de Sobral narrada no romance *Cassacos*

Após termos flinado por esse literário túnel do tempo, onde se teve a oportunidade de vivenciar o aboio do gado, a comercialização do charque, de sentir nas mãos o ouro branco do Nordeste, de ver brotar os caminhos diocesanos, enfim, de contemplar a Fazenda Caiçara transformar-se em Vila e, em seguida, em cidade fez com que vivenciássemos a experiência de acompanhar o nascimento da cidade de Sobral desde sua gestação ao parto.

Todavia, em 1934, o escritor sobralense Cordeiro de Andrade, influenciado pelo movimento literário regionalista brasileiro da geração de 30, como discutiremos com maiores detalhes adiante, escreve um romance intitulado *Cassacos*, cujo enredo temporal inicia no natal de 1918 e termina nas festas natalinas de 1919, tendo como cenário a cidade de Sobral.

No entanto, apesar de já termos justificado em diversas ocasiões, nas páginas descritas anteriormente, podemos até nos questionar os motivos que nos levaram a analisar as origens de Sobral até os primeiros anos do século XX. Todavia, é prudente ratificarmos que, em síntese, tais análises foram realizadas como forma de ambientar o leitor na crítica, a partir dos paradigmas da narrativa histórica, que faremos do romance *Cassacos*, no qual, apesar do recorte histórico ser, basicamente, o ano de 1919, o cenário historiográfico é resultado da construção urbana e sociológica dos anos anteriores.

Em face dessa justificativa, iremos descortinar as primeiras páginas de *Cassacos*, nas quais Andrade (1934) nos diz:

Na sêca do dezenove, eu andava pelos meus dez anos de idade. Ouvi muita coisa aos retirantes, observei outras, que áquela época eu não entendia direito. Quando a gente é menino, não sabe de nada. De coisa nenhuma. Veja

tudo, embora. O tempo, porém, vai ensinando, ensinando... O tempo é a gramática da vida. Olhamos, então, melhor as figuras que se movem longe numa tela pobre e poida, e que despertam em nós uma ternura exagerada, quase religiosa (Andrade, 1934, p. 7).

Diante dessa descrição, podemos concluir que, se, em 1919, Cordeiro tinha 10 anos, em 1934, ano em que escreveu o romance, o escritor tinha 25 anos.

Apesar de, em capítulo posterior, nos dedicarmos a falar do Homem Cordeiro de Andrade, é importante, como forma de ilustração, salientarmos o que Araújo (1985) ressalta sobre a data de nascimento do escritor:

Nasceu em Sobral, de família humilde mas digna, no dia 26 de outubro de 1908. Seus pais, Francisco Cordeiro de Andrade e Isabel Henriques de Albuquerque, casaram-se na Matriz de Meruoca a 24 de novembro de 1886. Poucos anos após, por dificuldades financeiras, foram obrigados a emigrar para Sobral, onde encontrariam melhores condições de trabalho que lhes assegurassem os recursos necessários ao sustento e à educação da prole que já começava a crescer. Cordeiro de Andrade, o Zeca em família, era o sétimo entre os dez irmãos.

Foram avós paternos Miguel Cordeiro da Costa, parente do Senador João Cordeiro, e Rita Maria da Conceição, e maternos, Francisco Sales de Albuquerque e Ana Francisca do Espírito Santo.

Com o fim de dissipar dúvidas sobre a data do seu nascimento, transcrevemos abaixo o teor do registro paroquial do batismo:

“JOSÉ, filho legítimo de Francisco Cordeiro e Isabel Cordeiro, nasce a vinte e seis de outubro de mil novecentos e oito e foi solemnemente baptisado na Igreja Matriz pelo Padre Francisco Candido de Vasconcelos a oito de fevereiro de mil novecentos e nove. Padrinhos: João (rasurado) e Mariana França. Para constar fiz este assento e assigno. O Vigário Padre Dr. José Tupynambá da Frota.” (Lib. Bat. Sé de Sobral, nº 55, p. 184v).

A partir deste texto, devem ser retificadas as informações contidas em estudos já publicados sobre o jornalista sobralense. Citemos alguns exemplos:

Antônio Martins Filho e Raimundo Girão informam: “Cordeiro de Andrade. Nasceu em 1912. Jornalista, poeta e romancista autor de “Os Cassacos”. Teve nascimento humilde, mas conseguiu pelo esforço próprio, merecido destaque nas letras.”

Eduardo Campos, por sua vez, afirma: “A infância será, indiscutivelmente, o Leitmotiv de Cordeiro de Andrade, forma incontrolável de mil e uma manifestações do romancista cearense, nascido em Sobral a 26 de outubro de 1910.

Do meu conhecimento, todos os que já publicaram dados biográficos do autor, até hoje, erraram ao determinar a data do nascimento.

Para concluir que tais informações estão incorretas, nem seria necessário recorrer ao documento de batismo, pois o próprio Cordeiro de Andrade, na apresentação do romance “Cassacos”, já dissera: “Na seca do dezenove eu andava pelos meus dez anos de idade.” Ora, sabe-se, no Nordeste, que as secas se caracterizam durante o primeiro semestre do ano, pelo que nos primeiros meses de 1919, já completara dez anos, como informa, o que não poderia acontecer se tivesse nascido em outubro de 1910, ou muito menos em 1912. Portanto, ele, que nascera a 26 de outubro de 1908, estava exatamente dentro dos dez anos na seca de 1919, pois os onze só completaria no final deste ano (Araújo, 1985, p. 16 e 17).

Retornando às primeiras páginas de *Cassacos*, Andrade (1934) prossegue seus relatos com um tom de justificar que o romance é uma descrição histórica de determinados fatos ocorridos em 1919:

Um dia, espiei o passado. Quasi quinze anos. Aí, fui recordando e fui escrevendo. Quando dei fê, havia riscado uma porção de papel. Relendo as impressões fixadas às pressas, os flagrantes colhidos a êsmo na confusão da memória, vi que tinha feito uma historia. Feito não! Copiado, si bem que infielmente. Coordenando tudo, depois, tentei um romance.

Assim nasceu este livro.

Procurei, obstinadamente, não fugir á verdade. Penso que o terei feito. Não aspiro maior recompensa ao meu esforço obscuro si assim fôr julgada a intenção que animou esta obra.

Na ausencia, pois, de outro qualquer mérito, valha-lhe ao menos a virtude de ser um livro sincero (Andrade, 1934, p. 7 e 8).

Tal citação nos reporta a Certeau (2012), ao referendar que: “Essas Aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um “suplemento” aos enunciados pedestres a às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem, de fato, organizam caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam” (Certeau, 2012, p.183).

Diante dessas introduções de Cordeiro de Andrade, isto é, dessa organização de nossa caminhada como proposto por Certeau (2012), faz-se necessário, por questões didáticas, fazermos uma digressão antes de continuarmos a nos aprofundar nas páginas de *Cassacos*.

Conforme mencionado anteriormente, o tempo de duração do discurso em *Cassacos* é de pouco mais de um ano; começa com a descrição da procissão do Menino Deus, em 1918, e termina com a mesma, no final de 1919.

Sendo assim, apesar dos registros históricos descritos anteriormente, é circunspeto inquirir, no baú histórico, determinados fatos, que são colocados ou que se colocam nas entrelinhas das descrições históricas. Apesar de compartilharmos com a lógica do pensamento de Hobsbawm (1998), quando o historiador coloca que, “se não há nenhuma distinção clara entre o que é verdadeiro e o que sentimos ser verdadeiro, então minha própria construção da realidade é tão boa quanto a sua ou a de outrem, “pois o discurso é produtor desse mundo, não o espelho””. (Hobsbawm, 1998, p. 286). Todavia, para melhor alicerçar didaticamente nossa análise de *Cassacos* e aprofundar nossa contextualização do que de fato marcou o ano de 1919 em Sobral, vejamos o tópico a seguir.

3.1.5.1. Os fatos que marcaram a história sobralense em 1919

Para iniciar, vamos amparar nossa pesquisa numa bibliografia que é marco no estudo sobre história de Sobral, *Cronologia Sobralense*, escrita em cinco volumes, por Araújo (1990). De forma cronológica, como demonstra o título da obra, Sobral vivenciou em:

1919

1 DE JANEIRO (4ª –feira): O ano novo começa com um surto de gripe, conhecida por “influenza espanhola”, trazendo inquietação à população.

3 DE JANEIRO (6ª – feira): O Desembargador Moreira da Rocha toma posse do cargo de Secretário de Interior de Justiça, do Governo João Tomé, em substituição ao Dr. José Sabóia.

2 DE FEVEREIRO (Domingo): Inaugura-se o “Colégio Diocesano Sobralense”, fundado por Dom José Tupinambá da Frota, com ensino primário e secundário. A direção foi confiada ao Pe. Joaquim Severiano de Vasconcelos. Destina-se ao sexo masculino e teve matrícula inicial de 74 rapazes, em regime de internato e externato. Funcionou no prédio onde hoje está a Santa Casa.

– A imprensa local noticia o falecimento do maestro Ciro Ciarlini, italiano, ocorrido na Granja. Lecionou música e piano em Sobral.

O Pe. Eurico de Melo Magalhães toma posse de Cura da Catedral, em substituição ao Pe. Francisco Leopoldo Fernandes.

9 DE FEVEREIRO (Domingo): Inaugura-se o “Internato do Colégio N. Sra. Da Assunção”, sob a direção de Dona Mocinha Rodrigues. Destina-se ao sexo feminino.

14 DE FEVEREIRO (6^a – feira): Chega a Sobral o Dr. Luis Viana, médico Sobralense recém-formado no Rio de Janeiro. Vai abrir consultório na cidade.

19 DE MARÇO (2^a – feira): configura-se a seca desse ano.

25 DE MARÇO (3^a – feira): Inaugura-se o “Liceu Sobralense”, escola de ensino secundário criado pelo governo João Tomé. A direção foi entregue ao Dr. Rui Monte. A matrícula inicial foi de 106 alunos. Foi extinto em julho de 1920 pelo Presidente Justiniano de Serpa.

— O Prefeito Dr. José Jácome inaugura o pavilhão de ferro do mercado público.

10 DE MAIO (Sábado): A imprensa local noticia a chegada dos astrônomos ingleses Cromellin e Davidson enviados de Londres para fotografar o próximo eclipse do sol com o fim de medir o peso da luz e confirmar a Teoria da Relatividade de Einstein. Chegam também, nesse dia, as comissões científicas norte-americana e brasileira de astrônomos. A cidade toma um ar de festa com a presença dos cientistas.

19 DE MAIO (2^a – feira): tem início a construção do Açude Forquilha dirigida pelo Dr. Rômulo Campos, paraense.

29 DE MAIO (5^a – feira): Às 7h46m começa em Sobral o eclipse do sol e se prolonga até 10h28m. É observado cuidadosamente pelos modernos instrumentos trazidos pelas comissões estrangeiras e nacionais que estão na cidade. A imprensa local traz longas reportagens sobre o acontecimento.

21 DE JUNHO (Sábado): para socorrer os flagelados da seca, dando-lhes trabalho, a imprensa comenta o começo das obras dos Açudes Forquilha, São Vicente, Várzea da Volta e Cachoeira, e o início da construção da Ferrovia Sobral – Itapipoca que está em estudo.

13 DE JULHO (5^a – feira): Inaugura-se o curso noturno do Liceu Sobralense, sob a direção do jovem educador e poeta José Deusdedit Mendes.

9 DE JULHO (4^a – feira): Retornam a Sobral, vindos de Fortaleza, os astrônomos ingleses Cromelin e Davidson para fotografar novamente as estrelas, junto às quais foi observado o eclipse do sol do dia 29 de maio, e apanhar os instrumentos científicos para levá-los de volta para a Inglaterra. Retornaram para a Europa no dia 22.

14 DE AGOSTO (5^a – feira): Em substituição ao Sr. Carlos Rocha, foi nomeado Promotor de Justiça de Sobral o Dr. Olavo Frota. Carlos Rocha assumiu as funções de contador do ramal da Ferrovia Sobral – Itapipoca.

20 DE SETEMBRO (Sábado): O “Colégio Diocesano Sobralense” fecha suas portas por motivo da seca e de

uma epidemia de gripe nos alunos. Fora inaugurado a 2 de fevereiro.

9 DE OUTUBRO (5ª – feira): Com 93 anos, falece o Cel. Gabriel Arcanjo Aguiar (Vol. P)

12 DE OUTUBRO (Domingo): O “Colégio São José”, dirigido pelas professoras Zezinha e Mocinha Parente, realiza bela cerimônia de 1ª comunhão de seus alunos, com artístico festival de encenação de um drama. Foi um primor de arte elogiado pelos outros semanários locais.

— O “Circo Valparaíso” abre temporada de espetáculos em Sobral.

19 DE OUTUBRO (Sábado): O “Correio da Semana” publica, na íntegra, os Estatutos do “Banco Popular de Sobral”, em fase de organização.

2 DE NOVEMBRO (Domingo): Falece o jornalista Vicente Loyola que durante doze anos manteve em circulação “O Rebate”.

18 DE NOVEMBRO (3ª – feira): Falece o Pe. Custódio Arcanjo de Vasconcelos, vigário de Santana do Acaraú, onde nascera a 16 de janeiro de 1878 (Araújo, 1990, p. 96 - 100).

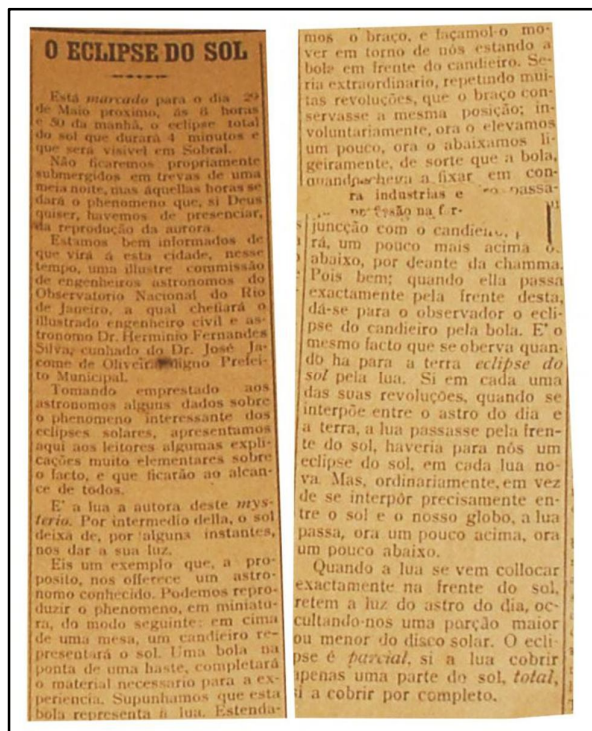
Outro documento de difícil acesso, para podermos nos apropriar do ano de 1919 em Sobral, é o acervo do Jornal *Correio da Semana*, um semanário de propriedade da Diocese, fundado em 1918. É o jornal mais antigo em circulação no Estado do Ceará, que, assim como todos os jornais, “não é ficção, mas é narrativa; como narrativa, pode ser interpretado como ficção” (Motta, 2004, p. 2).

Apesar da importância histórica do acervo, os exemplares do jornal encontram-se arquivados em péssimas condições, aliás, arquivados não, encaixotados sem nenhum cuidado, fazendo com que estejam em total estado de degradação, impossibilitando, até mesmo, o manuseio de suas páginas. Diante da situação, nos sujeitamos a fotografar os exemplares existentes dos anos de 1918 a 1920, para, a partir de então, tentarmos fazer algumas pesquisas.

Diante da situação em que se encontra o acervo do *Correio da Semana*, e considerando que foram publicados, na época, quatro jornais por mês, visto ser um semanário, a exposição que faremos ao leitor não terá datas precisas, mas, sim, o mês em que os artigos foram redigidos; não teremos o nome do articulista, por não constar nos artigos e não existir visualização necessária nos expedientes dos jornais. Por fim, a imagem dos artigos não possui uma boa resolução, apesar de terem sido fotografados por máquinas profissionais, por isso procuramos transcrevê-los à medida que conseguimos visualizar.

Todavia, até mesmo por preciosidade histórica da existência dos artigos e pelo valor histórico, fizemos questão de publicar suas imagens, apesar de todos os problemas já descritos.

Ainda assim, faremos um rápido comentário sobre cada artigo, buscando esclarecer algumas dúvidas quanto à visualização, ao mesmo tempo, estaremos proporcionando a contextualização de alguns fatos do ano em análise (1919), que foram destacados por esse semanário, além de podermos comparar aquilo que foi publicado com a cronologia descrita por Araújo (1990), anteriormente, e com as descrições feitas por Cordeiro de Andrade em *Cassacos*.



Documento 1 - O Eclipse do Sol

Ceará-Sobral - Sábado, 11 de Janeiro de 1919

Está marcado para o dia 29 de Maio proximo, ás 8 horas e 50 da manhã, o eclipse total do sol que durará 4 minutos e que será visível em Sobral.

Não ficaremos propriamente submergidos em trevas de uma meia noite, mas aquellas horas se dará o phenomeno que, si Deus quiser, havemos de presenciar, da reprodução da autora.

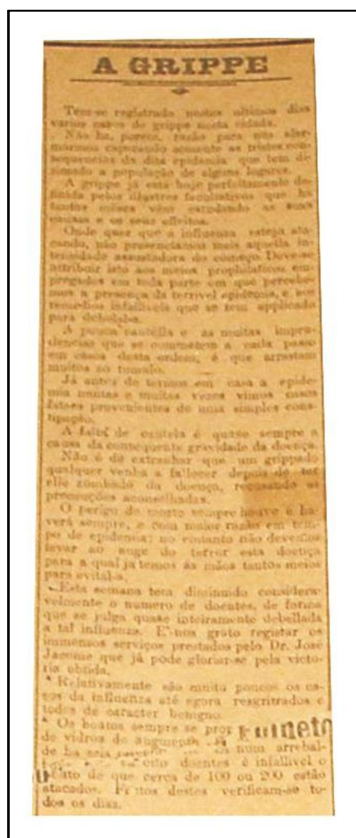
Estamos bem informados de que virá a esta cidade, nesse tempo, uma illustre commissão de engenheiros astronomicos do Observatorio Nacional do Rio de Janeiro, a qual chefiará o illustrado engenheiro civil e astronomico Dr. Herminio Fernandes Silva, cunhado do Dr. José Jacome de Oliveira digno Prefeito Municipal. Tomando emprestado aos astronomicos alguns dados sobre o phenomeno interessante dos eclipses solares, apresentamos aqui aos leitores algumas explicações muito elementares sobre o facto, e que ficarão ao alcance de todos.

É a lua a autora deste mysterio. Por intermédio della, o sol deixa de, por alguns instantes, nos dar a sua luz.

Eis um exemplo que, a propósito, nos offerece um astronomico conhecido. Podemos reproduzir o phenomeno, em miniatura, do modo seguinte: em cima de uma mesa, um candieiro representará o sol. (...)

Pois bem; quando Ella passa exactamente pela frente desta, dá-se para o observador o eclipse do candieiro pela bola. É o mesmo facto que se observa quando ha para a terra eclipse do sol pela lua. Si em cada uma das suas revoluções, quando se interpõe entre o astro do dia e a terra, a lua passasse pela frente do sol, haveria para nós um eclipse do sol, em cada lua nova. Mas, ordinariamente, em vez de se interpor precisamente entre o sol e o nosso globo, a lua passa, ora um pouco acima, ora um pouco abaixo.

Quando a lua se vem collocar exactamente na frente do sol, retém a luz do astro do dia, occultando-nos uma porção maior ou menor do disco solar. O eclipse é parcial, si a lua cobrir apenas uma parte do sol, total, si a cobrir por completo.



Documento 2 - A Grippe

Janeiro¹⁸

Tem se registrado nestes últimos dias vários casos de grippe nesta cidade.

Não há, porque razão para nos alarmamos esperando somente as tristes consequenciaa população de alguns lugares (...)

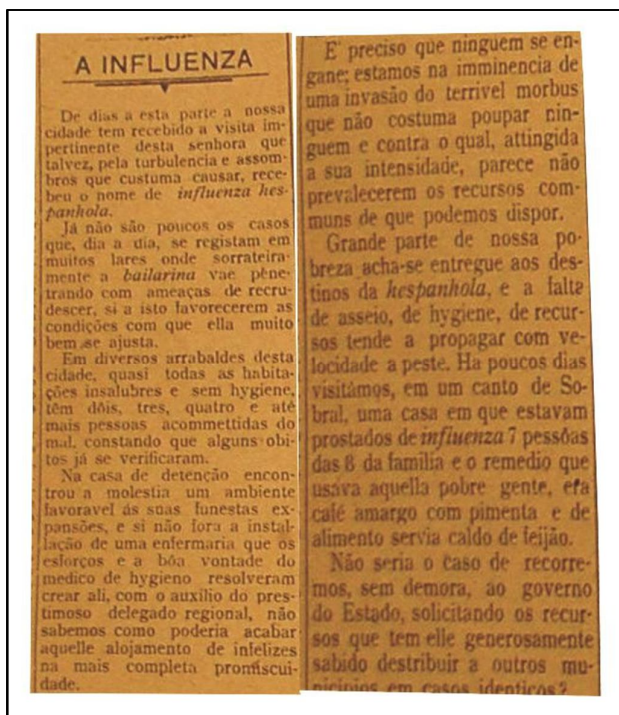
Já antes de termos em casa a epidemia muitas e muitas vezes vimos casos fataes provenientes de uma simples constipação.(...)

Esta semana tem diminuído consideravelmente o numero de doentes, de fomar que se julga quase inteiramente debellada a tal influenza. É-nos grato registrar os immensos serviços prestados pelo Dr. José Jacome que já pode gloriar-se pela victoria obtida.

Relativamente não muito poucos os casos da influenza até agora registrados e todos de carater benigno.

Os boatos sempre se propagam atravez de vidros de augmento. Si num arrebalde há seis ou oito doentes é infallivel o boato de que cerca de 100 ou 200 estão atacados. Factos destes verificam-se todos os dias.

¹⁸ Data não visualizada



Documento 3 - A Influenza

04 de Janeiro de 1919

De dias a esta parte a nossa cidade tem recebido a visita impertinente desta senhora que talvez, pela turbulência e assombros o nome de influenza hespanhola.

Já não são poucos os casos que, dia a dia, se registam em muitos lares onde sorrateiramente a bailarina vae penetrando com ameaças de recrudescer, si a isto favorecerem as condições com que Ella muito bem se ajusta.

Em diversos arrabaldes desta cidade, quasi todas as habitações insalubres e sem hygiene, têm dóis, tres, quatro e até mais pessoas acommetidas do mal, constando que alguns óbitos já se verificaram.

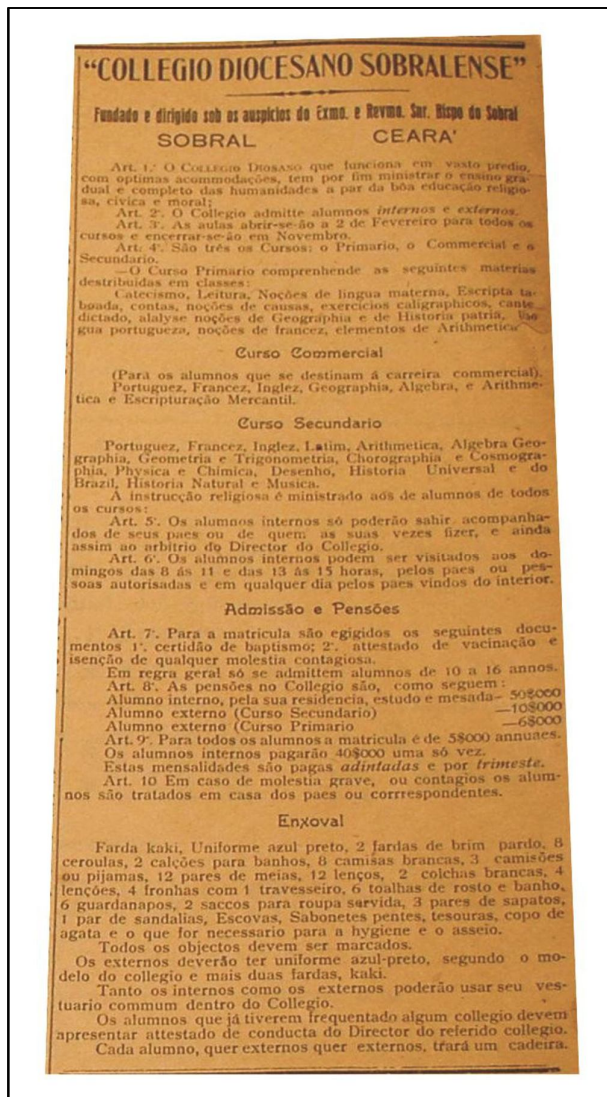
Na casa de detenção encontrou a moléstia um ambiente favorável ás suas funestas expansões, e si não fora a installação de uma enfermaria que os esforços de uma enfermaria que os esforços e a boa vontade do medico de hygiene resolveram crear ali, com o auxilio do prestimoso delegado regional, não sabemos como poderia acabar aquelle alojamento de infelizes na mais completa pronuscuidade.

É preciso que ninguem se engane; estamos na imminencia de uma invasão do terrivel morbus que não costuma poupar ninguem e contra o qual, attingida a sua intesidade, parece não prevalecerem os recursos comuns de que podemos dispor.

Grande parte de nossa pobreza acha-se entregue aos destinos da hespanhola, e a falat de asseio, de hygiene, de recursos tende a propagar com velocidade a peste. Ha poucos dias visitamos, em um canto de Sobral, uma casa em que estavam prostados de influenza 7 pessoas das 8 da família e o remédio que usava aquella pobre gente, era café amargo com pimenta e de alimento servia caldo de feijão.

Não seria o caso de recorremos, sem demora, ao governo do Estado, solicitando os recursos que tem elle generosamente sabido distribuir a outros municipios em casos idênticos?

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



Documento 4 – Collegio Diocesano Sobralense

04 de Janeiro de 1919

Fundado e dirigido sob os auspícios do Exmo. E Revmo. Sr. Bispo de Sobral

Art. 1º: O Collegio Diocesano que funciona em vasto predio, com optimas accomodações, tem por fim ministrar o ensino gradual e completo das humanidades a par da boa educação religiosa, cívica e moral;

Art. 2º: O Collegio admite alumnos internos e externos.

Art. 3º: As aulas abrir-se-ão a 2 de Fevereiro para todos os cursos e encerrar-se-ão em Novembro.

Art. 4º: São três os Cursos: o Primario, o Commercial e o Secundario.

- O Curso Primario comprehende as seguintes matérias distribuidas em classes:

Catecismo, Leitura, Noções de lingua materna, Escripção, taboada, contas, noções de causas, exercícos caligraphicos, cante, dictado, alalyse noções de Geographia e de História pátria, lingua portugueza, noções de francez, elementos de Arithmetica.

Curso Commercial

(Para os alumnos que se destinam á carreira commercial).

Portuguez, Francez, Inglez, Geographia, Algebra, e Arithmetica e Escripção Mercantil.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

Curso Secundario

Portuguez, Francez, Inglez, Latim, Arithmetica, Algebra Geographia, Geometria e Trigonometria, Chorographia e Cosmographia, Physica e Chimica, Desenho, Historia Universal e do Brazil, Historia Natural e Musica.

A instrução religiosa é ministrado aos de alumnos de todos os cursos:

Art. 5º: Os alumnos internos só poderão sahir acompanhados de seus Paes ou de quem as suas vezes fizer, e ainda assim ao arbítrio do Director do Collegio.

Art. 6º: Os alumnos internos podem ser visitados aos domingos das 8 às 11 e das 13 às 15 horas, pelos paes ou pessoas autorisadas e em qualquer dia pelos paes vindos do interior.

Admissão e Pensões

Art. 7º: Para a matricula são egigidos os seguintes documentos 1º. certidão de baptismo; 2º. Attestado de vacinação e isenção de qualquer moléstia contagiosa.

Em regra geral só se admittem alumnos de 10 a 16 annos.

Art. 8º. As pensões no Collegio são, como seguem:

Alumno interno, pela sua residencia, estudo e mesada - 50\$000

Alumno externo (Curso Secundario) - 10\$000

Alumno externo (Curso Primario)-6\$000

Art. 9º. Para todos os alumnos a matricula é de 5\$000 annuaes.

Os alumnos internos pagarão 40\$000 uma só vez.

Estas mensalidades são pagas *adintadas* e por *trimestre*.

Art. 10. Em caso de moléstia grave, ou contágios os alumnos são tratados em casa dos paes ou correspondentes.

Enxoval

Farda kaki, Uniforme azul preto, 2 fardas de brim pardo, 8 ceroulas, 2 calções para banhos, 8 camisas brancas, 3 camisões ou pijamas, 12 pares de meias, 12 lenços, 2 colchas brancas, 4 lenções, 4 fronhas com 1 travesseiro, 6 toalhas de rosto e banho, 6 guardanapos, 2 saccos para roupa servida, 3 pares de sapatos, 1 par de sandálias, Escovas, Sabonetes, pentes, tesouras, copo de ágata e o que for necessario para a hygiene e o asseio.

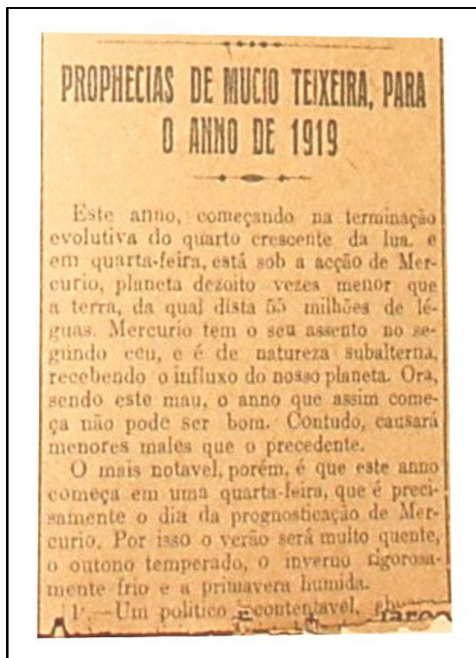
Todos os objectos devem ser marcados.

Os externos deverão ter uniforme azul-preto, segundo o modelo do collegio e mais duas fardas, kaki.

Tanto os internos como os externos poderão usar seu vestuário commum dentro do Collegio.

Os alumnos que já tiverem freqüentado algum collegio devem apresentar attestado de conducta do Director do referido collegio.

Cada alumno, quer externos quer externos, trará um cadeira.

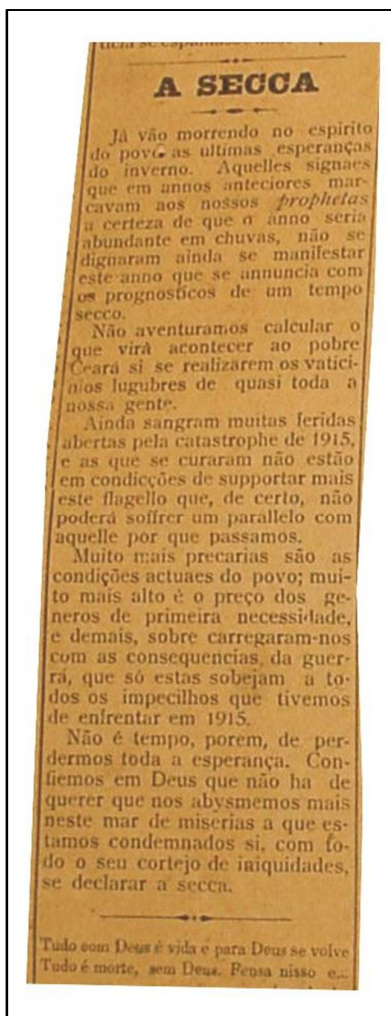


Documento 5 – Prophecias de Mucio Teixeira para o anno de 1919

8 de Fevereiro de 1919

Este anno, começando na terminação evolutiva do quarto crescente da lua, e em quarta-feira, está sob a acção de Mercurio, planeta dezoito vezes menor que a terra, da qual dista 55 milhões de léguas. Mercurio tem o seu assento no segundo ceu, e é de natureza subalterna, recebendo o influxo do nosso planeta. Ora, sendo este mau, o anno que assim começa não pode ser bom. Contudo, causará menores males que o precedente.

O mais notável, porém, é que este anno começa em uma quarta-feira, que é precisamente o dia da prognosticação de Mercurio. Por isso o verão será muito quente, o outono temperado, o inverno rigorosamente frio e a primavera húmida (...).



Documento 6 - A Secca

Fevereiro¹⁹

Já vão morrendo no espírito do povo as ultimas esperanças do inverno. Aquelles signares que em annos anteriores marcavam aos nosso *prophetas* a certeza de que o anno seria abundante em chuvas, não se dignaram ainda se manifestar este anno que se annuncia com os prognosticos de um tempo secco.

Não aventuramos calcular o que virá acontecer ao pobre Ceará si se realizarem os vaticínios lúgubres de quasi toda a nossa gente.

Ainda sangram muitas feridas abertas pela catastrophe de 1915, e as que se curaram não estão em condições de supportar mais este flagello que, de certo, não poderá soffrer um parallelo com aquelle por que passamos.

Muito mais precárias são as condições actuaes do povo; muito mais alto é o preço dos gêneros de primeira necessidade, e demais, sobre carregaram-nos com as consequencias da guerra, que só estas sobejam a todos os impecilhos que tivemos de enfrentar em 1915.

Não é tempo, porem, de perdemos toda a esperança. Confiemos em Deus que não ha de querer que nos abysmemos mais neste mar de miserias a que estamos condemnados si, com todo o seu cortejo de iniquidades, se declarar a secça.

¹⁹Data não visualizada.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



Documento 7 - A Fome

5 de Abril de 1919

A fome ameaça o Ceará - a terra da luz - na phrase do poeta.

A providencia parece ter predestinado o Ceará para soffrer grande parte, a sua grandeza dos seus sofrimentos.

A certeza fatal de que este anno não seremos agraciados com o precioso dom do inverno que constitue a alegria de nossa terra, a vida dos nosso campos, cahiu pesadamente sobre nós como um decreto condemnatorio e irrevogável, como uma sentença de morte.

E o povo, o infeliz povo, a massa anonyma, acaçapado sob a inclemência do tempo, esmagado sob o guante dos poderosos inclementes, geme deplora amargamente a sua miseria.

Isso se passa a luz meridiana do equador, às faces da decantada "terra da luz". E o indigente, mergulhado na sua pobreza, na sua miseria, sentido os terriveis calafrios da fome amesquinhar-lhe o ser, muitas vezes procura um raio de luz que lhe levante o espirito, e só encontra as trevas, as asphixiantes trevas do abandono e da deshumanidade (...).

Em nossa terra morre-se de fome... vae-se morrer de fome.

Sentença mais que cruel, mais que terrível!

Então onde estão os meios de salvação para um povo que possui tradiçõestão gloriosas?! Os paes da pátria, os nossos paes... os responsáveis directos pelos nossos destinos...

Estes tomam ares de uma solicitude paternal, erguem-se de suas curúes e nos acenam que esperemos um instante enquanto se assignam as papeleiras dos ministérios. Acenam como si fome podesse esperar.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

A índole sofredora e paciente do cearense fá-lo esperar pelas chuvas até os últimos dias de Março.

Neste interim todas as aperturas, todas as necessidades elle tolera com o mais bello heroísmo, alimentado pela doce esperança do inverno.

Falhando taes esperanças desfallece o infeliz necessitado e deixa-se vencer como o leão ferido gravemente em pleno peito.

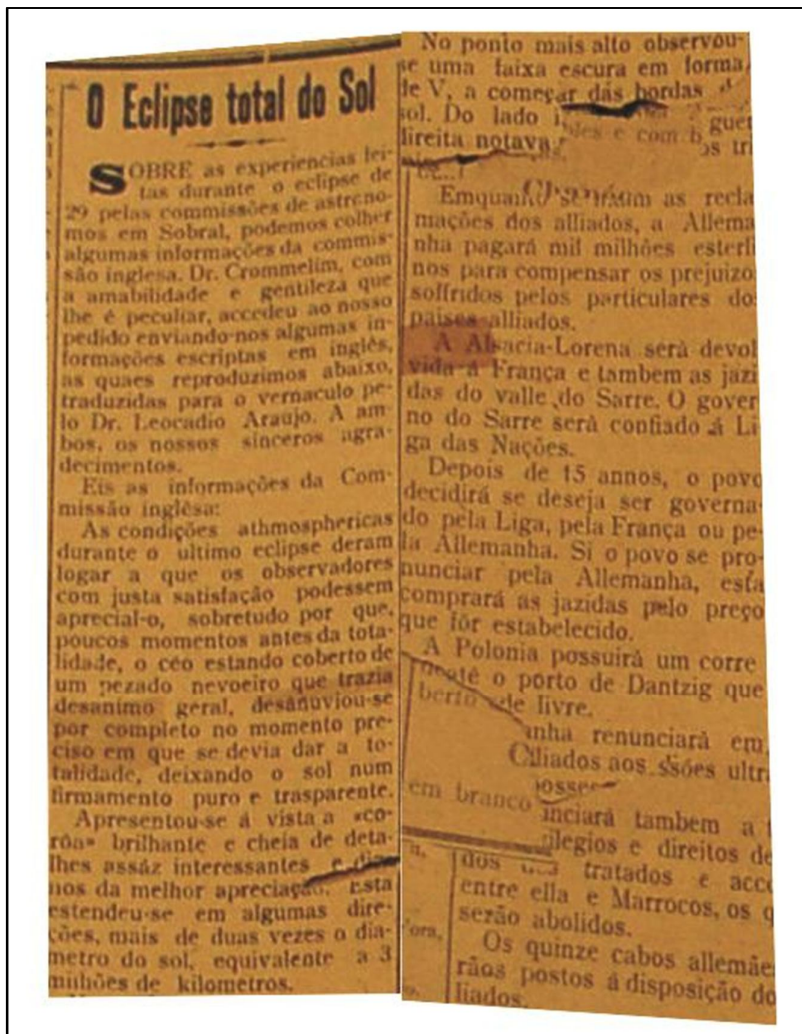
Ele vae, portanto, com suas esperanças até quando tomba extenuado, sem recursos, atingido pela miséria. E' um vencido, é um fraco que reclamo o socorro daqueles que ainda tiveram a desgraça de cahir vencidos como elleno campo de lucta.

E' o império da fome que de fauces escancaradas pretende inocular-se no organismo social.

Dois, três, quatro dias de fome – vós, ricos, jamais podereis avaliar os seus efeitos phisicos e Moraes (...)

Não lhe batamos a porta - são nossos irmãos desfavorecidos da sorte que se chegam até nós reclamando o direito sagrado de viver, o direito da existencia num pedaço de pão.

Não assassinemos os nossos irmãos deixando de, com elles, repartir o nosso pão que salva a nossa vida e a delles.



Documento 8 – O eclipse total do sol

7 de Junho de 1919

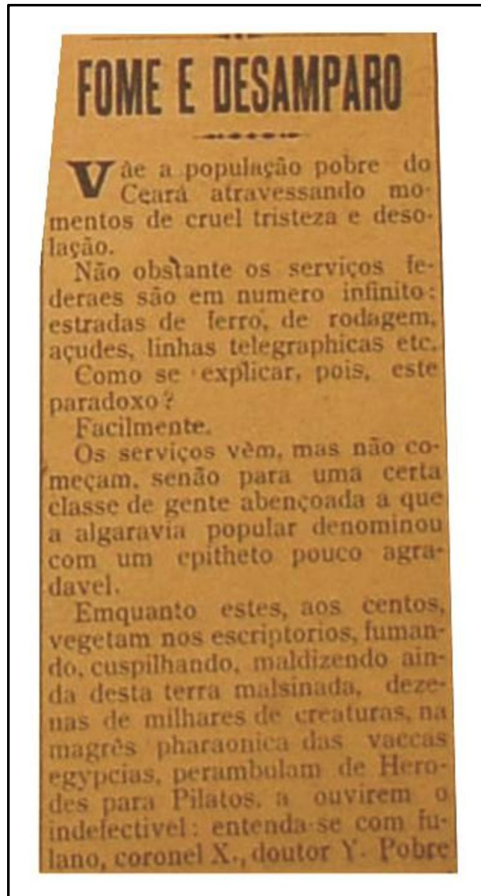
Sobre as experiências feitas durante o eclipse de 29 pelas comissões de astrónomos em Sobral, podemos colher algumas informações da comissão inglesa. Dr. Crommelin, com a amabilidade e gentileza que lhe é peculiar, accedeu ao nosso pedido enviando-nos algumas informações escriptas em inglês, as quaes reproduzimos abaixo traduzidas para o vernaculo pelo Dr. Leocadio Araujo. A ambos, os nossos sinceros agradecimentos.

Eis as informações da Comissão inglesa:

As condições athmosphericas durante o ultimo eclipse deram logar a que os observadores com justa satisfação podessem apreciar-o, sobretudo por que, poucos momentos antes da totalidade, o céu estando coberto de um pezado nevoeiro que trazia desanimo geral, desanuviou-se por completo no momento preciso em que se devia dar a totalidade, deixando o sol num firmamento puro e transparente.

Depois de 15 annos, o povo decidirá se deseja ser governado pela Liga, pela França ou pela Allemanha. Si o povo se pronunciar pela Allemanha, esta comprará as jazidas pelo preço que for estabelecido.(...)

Os quinze cabo allemães serão postos á disposição dos alliados.



Documento 9 – Fome e desamparo

19 de Julho de 1919

M. de C. (do Boletim Mundial)

Vão a população pobre do Ceará atravessando momentos de cruel tristeza e desolação.

Não obstante os serviços federaes são em numero infinito: estradas de ferro, de rodagem, açudes, linhas telegraphicas etc.

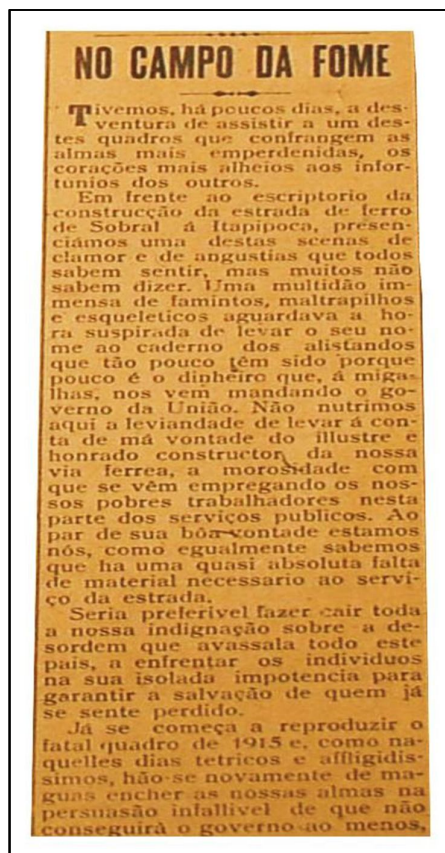
Como se explicar, pois, este paradoxo?

Facilmente.

Os serviços vêm, mas não começam, senão para uma certa classe de gente abençoada a que a algaravia popular denominou com um epitheto pouco agradável.

Emquanto estes, aos centos, vergetam nos escriptorios, fumando, cuspilhando, maldizendo ainda desta terra malsinada, dezenas de milhares de creaturas, na magrês pharaonica das vaccas egypcias, perambulam de Herodes para Pilatos, a ouvirem o indelectivel: entenda-se com fulano, coronel X, doutor Y. Pobre [...]

E, depois, porque não dizer - fazem menos callos.



Documento 10 – No campo da fome

19 de Julho de 1919

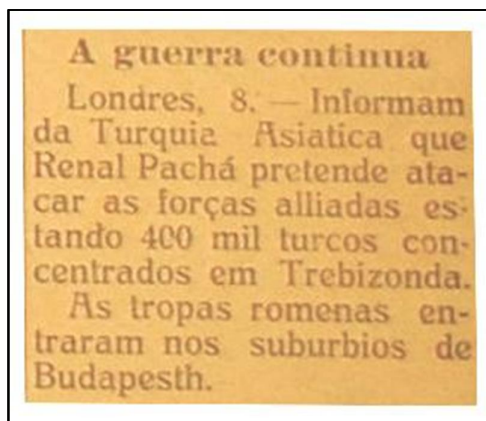
Tivemos, há poucos dias, a desventura de assistir a um destes quadros que confrangem as almas mais emperdenidas, os corações mais alheios aos infortúnios dos outros.

Em frente ao escriptorio da construção da estrada de ferro de Sobral á Itapipoca, presenciámos uma destas scenas de clamor e de angustias que todos sabem dizer. Uma multidão imensa de famintos, maltrapilhos e esqueléticos aguardava a hora suspirada de levar o seu nome ao caderno dos alistandos que tão pouco têm sido porque pouco é o dinheiro que, á migalhas, nos vem mandando o governo da União. Não nutrimos aqui a leviandade de levar á conta de má vontade do illustre e honrado constructor da nossa via ferrea, a morosidade com que se vêm empregando os nossos pobres trabalhadores nesta parte dos serviços publicos. Ao par de sua boa vontade estamos nós, como igualmente sabemos que ha uma quasi absoluta falta de material necessario ao serviço da estrada.

Seria preferivel fazer cair toda a nossa indignação sobre a desordem que avassala todo este pais, a enfrentar os individuos na sua isolada impotência para garantir a salvação de quem já se sente perdido.

Já se começa a reproduzir o fatal quadro de 1915 e, com naquelles dias tetricos e affligidissimos, não-se novamente de maguas encher as nossas almas na persuasão infallivel de que não conseguirá o governo ao menos, par com os nossos votos pela sua felicidade pessoal, completo êxito na grandiosa empresa que lhe confiou o governo da União. Prova de seus reconhecidos méritos e alta illustração na nobre profissão que abraçou.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

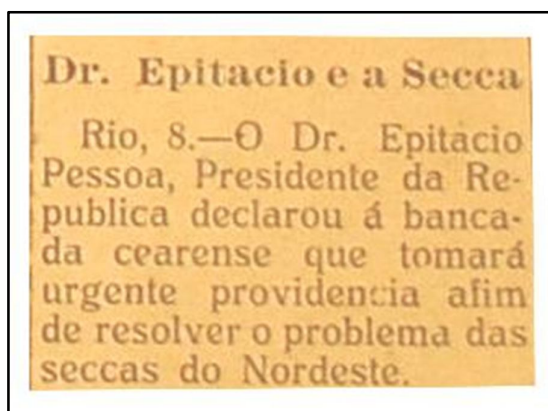


Documento 11 – A guerra continua

2 de Agosto de 1919

Londres, 8. - Informam da Turquia Asiatica que renal Pachá pretende atacar as forças aliadas estando 400 mil turcos concentrados em Trebizonda.

As tropas romenas entraram nos subúrbios de Budapesth.



Documento 12 – Dr. Epitácio e a Secca

2 de Agosto de 1919

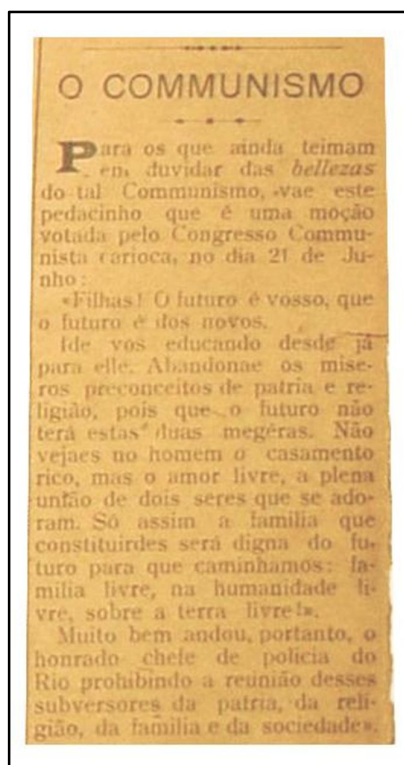
Rio, 8. - O Dr. Epitacio Pessoa, Presidente da Republica declarou á bancada cearense que tomará urgente providencia a fim de resolver o problema das seccas do Nordeste.



Documento 13 – Liga feminina pro-flagelados

30 de Agosto de 1919

Foi fundada hontem nesta cidade a Liga Feminina pro-Flagelados cujo fim é o soccorro prompto e efficaz a pobreza abandonada. É uma associação que de há muito vinha se impondo aos bons sentimentos dos sobralenses (...).



Documento 14 - O Comunismo

2 de Agosto de 1919

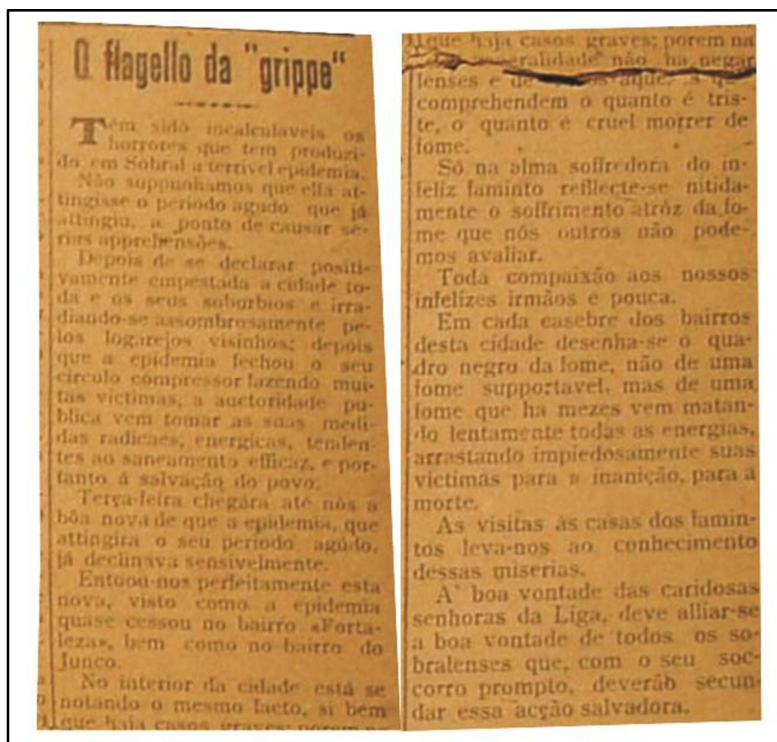
Para os que ainda teimam em duvidar das bellezas do tal Communismo, vae este pedacinho que é uma moção votada pelo Congresso Communista carioca, no dia 21 de junho:

Filhas! O futuro é vosso, que o futuro é dos novos.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

Ide vos educando desde já para elle. Abandonae os míseros preconceitos de pátria e religião, pois que o futuro não terá estas duas megéras. Não vejaes no homem o casamento ricos, mas o amor livre, a plena união de dois seres que se adoram. Só assim a familia que constituirdes será digna do futuro para que caminhamos: família livre, na humanidade livre, sobre a terra livres.

Muito bem andou, portanto, o honrado chefe de policia do Rio prohibindo a reunião desses subversores da patria, da religião, da família e da sociedades.



Documento 15 - O Flagello da "grippe"

30 de Agosto de 1919

Tem sido incalculáveis os horrores que tem produzido em Sobral a terrível epidemia.

Não suppunhamos que Ella attingisse o período agudo que já attingiu, a ponto de causar serias apreensões.

Depois de se declarar positivamente empestada a cidade toda e os seus subúrbios e irradiando-se assombrosamente pelos logarejos visinhos: depois que a epidemia fechou o seu circulo compressor fazendo muitas victimas, a auctoridade publica vem tomar as suas medidas radicaes, enérgicas, tendentes ao saneamento efficaz, e portanto á salvação do povo.

Terça-feira chegara até nós a boa nova de que a epidemia, que attingira o seu período agudo, já declinava sensivelmente.

Entoou-nos perfeitamente esta nova, visto como a epidemia quase cessou no bairro Fortaleza, bem como no bairro do Junco (...).

Só na alma soffredora do infeliz faminto reflecte-se nitidamente o solfrimento atróz da fome que nós outros não podemos avaliar.

Toda compaixão aos nossos infelizes irmãos e pouca.

Em cada casebre dos bairros desta cidade desenha-se o quadro negro da fome, não de uma fome que ha mezes vem matando lentamente todas as energias, arrastando impiedosamente suas victimas para a inanição, para a morte.

As visitas as casas dos famintos leva-nos ao conhecimento dessas miserias.

A boa vontade das caridosas senhoras da Liga, deve alliar-se a boa vontade de todos os sobralenses que, com o seu socorro prompto, deverão secundar essa acção salvadora.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

Violências e ameaças
Londres, 8. — Chegam notícias que Lenine vai iniciar o regimen de violências politicas intrigando o governo Trotsky.

Documento 16 – Violências e ameaças

2 de Agosto de 1919

Londres, 8. - Chegam notícias que Lenine vai iniciar o regimen de violências políticas intrigando o governo Trotsky.

A verdade sobre os factos

PRESENTEMENTE nenhuma questão se nos apresenta de tão difficil solução como a do socorro aos pobres famintos que já começaram a morrer de fome.

Dia a dia se agrava consideravelmente a situação desses infelizes e sempre a se verificar com tristeza a inefficacia de alguns socorros providos dos poderes publicos e da commiseração dos particulares.

Ha bem pouco tempo a simples conjectura de que na cidade de Sobral poderiam morrer de fome os nossos desventurados irmãos, melindrava os nossos sentimentos altruísticos e humanitários, fazendo valer bem alto os nossos titulos de povo civilizado.

Esta perspectiva de ha poucos meses despertara nossa attenção, quando o desgano do inverno fez explodir, em todos os recantos do Ceará, o mal latente—a fome, a cruel fome que ha tanto tempo vinha golpeando impiedosamente os nossos infelizes irmãos, desprotegidos da sorte.

O incendio da secca devorara-lhe tudo: a lavoura nulla, o gado extinto, as ultimas economias dissipadas naquelle periodo angustioso de esperanças mallogradas.

Da conjectura passámos agora á realidade dessas sinistras apprehensões—morre-se de fome.

Que não nos pareça assim tão natural este facto de se morrer de fome.

Naufrago da sorte, o faminto—este espectro de homem—traçando n'alma a noite do infortunio e o horror da morte, teve um momento de conforto nesta trajetoria dolorosa de soffrimentos indescriptiveis, teve um lampejo de esperança: os socorros do Governo. Era o desejo impetuoso e irresistivel de viver, e quem não o tem?

Foi como uma fragil taboia salvadora em meio do oceano procelloso exposta aos olhares cubicosos de milhares de naufragos que se debatem pela vida.

Os socorros publicos são limitados demais para a multidão de flagellados que improficuamente se acotovelam todos os dias á porta dos escriptorios dos engenheiros. Esta scena se repete quotidianamente e os infelizes flagellados voltam-se para os seus ranchos, famintos como foram, levando cada dia um desgano a mais, uma desesperança—uma tortura.

Transidos de fome, dos escriptorios passam ás ruas da cidade supplicando uma migalha de pão para si e para os filhinhos que choram com fome.

No entanto não são assim tão infelizes estes como os que definham em suas casas sem podem percorrer as ruas em procura da esmola. A acção bemfeitora da Liga feminina não lhes é sufficiente e a caridade particular não os vai procurar em suas casas para soccorrel-os.

O que bem se pode notar é a insufficiencia dos socorros, quer publicos, quer particulares.

Metade dos flagellados que estacionam nesta cidade, está entregue á mercê da sua desgraçada sorte, aguardando a morte, como sentenciados, sem ter para quem appellar.

O numero de famintos nesta cidade é enorme.

A Liga feminina protege somente aos intiramente desprotegidos e impossibilitados do trabalho. Protege um numero muito limitado, devido á exiguidade dos seus recursos, e no entanto tem alistadas mais de 400 familias. Mesmo assim não podemos dizer que sejam protegidas essas familias, pois o quinhão semanal que cabe a cada uma destas familias dá muito mal para um dia.

Porque? Pela deficiencia de meios, si bem que a Liga não poupe esforços para angariar esmolas.

Mal amparados assim é que têm succumbido á fome muitos pobres.

Até á hora em que escrevemos estas linhas, não sabemos si foram tomadas pelos poderes publicos outras medidas, praticas e efficazes, para o socorro de mais de metade dos flagellados que estão desamparados, sem serviço, e portanto, sem meios de escaparem á cruel sorte de morrerem de fome.

Documento 17 - A verdade sobre os factos

13 de Setembro de 1919

Presentemente nenhuma questão se nos apresenta de tão difficil solução como a do socorro aos pobres famintos que já começaram a morrer de fome.

Dia a dia se agrava consideravelmente a situação desses infelizes e sempre a se verificar com tristeza a inefficacia de alguns socorros providos dos poderes publicos e da commiseração dos particulares.

Ha bem pouco tempo a simples conjectura de que na cidade de Sobral poderiam morrer de fome os nossos desventurados irmãos, melindrava os nossos sentimentos altruísticos e humanitários, fazendo valer bem alto os nossos titulos de povo civilizado.

Esta perspectiva de ha poucos meses despertara nossa attenção, quando o desgano do inverno fez explodir, em todos os recantos do Ceará, o mal latente—a fome, a cruel fome que ha tanto tempo vinha golpeando impiedosamente os nossos infelizes irmãos, desprotegidos da sorte (...).

Da conjectura passamos agora á realidade dessas sinistras apprehensões - morre-se de fome.

Que não nos pareça assim tão natural este facto de se morrer de fome.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

Naufrago da sorte, o faminto - este espectro de homem - trazendo n'alma a noite do infortunio e o horror da morte, teve um momento de conforto nesta trajetória dolorosa de sofrimentos indescritíveis, teve um lampejo de esperança: os socorros do Governo. Era o desejo impetuoso e irresistível de viver, e quem não o tem?

Foi como uma frágil taboa salvadora em meio do oceano procelloso exposta aos olhares cubiçosos de milhares de naufragos que se debatem pela vida.

Os socorros publicos são limitados demais para a multidão de flagellados que improficuamente se acotovelam todos os dias á porta dos escriptorios dos engenheiros. Esta scena se repete quotidianamente e os infelizes flagellados voltam-se para os seus ranchos, famintos como foram, levando cada dia um desengano a mais, uma desesperança - uma tortura.

Transidos de fome, dos escriptorios passam ás ruas da cidade supplicando uma migalha de pão para si e para os filhinhos que choram com fome.

No entanto não são assim tão infelizes estes como os que definham em suas casas sem poderem percorrer as ruas em procura da esmola. A acção bemfeitora da Liga femenina não lhes é sufficiente e a caridade particular não os vae procurar em suas casas para soccorrel-os.

O que bem se pode notar é a insufficiencia dos socorros, quer publicos, quer particulares.

Metade dos flagellados que estacionam nesta cidade, está entregue a mercê da sua desgraça sorte, aguardando a morte, como sentenciados, sem ter para quem appellar.

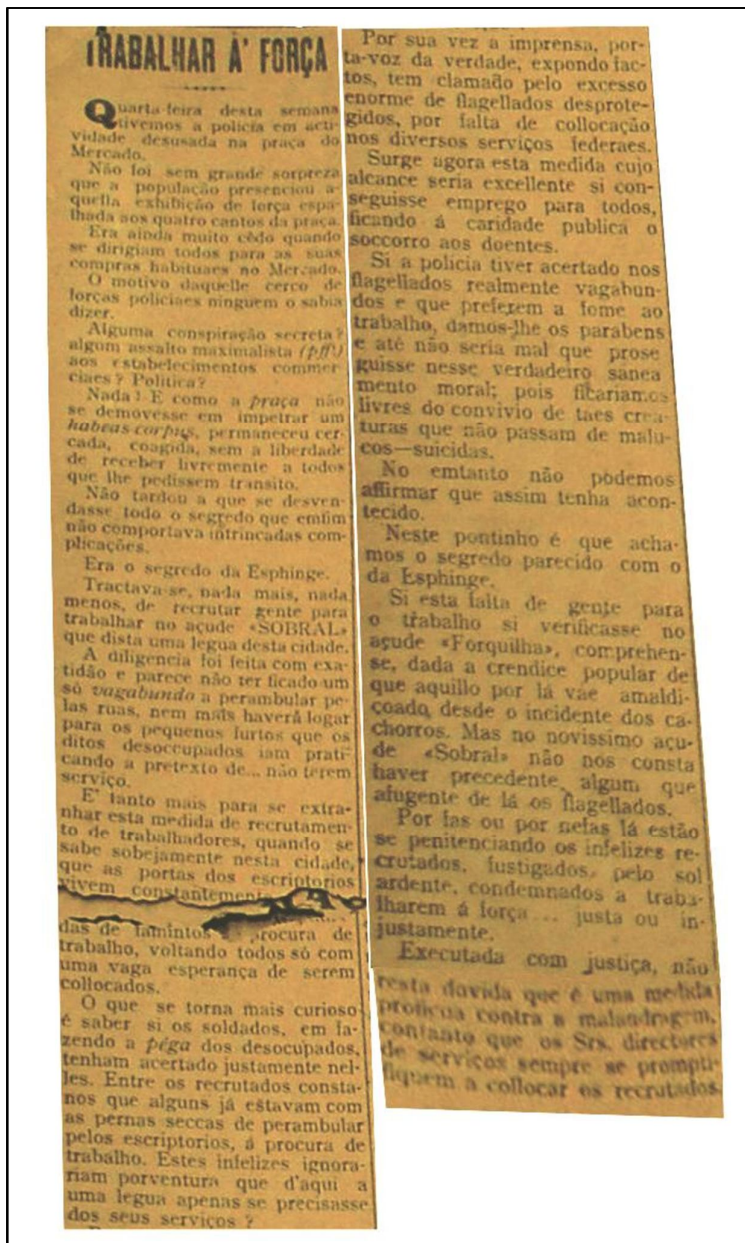
O numero de famintos nesta cidade é enorme.

A Liga feminina protege somente aos inteiramente desprotegidos e impossibilitados do trabalho. Protege um numero muito limitado, devido a exigüidade dos seus recursos, e no emtanto tem alistadas mais de 400 familias. Mesmo assim não podemos dizer que sejam protegidas essas famílias, pois o quinhão semanal que cabe a cada uma destas famílias dá muito mal para um dia.

Porque? Pela deficiência de meios, si bem que a Liga não poupe esforços para angariar esmolos.

Mal amparados assim é que têm succumbido á fome muitos pobres.

Até á hora em que escrevemos estas linhas, não sabemos si foram tomadas pelos poderes publicos outras medidas, praticas e efficazes, para o socorro de mais de metade dos flagellados que estão desamparados, sem serviço, e portanto, sem meios de escaparem á cruel sorte de morrerem de fome.



Documento 18 - Trabalhar à Força

20 de Setembro de 1919

Quarta-feira desta semana tivemos a policia em actividade desusada na praça do Mercado.

Não foi sem grande surpresa que a população presenciou aquella exhibição de força espalhada aos quatro cantos da praça.

Era ainda muito cedo quando se dirigiam todos para as suas compras habituaes no Mercado.

O motivo daquelle cerco de forças policiaes ninguem o sabia dizer.

Alguma conspiração secreta? Algum assalto maximalista (PM) aos estabelecimentos commerciaes? Politica?

Nada! E como a praça não se demovesse em impetrar um *habeas corpus* permaneceu cercada, coagida, sem a liberdade de receber livremente a todos que lhe pedissem transito.

Não tardou a que se desvendasse todo o segredo que emfim não comportava intrincadas complicações.

Era o segredo da Espinghe.

Tractava-se, nada mais, nada menos, de recrutar gente para trabalhar no açude SOBRAL que dista uma légua desta cidade.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

A diligencia foi feita com exatidão e parece não ter ficado um só vagabundo a perambular pelas ruas, nem mais haverá logar para os pequenos furtos que os ditos desocupados iam praticando a pretexto de... não terem serviço (...).

O que se torna mais curioso é saber se os soldados, em fazendo a pega dos desocupados, tenham acertado justamente nelles. Entre os recrutados constanos que alguns já estavam com as pernas seccas de perambular pelos escriptorios, a procura de trabalho. Estes infelizes ignorariam porventura que d'aqui a uma légua apenas se precisasse dos seus serviços?

Por sua vez a imprensa, porta-voz da verdade, expondo factos, tem clamado pelo excesso enorme de flagellados desprotegidos, por falta de collocação nos diversos serviços federaes.

Surge agora esta medida cujo alcance seria excellente si conseguisse emprego para todos, ficando a caridade publicao socorro aos doentes.

Si a policia tiver acertado nos flagellados realmente vagabundos e que preferem a fome ao trabalho, damos-lhe o parabens e até não seria mal que proseguisse nesse verdadeiro saneamento moral; pois ficaríamos livres do convivio de taes creaturas que não passam de malucos-suicidas.

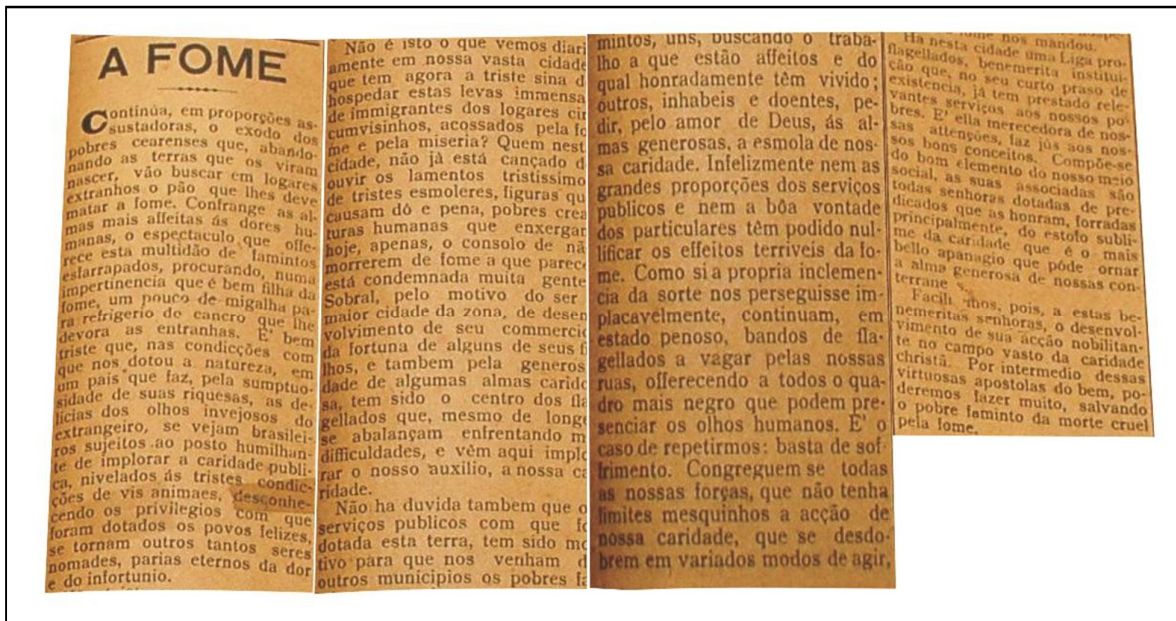
No entanto não podemos affirmar que assim tenha acontecido.

Neste pontinho é que achamos o segredo parecido com o da Esphinge.

Si esta falta de gente para o trabalho si verificasse no açude Forquilha comprehense, dada a credence popular de que aquillo por lá vae amaldiçoado, desde o incidente dos cachorros. Mas no novissimo açude Sobral não nos consta haver precedente algum que afugente de lá os flagellados.

Por fas ou por nelas lá estão se penitenciando os infelizes recrutados, fustigados, pelo sol ardente, condemnados a trabalharem á força... justa ou injustamente.

Executada com justiça, não resta duvida que é uma medida pratica contra a malandragem, contanto que os Srs. Directores de serviços sempre se promptifiquem a collocar os recrutados.



Documento 19 - A Fome

11 de Outubro de 1919

Continua, em proporções assustadoras, o exodo dos pobres cearenses que, abandonando as terras que os viram nascer, vão buscar em lugares estranhos o pão que lhe deve matar a fome. Confrange as almas mais afeitas ás dores humanas, o espectáculo que offerece esta multidão de famintos esfarrapados, procurando, numa impertinência que é bem filha da fome, um pouco de migalha

para refrigerio de cancro que lhe devora as entranhas. É bem triste que, nas condições com que nos dotou a natureza, em um país que faz, pela sumptuosidade de suas riquezas, as delícias dos olhos invejosos do estrangeiro, se vejam brasileiros sujeitos ao posto humilhante de implorar a caridade publica, nivelados ás tristes condições de vis animaes, desconhecendo os privilégios com que foram dotados os povos felizes, se tornam outros tantos seres nômades, parias eternos da dor e do infortúnio.

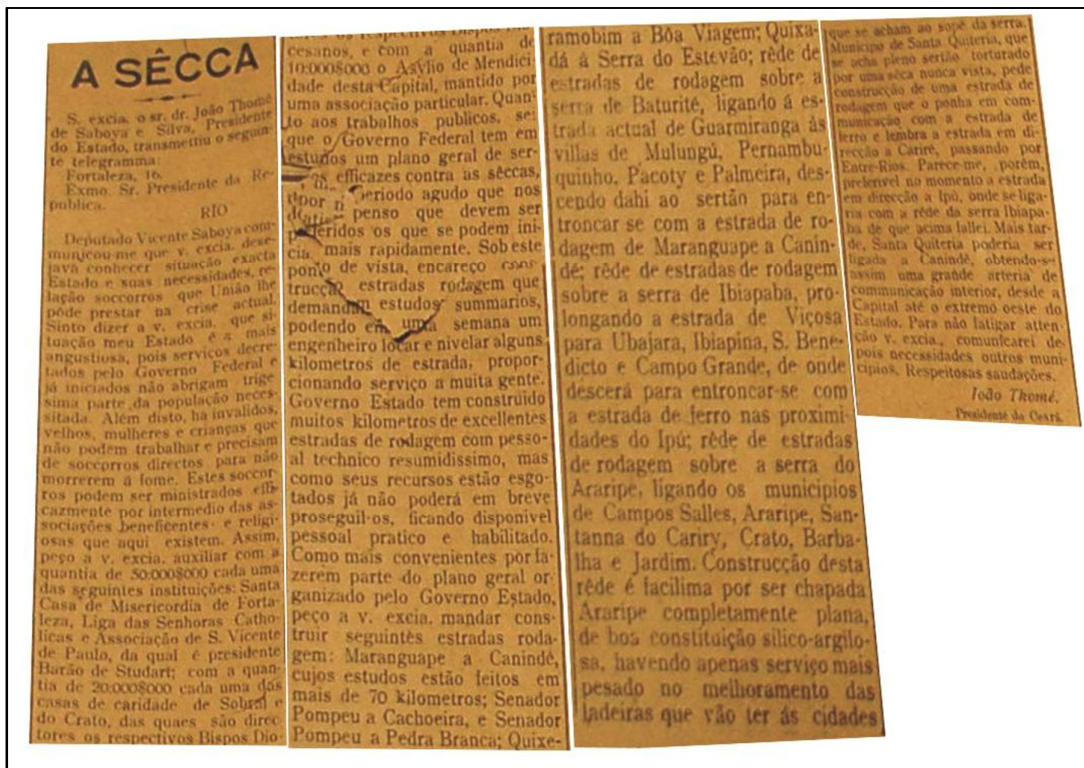
Não é isso que vemos diariamente em nossa vasta cidade, que tem agora a triste sina de hospedar estas levasimmensas de immigrantes dos logares circumvisinhos, acoçados pela fome e pelamiséria? Quem nesta cidade, não esta cansado de ouvir os lamentos tristíssimos de tristes esmolares, figuras que causam dó e pena, pobres creaturas humanas que enxergam hoje, apenas, o consolo de não morrerem de fome a que parece, está condemnada muita gente? Sobral, pelo motivo do ser a maior cidade da zona, de desenvolvimento de seu commercio, da fortuna de alguns de seus filhos, e tambem pela generosidade de algumas almas caridosas, tem sido o centro dos flagellados que, mesmo de longe, se abalançam enfrentando mil dificuldades, e vêm aqui implorar o nosso auxilio, a nossa caridade.

Não ha duvida tambem que os serviços públicos com que foi dotada esta terra, tem Dio motivo para que nos venham de outros municipios os pobres famintos, uns, buscando o trabalho a que estão affeitos e do qual honradamente têm vivido; outros, inhabeis e doentes, pedir, pelo amor de Deus, ás algemas generosas, a esmola de nossa caridade. Infelizmente nem as grandes proporções dos serviços públicos e nem a bôa vontade dos particulares têm podido nullificar os effeitos terríveis da fome. Como si a própria inclemência da sorte nos perseguisse implacavelmente, continuam, em estado penoso, bandos de flagellados a vagar pelas nossas ruas, offerecendo a todos o quadro mais negro que podem presenciar os olhos humanos. É o caso de repetirmos: basta de soffrimento. Congreguem se todas as nossas forças, que não tenha limites mesquinhos a acção de nossa caridade, que se desdobrem em variados modos de agir, todos os nossos bons sentimentos, mas que se salve da morte pela fome o impertinente hospede que a fome nos mandou.

Ha nesta cidade uma Liga proflagellados, benemètria instituição que, no seu curto praso de existencia, já tem prestado relevantes serviços aos nossos pobres. É Ella merecedora de nossas atenções, faz jús aos nossos bons conceitos. Compõe-se do bom elemento do nosso meio social, as suas associadas são todas senhoras dotadas de predicados que as honram, forradas principalmente, do estofo sublime da caridade que é o mais bello apanágio de nossas conterrâneas.

Facilitamos, pois, a estas beneméritas senhoras, o desenvolvimento de sua acção nobilitante no campo vasto da caridade christã. Por intermedio dessas virtuosas apostolas do bem, poderemos fazer muito, salvando o pobre faminto da morte cruel pela fome.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



Documento 20 - A Sêcca

João Thomé - Presidente do Ceará

4 de Outubro de 1919

S. excia o sr. dr. João Thomé de Saboya e Silva, Presidente do Estado, transmettiu o seguinte telegrama:

Fortaleza, 10.

Exmo. Sr. Presidente da Republica.

Rio

Deputado Vicente Saboya comunicou-me que v. excia. Desejava conhecer situação exacta Estado e suas necessidades, relação socorros que União lhe pôde prestar na crise actual. Sinto dizer a v. excia. que situação meu Estado é a mais angustiosa, pois serviços decretados pelo Governo Federal e já iniciados não abrigam trigesima parte da população necessitada. Além disto, ha inválidos, velhos, mulheres e crianças que não podem trabalhar e precisam de socorros directos para não morrerem a fome. Estes socorros podem ser ministrados efficazmente por intermedio das beneficentes e religiosas que aqui existem. Assim, peço a v. excia. auxiliar com a quantia de 50.000\$000 cada uma das seguintes instituições: Santa Casa de Misericordia de Fortaleza. Liga das Senhoras Catholicas e Associação de S. Vicente de Paulo, da qual é presidente Barão de Studart; com a quantia de 20.000\$000 cada uma das casas de caridade de Sobral e do Crato, das quaes são directores os respectivos Bispos Diocesanos, e com a quantia de 10.000\$000 o Asylio de Mendicidade desta Capital, mantido por uma associação particular (...).

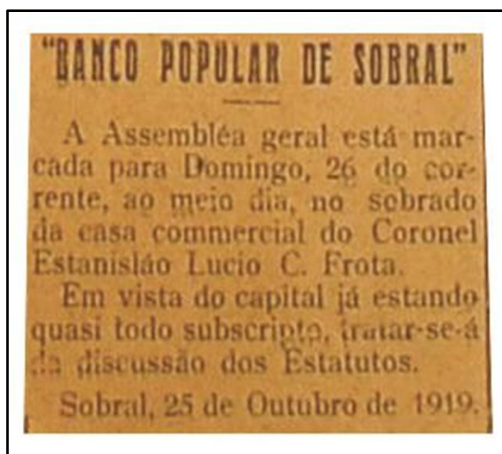
Governo Estado tem construído muitos kilometros de excellentes estradas de rodagem com pessoal tecnico resumidissimo, mas como seus recursos estão esgotados já não poderá em breve proseguilos, ficando disponível pessoal pratico e habilitado. Como mais convenientes por fazerem parte do plano geral organizado pelo Governo Estado, peço a v. excia. mandar construir seguintes estradas rodagem: Maranguape a Canindé, cujos estudos estão feitos em mais de 70 kilometros; Senador Pompeu a Cachoeira e Senador Pompeu a Pedra Branca; Quixeramobim a Bôa Viagem; Quixadá à Serra do Estevão; rêde de estradas de rodagem sobre a serra de Baturité, ligando a estrada actual de Guarmiranga as villas de Mulungú, Pernambucoquinho, Pacoty e Palmeira, descendo dahi ao sertão para entrocicar se com a estrada de rodagem de Maranguape a Canindé; rêde de estradas de rodagem sobre a serra de Ibiapina,

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

prolongando a estrada de Viçosa para Ubajara, Ibiapina, S. Benedicto e Campo Grande, de onde descerá para entroncar-se com a estrada de ferro nas proximidades do Ipú; rêde de estradas de rodagem sobre a serra do Araripe, ligando os municipios de Campos Salles, Araripe, Santanna do Cariry, Crato, Barbalha e Jardim. Construcção desta rêde é facilima por ser chapada Araripe completamente plana, de bos constituição sílico-argilosa, havendo apenas serviço mais pesado no melhoramento das ladeiras que vão ter ás cidades que se acham ao sopé da serra Municipio de Santa Quiteria, que se acha pleno sertão torturado por uma sêca nunca vista, pede construcção de uma estrada de rodagem que o ponha em comunicação com a estrada de ferro e lembra a estrada em direção a Carire, passando por Entre-Rios. Parece-me, porém, preferivel no momento a estrada em direção a Ipú , onde se ligaria com a rêde da serra Ibiapaba de que acima falei. Mais tarde, Santa Quiteria poderia ser ligada a Canindé, obtendo-se assim uma grande arteria de comunicação anterior, desde a Capital até o extremo oeste do Estado. Para não fatigar attenção v. excia. comunicarei depois necessidades outros municipios. Respeitosas saudações.

João Thomé.

Presidente do Ceará.

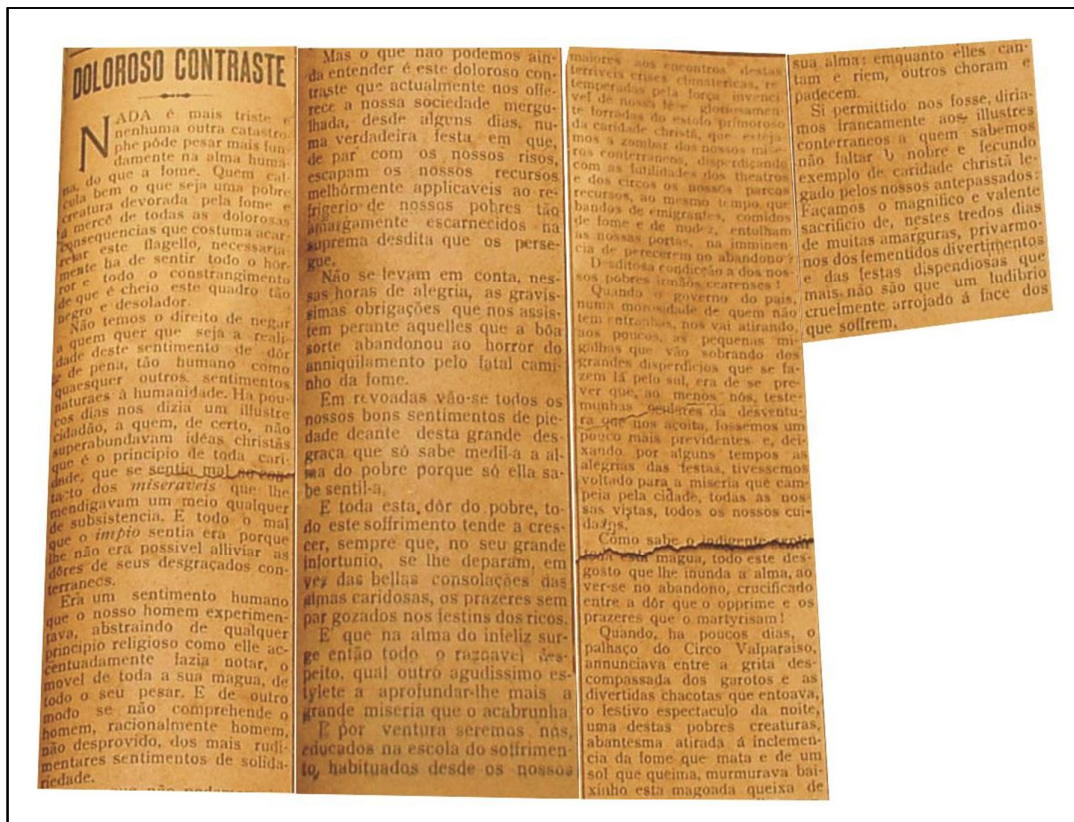


Documento 21 – Banco popular de Sobral

25 de Outubro de 1919

A Assembléa geral está marcada para Domingo, 26 do corrente, ao meio dia, no sobrado da casa commercial do Coronel Estanisláo Lucio C. Frota.

Em vista do capital já estando quase todo subscripto, tratar-se-á da discussão dos Estatutos.



Documento 22 - Doloroso Contraste

25 de Outubro de 1919

Nada é mais triste e nenhuma outra catastrophe pôde pesar mais fundamente na alma humana, do que a fome. Quem calcula bem o que seja uma pobre creatura devorada pela fome e a mercê de todas as dolorosas consequencias que costuma acarretar este flagello, necessariamente ha de sentir todo o horror e todo o constrangimento de que é cheio este quadro tão negro e desolador.

Não temos o direito de negar a quem quer que seja a realidade deste sentimento de dor e de pena, tão humano como quaesquer outros sentimentos naturaes a humanidade. [...]

Era um sentimento humano que o nosso homem experimentava, abstraindo de qualquer principio religioso como elle accentuadamente fazia notar, o movel de toda a sua magua, de todo o seu pesar. E de outro modo se não comprehende o homem, racionalmente homem, não desprovido, dos mais rudimentares sentimentos de solidariedade.

Mas que não podemos ainda entender é este doloroso contraste que actualmente nos offerece a nossa sociedade mergulhada, desde alguns dias, nua verdadeira festa em que, de par com os nossos risos, escapam os nossos recursos melhormente applicaveis ao refrigério de nossos pobres tão amargamente escarnecidos na suprema desdita que os persegue.

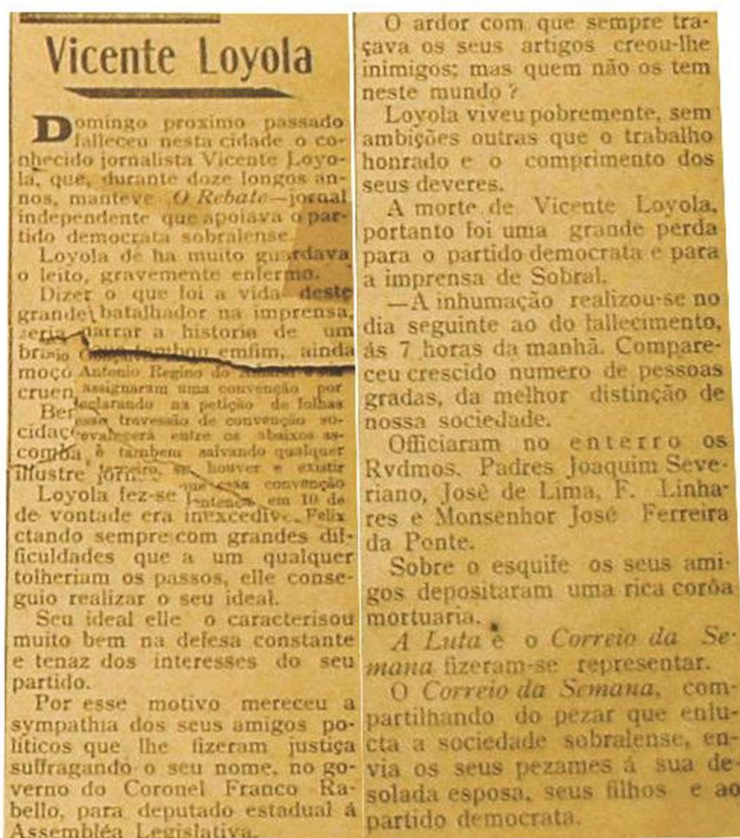
Não se levam em conta, nessas horas de alegria, as gravissimas obrigações que nos assistem perante aquelles que a bôa sorte abandonou ao horror do aniquilamento pelo fatal caminho da fome.

Em renovadas vão-se todos os nossos bons sentimentos de piedade deante desta grande desgraça que só sabe medil-a a alma do pobre porque só ella sabe sentil-a.

E toda esta dor do pobre, todo este soffrimento tende a crescer sempre que, no seu grande infortúnio, se lhe deparam, em vez das bellas consolações das almas caridosas, os prazeres sem par gozados nos festins dos ricos.

E que na alma do infeliz surge então todo o razoável despeito, qual outro agudissimo estylete a aprofundar-lhe mais a grande miseria que o acabrunha (...).

Quando, ha poucos dias, o palhaço do Circo Valparaiso, annunciava entre a grita descompassada dos garotos e as divertidas chacotas que entoava, o lestivo spectaculo da noite, uma destas pobres creaturas, abantesma atirada á inclemência da fome que mata e de um sol que queima, murmurava baixinho esta magoada queixa de sua alma: enquanto elles cantam e riem, outros choram e padecem. Si permitido nos fosse, diríamos fracamente aos illustres contrerraneosa quem sabemos não faltar o nobre e fecundo exemplo de caridade christã legado pelo nossos antepassados. Façamos o magnifico e valente sacrificio de, nestes trendos dias de muitas amarguras, privarmo-nos dos fementidos divertimentos e das festas dispendiosas que mais não são que um ludibrio cruelmente arrojado á face dos que soffrem.



Documento 23 - Vicente Loyola

Novembro²⁰

Domingo proximo passado falleceu nesta cidade o conhecido jornalista Vicente Loyola, que durante doze longos annos, manteve *O Rebate* - jornal independente que apoiava o partido democrata sobralense.

Loyola de ha muito guardava o leito, gravemente enfermo (...)

Seu ideal elle o caracterizou muito bem na defesa constante e tenaz dos interesses do seu partido.

Por esse motivo mereceu a sympathia dos seus amigos politicos que lhe fizeram justiça sulfragando o seu nome, no governo do Coronel Franco Rabello, para deputado estadual para a Assembléa Legislativa.

O ardor com que sempre traçava os seus artigos creou-lhe inimigos; mas quem não os tem neste mundo?

Loyola viveu pobremente, sem ambições outras que o trabalho honrado e o cumprimento dos seus deveres.

A morte de Vicente Loyola, portanto foi uma grande perda para o partido democrata e para a imprensa de Sobral.

²⁰ Data não visualizada.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

- A inumação realizou-se no dia seguinte ao do falecimento, às 7 horas da manhã. Compareceu crescido numero de pessoas gradas, da melhor distinção de nossa sociedade.

Officiaram no enterro os Rvdmos. Padres Joaquim Severiano, José de Lima, F. Linhares e Monsenhor José Ferreira da Ponte.

Sobre o esquife os seus amigos depositaram uma rica corôa mortuária.

A Luta e o Correio da Semana, compartilhando do pezar que enlucta a sociedade sobralense, envia os seus pezames á sua desolada esposa, seus filhos e ao partido democrata.

3.1.5.1.1 – Paráfrase dos fragmentos supracitados dos jornais *Correio da Semana* do ano de 1919

O *Jornal Correio da Semana*, em 1919, como observamos, norteou suas notícias principalmente nos seguintes temas: *A Gripe*, *O Eclipse do Sol*, *A Seca*, *A Fome*, *A Criação do Banco Popular de Sobral*, *A Fundação do Colégio Diocesano Sobralense*, *O Comunismo* e as notícias referentes à Primeira Guerra Mundial.

O primeiro artigo sobre a gripe surge logo no mês de janeiro, o articulista demonstra intensa preocupação com a quantidade de pessoas infectadas na cidade. Ainda no mês de janeiro, outro artigo, intitulado *Influenza*, vem a denominar a doença como gripe espanhola. Nesse, o redator levanta a hipótese que o motivo principal da epidemia seja as regiões mais pobres da cidade, em virtude da falta de saneamento. Além disso, o jornalista coloca, também, como um dos motivos, as casas de detenção, pelo excesso de falta de higiene e promiscuidade. No encerramento do artigo, existe ainda uma crítica aos remédios caseiros que a população vinha utilizando para combater esse mal.

Durante o mês de fevereiro, o assunto retorna às páginas do jornal seguindo o mesmo raciocínio acima. Já em agosto, o artigo escrito já é mais apelativo, sendo denominado *Flagelo da Gripe*. Nesse, se demonstra que a epidemia tem crescido bastante, principalmente na população negra e carente.

Quanto ao eclipse solar de 1919, quando Sobral foi escolhido como o melhor lugar para observar o fenômeno entre todas as cidades do mundo, e isso, conseqüentemente, fez com que a equipe do físico alemão Albert Einstein se deslocasse para nossa cidade a fim de comprovar suas teorias; o *Jornal Correio da Semana* começa a noticiar o fato com bastante antecedência. Visto que, no mês de janeiro, já fosse publicado o primeiro artigo, intitulado *Eclipse do Sol*. Nesse escrito, já era enunciado que, no dia 29 de maio, próximo às 8 horas e 50 minutos da manhã, ocorreria o eclipse do sol, com duração de 4 minutos. Em junho, o assunto voltou a ser debatido no semanário, com a manchete *O Eclipse Total do Sol*. Durante esse artigo, foi debatido o resultado das experiências feitas em Sobral, no dia 29 de maio, a partir dos escritos emitidos ao Jornal pelo

astrônomo Dr. Crommelim, um dos componentes da equipe que esteve presente no dia do fenômeno.

A seca e a fome foram outros temas pertinentes nas páginas do periódico, no ano de 1919. Logo em fevereiro, o Jornal já prenunciava que, provavelmente, o ano seria de seca, e chega a comparar com o mesmo fato ocorrido em 1915, destacando que, se ocorresse a estiagem, seria lamentável, pois as feridas do sobralense ainda estavam abertas com a seca de quatro anos atrás.

Assim, com a comprovação da seca, o tema foi manchete dos jornais de abril, julho, setembro e outubro. Sempre trazendo como pano de fundo o estrago da estiagem no campo e a fome que degradava, aliás, matava a população carente da região.

Dentre os artigos existentes sobre essa temática, um merece maior destaque, o que é intitulado *Trabalhar à Força*, publicado no mês de setembro. Nele, o articulista exalta a polícia por recrutar à força pessoas para irem trabalhar na construção do Açude Sobral ou Açude de Forquilha, fazendo, assim, com que a legião de mendigos fosse retirada do centro da cidade.

Por fim, em meio ao eclipse do sol e à fome que dilacerava a população, *O Correio da Semana* noticiava a inauguração de duas grandes obras de Dom José: a criação do Banco Popular e a inauguração do privado Colégio Diocesano de Sobral. Além disso, eram noticiados fragmentos sobre a guerra e os perigos do Comunismo.

A partir desses fatos descritos por Araújo (1990) e pelo *Correio da Semana*, que não só coincidem como se entrelaçam e se complementam aos que foram vivenciados por Cordeiro de Andrade na sua infância, uma interrogativa surge: como esses acontecimentos serão lidos pelo escritor e jornalista, em *Cassacos*, quando o mesmo já estava vivendo distante de Sobral, no Rio de Janeiro, em 1934, isto é, quinze anos depois dos episódios que viu e vivenciou?

3.1.5.1.2 - É hora de instalar um caleidoscópio sob *Cassacos*

3.1.5.1.2.1 - A epítome de *Cassacos*

Romance de estreia de Cordeiro de Andrade, publicado em 1934, na *Gráfica Anderson Editores*, no Rio de Janeiro, é um Livro de 225 páginas, dividido em 26 capítulos numerados.

O romance inicia com a procissão do Menino Deus em 1919, contando a história de Dona Bemvinda, viúva, emigrada do sertão ameaçado pela seca (ocasionada pela queda da coroa do Menino Deus durante a procissão). Ela é mãe de dois filhos: Biluca e Jerônimo.

A outra família que ajuda a protagonizar a história é a de Dona Mariana, também viúva, mãe de Tereza e Rosendo. Dona Mariana, juntamente com a filha, também resolve ir morar em Sobral, na casa de Dona Bemvinda, pelo mesmo motivo: seca. Rosendo permanece na fazenda cuidando dos afazeres locais.

Rosendo é apaixonado por Biluca, fato que, no decorrer do livro, vai se transformando em um concreto relacionamento.

Paralelamente, outras histórias vão ocorrendo...

Hormino é o proprietário da *Farmácia Sobral*, ponto de encontro de diversas pessoas da cidade. Comunista declarado, Hormino passa a escrever artigos para o *Jornal Gazeta Operária*. Os artigos denunciam os descasos sociais ocorridos em Sobral, principalmente a maneira como os trabalhadores, “os Cassacos”, da construção do Açude de Forquilha, os vitimados pela seca, enfim, os também chamados habitantes do campo de concentração, têm sido tratados pelas autoridades sobralenses. Em virtude de suas posições políticas, Hormino passa a ser perseguido pelas autoridades da cidade.

É através dos relatos de Hormino que o leitor conhece, durante as páginas de *Cassacos*, o caso de Marcelino, um retirante que, ao chegar em Sobral e não conseguir emprego, começa a mendigar pelas ruas da cidade. Em um dado momento, em busca de uma esmola, se submete a uma aposta em troca de umas migalhas, a passar cinco minutos olhando para o sol, o desfecho é a cegueira do retirante, que passa a ser conhecido como o cego Marcelino.

Uma outra personagem é Dr. Eduardo Siqueira, engenheiro responsável pela construção do Açude de Forquilha, noivo de Polídona, filha do Coronel Chico Paulino. Dr. Eduardo é um grande sedutor das jovens retirantes. O desfecho de Eduardo é ser assassinado antes mesmo de casar, porque “botou na rua” uma das Pedrosas, filha de uma das famílias de retirantes cujo pai “honrou” a gravidez da filha, assassinando o engenheiro.

Todas essas histórias têm como cenário as ruas e os sertões de Sobral, são rodeadas pelo clima da seca, da prostituição, das superstições, da religiosidade, das picuinhas políticas, das denúncias sociais e do linguajar regionalista.

O livro encerra com a procissão do Menino Deus, em 1919, e com o retorno da família de Dona Mariana à Fazenda Oiticica, numa viagem que, obrigatoriamente, teria que ser de trem, em virtude das chuvas, que eram constantes.

3.1.5.1.2.2 - Uma análise da face literária do romance *Cassacos*

O romance de estreia de Cordeiro de Andrade é uma narrativa regionalista que corrobora o projeto literário brasileiro de 1930 a 1945. Esse projeto se destaca por meio de nomes mais significativos como: “José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e Érico Veríssimo” (Nicola, 1999, 352).

Apesar de ser, praticamente, desconhecido no cenário nacional, Cordeiro consegue revelar pormenores significativos, que caracterizam o estilo literário da época, que tem como base “a denúncia social- verdadeiro documento da realidade brasileira-, em que as relações “eu” / mundo atingiam elevado grau de tensão (...) o regionalismo ganha uma importância até então não alcançada na literatura brasileira, levando ao extremo as relações do personagem com o meio natural e social”. (Nicola, 1999, p. 352). Ou, como relata Albuquerque Junior (2008), “O chamado “romance de trinta” institui como “temas regionais”: A decadência da sociedade açucareira; O beatismo contraposto ao jagunço; A seca com a epopeia da retirada” (Albuquerque Junior, 2008, p. 137).

Influenciado por esses grandes nomes da literatura brasileira, fato que faz Andrade (1934) dedicar *Cassacos* a Jorge Amado, Peregrino Junior, Amando Fontes e Graciliano Ramos e seguir o estilo literário da época, que tem como centro a denúncia social em relação ao meio em que o indivíduo pertence, buscando, assim, uma visão mais crítica das relações homem/sociedade, integrada à descrição do fator emocional das personagens. Isso faz com que Cordeiro de Andrade consiga, em *Cassacos*, dessecar a essência que formula a base filosófica da literatura brasileira, que representa a Geração de 30.

O título da obra, *Cassacos*, é uma perífrase que se refere aos trabalhadores alistados pelo Governo nas obras de emergência, no caso, a construção do Açude de Forquilha. É válido ressaltar que tal procedimento linguístico contribui para um dos motes da obra: O processo de coisificação do homem, conforme podemos depreender no enxerto abaixo:

Os trens despejavam, diariamente, na cidade, chusmas de retirantes, de todas as espécies e de todas as idades. Povo sem sexo. Eram, apenas, os cassacos. Esfarrapados, os olhos compridos de fome, engulindo cuspo, mastigando vento, corriam os olhos suplices pelos taboleiros, sortidos de brôas, que se enfileiravam em linha réta, estação em fôra.

Os meninos mais taludos, acercavam-se dos homens do povo, quando estes comiam qualquer coisa:

– Me dê um pedacinho, seu homem! Mais um tiquinho, não faça isto, não! Deixe de ser misgo!

E aos caxeiros, gente de gravata, que iam á estação:

- Moço, me dê dois-tões prá eu comprar um quarto de farinha dagua, que a minha mãe tá caída de fome, ali no alto. Me dá, moço? Me dê...
- Homens do comércio insistiam com as mulheres:
- A senhora devia me dar um menino destes que eu criava êle, direitinho...
- Dou não, meu senhô, tenho tanta pena do meu filhinho... e imprimiam um beijo soffego na cara rajada do menino.
- Outras, ao contrario, ofereciam:
- Vosmicê quer criar este inocente? Si quer é seu, póde levar, moço.
- Entregavam o filho, chorando, aos gritos, ás vezes em vertigens prolongadas (Andrade, 1934, p. 53 e 54).

O enredo é repleto de ideias ramificadas e antíteses, como podemos observar nas dicotomias: Cidade X Sertão, Honra X Desonra, Proletariado X Burguesia, Seca X Chuva, Religiosidade X Misticismo... Cordeiro usa esse recurso durante a apresentação do “Doutô Comunismo”

A mulher de preto, apreciou:

- O chapéu desceu, e os brancos, por mais bem informada que seja a capinha engeitam, não querem mais. E a palha, anda na hora da noite, a dois-tões o olho zaroio. Nem viajante aparece mais, prá encomendar uma capa fina. Si não botarem comissão, aqui, não sei o que vai ser feito dos pobres. Ser cutruvia de soldado? Andar atocalhando homem na Gangorra, como fazem á Rita Segunda e as outras cunhãs solteiras da marca déla? O governo tem que mandar comissão ou trabalho prá infelizes viúvas desamparadas e direitas, que não fazem ponto na feira nem no Bêco Livre. Tomára que venha é um tal de doutô Comunismo, que falam por aí, protetor de pobre, só de pobre, a ver si a gente tem trabalho, sem aturar as ingrisias dos bancos relaxados. E’ um doutô de fora, que faz tudo que os pobres precisam, de fé que nem pai. Eu, como só me dou melhor com os viajantes, que chegam de fôra, tenho um bemquerer danado por este ente, que uma feita, até, sonhei com êle, no meio do povo, com pena da gente... Eu sei que o vigario e os brancos, são mal com êle, mas e não m’importo. Quero, bem á ele e não nêgo, quero, de coração. Santo Antonio tem um xenxén, no dia da chegada déle (Andrade, 1934, p. 22 e 23)

como um possível mediador de tais contrariedades. Assim, temos um enredo de visão socialista, típico da Geração de 30.

A linguagem é o fator, segundo nossa análise, mais envolvente, em um estilo regionalista, frouxo, usando-se da parataxe e de várias intertextualidades, Cordeiro lança um novo olhar sobre a cidade de Sobral do início do século XX. São muitas metáforas e personificações de rara beleza, um misto de prosa e poesia que deliciam o leitor e o prendem ao livro. Eis algumas passagens:

A sinêta do escriptorio tinha já anunciado o fim da tarefa diária.

Tárdesinha. O sol brincava de fazer fogueira da banda de lá da Meruóca. O dia estava morre não morre. Os lagêdos da serra banhados de conhaque. Tão engraçada aquela mutação de côres... Depois, o chumbo. Depois, um tom indefinível. Depois, ainda do lado oposto, aparecia a lua, como uma enorme cabeça de garôta francêsa. Ruiva (...)

Encostado ao moirão da porteira, os dêdos grôssos quebrando a raminha sêca de melão de São Caetano, que se enroscava cêrca em fôra, Rosendo entregava-se ao sabôr dos pensamentos, tão bons áquela hora, mas que lhe deixavam uma coisa esquisita, que êle não entendia direito, no cerebro, nos olhos, na bôca viscosa, e por dentro, toda, uma coceira gostôsa, assim como comichão de frieira... (Andrade, 1934, p. 118 e 153).

Os espaços da trama, a cidade de Sobral, a Fazenda Oiticica e o canteiro de obras em Forquilha, criam uma espécie de teia que vai se articulando aos poucos, com o desenrolar dos fatos. O procedimento de não-linearidade de enredo e fragmentação narrativa em micronúcleos é uma herança do projeto literário da Geração de 22, herdada pela Geração de 30, e muito bem explorada por Cordeiro de Andrade em *Cassacos*.

As personagens, a não ser o farmacêutico Hormino, que possui muito do próprio Cordeiro de Andrade, como veremos em capítulo posterior, criador e criatura se fundem em busca da visão panfletária do Comunismo entre os marginalizados, são planas, sem grandes complexidades psicológicas. Elas são constantemente influenciadas pelo determinismo mesológico, sendo produtos marginalizados, coisificados e, em alguns casos, *zoomorfizados*, sobretudo quando se trata do aspecto erótico.

Só prá ver melhor a bunda-canastra das mulheres dentro dos velados e parreiros estorricados...
Só prá isso... (Andrade, 1934, p. 170).

Como já mencionamos, *Cassacos* é uma obra regionalista de 30 e, como tal, apresenta a temática da seca, fato que ocorreu no ano de 1919, em Sobral, atribuindo à obra uma maior

verossimilhança. Além daquela temática, encontram-se a miséria, a fome, o descaso, os retirantes, o Comunismo e todos os flagelos sociais explorados por esta geração de escritores regionalistas. O olhar de Cordeiro de Andrade sobre esses aspectos é diferenciado e atraente, pois, em um misto de anedotas e fatos, são relatados os sofrimentos humanos em meio à seca, ao descaso dos governantes, à exploração do homem pelo próprio homem, como o caso do cego Marcelino, relatado anteriormente, que, para não ver morrer de fome sua família, sujeita-se a ser um bobo da burguesia, aceitando cinco mil réis para aguentar cinco minutos de olhos duros para o sol...

Um grupo de desocupados, comentava a crueza da luz do sol, que tinha. Ninguém suportava fixar a vista, dois minutos, embora, sem bater pestanas, no disco de fôgo.

— Você quer ganhar cinco mil réis? — perguntou ao Marcelino, um dêles, achando graça, com cara de mangação.

Os olhos do caboclo transfiguraram-se de alegria. Até que enfim, iria aliviar a precisão da família, com quatro dias sem botar na boca um decomer salgado.

— Quero, patrão, quero, sim, senhor, e lhe fico agradecido por este adjutório. Qual é o servicinho, que não é da minha conta?

Acharam graça outra vêz da ingenuidade do caboclo.

Caçaram:

— Lhe damos cinco mil réis adiantado si você aguentar cinco minutos, de olhos duros pro sol. Si quer, taqui.

Aceitou. Ficou de cabeça prá cima, têso, na rua.

Foi uma pandega.

Um engraxate ambulante apreciou:

— Tá ficando doido, cassaco? Olha a Porangaba!

Um minuto, dois, três, quatro... Fez uma carêta de angustia. A cara, era uma mascara de bronze, deformada.

Um urro estranho ondulou, precedido de um gemido barbaro, estrangulado na garganta. Rodopiou na ponta dos pés, como um pião, as mãos nervudas e magras, oprimindo os olhos, e precipitou-se ao chão, como um corpo sem vida, desastradamente.

Na mão direita, amarrotada, uma nota de cinco mil réis... cinco mil réis ... e estava cêgo (Andrade, 1934, p. 46 e 47).

que, segundo Araújo (1985), narra o caso de Etelvina como:

(...) símbolo da moça prostituída pelos brancos em troca de uma pequena esmola, mal recebida nas residências da Praça do Figueira, onde lhe é negada grosseiramente toda e qualquer ajuda material. Finalmente, ela é desvirginada, dentro de uma bodega, pelo proprietário que, em recompensa, lhe dá um bocado de farinha (Araújo, 1985, p. 97).

Cassacos, desse modo, figura como uma das obras importantes da literatura regionalista de 30, todavia desconhecida, promovendo um novo olhar sobre as cores locais sobralenses, ressaltando um ecletismo de telurismo e bairrismo poéticos, que caminha na contramão das literaturas que retratam Sobral como principal foco do seu enredo. Podendo assim ser considerada, na visão de Certeau (2012), delinquente:

Se o delinquente só existe deslocando-se, se tem por especificidade viver não à margem, mas nos interstícios dos códigos que desmancha e desloca, se ele se caracteriza pelo privilégio do percurso sobre o estado, o relato é delinquente. A delinquência social consistira em tomar o relato ao pé da letra, tomá-lo como o princípio da existência física onde uma sociedade não oferece mais saídas simbólicas ou alternativa a não ser o alinhamento disciplinar e o desvio ilegal, ou seja, uma forma ou outra de prisão e a errância do lado de fora. Reciprocamente, o relato é uma delinquência em reserva, mantida, ela mesma, deslocada no entanto e compatível, nas sociedades tradicionais (antigas, medievais etc.), com uma ordem firmemente estabelecida mas insuficientemente flexível para deixar proliferar essa mobilidade contestadora, desrespeitosa dos lugares, sucessivamente obediente e ameaçadora, que se estende das formas microbianas da narração cotidiana até as antigas manifestações carnavalescas (Certeau, 2012, p. 198).

Portanto, ciente do recheio dessa delinquência social, influenciados pela literatura que norteou a Geração de 30, é que dessecaremos, a seguir, as imagens de Sobral descritas em *Cassacos*.

3.1.5.1.2.3- Os retratos de Sobral em *Cassacos*

RETRATO I - A geografia física de Sobral:

No início deste capítulo, *A Terra*, descrevemos e estrutura geográfica de Sobral em relação ao seu continente, ao seu país, à sua região e ao seu estado. Logo após, trabalhamos os dados fisiográficos da cidade e a sua povoação, ocasionada, principalmente, pela presença do Rio Acaraú.

De forma poética, esta terra foi descrita em um dos seus símbolos cívicos, o Hino, composto por José Esmeraldino Vasconcelos e musicado por Antônio Gondim da seguinte forma:

Nasceu Sobral entre sobreiros verdejantes
À margem esquerda do lendário Acaraú
Velha Caiçara, com suas vacas ruminantes
Oh! Meu Sobral quão, altaneira foste tu!

Oh! Meu Sobral. Oh! Meu Sobral.
Linda princesa cá do Norte do Ceará
Oh! Meu Sobral. Oh! Meu Sobral.
Cidade luz aqui da terra de Tupá
No fardalhar dos carnaubais que te rodeiam
Ouve-se a voz do Acaraú a murmurar.

Filhos ilustres construíram tua grandeza,
Que te oferece galhardão excepcional
E a natureza te emprestou tanta beleza,
Que te levou a ser Princesa, oh! Meu Sobral

Hoje, ostentando majestoso casario,
Alto comércio, povo ordeiro e varonil,
E retratando teu perfil na água do Rio
És meu Sobral uma das glórias do Brasil
(Freitas, 2000, p. 79).

Parafraseando Freitas (2000), o hino representa o significante de uma “sobralidade”, porém dificilmente é cantado nos eventos públicos oficiais, tal fato se justifica, principalmente, pelas autoridades se sentirem incomodadas pela passagem que diz: “Velha Caiçara, com suas vacas ruminantes”, pois tal fato representa “sujeira” diante da perfeição que compõe as representações “nobres” da aristocracia sobralense. Tendo em vista que a Princesa não combina com “vacas ruminantes”. Ocorrendo, assim, uma confusão estética de símbolos.

Outra descontextualização surge nos “sobreiros verdejantes”, visto que, na região, não há tais árvores. E mesmo que o autor tenha procurado fazer menção à origem do nome da cidade, tal tese não perdura, como vimos anteriormente, ao tratarmos sobre essa temática.

Contudo, o que nos interessa é demonstrar a tentativa do autor de exaltar ideologicamente a “sobralidade triunfante”. Como a grandeza, a fecundidade, a pureza, a eternidade, a imutabilidade e a perfeição que compõem a nobreza e a aristocracia sobralense (Freitas, 2000).

No entanto, em *Cassacos*, ocorre um processo de desconstrução dos cenários exaltados no hino e na estética diocesana.

Logo na introdução do Capítulo 4 e do Capítulo 9, o leitor fica de frente com a voz e o olhar do autor sobre a geografia da região:

O Sol côm de melão maduro, encandeava a gente.
“Um mormaço comprido se levantava do chão rachado, como si fosse a alma da terra, em morte lenta, fugindo sempre, fugindo.

O ar, quasi parado, movia-se dificilmente como um homem gordo. E era abominavel como uma mulher histérica. Tão cansado, o tempo... A vida? Uma enorme agonia.

Aquélas estrias de chumbo subiam eternamente num jeito engraçado de labirinto. A terra pegando fôgo, parecia um forno crematório, grande, muito grande mesmo. A crueza da luz feria os olhos da gente. Dois minutos a espiar o sol, sem bater pestanas, e uma escuridão subitanea sucedia, como si se enfiasse a cabeça numa noite sem fim (...)

O sol fazia de esponja, lavando o assoalho de vidro do céu. Um vento bruto, amalucado, mômno, judiava com os galhos sêcos das arvores, que estalavam de dôr, varria o chão com muita pericia, deixando-o limpinho como um terreiro de fazendo em dia de festa de casamento.

A gente tomava banho de suor... Sem precisão. Andava eferventado. E era só o que se comentava (Andrade, 1934, p. 37, 38 e 77).

No Capítulo 21, a descrição tem a voz do autor e de personagens anônimos, que, no contexto da trama, são seres invisíveis na sociedade de então. A exposição deixa de ser apenas do âmbito da geografia física e envereda também para a geografia humana.

Melava o mês de novembro na vês que Rosendo fôra a Sobral levar umas mantas de carne empilhadas, da ultima matalotagem.

A cidade tinha um ar grotesco, enfeitada de cadáveres ambulantes. O campo de concentração não comportava uma cabêça que fosse de alfinete. Estava na tampa.

Os cassacos ganhavam as ruas. Por onde se passava ouvia-se o mesmo estribilho rouco, como voz de pulmões cavernósos:

— Uma esmolinha por amor de Deus! Menos uma moncheinha de farinha, prá quebrar o jejum, doninha!

Mercadejava-se a honra das moças ainda impúberes, por um nada. Quasi de graça. O bastante para matar um dia de fôme. Alguns caróços de feijão encroados, dura-fôgo, prá vaca, uns fiapos de pirarucu' pôdre, dois litros de farinha suruí. E pronto! Sucedia-se o sacrificio de dezenas de meninas.

O sol latejava de raiva. Danadinho.

Os dias movimentados. Trepidantes. Ouviam-se grunhidos estranhos, lúgubres, como si o tempo estivesse com o cirro.

Só as noites eram serênas. Bonitonas. De um sossêgo doentio. O céu tinha o azul do manto de Nossa Senhora da Conceição. Azul claro. Apinhado de estrêlas, que, às vezes, se despregavam lá em cima, num brinquêdo inocente de menino. Parecia tanto com foguêtes de lágrimas ou pistolas de São João!...

— Deus te guie! Deus te guie! — gemiam as mulheres, supersticiosas, espiando os astrosinhos que vadiavam de caválo de prado.

Ao lado dos muros, nas calçadas, debaixo de pés de arvores desgalhadas, dormiam os entiaados de Deus. A bôrra humana. Os criminósos de amanhã. Os bandidos que o Estado Burguês crêa, inconcientemente.

Dormiam... (Andrade, 1934, p. 177, 178 e 179).

Não obstante, esses cenários são similares aos descritos por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, publicado em 1902, resultado de quando o escritor foi, como jornalista, fazer a cobertura na Bahia, Nordeste brasileiro, da ação do exército contra a revolta de Canudos. Considerado um dos maiores clássicos da literatura brasileira. O livro, como relata Oliveira (2000), é dividido em três partes:

a) A Terra: minucioso relato das condições físicas de Canudos, levando em conta o relevo, o clima, a fauna e a flora do lugar. A profunda formação de Euclides em Ciências Naturais, Geografia, entre outras áreas do saber, foi fundamental para a realização dessa primeira parte.

b) O Homem: estudo detalhado dos componentes que forjaram as etnias que habitam a região. Nessa parte, Euclides apresenta o sertanejo.

c) A Luta: narra todo o conflito, até seu final terrível e melancólico (Oliveira, 2000, p. 234)

Divisão essa que nos inspirou na montagem estrutural deste trabalho.

Mas, retornando ao que nos interessa nesse momento, na parte relacionada *A Terra*, Cunha (2002) enxerga a paisagem do Nordeste brasileiro de forma bem semelhante a de Cordeiro de Andrade.

Então, a travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva que a de uma estepe nua.

Nesta, ao menos, o viajante tem o desafogo de um horizonte largo e a perspectiva das planuras francas.

Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e

desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante (...)

A luta pela vida que nas florestas se traduz como uma tendência irreprimível para a luz, desatando-se os arbustos em cipós, elásticos, distensos, fugindo ao afogado das sombras e alteando-se presos mais aos raios do sol do que aos troncos seculares - ali, de todo oposta, é mais obscura, é mais original, é mais comovedora. O sol é o inimigo que é forçoso evitar, iludir ou combater. E evitando-o pressente-se de algum modo, como o indicaremos adiante, a inumação da flora moribunda, enterrando-se os caules pelo solo. Mas como este, por seu turno, é áspero e duro, exsicado pelas drenagens dos pendores ou esterilizado pela sucção dos estratos completando as insolações, entre dois meios desfavoráveis (Cunha, 2002, p. 45).

Outro autor que vai retratar o Nordeste, mais especificamente o Ceará no início do século XX, de forma semelhante à fotografia descrita por Cordeiro de Andrade, é Rachel de Queiroz, em seu romance *O Quinze*. “Publicado em 1930 (...) ajudou a firmar a tradição dos romances vistos, na época, como criadores do “ciclo nordestino” na literatura brasileira” (Abaurre & Pontara, 2005, p.576).

Assim como *Cassacos*, *O Quinze* tem sua origem a partir dos dramas vividos pela própria autora. “A vida dura do Nordeste, (...) expôs sua face cruel para a menina de 5 anos. A família Queiroz, fugindo dos horrores da seca de 1915, mudou-se de Fortaleza para o Rio de Janeiro. O episódio ficou gravado em sua memória. Anos mais tarde, ela utilizava suas lembranças como inspiração para a narrativa de *O Quinze*, que trata da terrível seca daquele ano” (Abaurre & Pontara, 2005, p.576).

Apoderada da experiência vivida, Queiroz (2012) descreve, em alguns trechos, a face do Ceará e do seu povo da seguinte forma:

Novamente a cavalo no pedrês, Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. Os cascos dos animais pareciam tirar fogo dos seixos do caminho. Lagartixas davam carreirinhas intermitentes por cima das folhas secas no chão que estacavam como papel queimado.

O céu, transparente que doía, vibrava, tremendo feito uma gaze repuxada.

Vicente sentia por toda parte uma impressão ressequida de calor e aspereza.

Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapo à devastação da rama. Mas em geral as pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e a casca toda raspada em grandes zonas brancas.

E o chão, que em outro tempo a sombra cobria, era uma confusão desolada de galhos secos, cuja agressividade ainda mais se acentuava pelos espinhos (...)

Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai.

Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz.

Cordulina, no entanto, queria-o vivo. Embora sofrendo, mas em pé, andando junto dela, chorando de fome, brigando com os outros...

E quando reencetou a marcha pela estrada infundável, chamejante e vermelha, não cessava de passar pelos outros olhos a mão trêmula:

— Pobre do meu bichinho(Queiroz, 2012, p. 17, 18 e 67).

A relação entre *O Quinze* e *Cassacos* vai além... visto que, conforme vimos no artigo escrito no *Jornal Correio da Semana* do mês de fevereiro de 1919, intitulado *A Secca*, no qual o articulista diz: “Ainda sangram muitas feridas abertas pela *catastrophe* de 1915, e as que se curaram não estão em condições de suportar mais este flagelo”. Portanto, a seca de 1919, relatada por Cordeiro de Andrade, teve prejuízos sociais potencializados em virtude da população ainda não ter se recuperado da estiagem de 1915. Tal fato também é verificado em alguns diálogos traçados em *Cassacos*:

— No quinze, deu-se o mesmo. Já tinham falhado as experiencias de Santa Luzia, tanto das pedras de sal, que a gente bota numa toalha virgem, como a dos dentes de alho, plantados no leirão, na vespera do dia... O povo das Marrecas andava assombrado com os urubús cantando. Na procissão, lá vem a tal noticia da corôa que tinha caído, e a sêca foi braba mesmo. Agora, tudinho como no quinze. Até o comrade Zé Pedrosa, ouviu o maldito dum tinga cantar nas cajazeiras. Urubú só canta prá avisar a sêca, de alegre, por via de carniça. Tem jeito, não, só Deus... (...)

— Você ainda não viu nada, seu chefe — disse Hormino, de volta, fazendo tilintar os vidros. De Setembro em diante... Aí é que a porca torce o rabo. Isto péga fôgo. Não há mortal que resista.

Quem se lembrar do quinze... (Andrade, 1934, p. 16, 39 e 40).

Portanto, como observamos, a seca de 1915 era a sombra da miséria ocorrida em 1919. Todavia, da mesma forma que a miséria de quinze potencializou a de dezenove, a religiosidade também sofreu esta mesma potencialização, pois foi justamente em meio à estiagem descrita por Rachel de Queiroz que foi fundada a Diocese de Sobral, dando novos rumos à religiosidade sobralense nas primeiras décadas do século XX, conforme veremos a seguir.

RETRATO II- A religiosidade em Sobral

O discurso da religiosidade em *Cassacos* é o resultado, principalmente, das questões religiosas que permearam as duas primeiras décadas do século XX em Sobral, que tem como o maior marco histórico, desses vinte primeiros anos, a linha limítrofe, o divisor de águas da história arquitetônica, política e social da cidade de Sobral, a criação da Diocese em 1915, tendo Dom José como o protagonista principal. Conforme relatado anteriormente no subtítulo *A Diocese*. Suas obras e sua influência histórica mudaram o cenário da cidade. Fato que faz com que quase a totalidade das literaturas escritas sobre Sobral tenha como foco a análise filosófica do olhar diocesano sobre a cidade.

A criação da Diocese de Sobral e a sua forma de atuação evangelizadora, política e social se justifica, como vimos, por meio da literatura tradicional referente à história de Sobral, no tópico *A Diocese*, por fatores “meramente cristãos” e de amor à terra. Tendo como ideólogo desse projeto o arcebispo primaz da Bahia, Dom Jerônimo Tomé da Silva. Tio de quem viria a ser o primeiro Bispo, conforme já relatado, Dom José Tupinambá da Frota.

Todavia, ao fazermos uma leitura das entrelinhas desse processo diocesano, outro fator ideológico, apesar de não comentado pela literatura que compõe a história de Sobral, surge durante os primeiros anos do século XX. O processo de romanização da Igreja na América Latina, mais especificamente no Brasil. Parafraseando Tabraj (2012), a romanização no Brasil inicia no final do século XIX e início do século XX, a partir da separação entre Estado e Igreja.

Para Oliveira, Vasconcelos Junior & Pereira (2008):

No Ceará o processo de romanização foi, por excelência, o grande dinamizador dos projetos da Igreja Católica, antes mesmo da Proclamação da República. A criação em 1860 da Diocese do Ceará e a nomeação do seu primeiro Bispo Dom Luis Antonio já eram reflexos destes “novos tempos” da fé romanizadora no Estado. Dom Luís logo

no início, em 1863, organiza um seminário diocesano, o nosso Seminário da Prainha.(...)

No Ceará, como no restante do país, as dioceses foram sendo constituídas nas regiões de maior importância econômica. Foi assim, na elevação da Diocese do Ceará à categoria de arquidiocese em 1914, quando o primeiro Arcebispo Dom Manuel da Silva Gomes criaria com a autorização de Roma a Diocese do Crato. No ano seguinte foi à vez da Região Norte do Estado, com a criação da Diocese de Sobral. Com esta ação, a igreja garantia a sua inserção nesta nova sociedade civil, atuando como força espiritual dominante e influenciando, principalmente por meio da educação, os centros econômicos regionais (Oliveira, Júnior & Pereira, 2008, p. 4).

Este projeto de romanização, conforme Tabraj (2012), “é uma espécie de sistematização dogmática, mais vertical (romana) do que horizontal (massa popular brasileira), com a finalidade de centralizar e atrair as grandes massas para uma religiosidade à romana” (Tabraj, 2012, p.581).

De acordo com Oliveira (1985), os pontos principais desse projeto eram:

- (1) As Conferências Episcopais – seria conforme da Santa Sé, os bispos deveriam reunir-se periodicamente para (...) reflorescer a fé, a piedade e os bons costumes entre os fiéis confiados ao nosso zelo pastoral. Uniformidade de ação do episcopado, como um único corpo.
- (2) O Episcopado – os bispos devem atuar em perfeita unidade; devem aumentar sua união com o Papa.
- (3) O Clero - ... eliminar os abusos, ser rigoroso na vigilância do clero, pregação dominical e catequese (...).
- (4) Os Seminários – devem ser destinados exclusivamente a candidatos ao sacerdócio e receberem ensino rigoroso e ortodoxo.
- (5) As Missões – é preciso acender a fé e aumentar a prática das virtudes, por meio das missões populares.
- (6) Os Colonos Imigrantes – colonos europeus e católicos devem ser cuidados com zelo inclusive com a colaboração de congregações religiosas européias.
- (7) As Ordens Religiosas – trazer da Europa membros, dessas ordens e também congregações religiosas, para fundar e dirigir escolas católicas.
- (8) As Confrarias – é preciso resolver de uma vez por todas a situação das irmandades e confrarias, expurgando-os de elementos maçônicos.
- (9) As Dioceses – é preciso aumentar o número de dioceses de acordo à dimensão do país (Oliveira, 1985, p. 280 – 283)

E, justamente dentro desse contexto “de choque de culturas; de um lado está o povo simples, principalmente o brasileiro do campo, com pouca ou nenhuma formação escolar. Do outro lado está o aparelho eclesiástico, composto por intelectuais romanizadores, por teólogos e sociólogos da religião” (Tabraj, 2012, p. 582), acompanhado de outros fatores históricos que levaram à intensificação desse processo no Nordeste brasileiro.

Novamente fazendo uma metáfrase de Tabraj (2012), este final do século XIX e início do século XX estão relacionados ao período da burguesia agrária e ao aumento dessa hegemonia. Pois, com a diminuição do poder senhorial, a classe camponesa passa a sentir-se desprotegida. Com isso, os camponeses tiveram como opção o banditismo ou a marginalidade social ou a migração ou o protesto religioso. Este último, sem dúvida, era a opção mais viável.

Não raro, como preceitua Fromm (1983):

A diferença entre autoridade racional e inibidora é meramente relativa, mesmo na relação entre escravo e senhor há elementos de vantagem para o escravo. Ele obtém um mínimo de alimento e proteção que ao menos lhe possibilita trabalhar para o senhor. Por outro lado, é só em uma relação ideal entre professor e aluno que encontramos absoluta ausência de antagonismos de interesse. Há muitas gradações entre esses dois casos extremos, como na relação entre o operário e seu patrão, ou entre o filho de um fazendeiro e este, ou entre uma dona de casa e o marido. Não obstante, se bem que os dois tipos de autoridade estejam harmonizados, são intrinsecamente diferentes, e uma análise de uma situação autoritária real deve sempre determinar o peso específico de cada tipo de autoridade (Fromm, 1983, p. 136)

Diante do anseio da Igreja por essa relação harmoniosa com os fiéis, a religiosidade popular, vista também como protesto religioso, ia à contramão do projeto de romanização. Dois exemplos que podem caracterizar essa situação são os movimentos de Canudos e do Padre Cícero em Juazeiro.

No caso de Canudos, registrado para a posteridade, através do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, reflete um caso clássico de repressão contra a religiosidade popular.

Vita (1994) consegue sintetizar a conjuntura de Canudos da seguinte forma:

O movimento messiânico mais conhecido foi o de Canudos, no sertão da Bahia. Graças à obra de Euclides da Cunha, o movimento alcançou repercussões maiores. São impressionantes as proporções assumidas pela comunidade de fiéis e depois pelo conflito. A cidade

santa de Belo Monte chegou a reunir uma população de 30.000 pessoas. O movimento também alcançou celebridade pelas contínuas derrotas sofridas pelas forças repressivas.

O pretexto do governo federal para reprimir os camponeses liderados pelo beato Antônio Conselheiro foi o de que se tratava de um movimento monarquista. De fato, Conselheiro detestava algumas novidades introduzidas pelo governo republicano, entre as quais o casamento civil, a secularização dos cemitérios e a cobrança de impostos. Também muitos padres estavam aliados à ideia de Conselheiro. Esse fato permitia que ele pregasse em suas igrejas. Os canudos ainda se resistiam às inovações do governo porque na monarquia o casamento e o controle dos cemitérios eram atribuições exclusivas da Igreja.

O fato da repressão ao movimento abriu rijas expressivas entre o governo republicano e os seguidores de Conselheiro. Depois de reprimir a Monte Belo e derrotá-los por três vezes consecutivas, foi enviada uma quarta expedição militar a Canudos com mais de 8.000 soldados bem armados. A disparidade das forças em combate era catastrófica; mesmo assim, o exército ainda sofreu milhares de baixas, até que Canudos fosse arrasada, em outubro de 1897. O arraial caíra a 5 de outubro, no dia seguinte destruíram casa por casa, um total de 5.200 contadas com muito cuidado (Vita, 1994, p.69).

Quanto ao episódio de Padre Cícero, apropriando-nos da ideia de Tabraj (2012), o contexto social do movimento em Juazeiro é similar ao de Canudos.

Padre Cícero tornou-se sacerdote em Fortaleza e se estabeleceu em Juazeiro quando ainda era um pequeno arraial.

O movimento se inicia com um “milagre” em 1889, acontecido na hora da comunhão com uma beata, quando a hóstia teria se transformado em sangue. O fato seria interpretado por Padre Cícero como uma mensagem do Sagrado Coração de Jesus para que o povo viesse a reviver a fé cristã e combater os inimigos da Igreja.

Todavia, o Bispo de Fortaleza, de espírito “romanizador”, até quis reconhecer o milagre, mas não aceitava a forma como estava sendo propagado. O problema chega a Roma e só termina com a morte de Padre Cícero, em 1934.

Enquanto vivo, mesmo suspenso de ordens, o Padre passa a receber romeiros de todos os cantos do país, fazendo Juazeiro crescer e logo ser elevada à cidade, que terá Padre Cícero como o primeiro prefeito. Passa a ser, assim, o homem com domínio político, social e religioso da região, adotando uma função de líder religioso leigo, assim como Antônio Conselheiro.

Como bem define Durkheim (1983):

A sorte dos Estados, e a dos deuses neles adorados, era considerada como estreitamente solidária. Não podiam, os primeiros vir e ser rebaixados sem que diminuísse o prestígio dos segundos, e reciprocamente. Confundiam-se, não eram senão aspectos da mesma realidade, a religião pública e a moral cívica. Contribuir para a glória da cidade era contribuir para a glória dos deuses da cidade, e inversamente (Durkheim, 1983, p. 51).

No caso do episódio do Padre Cícero, em Juazeiro, além da análise acima, uma personagem que, direta ou indiretamente, fez parte desse processo é o chamado Padre Ibiapina, tal personagem faz com que realizemos uma maior reflexão, para, em seguida, compreendermos o retrato da religiosidade descrita por Cordeiro de Andrade.

Padre Ibiapina “nasceu na fazenda Morro da Jaibara, Sobral, a 5 de agosto de 1806.(...) Morreu em 19 de fevereiro de 1883, às 2 horas da tarde. Tendo vivido 77 anos, 6 meses e 14 dias” (Martins, 1989, p. 200, 202 e 203).

Traduzindo livremente as palavras de Lira (1976), o Padre Ibiapina é talvez uma das personalidades mais estudadas no estado do Ceará, no século XX. Gilberto Freire, em seu livro *Sobrados e Mocambos*, dedica dezoito páginas ao Padre, chamando-o de “homem genial”. Na segunda metade do século XIX, não existia, em todo Nordeste, alguém mais conhecido do que o Padre Ibiapina.

Parafraseando Veras (2008), Ibiapina sempre pretendeu ser padre. Chegando a ingressar no Seminário de Olinda, em 1823. Todavia, com a morte do pai e do irmão mais velho na Confederação do Equador, Ibiapina desiste do celibato e vai cursar Direito em Recife, graduando-se em 1832.

Foi juiz de paz, chefe de polícia e Deputado Geral. Em 1850, iniciou um período de três anos de reclusão. Dedicando-se a leituras e meditações espirituais, retornou ao seminário e ordenou-se padre aos 47 anos.

Ibiapina, após sua ordenação, foi professor no Seminário de Olinda e, logo após, passou a atuar nas santas missões, percorrendo diversos estados do Nordeste. No Ceará, atuou na Região Norte, em Sobral e Santana do Acaraú, logo após, na Região do Cariri, principalmente em Crato, cidade vizinha a “Juazeiro do Padre Cícero”. Em Crato, publicou a *Folha Religiosa*, na qual eram divulgados os feitos (milagres) religiosos do Padre Ibiapina.

Para Cava²¹ (1976), o padre:

²¹Veras (2008) considera “um dos primeiros estudiosos a explicar a relação entre religiosidade popular e religiosidade oficial, tendo como referência de análise a noção de romanização”

Ibiapina encaminhou-se para as terras secas do sertão nordestino. Lá, distante de seus superiores eclesiásticos, parecia obcecado pelo objetivo de recuperar o povo para a Igreja e de fundar uma congregação de freiras que se dispusesse a ajudá-lo na sua tarefa. Nos dois decênios seguintes, até seu falecimento em 1883, Ibiapina atravessou seis estados nordestinos. Por toda a parte, pregava com o entusiasmo de seus dias de Sobral. Por toda a parte, era recebido, com veneração, por ricos e pobres. O trabalho do missionário não deixou de lado as melhorias materiais. Mobilizou trabalhadores submissos e crédulos não apenas para a realização de concertos nas igrejas e nos cemitérios mas, também, na construção de açudes, abertura de poços e cacimbas, bem como o planejamento de novas estradas, melhorias essas que foram acolhidas com entusiasmo pelas elites do interior, desejosas, sobretudo depois de 1865, de aproveitarem o surto de prosperidade que as exportações de algodão ainda lhes proporcionaram por mais cinco anos pelo menos (...)

O trabalho realizado por Ibiapina no Vale teve, realmente, algo de extraordinário: fundou uma congregação religiosa de mulheres, talvez a primeira do Nordeste, a qual, a despeito de sua ilegalidade canônica, constituiria um precedente importante na tentativa das futuras gerações eclesiásticas do Cariri para estabelecerem ordens religiosas genuinamente brasileiras. Com as suas casas de caridade, difundiu, no interior, as primeiras instituições educacionais para mulheres. Por fim, reuniu pobres e ricos no trabalho em comum pela glória de Deus e pelo progresso material do homem (Cava, 1977, p.30 e 31).

No entanto, ao fazermos uma analogia entre Padre Ibiapina e Padre Cícero, observamos:

Como o padre Ibiapina, padre Cícero operou milagres, curando os males do corpo e da alma dos sertanejos; como o padre Ibiapina, padre Cícero, aglutinou em torno de si homens importantes das localidades onde viveram; como o padre Ibiapina, padre Cícero entrou em conflito com a Igreja Católica, sendo penalizado pela instituição. Enquanto o padre Ibiapina teria sido obrigado a deixar o Cariri, padre Cícero teve suas ordens suspensas pela Igreja, sendo impedido de ministrar os sacramentos (Veras, 2008, p. 5).

Mesmo com todos os problemas que teve com a Igreja, atualmente, a Diocese de Sobral, encabeçada pelo Cônego Sadoc de Araújo, luta, junto a Roma, pelo processo de canonização do Padre Ibiapina.

De posse dessas informações e retomando à discussão da religiosidade em Sobral, nos primeiros anos do século XX, verificamos, como já comentamos no Item *A Diocese*, que a estrutura organizada por Dom José, na criação da Cúria sobralense, já vinha sendo organizada mesmo antes da Diocese ser fundada. Visto que o padre prodígio, que tinha estudado em Roma, sobrinho do Arcebispo da Bahia, já era pároco de Sobral desde 1908.

Todavia, tendo como base os nossos comentários acima e os das páginas anteriores sobre a estrutura diocesana em Sobral, verificamos que Dom José estava bem distante das práticas adotadas pelo seu conterrâneo, Padre Cícero, pelo seu colega de celibato, Padre Ibiapina, e por Antônio Conselheiro. Essa observação vem a ser ratificada por Freitas (2000), no instante em que o autor salienta:

O mito Dom José tem uma imagem diferente de outras personalidades intrinsecamente ligadas à religião ou à Igreja Católica que viraram mito também no Nordeste – como Padre Cícero, em Juazeiro do Norte – CE, ou Antônio Conselheiro, em Canudos – BA. Enquanto estes são associados a representações ligadas à humildade, pobreza e têm apelo carismático muito forte e coerente com uma cultura do “homem comum” ou do “homem ordinário”, como diria Certeau (1994), ao “Bispo-conde” são construídas representações com elementos nobres (o próprio título dado a ele demonstra isso) relacionados à Igreja e ao dogma rígido e disciplinar da religião (Freitas, 2000, p. 87 e 88).

Observamos, assim, que Dom José foi não apenas um teórico, mas um prático do processo de romanização da cidade de Sobral, fazendo com que a história do Padre Ibiapina tenha ficado restrita aos meios intelectuais da cidade. E que as comparações, em rodas populares da cidade, entre Padre Cícero e Dom José, permanecessem sempre circulando em torno das mesmas teses: Se Sobral valorizasse mais Dom José, ele seria idolatrado como Padre Cícero; Padre Cícero não fez um terço por Juazeiro em relação ao que Dom José fez por Sobral; Padre Cícero era um Coronel disfarçado, Dom José, sim, era um santo.

Apesar de não ver o caráter santificador de Dom José, o que confirma nossa análise anterior, Andrade (1934) vai enxergar o Bispo, também corroborando com nossa análise anterior, como a pessoa com maior poder religioso e político da cidade. O autor demonstra isso em alguns fragmentos do livro.

O homem que, por meio de um bilhete, era capaz de empregar qualquer pessoa nas comissões de trabalho.

— Já tirou o cartão, prima?
— Pére, que cartão é um?
— Móde que é de bêsta. O cartão mulher. O cartão que o senhor Bispo tá dando us pobres, prá Comissão, que já chegou (...)

— Zé Pedrosa, Zé Pedrosa... toma tento com as coisas, homem de Deus! A gente aqui, acaba apodrecendo. Fosse tu' dava um pulinho lá no palacio do senhor bispo móde ver si êle arruma um jeito prá gente sair desta inháca. Precisão é precisão. Zé, vái logo, enquanto tão botando retirante pro Forquilha.
Zé Pedrosa ouviu o conselho da mulher. De volta do palacio, o cartãosinho no bolso da blusa de mescla, passada a ferro, ia mostrando os dentes cheios de limo a todo mundo. Não se continha de alegre (Andrade, 1934, p. 54, 117 e 118).

Novamente Andrade (1934) demonstra o poder do Bispo, ao narrar que, se uma pessoa desejasse uma passagem para retornar ao seu lugar de origem, era só falar com o bispo.

— Vambora, negrada malandra.
Alguem reclamou, baixo:
— O cativoiro já se acabou. Ah! Se eu podesse ir pro Amazonas...
— Péde um adjuntório ao senhor Bispo, rapaz. E' pá casca (Andrade, 1934, p. 114).

Além de enxergar o eclesiástico pelo poder que possui, observamos que o autor, asfixiado por esse processo dicotômico entre religiosidade popular e religiosidade romana, durante a infância, adolescência e parte da vida adulta, após se distanciar dessa atmosfera sobralense e ir para o Rio de Janeiro, escreve *Cassacos*, não com um olhar padrão da maioria das bibliografias sobre Sobral, cuja vertente, conforme supracitado, tem como norte um retrato da cidade a partir do olhar de Dom José, ou seja, de uma *micro-roma*. Cordeiro vai retomar, por meio das suas personagens, que os arquétipos da religiosidade popular estavam intrínsecos na mentalidade cultural da população miserável da cidade, isto é, da maioria da população.

Tal fato pode ser observado logo no início do romance, que trata, justamente, da cerimônia religiosa do Menino Deus no Natal de 1918. Que, de acordo com Araújo (1985), “a procissão realiza-se com cinco imagens organizadas em fila indiana: São Joaquim, Santa Ana, São José, Nossa Senhora e o Menino Jesus, ainda hoje veneradas na capela-mor daquele templo sobralense” (Araújo, 1985, p. 96).

Durante a cerimônia, de caráter romano, Andrade (1934) vai interpretá-la pelo seu aspecto popular, pois a coroa do Menino Deus, no enredo de *Cassacos*, caiu durante a procissão, aliás, caiu não somente na ficção, como demonstra Araújo (1985): “Naquele ano, a coroa caiu apesar do cuidado daqueles que conduziam o andor sobre os ombros” (Araújo, 1985, p.96). O fato ou o episódio em *Cassacos*, de acordo com a população, seria um prenúncio de seca. O que realmente veio a ocorrer em 1919.

—Você viu, Jeronimo, a corôa do Menino Deus, cair?!...

O rapaz atendeu:

— O andôr do Menino Deus ía na frente, com êle em cima da bola do mundo, todo enfeitado. Gente chega fedida, na procissão... Depois, Nossa Senhora, que parecia achar graça prá todo o povo. Uma animação... (...)

Dona Bemvinda interpelou-o novamente:

— A corôa caíu mesmo, menino, hum?!

— Na saída da praça, prá quebrar a rua Senador Paula, bem debaixo do trapiá do Coronel Francisco Rico, foi o desastre...

A velha benzeu-se três vezes, beijando três vezes as extremidades dos dedos. (...)

Jeronimo procurou consolar a velha:

— Nada não, mãe, besteira!

Dona Bemvinda, imbutida de todas as superstições sertanejas retrucou, com uma acentuação desconsolada nas palavras:

— Nada, não?! Corôa do Menino Deus cair, sêca na certa... Tiro e quêda. Desde que me entendo ouço falar nisto. É um aviso do céu, que não néga.

Benzeu-se mais uma vêz, e pôs-se a debulhar as contas infundáveis do seu rosario... (Andrade, 1934, p. 9, 10, 11 e 13).

A religiosidade popular em *Cassacos* não para por aí. Permeia toda a obra por intermédio da crença, do modo de pensar e da voz das suas personagens. É importante salientarmos que a grande qualidade com que os diálogos são descritos em *Cassacos* faz com que o leitor se certifique de que as personagens de Cordeiro sabiam falar.

Dona Bemvinda, martelou a mesma frase:

— Corôa de Menino Deus, cair, sêca na certa. Tiro e quêda.

A moça contraveiu:

— A mãe tem cada uma... Isto é busão. Eu, nem móde coisa, não me bate a passarinha.

A velha insistiu:

— Busão? Busão? Antes fosse mesmo. Busão nada...
Biluca dirigiu-se á janela, com um sorriso de descrença nos lábios polpudos, de uma timidez gritante que pareciam pedir o conchego de outra bôca.
— Venha vêr, mãe, venha!
Dona Bemvinda estirou o pescoço comprido e magro de seriema espantada.
A filha apontando:
— Por detrás das torres da matriz ali, viu?
— Aquêla barrinha de nada?
— O relampago no Piauí, é mais bonito...
E vitoriosa, com uma graça garota brincando nos olhos:
— Cadê a seca, cadê?
Dentro da noite, uma coruja passou, rasgando mortalha.
Dona Bemvinda, com os dedos em cruz, espantou o agoiro:
— Creio Deus Padre... Te esconjuro. Figa, pé de pato...
Preocupava-a as perespectivas de sêca que agora adivinhava, desenhada em tudo, com o aviso da corôa do Menino Deus (Andrade, 1934, p. 14 e 15).

Fazendo uma relação com a seca de 1915, Dona Bemvinda desencadeia, em seu diálogo com a filha, que sua mente está povoada de uma série de crenças populares que comprovariam que 1919 seria realmente um ano de seca.

Nos últimos tempos, porém, não tirava o juiso da sêca, com um sôno povoado de sonhos máus. Hora via o gado caído, só com o coiro e os ossos, quando se não exterminava com o tinguí ou carbúnculo. As miuçãs girando como peru de rôda, embebedadas com salsa ou mata-bóde, só o que restava de verde nas pastagens da beira do rio. E a esteira movediça dos retirantes, arrastando-se como larvas descomunais nas estradas poeirentas, acoissados pela fome, a barriga lá dentro, engelhadinha, em contínuos roncões desesperados. Judeus errantes! Heroicos e resignados soldados do infortunio, na grande para da miserêia (Andrade, 1934, p. 17 e 18).

A mesma crendice popular é demonstrada nos discursos de rua traçados pela população em geral.

“É noite, começava a romaria.
Era um nunca acabar de gente, de aspecto lugubre, com a marcha lenta de quem acompanha enterro, acordumando-se em frente das igrejas, como um grande infôrme.
Resava-se o terço, implorando a chuva.
Ouvia-se comentarios no patamar da igreja:
— Este âno mesmo não cáe um pingô. Só vou resar porque o vigario pediu, não que me sobre mais um tiquinho assim de esperança...

— Eh! Chuva! Daminha banda também tou desenganada. O cristão espia pro céu, espia, e só divulga o sinal da desgraça da sêca. De madrugada não se fórma nem uma barrinha que seja, nas cabeceiras do rio. A lua parece um dia, de clara, sem chorar, com S. Jorge dentro, espigado, no seu cavalo, e o vento solto, de noite e de dia, assoprando da Cruz das Almas... Os lótes de retirantes, coitados, já vêm por aí, como Deus é servido, tão dizendo na rua...

— Você viu aquéla estrêla, antonte, no pingo das dôse? Pois olhe, mulher, quando éla bota a cara de fóra, de dia, póde se cortar a mortalha, porque a seca vem mesmo. No âno bom, a espiritada não arreda o pé ali de riba da serra do rosário, mas é de noite, só, chega a gente até pensa, espiano de longe, que a bicha tá junto com as pedras da serra. Você se alembra do quinze, não se alembra? A cara do tempo era por aqui mesmo, tal e qual, como esta... Quando deram fê, lá estava a estrêla, corôa do Menino Deus no chão, um desproposito de tudo que é sinal malino...

E uma crente:

— Ainda póde ser creatura. Prá Deus nada é impossivel... Eu sou do partido que a gente precisa resar, porque si Nosso Senhor não mandar chuva dá um tóquisinho no coração dos governos prá se lembrarem dos inocentes que precisam de serviço e comissão. (...)

Iam apanhar agua no pôço do Zé de Abreu. A's vêzes caminhavam tambem em silencio. Outras, embrenhavam-se nos comentarios:

— Já vigiou, primo? O mata-pasto tá fulorando. Adeus inverno! Nem um pingo mais ... (...)

— Por estas e por outras é que digo... retrucou a velha, franzindo mais a testa, já enrugada. E' bom mesmo que Deus castigue com sêca os atêus, prá abaixar o fogo desse povo. Depois, é Nosso Senhor que não presta... Fazem destas a peor... Merecem mais, até. Ainda é pouco, é pouco!" (Andrade, 1934, p. 19, 20 21, 80 e 183).

Ao examinarmos o comportamento da população por meio dos discursos proferidos, identificamos a relação do homem nordestino com a sua terra. Essa vinculação nos leva a presenciar uma luta na qual o amor e o ódio se confundem, é como se a terra passasse a ser inimiga do seu inquilino. Como descreve Andrade (1934), ao relatar o desespero de Mãe Rosa ao ter que deixar sua terra em virtude da seca:

Ao pronunciar, porém, as ultimas palavras, atirou-se ao chão, gritando uns grunhidos de dôr, abraçada com a terra, molhando-a de lágrimas, sonorizando-a de gemidos, com a terra que a expulsava do seu seio árido

como ventre de mulher estéril, e ali se ficou um trêcho longo como uma pedra, inconciente, calma, parada... (Andrade, 1934, p. 106).

Dentro do mesmo raciocínio, Cunha (2002) perfaz essa relação umbilical:

O heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre perdidas, tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episodiá-las. Surgem de uma luta que ninguém descreve -- a insurreição da terra contra o homem. A princípio este reza, olhos postos na altura. O seu primeiro amparo é a fé religiosa. Sobraçando os santos milagreiros, cruzes alçadas, andores erguidos, bandeiras do Divino rufando, lá se vão, descampados em fora, famílias inteiras -- não já os fortes e sadios senão os próprios velhos combalidos e enfermos claudicantes, carregando aos ombros e à cabeça as pedras dos caminhos, mudando os santos de uns para outros lugares. Ecoam largos dias, monótonas, pelos ermos, por onde passam as lentas procissões propiciatórias, as ladainhas tristes. Rebrilham longas noites nas chapadas, pervagantes as velas dos penitentes... Mas os céus persistem sinistramente claros; o Sol fulmina... (Cunha, 2002, p. 113).

Portanto, é diante da angústia da sobrevivência que o sertanejo aflora sua religiosidade mestiça, e o não encontro consigo mesmo dentro do catolicismo romano, como evidencia Cunha (2002) em sua análise antropológica noutra episódio em *Os Sertões*:

O homem dos sertões ...mais do que qualquer outro está em função imediata da terra. É uma variável dependente no jogar dos elementos. Da consciência da fraqueza para os debelar, resulta, mais forte, este apelar constante para o maravilhoso, esta condição inferior de pupilo estúpido da divindade. Em paragens mais benéficas a necessidade de uma tutela sobrenatural não seria tão imperiosa. Ali, porém, as tendências pessoais como se acolchetam às vicissitudes externas e deste entrelaçamento resulta, copiando o contraste que observamos entre a exaltação impulsiva e a apatia enervadora da atividade, a indiferença fatalista pelo futuro e a exaltação religiosa. Os ensinamentos dos missionários não poderiam exercitar-se estremes das tendências gerais da sua época. Por isto, como um palimpsesto, a consciência imperfeita dos matutos revela nas quadras agitadas, rompendo dentre os ideais belíssimos do catolicismo incompreendido, todos os estigmas do estádio inferior. É que, mesmo em períodos normais, a sua religião é indefinida e vária. Da mesma forma que os negros Haúças, adaptando à liturgia todo o ritual iorubano, realizam o fato anômalo, mas vulgar mesmo na capital da

Bahia, de seguirem para as solenidades da Igreja por ordem dos fetiches, os sertanejos, herdeiros infelizes de vícios seculares, saem das missas consagradas para os ágapes selvagens dos candomblés africanos ou poracês do tupi. Não espanta que patenteiem, na religiosidade indefinida, antinomias surpreendentes (Cunha, 2002, p. 118).

Porém, Andrade (1934) não deixa de abordar, por meio da fala do próprio autor, esse fatalismo inerente na crença da população:

E, já conformada, dentro do fatalismo ingênito do cearense:
— Seja feita a vontade de Nosso Senhor. E' porque tinha de ser assim... (Andrade, 1934, p. 106).

Por fim, transitarmos pelas páginas de *Cassacos* é ficarmos defronte ao espelho dessa religiosidade popular que brota de forma mais efusiva diante da degradação ocasionada pela seca. Degradação essa que pode ser vista nas fotografias literárias relatadas a seguir por Cordeiro de Andrade e que vão à contramão do cenário *micro-romano* construído pelas clássicas literaturas sobralenses.

RETRATO III- O semblante da miséria

Um dos últimos trabalhos referentes à história de Sobral, publicado com apoio do Governo do Estado do Ceará, em 2011, é a tese de doutorado da Socióloga Elza Marinho Lustosa da Costa, intitulada “*Sociabilidade e Cultura das Elites Sobralenses 1888-1930*”. No decorrer do trabalho, Costa (2011) afirma:

O período de grande vitalidade econômica de Sobral vai de 1880 a 1930. Seu declínio começa a partir de 1932, com a abertura de estradas para Fortaleza e outros municípios antes abastecidos por Sobral, fazendo com que a cidade perca sua posição de principal entreposto comercial da região norte do Ceará.

Ao lado desta vitalidade política e econômica, Sobral também se firmou como uma cidadela da Igreja Católica, cujo poder ia muito além dos negócios celestiais, traduzindo-se em bens, votos, prestígios, poder e todas as coisas terrenas que cobiçam os homens (Costa, 2011, p. 10).

Contudo, como já observamos em vários trechos de *Cassacos*, essa vitalidade econômica, provavelmente, estava restrita a uma pequena parcela da população sobralense. Aparentemente, não representando a realidade cidadina do início do século XX. Fato ponderado nos complementos de Costa (2011):

Nesta fortaleza econômica, política e moral surgiu uma elite que desenvolveu hábitos, atitudes e comportamentos que buscavam certa sofisticação e a autopromoção. A afirmação ostentatória das elites sobralenses, que atinge sua expressão maior na diversidade dos domínios da vida urbana, formou um sistema que chamamos de “cultura das elites de Sobral (Costa, 2011, p. 11).

Distante do discurso dessa cultura elitizada, Cordeiro de Andrade traça o cotidiano da urbe recheado de contemplação determinista típico da geração de 30.

Imbuído dessa ideia e da realidade vivida, Cordeiro utiliza um discurso que distancia o leitor de uma geografia patética, isto é, de um romantismo à terra, e o aproxima de uma paisagem que, para Dardel (2011) :

(...) não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social (Dardel, 2011, p. 32).

Agindo como um integrante da geografia local, o escritor se coloca e nos coloca dentro do mercado público da cidade e, em seguida, no matadouro público:

Eram os meninos creados á tóa. Pela manhã, depois de dizerem, “benção, pae, benção, mãe”, rumavam à feira, em falange, trapudos, a ajudar aos serranos pôrem as cargas a baixo, pastorear os seus animais, para depois terem direito de catar, nos surrões, de cabeças mergulhadas para dentro, as rebarbas das rapaduras que se quebravam durante o atrito da viagem de Meruoca a Sobral.

Ao meio dia, estavam no curral do açougue, uns com cuias, outros com urús de palha de carnaúba, á espera do sangue das rêzes que se entregavam passivamente á morte, isto quando não eram abatidas vacas prenhas, no mêz de darem cria, para safarem-se com os monjolos, já encabelados, rumo ao morro vermelho do curral, como bando de urubús famintos, mas diferentes dos urubús, porque a presa era repartida equitativamente. A’ tarde, rentes nas estações, aceirando o bonde bagageiro, puxado a burro, que fazia o transporte de farinha da colonia, ou feijão de arrancar, chegados do Pará, via Camocim.

Os mais desprotegidos da sorte, os que siquer não amialhavam dez-tões, para a compra de um canivete

“Corneta”, nem tão pouco o conseguiam no jogo dos dados, a espano e dois manos, improvisado nas calçadas das casas do lado da sombra, conduziam discretamente, no cós das calças, um arco de barril ou um estilhaço de vidro de garrafa de cerveja, o que facilmente adquiriam, no boeiro da praça do Mercado, atulhado de pacótes de excremento humano em adeantado estado de decomposição. Furavam, então, sacos e paneiros de farinha, enchiam os bolsos, enquanto o Antonio Chorão, o bolieiro os não advirtia com ameaças (Andrade, 1934, p. 11, 12 e 13).

Mais adiante, somos inseridos, juntamente com Andrade (1934), na realidade deplorável do centro da cidade, habitado por dezenas de miseráveis, que causa uma distorção no cenário romano desejado pela elite sobralense:

Eram três horas da tarde. A cidade se quebrantava num esmorecimento de morte.

Descia a rua da Aurora um batalhão de flagelados. Alguns baús tauxeados, em costas de jumentos esqueléticos; meninos no meio da carga, agarrados aos cabiçotes das cangalhas, caras chupadas, lambendo pedaços de rapadura; uma asa branca, triste, piando, dentro de uma gaiola; um papagaio tagaréla que fazia ginástica em redor dum garajáu; mulheres que conduziam crianças de couro, enroladas em molambos sujos e fedorentos, dependurados de tipoias... Chôro. Falas arrastadas, como si tivessem mêdo de sair da garganta... Flagélo. Resquícios ambulantes de lares devastados. A sêca. A fême...

Debaixo do tamarideiro do quiosque, na praça do Mercado, homens comiam, apressados, pedaços de jabá sapecados nos fogareiros das velhas cafeteiras, a farinha dagua ao fundo da copa do chapéu, os olhos espantados, denunciando o mêdo de que os outros os não fossem a ajudar naquêle miseravel repasto (Andrade, 1934, p. 63 e 64).

Embreados dessa dura realidade, observamos que o homem do sertão vivencia um ecótono social. A briga com o meio e consigo mesmo deixa de ser pela sobrevivência e passa a ser por uma causa que destrói os restos da dignidade humana. A razão do ir ou ficar não é por melhores dias e sim onde morrer com melhor pundonor.

No sertão, pelo menos, o pobre homem tinha com que enganar a barriga das crianças. Era uma ou outra frutinha de mandacaru, ao alcance da mão, um palmito, um pirão de farinha de mucunã, ou de páu mocó, e até maniçoba, num lento suicídio, mas de pança cheia, todo o povo.

Morriam intoxicados, de fome não! (Andrade, 1934, p. 44 e 45).

O resultado de toda essa mazela social não é apenas a morte física, mas também a de tornar-se um “morto vivo” capaz de destruir os seus próprios valores culturais e religiosos, a partir do instante em que a única alternativa é o aviltamento do próprio corpo:

Mocinhas cruzavam, apressadas, de uma bodega para outra, com lançadeiras de maquina, em rogos lamuriantes, sob a chalaça de uns, as propostas indecorosas de outros:
– Vamos morar comigo, minha filha! Te dou tudo só prá parir... (Andrade, 1934, p. 64 e 65).

Defronte dessas cenas, verificamos que a realidade geográfica projetada é:

(...) para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade. A realidade geográfica exige, às vezes duramente, o trabalho e o sofrimento dos homens. Ela o restringe e o aprisiona, o ato à “gleba”, horizonte estreito imposto pela vida ou pela sociedade a seus gestos e a seus pensamentos. A cor, o modelado, os odores do solo, o arranjo vegetal se misturam com as lembranças, com todos os estados afetivos, com as ideias, mesmo com aquelas que acreditamos serem as mais independentes (Dardel, 2011, p. 34).

Por fim, como uma cidade que buscava uma romanização espiritual e arquitetônica poderia conviver com toda essa discrepância em sua geografia social? Quais as posições que o poder vigente poderia tomar para abstrair essa paisagem que contrariava a ordem social almejada?

RETRATO IV- Campos de Concentração

A expressão “Campo de Concentração” nos traz a representação imediata de tudo que é mais repugnante nas atitudes do ser humano. Tratarmos desse tema é relembarmos as atrocidades

cometidas pelo nazismo. É recordarmos, particularmente, de um artigo intitulado *Educação após Auschwitz*, de autoria de Adorno²². Enfim, é refletirmos “a respeito de como evitar a repetição”.

Todavia, podemos nos interrogar: Qual a relação dessa temática com a pesquisa aqui trabalhada? Qual a vinculação dos campos de concentração, uma barbárie que, à primeira vista, é totalmente germânica, com o Brasil, aliás, com o Nordeste, aliás, com o Ceará, aliás, com Sobral do início do século XX?

Essas respostas estão dentro das soluções dos argumentos colocados no desfecho do *Retrato III, O semblante da miséria*.

Para melhor sequenciarmos nossa análise, as perguntas anteriores foram: Como uma cidade que buscava uma romanização espiritual e arquitetônica poderia conviver com toda essa discrepância em sua geografia social? Quais as posições que o poder vigente poderia tomar para abstrair essa paisagem que contrariava a ordem social almejada?

A princípio, é necessário pensarmos de forma dedutiva. Ao analisarmos o estado do Ceará, nos primeiros anos do século XX, mais especificamente durante a seca de 1915, parafraseando Neves (1995), foi criado, em Fortaleza, capital do Estado, locais que ficaram denominados como campos de concentração, para abrigarem os retirantes que vinham do interior, fugindo da seca, em busca de sobrevivência na capital cearense.

O mais conhecido desses campos de concentração era:

(...) o Campo de Concentração do Alagadiço aglomerou num terreno “cercado e arborizado” milhares de pessoas num ambiente de parcas instalações físicas e piores condições sanitárias, onde os números da morte também se concentram: em geral, era mais fácil morrer no campo do que fora dele! Os observadores parecem concordar que “nada mais repugnantes e contrário às regras mais elementares da higiene e caridade do que o Campo de Concentração dos retirantes do Alagadiço, em 1915” (Neves, 1995, p. 100).

Apesar de estar fora do recorte temporal que estamos pesquisando, as duas primeiras décadas do século XX, todavia, tratar-se-ão da década de 30, época em que *Cassacos* foi escrito. Oliveira (2011) destaca em um artigo denominado: *Campos de Concentração no Ceará: mais cruéis do que a seca*, o seguinte depoimento:

Com a seca de 1932, aprimorou-se o projeto de 1915. Foram construídos sete campos. Em Fortaleza havia dois,

²² Retirado de: <http://adorno.planetaclix.pt/tadorno10.htm>. Acesso em: 26/05/2012, às 15h26min.

para confinar retirantes que lá já estavam. Ambos chegaram a ter 1.800 presos. Os de Crato e de Senador Pompeu receberam mais de 16 mil cada um; Quixeramobim, 4.500; Cariús, 28 mil; e Ipu, cerca de 6.500. “Os sertanejos eram atraídos por promessas de trabalho, alojamento, alimentação e serviço de saúde”, afirma Kênia Rios. Mas a multidão era concentrada em espaços precários. Tinha a cabeça raspada, usava roupas feitas com sacos de farinha e trabalhava praticamente em troca de comida.

Os homens lidavam principalmente com marcenaria e construção de tijolos, as mulheres na fabricação de sabão e as crianças, que não tinham escola, podiam trabalhar e aprender artes e ofícios. Faltavam comida, água e remédios. Soldados armados detinham aqueles que tentavam fugir. Os campos mantinham locais para punir e encarcerar os rebeldes. “Atestados de óbito mostram que no campo de Ipu a fome e doenças como cólera chegavam a matar oito pessoas por dia”, destaca a historiadora.

Registros oficiais contabilizam mais de 60 mil cearenses mortos nesses campos. Estudiosos creem que morriam mais pessoas em função deles que da seca. “O flagelo era maior lá dentro, com tamanha concentração de gente doente. Por maior que fosse a seca, em liberdade o sertanejo poderia caçar ou se alimentar de frutos silvestres em muitas regiões, como no Cariri (região do Ceará)”, ressalta Valdecy Alves (Oliveira, 2011, p. 1 e 2).

Porém Sobral, historicamente, não é citado como um lugar que tenha abrigado esses campos de concentração, ou como também eram chamados, conforme Oliveira (2011), curral do Governo. Ainda assim, Cordeiro de Andrade vai interpretar as motivações da construção do Açude de Forquilha na contramão desse olhar histórico.

Como já foi relatado, em síntese, *Cassacos* conta a história de retirantes que chegaram a Sobral urbana durante a seca de 1919, e boa parte desses retirantes foi trabalhar na construção do Açude de Forquilha, obra financiada pelo Governo.

Logo nas primeiras páginas, Cordeiro já anuncia, em alguns diálogos, a relação entre a chegada dos retirantes e a construção do açude.

(...) Os lotes de retirantes, coitados, já vêm por aí, como Deus é servido, tão dizendo na rua (...)

Comissão, não digo, mas porém, vai ter serviço do governo e é muito. Só tenho é uma quezilia por negocio onde corre vale... Embirrei, e embirrei mesmo... O Doutô ajudante já chegou prás obras do açude do Forquilha que vae ser um marzão sem fim. A igreja do Campo Novo vai ficar debaixo dagua. Isto é um descomungo. Não sei

como um homem religioso como o coronel Zé Diogo aguenta esta, calado... Tão dizendo que querem derrubar a igreja, o senhor bispo é que não deixa (Andrade, 1934, p. 20, 21 e 22).

No entanto, nem o Bispo nem o coronel Zé Diogo, personagem que Cordeiro fez questão de utilizar o nome verídico, não impediram a demolição da Igreja e do cemitério do Campo Novo, conforme relato de Aragão & Loyola (2006):

Por termo firmado em 18 de setembro de 1920, a Inspectoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), posteriormente transformada em Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), representada pelo engenheiro construtor do açude, Domingos Rômulo da Silva Campos, e o Bispado (sic) de Sobral, no ato, representado pelo monsenhor José Ferreira da Ponte, vigário geral, convencionaram estipular uma indenização no valor de quatorze contos de réis, sendo três pela demolição e remoção do cemitério e onze pela demolição da igreja. (...)

Desativada a capela, em consequência da ameaça de inundação da barragem, desativaram-se, também, os labores produtivos e sociais do velho povoado. Mesmo assim, apesar da franca decadência da povoação, permaneceu, entre as ruínas do antigo modo de viver daquela gente, a figura do capitão José Diogo, uma espécie resistente do desmoronamento do lugar. Natural da Cacimbinha, com bases fixadas no Campo Novo, de lá continuou a gerir negócios que abrangiam todas as regiões circunvizinhas. Tornou-se rico e conhecido das autoridades sobralenses, granjeando, com isso, prestígio político junto ao juiz e chefe político Dr. José Sabóia de Albuquerque. Enquanto isso, a população transferia-se para as proximidades do acampamento das obras da barragem. Formavam-se as ruas Vila Nova, do Garrancho, do Papôco, do Alto Alegre (Aragão & Loyola, 2006, p. 49, 55 e 57).

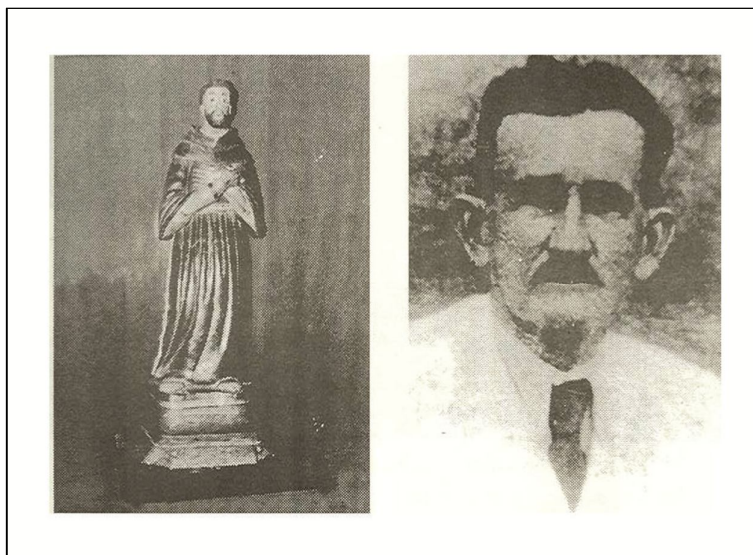


Figura 21 - Capitão Zé Diogo. São Francisco do Campo Novo. Escultura encontra-se no Museu Diocesano Dom José, em Sobral. Capitão Zé Diogo (à direita). Fonte: Aragão & Loiola, 2006 p. 57.

Mais adiante, o escritor é enfático, quando coloca que, em 1915, Sobral ainda não tinha campo de concentração:

(...) E, note-se: naquele ano, não existia campo de concentração, e o povo que chegava ia se agasalhando debaixo dos pés de páu, nas calçadas, estirados no chão como bichos brutos (Andrade, 1934, p. 44).

Em seguida, Cordeiro passa a relatar a realidade vivida pelos cassacos que estavam trabalhando na construção do açude ou no campo de concentração. O escritor busca traçar as condições físicas e psicológicas em que eram submetidos os trabalhadores:

Do alto do Urubú, lá vinham êles. Caixão de querosene á cabeça, transbordando de pedras, nus da cintura pra cima, um riacho de suor escorrendo entre os peitos, molhados os molambos que lhes cobriam o séxo. Não tinham noção do tempo, nem das coisas. Possuíam uma personalidade zero. Sabiam apenas do dever que tinham de trabalhar dôse horas por dia. Carregando pedras com a distancia de meio quilometro para o calçamento da cidade. Vinte caminhadas no mínimo. E ganhavam mil e duzentos réis. Ao meio dia, almoçavam farinha dagua com rapadura. Ao sol. De noite, jantavam fome. Consolavam o estomago ao repinicado dolente das viólas, sob o céu pesado de estrêlas. Faltava-lhes consciencia proletária (Andrade, 1934, p. 112 e 113).

Logo após, são apresentadas ao leitor, por meio das ações do farmacêutico Hormino, um comunista declarado e crítico das atitudes governamentais, as doenças, principalmente a gripe espanhola, ocasionadas pela precária situação vivida pelos habitantes do campo de concentração:

Fazia gosto vê-se aquêles modos paternais do fãrmaceutico.

Hormino não saía do campo de concentração. Atendia a todos os cassacos. Noite e dia ali, sem arredar o pé.

Aqui era um hidrópico que pedia uma meizinha para matar a doença das comidas brabas. A barriga que nem um bombo, os pés gretados como barro de lagôa sêca, estalando.

Forneciam esclarecimentos para o rapaz fazer o diagnostico do mal:

– Cansaço e umas pontadas nas cruces, doutô. Hora, módê que ando lascado no meio. A’s vezes a pilôra me agarra com vontade, chega me deixa baminho. Si não me arrear logo, éla dá comigo no chão.

Outro:

– Ah! Doutô, é cada ferroadá na bôca do estomago que só Nosso Senhor e eu sábe. Tem vêz que a barriga parece se sumir e eu começo a caçar éla, a caçar, mas a bicha da dôr é tão malvada que carrega éla mesmo. Foi o compadre Chico quem disse que isto é tomar por dentro ou feitiço, das duas uma. O doutô tem meizinha na botica pra feitiço? (...)

– Anda ruim, doutô, anda ruim. Acho éla difícil de escapar. Só se fôr um milagre de S. Francisco de Canindé. Tá cada vez mais pior, lésa, lésa. Si aquêla não tiver com a bóla virada quer ser nem sei o quê.

E levando a mão á cabeça duma filha:

– Esta aqui é os meus cuidados. Me dá um trabalhão dos diachos. Não prega as pestanas de noite, só tossindo prá se acabar. Prá pegar no sôno chupa um rór de pedra de sal. O puxado deu néla, – sabe doutô? (...)

Hormino andava de barraquinha em barraquinha, percorrendo a miseria acampada (Andrade, 1934, p. 129, 130, 131 e 132).

A título de analogia, a literatura oficial destaca que:

Em agosto de 1919 os operários da construção do açude e os moradores dos lugares adjacentes foram vitimados por uma infecção viral que dizimou dezenas de pessoas. A chamada gripe espanhola, nome popular dessa moléstia assolou o mundo todo, e foi bastante perversa com a população de Forquilha, onde os operários eram tratados em galpões improvisados de “hospital”, com recursos

precários e poucos resultados eficazes. Para sepultar os mortos improvisou-se, também, um cemitério ao lado esquerdo do sangradouro do açude. O terreno, coberto por marmeleiros, catingueiras e muitas juremas, passou a chamar-se “cemitério da jurema” (Aragão & Loiola, 2006, p. 67).

É importante também salientarmos que, em três artigos que destacamos anteriormente, do *Jornal Correio da Semana*, durante o ano de 1919, o caso da gripe espanhola ganha bastante destaque, inclusive foi a causa do Colégio Diocesano, inaugurado naquele ano, ter suspenso as aulas.

Todavia, conforme verificamos nos artigos relatados, a elite local defende que as principais causas da gripe espanhola são os aglomerados de mendigos existentes na cidade. Chegando a defender que os miseráveis deveriam ser levados, até mesmo à força, para trabalharem na construção do açude, assim, a urbe não precisaria conviver com essa gente. Fato análogo ao que ocorreu nos outros campos de concentração, historicamente relatados, como o do Alagadiço, por exemplo.

Tais argumentos nos levam a uma afirmativa interrogativa para nossas perguntas anteriores: Será que seria a estratégia governamental que a elite sobralense desenvolveu para melhor vivenciar sua romanização arquitetônica e espiritual? Será que a construção do açude foi também uma justificativa de isolamento dessa gente, denominada cassacos?

Assim sendo, podemos situar *Cassacos* na análise de Certeau (2012), em que há:

Noutras palavras, há “histórias” que fornecem às práticas cotidianas o esconjuramento de uma narratividade. Certamente, só descrevem alguns de seus fragmentos. São apenas metáforas delas. Mas, a despeito das rupturas entre configurações sucessivas do saber, representam uma nova variante na série contínua de documentos narrativos que, a partir dos contos populares, panóplias de esquemas de ação, até as Descrições das Artes da era clássica, expõem as maneiras de fazer sob a forma de relatos. Essa série compreende então igualmente o romance contemporâneo – e também os microrromances que são geralmente as descrições etnológicas de técnicas artesanais, culinárias etc. Tal continuidade sugere uma pertinência teórica da narratividade no que concerne às práticas cotidianas (Certeau, 2012, p. 133).

Entretanto, Ricouer (2012) nos alerta para como se pode responder ao passado:

Com efeito, o documento coloca a questão da relação do pensamento histórico com o passado enquanto passado. Mas nada mais pode senão formulá-la: a resposta está no papel da *imaginação histórica*, que marca a especificidade da história relativamente a toda observação de um presente dado, do tipo da percepção. (...) Perante a autoridade das fontes escritas, o historiador é considerado “sua própria fonte, sua própria autoridade” (...) Sua *autonomia* combina o caráter seletivo do trabalho de pensamento, a audácia da “construção histórica” e a tenacidade desconfiada daquele que, segundo o adágio de Bacon, “questiona a natureza” (Ricouer, 2012, p. 243).

Portanto, qual a “imaginação histórica” proposta pelo escritor, no decorrer da obra, para solução dessa problemática social? O que defende Hormino, a personagem “politicamente integrado”?

RETRATO V- Diante da escuridão do Eclipse na urbe de Sobral, o Comunismo é a solução

De forma sutil e eufemística, Cordeiro inicia o Capítulo 17 dizendo:

Falava-se muito, em Sobral, no casamento do Dr. Eduardo Siqueira com a Polidóra, filha do coronel Chico Paulino. No tal casamento e no eclipse solar, total. Na verdade, eram os dois maiores acontecimentos daquele fim de ano, de 1919 (Andrade, 1934, p. 145).

Porém, quanto ao casamento, conforme já destacamos, não ocorreu, em virtude do assassinato do noivo, que “desonrou” uma retirante e foi morto pelo pai da “vítima”. No que diz respeito ao eclipse, um fato que, como vimos, levou o nome de Sobral para o mundo, por ter sido o local onde, segundo alguns autores, Einstein confirmou a Teoria da Relatividade, conforme também verificamos a relevância histórica do caso nos artigos do Jornal *Correio da Semana*, é tratado por Cordeiro como um momento, visto pela “grande massa”, no mínimo “jocoso”.

Primeiro armaram umas barraquinhas de pano, na praça do Siebra, perto do cata-vento. Depois, instalaram-se na praça do Figueira. Eram uns homens rosados como camarão cosido. Umas barbas não sei de que tamanho, ruivas, que serviam de brinquêdo ao vento. Fazia até mêdo á gente.

Os meninos cochichavam desconfiados:

— Parece a barba do Casusa do boi, não parece? Do Bimbéu do Junco.

— A do Casusa do Bimbéu não é assim, comprida... A que é, é a do velho, do boi Lagartixa. Vi de perto, no dia que o filho duma mãe me fez de cebôla pra remédio do garróte...

Os primeiros automoveis que a cidade viu, os dos astrônomos. Dois fôrdsinhos, com jeito de gafanhôto de jurema. Três caminhões, cobertos á lona. Motociclétas gasguitos. Animação bôa. Muito melhor que a festa de Nossa Senhora Conceição. Nem se comparava...

Quando um carro passava, numa rua, businando, as janélas ficavam batendo assim...

— Fon-fon... fon-fon...

As mães aflítas:

— Passa prá dentro, Manéco! Olha que o diabo desse bicho não te pise. Capaz de errar o caminho e fazer uma arte...

Uma velha:

– Deixe vigiar desta gretinha, meu povo, a cara dos missionarios. Pelas cinco chagas de Cristo!

Aí foi que a lenda do fim do mundo tomou vulto. A terra iria pegar fôgo. Esperava-se que os Anjos do Senhor anunciassem a hora, com tóques de cornetas, lá do céu.

Das duas, uma: ou os homens de ciencia eram enviados de Deus, a converter os hereges, ou eram os Anticristos, anunciados pelos livros sagrados, que viriam desviar o povo do bom caminho.

As velhas se encarregavam do trabalho de difundir a primeira hipótese, prevenindo:

– Não aceitem nada desses bichos. Nem dinheiro. Nem rosario de oiro. Nem coisa nenhuma... Quem sabe lá se não são os demônios dos Anticristo?!

Meia dúzia de rapazes, tidos como inteligentes, porque eram ateus e anticlericáís, contrariavam as velhas:

– Que nada! Negócio de Anticristo é prá fazer medo a filho de padre, dengôso e que mija na rêde. Conversa prá divertir prêso.

Mas, depois, a sós:

– Mesmo no fim do mundo, Sobral não péga fogo. Frei Vidal Penha disse que a cidade se acaba, mas é debaixo dagua. As profécias dele não falham. Tudo tem dado certo, ali, na batata... (Andrade, 1934, p. 150, 151e 152).

Quanto à zona urbana da cidade, o escritor a utiliza, em determinados momentos, como uma relação afetiva da terra consigo mesmo. Uma espécie de vinculação uterina com o espaço em que viveu. Fato observado na apresentação da obra em estudo, na qual Andrade (1934) procura destacar que escreveu uma narrativa histórica, inclusive situando o leitor que vivenciou aquele episódio ou aqueles episódios quando tinha por volta de dez anos de idade.

Na sequência da obra, o autor tenta, de forma direta e indireta, ratificar que conhece cada palmo daquela terra. E, de forma ostentosa, faz de Sobral um cenário para *Cassacos*.

Baseado na contextualização histórica que fizemos nas primeiras páginas desse trabalho, quando discutimos urbanisticamente as épocas do *Gado*, *do Comércio*, *do Algodão* e da *Diocese*, podemos observar que Cordeiro circula por diversos espaços por nós mencionados de forma minuciosa.

Agindo como um *flanoer*, dentro das páginas de *Cassacos*, nos deparamos com a Rua Senador de Paula; Curral do Açogue; Lagoa da Fazenda; Rua do Oriente; Cruz das Almas; Gangorra; Praça do Figueira (local de ricos); Rua Fortaleza; Lojas Cialdini; Farmácia Sobral; Rua da Aurora; Junco a Rua das Dores; Teatro São João; Fábrica Sobral; Igreja Matriz; Praça do Siebra; Praça do Figueira; Igreja Nossa Senhora do Patrocínio; Rua Santo Antônio; Bonde Ferro Carril Sobralense (Nesse caso, Cordeiro descreve o roteiro do bonde conforme demonstramos, em forma de planta baixa, anteriormente; Serra do Barriga; Serra do Rozário; Serra da Meruoca; Açude do Forquilha, dentre outros espaços que contextualizam a Sobral dos primeiros anos do século XX²³.

Todavia, o escritor que redige *Cassacos*, na década de 30, no Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que apresenta uma relação epistolar com a sua terra, vomita os dissabores, em virtude dos descasos sociais, com a mesma efervescência. É uma espécie de relação freudiana com o espaço, como diz Certeau (2012):

(...) A infância que determina as práticas do espaço desenvolve a seguir os seus efeitos, prolifera, inunda os espaços privados e públicos, desfaz as suas superfícies legíveis e cria na cidade planejada uma cidade “metafórica” ou em deslocamento (...) (Certeau, 2012, p. 177).

Com isso, podemos observar, nas entrelinhas de *Cassacos*, que a cidade metafórica ou em deslocamento de Cordeiro está sacudida à procura de sobrevivência “alimentar”. Enquanto os donos do poder, no caso a Igreja, cuida da sua romanização, e os ricos emergentes, diga-se os coronéis, da manutenção do sistema.

Diante desse cenário, o escritor utiliza sua “imaginação histórica” para solução dessas questões, uma personagem comunista, Hormino, que, diante dos fatos, obviamente, será perseguido, em virtude das suas ideias.

Tal imaginação histórica é proveniente, conforme já relatamos, da geração de escritores brasileiros da década de 30, que era bastante influenciada pelas ideias comunistas. Fato que não foi diferente nas concepções ideológicas de Cordeiro de Andrade.

²³ Nota do Autor: Os locais supracitados encontram-se respectivamente nas páginas de *Cassacos* a seguir: p.13, p.11, p.14, p.17, p.20, p.22, p.25, p. 25, p.42, p.38, p.63, p.87, p.115, p.141, p.141, p.150, p.150, p.180, p.198, p.107, p.18, p.20, p.35, p.21.

Em *Cassacos*, o escritor apresenta suas concepções políticas por meio dessa personagem, Hormino, um farmacêutico que utiliza, como vimos no Retrato IV, seus conhecimentos sobre saúde para tratar das pessoas mais carentes. Além disso, assim como Cordeiro de Andrade, como veremos adiante, faz uso do jornalismo para expressar suas ideias a respeito do sistema vigente.

Logo no segundo capítulo de *Cassacos*, em meio aos diálogos angustiantes da população em decorrência da seca, Andrade (1934) nos apresenta o doutor comunista sendo o salvador dos problemas sociais, todavia, um modo de pensar não aceito pela Igreja romanizada.

De fato, se observarmos os artigos do *Jornal Correio da Semana*, destacados anteriormente, veremos as preocupações e as aversões que a Igreja possui em relação ao Comunismo.

Em outro momento, movido pela ideia de que “os brancos” ganham dinheiro com a seca, e que os retirantes são colocados em campos de concentração, em condições desumanas, Hormino escreve um artigo, cuja última lauda é colocada na íntegra em *Cassacos*:

(...) E os braços empolgados pela miséria ambiente, romperão os últimos élos das convenções burguesas, declarando guerra de morte ao capital. Aí serão inúteis as mediações tendentes a harmonizar estas duas forças antagonicas, porque o odio reprimido do operario, surgira com o ímpeto das grandes avalanches, para marcar a derradeira página de uma tragédia coletiva (Andrade, 1934, p. 65).

O artigo aumenta a ira dos poderosos contra Hormino:

O prefeito a mostrar-se surpreendido, num grupo de amigos, ou correligionarios:

– Sim senhores, nunca pensei. Daonde a gente não espera, daí é que sai. Pois o seu doutor Hormino, metido nessas coisas... Se sujando com uns pé-rapados, inimigos do meretissimo Presidente do Estado, uns cata-empregos... Pois não é?

Lia e relia o artigo, soletrando um termo mais difícil e concluía:

– E’ verdade, é verdade, tudo muito explicado. Que pena... Um rapaz tão bem procedido, doutor formado, dar uma cabeçada destas...

O coronel Chico Paulino, chefe político e delegado local, exibindo o officio que recebêra do chefe de Policia de Fortalêza, accrescentava:

– Os malinos dos futes comunistas da capital, foram agarrados. Tudo na cheirosa, até uma mocinha, metida á besta, que apareceu fazendo discurso na praça do Ferreira. Mulher de Capital não tem um pingão assim de

juiso. Adonde já se viu isto? O caso do seu doutor Hormino é que quebrou dentro, bem dentro. As ordens que tenho são claras como água da serra. Chamar êle á delegacia, dar uns conselhos, expondo a situação, mandar s'imbora, mas ficar vigiando, ali no piso. No caso de reincidência, grade nêle, e botar prá arrancar mato no terreiro da cadeia, fazer faxina, e meia grósa de bolos nas mãos e nas sólas dos pés, até rachar. E ainda não está preso por via da posição definida que ocupa na nossa fidalga e brilhante sociedade. Fidalga, sim, disse muito bem. Fidalga e brilhante... (Andrade, 1934, p. 88 e 89).

O artigo e as atitudes voluntárias de Hormino em favor dos habitantes do campo de concentração tornam mais concretas as perseguições contra o farmacêutico.

A campanha para impedir a atividade gratuita de Hormino no campo de concentração, tomava vulto.

Chico Paulino, mais o prefeito, tramavam:

– Aquêlê homem anda sofrendo do juiso. Não póde dar certo no meio dos retirantes, inda mais que doutro dia prá cá, vive mandando os desgraçados assaltar a burra dos ricos. Que todos nós somos uns ladrões, uns milhafres. Que eles devem tomar á unha o que a gente possui, prá repartir com todos os necessitados. Que a riqueza é produto de ações ilícitas, inconfessáveis, verdadeiras extorsões á bolsa dos pobres. Que somos uns tingas: vivemos da miséria dos outros, nos cevando em carniça. Deus nos acuda! O homem abre a bôca prá soltar cada maluquice... (...)

– O coronel inda é desse tempo? Tá com a faca e o queijo na mão, é só mandar se faz... Si não quiser resolver o negocio assim, mêtá o cabra na grade. Por doutô, não, que doutô também merece ensino. Fosse eu, escolhia três praças de cabilôro grosso e de cabelo na venta, e tocava o bicho prá casa dos percevejos. Mas não era só isto, não... Quando chegasse na Baixa da Egua, dava um banho nele, puxado. Mandava tocar o fulano com vontade e fê...

Lei é lei, coronel. Ninguém péca por andar em riba dela, não, seja como fôr. O diabo desta pena dos outros é que esculhamba o prestígio dos homens. Boi ladrão só endireita com cambão no pescoço. Emperrado, com ponta de aço nos quartos... (Andrade, 1934, p. 132, 133 e 134).

De repente, numa espécie de intensa taciturnidade, como quem roga nas mesmas partituras de Buarque²⁴, Hormino parece clamar:

²⁴Francisco Buarque de Hollanda, conhecido como Chico Buarque (Rio de Janeiro, 19 de junho de 1944) é um músico, dramaturgo e escritor brasileiro. Disponível em: <http://mpbzailda.blogspot.com.br/2009/01/chico-buarque-biografia.html>. Acesso em: 02/03/2013, às 11h13min.

Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue (...)

Como beber dessa bebida amarga?
Tragar a dor e engolir a labuta?
Mesmo calada a boca resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa?
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta (...)

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoia
Atordoado eu permaneço atento
Na arquibancada, pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa (...)

De muito gorda a porca já não anda (Cálice!)
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, Pai, abrir a porta (Cálice!)
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade?
Mesmo calado o peito resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade (...)

Talvez o mundo não seja pequeno (Cale-se!)
Nem seja a vida um fato consumado (Cale-se!)
Quero inventar o meu próprio pecado (Cale-se!)
Quero morrer do meu próprio veneno (Pai! Cale-se!)
Quero perder de vez tua cabeça! (Cale-se!)
Minha cabeça perder teu juízo. (Cale-se!)
Quero cheirar fumaça de óleo diesel (Cale-se!)
Me embriagar até que alguém me esqueça (Cale-se!)

É dentro desse clamor, oculto no não dito na obra de Cordeiro, que Hormino se despede, ainda quase na metade das páginas de *Cassacos*, sem muitos adeuses:

Naquela tarde, á porta da fãrmacia, Hormino escutava, atento, o Zuca Fiscal, que era da cosinha do prefeito, mas tinha também umas idéas, assim, assim, a que a mulher taxava de malucas.
O fãrmaceutico, inalteravel, depois de ouvir o amigo, teve aquela frase que Zola botou na boca dum seu personagem, no *Ventre de Paris*, para arrematar o romance:

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

– “Que grandes patifes, que são estas pessoas honestas!...” (Andrade, 1934, p. 134 e 135).

Finalmente, existe ou não uma relação não-simétrica, aquela que ocorre entre dois elementos de um conjunto, quando o primeiro pode ter ou não com o segundo a mesma relação que o segundo tem com o primeiro (Ferreira, 2004), entre autor e personagem, isto é, entre Cordeiro e Hormino? Cordeiro de Andrade... Que homem é ou foi esse?

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

CAPÍTULO IV – O HOMEM

4.1. Cronologia biográfica de Cordeiro de Andrade e a nossa procura por seus passos

Por uma questão didática e de contextualização, para melhor compreensão da vida de Cordeiro de Andrade, optaremos por expor *ipsis litteris* os dados biográficos, de forma cronológica, do escritor descrito na única biografia dedicada exclusivamente a Cordeiro que temos conhecimento e que servirá de base bibliográfica para redação desse capítulo. É a obra do historiador sobralense Francisco Sadoc de Araújo, intitulada “*Cordeiro de Andrade: Jornalista perdido na Ficção*”:

1908 – 26 de outubro – Nascimento de Cordeiro de Andrade, em Sobral, Ceará.

1909 – 8 de fevereiro – Batismo na Matriz de Sobral, com o nome de José. Em casa, era conhecido por Zeca.

1916 – Começa a estudar na escola particular do professor Francisco Tomás Frota.

1918 – Começa a trabalhar na tipografia de Vicente Loyola, como menino-de-recado (*office-boy*).

1919 – Presencia as cenas desoladoras da seca.

1920 – Transfere-se para a gráfica de Deolindo Barreto, como aprendiz de tipógrafo.

1924 – 18 de junho – Assassinato do jornalista Deolindo Barreto. Perde o emprego com o fechamento da tipografia.

1926 – Empreende viagem ao Rio de Janeiro e São Paulo.

1927 – Começa a escrever poesias sentimentais, em São Paulo.

1929 – Retorna a Sobral.

1930 – Instala tipografia própria, com o apoio do líder político João Pontes, de Massapê. Publica “Primeiros Versos”.

1931 – 19 de fevereiro – Circula o primeiro número de semanário “O Debate”, do qual foi fundador e editor.

– 5 de dezembro – Inicia uma série de artigos violentos contra Vilebaldo Aguiar, adversário político de seu protetor João Pontes.

1932 – 8 de fevereiro – “O Debate” é processado na Justiça, por crime de difamação e calúnia.

– 16 de maio – lançamento de “Poeira das Ruas”, livro de crônicas.

– 13 de junho – Cordeiro de Andrade é condenado, na Justiça, à pena de quatro meses de prisão celular e multa de um conto de réis.

“O Debate” ataca o juiz de Direito e Cordeiro de Andrade viaja para Fortaleza, onde recebe solidariedade dos colegas de imprensa.

– 10 de setembro – Funda o jornal “O Radical”, em Fortaleza.

- 13 de Setembro – Em Sobral, “O Debate” circula pela última vez.
- 1933 – janeiro – Chega a Recife, onde é procurado pela polícia. Foge para o Rio de Janeiro.
- julho – Funda o jornal “Constituição”, no Rio.
- 1934 – Passa a residir em São Paulo, onde trabalha como revisor do “Diário de São Paulo”.
- 1934 – Maio – Retorna ao Rio, onde publica o romance “Cassacos”. Passa a trabalhar no “O Globo”, como repórter.
- 1935 – Funda a revista “O mundo na mão”. Colabora em jornais e revistas cariocas. Faz amizade com Jorge Amado, Graciliano Ramos e Peregrino Júnior. Torna-se secretário particular do poeta e deputado Olegário Mariano. Empreende rápida viagem de passeio à Argentina.
- 1936 – Consegue emprego na Biblioteca Nacional, graças à influência de Olegário Mariano. Publica o romance “Brejo”.
- 1937 – 20 de março – Casa-se com Richotta Glória Guarino de Andrade.
- outubro - A “Revista Americana” de Buenos Aires concede “prêmio de honor” ao romance “Brejo”.
- 1940 – Publica o romance “Tônio Borja”, sua obra-prima. Sofre um derrame cerebral que o deixa hemiplégico.
- 1942 – Empreende viagem ao Ceará em visita aos amigos e familiares.
- 1943 – 7 de novembro – Falece no Rio de Janeiro (Araújo, 1985, p. 140 e 141).

Alguns pontos desses dados merecem comentários pessoais: há cerca de dois anos, investigamos os passos da vida pessoal desse escritor. Mesmo que Cordeiro seja sobralense, isso não facilitou em nada a pesquisa. Ao procurarmos o autor da obra biográfica acima citada, o mesmo se encontrava, e ainda se encontra, bastante convalescido. Portanto, demonstrou que não possuía mais nenhum documento que havia utilizado em suas pesquisas, e que o contato com Richotta, esposa de Cordeiro, e a principal fonte de informações utilizada por Araújo (1985) em suas pesquisas, também não estava mais sobre sua posse, chegando a insinuar que, provavelmente, Richotta já deveria ter falecido.

Cientes diante das informações de Araújo (1985) que Richotta era filha de um Almirante da Marinha Mercante Brasileira, resolvemos entrar em contato com a instituição e com pessoas, de maneira informal, que trabalharam nesse local, em busca de seu paradeiro, visto que o casal, de acordo com informações, não teve filhos; nada conseguimos, nem mesmo retorno da pesquisa.

Quanto aos familiares sobralenses, o único que tinha dados que poderia nos fornecer era o sobrinho legítimo do escritor, o advogado e professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Francisco Cordeiro Damasceno. Suas palavras sobre o tio são sempre as mesmas: “Não se sabe praticamente nada sobre a vida desse rapaz”. De posse das obras do escritor, o advogado só liberou-nos os livros por intermédio da pessoa que nos apresentou Cordeiro de Andrade, o linguista Padre Osvaldo Carneiro Chaves, pois, se não fosse por intermédio dele, não conheceríamos a obra, muito menos a existência do autor, figura praticamente desconhecida em Sobral.

Ainda baseado nos dados biográficos acima citados, procuramos, via telefone e e-mail, informações sobre a época em que Cordeiro havia trabalhado na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. As informações recebidas é que nada consta. Após diversas tentativas, descobrimos que a biblioteca possuía exemplares, no formato de microfilmagem, dos jornais *O Debate*, editados por Cordeiro em Sobral, durante os anos de 1931 e 1932, e o livro *Cassacos*. Adquirimos os jornais, visto que já estávamos de posse das cópias dos livros. Recebemos também a informação de que o livro supracitado se tornará de domínio público no ano de 2014, em virtude da época de sua edição.

Uma outra informação adquirida por seu sobrinho, Dr. Francisco Cordeiro Damasceno, será discutida adiante.

Por fim, temos convicção de que os passos de Cordeiro foram dados, mas os rastros não estão sendo encontrados, fato que fica em aberto para os que desejam pesquisar sobre a vida desse escritor.

4.2. Determinismo social e ideologia na biografia de Cordeiro de Andrade escrita pelo Padre Francisco Sadoc de Araújo.

Publicado pela Associação Cearense de Imprensa, com o patrocínio do Banco do Nordeste do Brasil, o livro *Cordeiro de Andrade: jornalista perdido na ficção* traz, além de uma biografia do jornalista e escritor sobralense Cordeiro de Andrade, o resumo dos romances do autor. Escrito pelo Pe. Francisco Sadoc de Araújo, conhecido escritor e historiador cearense, o livro é fruto de uma pesquisa realizada em livros e artigos de autores que se debruçaram sobre a vida e a obra do jornalista cearense. Contendo 144 páginas, *Cordeiro de Andrade: jornalista perdido na ficção* está ilustrado com fotografias do aludido jornalista, do frontispício de jornais dirigidos por ele, de capas de suas principais obras de ficção.

Ao percorrermos o livro em apreciação, vemos que a sua parte mais problemática diz respeito aos aspectos sócio-político-econômico-culturais que constituem o ambiente em que

Cordeiro de Andrade viveu e escreveu a importância do meio na formação da personalidade, Pe. Sadoc recorre a José Ortega y Gasset para potencializar a sua certeza a respeito da influência do ambiente nos primeiros anos de vida do jornalista sobralense. Quando seguimos esta linha de pensamento, deduzimos que Cordeiro de Andrade não passava de uma mediocridade entre mediocridades. Quem leu minimamente Ortega y Gasset sabe que o autor de *A Rebelião das Massas* era um defensor do elitismo cultural, enaltecedor das aristocracias e detrator das massas (Merquior, 1991).

Ainda em relação às influências do meio sobre o homem, Pe. Sadoc chama a atenção para o papel da educação “espontânea e natural” na formação intelectual de Cordeiro de Andrade:

Cordeiro de Andrade fez-se jornalista e romancista sob o efeito exclusivo da educação informal que soube assimilar particularmente durante a infância e a juventude vividas em Sobral agindo e reagindo, como rebelde e submisso, conforme o caso, sob as pressões do meio físico e cultural que o envolveram desde o berço (Araújo, 1985, p.16)

Se o escritor sobralense aprendeu rudimentos de gramática e de aritmética com um mestre-escola, é claro que foi condicionado pelo ensino formal, por uma pedagogia, com seus métodos, regras e conteúdos a serem assinalados.

Outro aspecto das influências sofridas por Cordeiro de Andrade, segundo Pe. Sadoc, diz respeito à educação cristã recebida pelo jornalista sobralense. Para o prelado,

O convívio intenso com os movimentos paroquiais, onde aprendeu o catecismo e se preparou para a primeira comunhão, permaneceram para sempre em sua mente, como se pode ver pela descrição pormenorizada, que deixou em sua obra literária, das procissões e dos novenários, e pela citação leiteral das orações litúrgicas, inclusive em latim. No entanto as manifestações ingênuas da fé popular transformadas em tolas superstições com que teve maior contato, não podiam ser aceitas por seu exigente senso crítico (Araújo, 1985, p. 26).

Notamos o contra-senso de Araújo (1985) ao fazer essas duas afirmações. O senso crítico de Cordeiro de Andrade soube afastar “as manifestações ingênuas da fé popular”, mas não se desvincilhou da “(...) formação em que o Bispo incutia no coração do povo.” O catolicismo popular é o alvo predileto da “Igreja romanizada” (Bastide, *apud* Della Cava, 1976). Vemos claramente a tendência de Araújo (1985) para defender a autoridade e a hierarquia da Igreja face ao catolicismo

praticado pelo povo, isto é, a verdadeira fé é aquela que conta com o aval da Igreja Católica Romana.

No tocante ao aspecto sócio-político-econômico, Araújo (1985) afirma que Sobral possuía o comércio mais importante da região Norte do Ceará, no período da infância de Cordeiro de Andrade. O prelado ainda sustenta que a cidade dispunha de “(...) setores primários e secundários já bem desenvolvidos e que, por conta desse desenvolvimento, (...) não havia um estado generalizado de pobreza absoluta (...)” (Araújo, 1985, p.27). Se levarmos em consideração o fato de que Cordeiro de Andrade passou boa parte de sua vida no sertão cearense, propício à pecuária e à agricultura de subsistência, castigado pela estiagem, veremos que a pobreza é um mal que assola as classes subalternas da sociedade, a exemplo o que ocorre no restante do Nordeste brasileiro. Sobral está situada em uma área geográfica atrasada e pobre, do ponto de vista dos recursos naturais e técnicos, e o comércio, que escoava a produção do setor algodoeiro pecuário, era fonte de riqueza e privilégio de uma minoria.

No que se refere ao aspecto político, Sobral não destoava daquilo que ocorria no restante do Ceará, nem do que predominava no Nordeste brasileiro. A presença do juiz de direito, José Sabóia de Albuquerque, no comando da política local, é representativa do poder das oligarquias cearenses e de seus prepostos. Como diz Araújo (1985), ao apresentar algumas características daquele magistrado, o juiz era:

(...) abastado fazendeiro e bem sucedido industrial, adquiriu extraordinário prestígio no seio da sociedade (Araújo, 1985, p.28).

A não ser pelas denúncias feitas por alguns jornalistas, dentre eles Cordeiro de Andrade, a política de Sobral era uma mesmice nas mãos dos coronéis economicamente bem sucedidos, durante a Primeira República.

Se o panorama local era este, o que dizer do país como um todo? O Brasil da Primeira República era um país que, apesar de algumas alterações ocorridas no final do século XIX e no início do XX, não superou suas contradições fundamentais. A vida econômica estava baseada na agricultura de exportação, tendo-se modificado apenas as relações de trabalho por força da Abolição da Escravatura. As atividades industriais se desenvolveram tardiamente e ocuparam lugar secundário na economia brasileira. O plano político da Primeira República não representou ruptura com relação ao império. Nela, se manteve predomínio das oligarquias e proprietários de terras, chamados, neste período, de coronéis, que constituíam o poder local e sua base eleitoral, a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz (1975) diz o seguinte:

(...) uma das grandes surpresas das repúblicas históricas
(...)foi a persistência desse sistema que acreditavam ter
anulado com a modificação do processo eleitoral
(Queiroz, 1975, p. 155).

Como consideração final, precisamos completar este esboço sublinhando a importância que tem um livro no meio social. Na medida em que sabemos que o livro é um corpo vivo, dotado de poder de convencimento, fica evidente que as omissões e emissões adquirem grande relevo na conformação do público leitor. Conforme já foi ventilado, o determinismo social e a ideologia da “Igreja romanizada”, presente em *Cordeiro de Andrade: jornalista perdido na ficção*, são lentes embaçadas que dificultam a percepção da imagem do jornalista e escritor sobralense.

4.3 - Cordeiro de Andrade, filho de Sobral

Diante dos dados cronológicos e da análise da biografia de Cordeiro de Andrade, além de desenlarmos os nós ideológicos movidos pelo próprio contexto do escritor, um fato podemos concluir, a relação umbilical de Cordeiro com sua terra, pois, como diz Campos:

Em todos nós, mais cedo ou mais tarde, acode-nos irreprimível
desejo de retornarmos às nossas fontes de ternura, à infância,
mundo que, quanto mais distante se ausenta, mais desejo se faz
(Campos, 1978, p. 61).

Portanto, apesar da ausência dos rastros mais concretos da vida de Cordeiro em nossas mãos, podemos verificar que o autor de *Cassacos* fez desses desejos irreprimíveis de reencontro com a infância a razão de vir a ser um indivíduo que se vestiu de agente cultural ou de um ser histórico, no sentido de ter buscado não ser apenas um coadjuvante, mas sim um protagonista da sua própria história, trazendo para si a responsabilidade de descrever a face da projeção do espelho de sua cultura.

Tal legado nos remete a observar que:

(...) os espaços são frutos das artes e das astúcias dos
homens que buscam definir fronteiras, estabelecer
proximidades, distâncias e separações entre homens e
coisas do mundo, dotá-los de certa ordem, torná-los
inteligíveis, lançando mão para isto não apenas de
explicações e compreensões racionais, mas também das
fantasias, dos mitos, das crenças, dos delírios, das luzes e
das sombras (Albuquerque Júnior, 2008, p. 82).

Por conseguinte, ao considerarmos que sua *pena* foi o objeto que canalizou suas expressões históricas, fantasiosas, enfim, suas narrativas, faz dessas suas atitudes uma ação cultural, “expressão paralela à “ação sindical” ou à “ação política”; designa uma intervenção que liga os agentes a objetivos (“ou alvos”) determinados”, por isso podemos considerá-lo, dentro do seu contexto, como um agente cultural, “aqueles que exercem uma das funções ou uma das posições definidas pelo campo cultural: criador, animador, crítico, promotor, consumidor e etc.” (Certeau, 2012, p. 195).

Todavia, convém ressaltarmos, através das palavras de Santos (2010, p. 135), que “as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis, são resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação”.

Parafrazeando Santos (2010), a história deste “indivíduo” está relacionada entre a “ação coletiva” e a identidade, portanto, fazendo parte de uma determinada classe. Além de salientarmos que a análise sociológica das classes, de acordo com este mesmo autor, pode ser resumida em três propostas:

Em primeiro lugar, as classes são um factor de primeira importância na explicação dos processos sociais, mas tal importância só é aferível em análises concretas e não necessita, para se sustentar, da estipulação abstracta da primazia explicativa. Em segundo lugar, é errôneo reduzir a identificação, formação e estruturação das classes à estrutura econômica da sociedade. As classes são uma forma de poder, e todo poder é político. O valor explicativo das classes depende das constelações de diferentes formas de poder nas práticas sociais concretas. (...) Esta questão conduz-me a uma referencia breve final sobre a terceira grande área temática através da qual a condição do presente interpela o marxismo: a direção da transformação social (Santos, 2010, p. 42).

Por fim, corroborando com a ideia do homem como ser histórico, construindo sua biografia a partir das suas relações sociais, é que verificamos que este mesmo homem julga e é julgado conforme o seu caráter social. Visto que “o conceito de caráter social é basilar para compreensão do processo social” (Fromm, 1983, p. 220).

A partir desse contexto, observamos que o caráter social

(...) provém da adaptação dinâmica da natureza humana à estrutura da sociedade. As modificações das condições sociais dão margem a mudanças do caráter social, isto é, a novas necessidades e angústias. Estas novas necessidades fazem surgir novas ideias e, por assim dizer,

tornam os homens suscetíveis a estas; estas novas ideias, por sua vez, tendem a estabilizar e a intensificar o novo caráter e a determinar as ações dos homens. Por outras palavras, as condições sociais influem nos fenômenos ideológicos por intermédio do caráter; o caráter, por outro lado, não é o resultado do ajustamento passivo às condições sociais, porém de um ajustamento dinâmico baseado em elementos que ou são biologicamente inerentes à natureza humana ou então se tornaram inerentes em consequência da evolução histórica (Fromm 1983, p.235).

Finalmente, desembaçarmos a alma de Cordeiro de Andrade, a partir dos elementos que possuímos, é colocá-lo dentro do seu contexto, da sua produção e de suas atitudes perante a sociedade que fez parte. É considerarmos esse ajustamento dinâmico da história e nos interrogarmos: Sobral é o grande protagonista das narrativas históricas de Cordeiro de Andrade?

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

CAPÍTULO V – A LUTA

5.1. A luta de Cordeiro como romancista

Considerarmos que a vida de Cordeiro de Andrade foi uma intensa luta travada contra a própria estrutura em que estava submetido não é nenhuma hipérbole.

Como escritor, romancista, de acordo com o Instituto Nacional do Livro e da Fundação Nacional Pró-Memória, ao reeditar *Anjo Negro*, romance póstumo do escritor, a cronologia da obra de Andrade (1984) é descrita da seguinte forma:

Primeiros Versos, Poesia – Sobral, Ceará, 1928;

Poeiras das Ruas, Crônicas – Sobral, Ceará, 1932;

Cassacos, Romance – Adersen Editores, Rio, 1934;

Brejo, Romance – Athena Editora, Rio, 1937;

Tônio Borja, Romance – Coeditora Brasília, Rio, 1940;

Anjo Negro, Romance Póstumo – Livraria José Olímpio Editora, Rio, 1946.

Inéditos:

O Mundo sem Luz, Romance;

Os Dois Mestres, Ensaio.

Sintetizando o pensamento de Araújo (1985), podemos destacar que:

Brejo: “É a continuação natural de *Cassacos*. (...) O tema é o trabalho penoso no carnaubal de uma fazenda sertaneja, em ano de inverno rigoroso. (...) desenrola-se em três partes: “partida”, com cenário na cidade de Sobral; “Cabras do Eito”, na Fazenda Brejo; e “Cangaço”, nos dois locais anteriores.

Tônio Borja: “(...) trata da vida de um jornalista amador, dono de um cartório que herdou do avô, decorrida durante o momento político anterior à Revolução de 30, na cidade de Sobral”.

Anjo Negro: “ (...) romance macabro e fatalista. Realça a força do destino e o poder da fatalidade sobre a sorte da vida humana. (...) Escrito em primeira pessoa, como se fora autobiografia, descreve os sentimentos de João Ventura, um mulato de gente, que se opõe a recordar a infância, até o tempo em que foi preso”.

Mundo sem luz: “Ainda inédito. (...) É um romance negro, com episódios carregados de pessimismo. (...) tendo por cenários principais o porão de um navio de emigrantes nordestinos e uma favela do Rio de Janeiro”.

Para o menino pobre, filho “carnal” do início do século XX, criado no semi-árido nordestino, que morre aos 35 anos, sem dúvida, podemos considerar que teve uma vasta produção literária, pois, como diz Araújo (1985):

Formado no interior da província, autodidata, longe dos meios literários, quase sem leitura por carência de biblioteca, Cordeiro de Andrade, ergueu-se dos próprios pés, alçado apenas pela força indomável do engenho pessoal (Araújo, 1985, p. 138).

Parafrazeando Campos (1978), que conheceu pessoalmente Cordeiro de Andrade, em seu livro intitulado *Complexo de Anteu: Ensaio*, no qual dedica um capítulo ao escritor sobralense, demonstra que a infância de Cordeiro de Andrade é o *leit-motiv* de praticamente toda sua obra. Posteriormente, ratifica seu pensamento anterior e acrescenta que sertão e infância forma o binômio que entaipa as recordações mais palatáveis da sua literatura. Além disso, faz referências específicas aos seus quatro primeiros romances. Atentando que, tanto em *Cassacos*, *Brejo e Tônio Borja*, a sua infância na cidade natal e os costumes folclóricos, políticos e religiosos estão presentes nas suas narrativas. Quanto a *Anjo Negro*, apesar do cenário não ser Sobral e, sim, o Rio de Janeiro, o sertão não se desfígura de suas páginas. Fato observado na marca quente do seu regionalismo durante os diálogos descritos.

O ensaísta salienta também que, em *Cassacos*, Cordeiro trata da relação do homem com a terra mais intensamente do que em qualquer outra de suas obras. Além de frisar que o lado revolucionário do escritor é precipitado, fazendo a obra correr o risco de ficar comprometida no seu apreciável nível da crônica sociológica. Todavia, é ressaltado que esse comprometimento não chega a ocorrer, visto que o aspecto telúrico da obra supera tais precipitações.

O autor de *Complexo de Anteu: Ensaio* situa *Tônio Borja*, obra escrita em primeira pessoa, como uma obra marxista e o melhor da criação literária de Cordeiro de Andrade, destacando que o revolucionário escritor, agora, é menos rancoroso e mais maduro, tratando melhor o aspecto psicológico das suas personagens do que em *Cassacos* e *Brejo*.

Utilizando, agora, o literal do raciocínio de Campos (1978), ao fazer uma relação de *Anjo Negro*, obra póstuma do autor, na qual Sobral não é o cenário, com *Tônio Borja*, o ensaísta proferi:

O binômio sertão-infância acaba, como vimos, aperfeiçoado em *Tônio Borja* e *Anjo Negro*, em que a urbanização é flagrante. Mas nem aí, ou nem assim, o romancista consegue oferecer aos seus leitores um clima de ocorrências bem sucedidas. Ao contrário, a felicidade, o instante de paz, principalmente no amor, é forma aparentemente inacessível. A não ser em *Cassacos*, em que Biluca, depois de recusar por incompreensão o afeto de Roseno, acaba por aceitá-lo, há sempre, evidente, a mesma situação de personagens frustrados como Tônio

Borja, decidido a sair pelo mundo à procura de seu ente amado. Em todos os livros, há um Tônio Borja (ou o próprio autor?) (Campos, 1978, p. 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68 e 70).

Essa marca da infância nas obras de Cordeiro de Andrade é também verificada por Araújo (1985), ao afirmar que:

Foi no ambiente da infância onde Cordeiro de Andrade foi buscar a fonte inspiradora de sua obra literária, toda ela uma diatribe aos males que presenciou e viveu. Os sofrimentos pessoais, sublimou-os na poesia; os desacertos da sociedade grã-fina, combateu-os nos primeiros livros da mocidade; os males políticos, profligou-os no jornalismo; as injustiças sociais, denunciou-as nas obras de ficção (Araújo, 1985, p. 29).

Outra visão análoga de Araújo (1985) com a de Campos (1978) é em relação à maturidade literária de Cordeiro ao escrever *Tônio Borja*: “É o grande momento da ficção de Cordeiro de Andrade, livro atraente, bem estruturado no enredo, cheio de observações psicológicas e perfeitamente sequenciado” (Araújo, 1985, p. 115).

Por fim, em meio às analogias e divergências entre os poucos que analisaram as obras de Cordeiro de Andrade, alguns fatos não podem ser contestados: As lembranças de sua sofrida infância; Sua relação com a terra natal. Até mesmo nos romances póstumos, *Anjo Negro*, já editado, conforme visto anteriormente, e o não editado, *Mundo Sem Luz*, cujos cenários não são Sobral, em ambos a dor do nordestino desamparado pelo sistema está presente; A revolta com a sociedade em que faz parte é vista de forma direta ou indireta, conotativa ou denotativamente; E a luta de fazer da narrativa histórica um marco das suas obras literárias. Pois, como adverte Ricouer (2012):

(...) entre uma tentativa e um curso de acontecimentos, não há uma relação de reprodução, de reduplicação, de equivalência, e sim uma relação metafórica: o leitor é dirigido para o tipo de figura (*liken*) os acontecimentos narrados a uma forma narrativa que nossa cultura tornou familiar (Ricouer, 2012, p. 261).

Diante do exposto, interrogamos se os caminhos seguidos por Cordeiro de Andrade como romancista vão de encontro às estradas seguidas pelo mesmo como jornalista.

5.2- A luta de Cordeiro como jornalista

Apesar de Cordeiro de Andrade ter sido um jornalista da década de 30 do século XX, vamos observar que o seu pensamento sobre essa arte de fazer imprensa assemelha-se ao pensamento do contemporâneo jornalista brasileiro Ricardo Noblat (2005), ao suscitar sobre a função social daquilo que acabou ficando conhecido como quarto poder:

O mundo não se divide entre bandidos e mocinhos. O mocinho de hoje pode ser bandido de amanhã – e vice-versa. Mas sei – ou posso saber – quando estou diante de um bandido no exercício da bandidagem. Devo ouvi-lo para que se defenda. Jamais, contudo, o tratarei como à sua vítima. Ela será mais bem tratada. Porque creio sinceramente – por mais que isso traia uma visão romântica do jornalismo – que a imprensa existe, antes de tudo, para socorrer os aflitos. E afligir sem dó os seus algozes (Noblat, 2005, p. 65).

Fazendo das palavras de Araújo (1985) as nossas, no entanto, conservando suas ideias originais, Cordeiro de Andrade sempre foi um homem de imprensa. Em 1919, já trabalhava na tipografia do jornalista Vicente Loyola, proprietário do Jornal *O Rebate*. Neste mesmo ano falece Vicente Loyola, conforme observamos nos artigos do *Correio da Semana*, expostos anteriormente neste trabalho.

Com o desaparecimento do jornal *O Rebate*, Cordeiro foi trabalhar com o jornalista Deolindo Barreto, que, desde 1914, mantinha o combativo jornal *A lucta*. Em 1924, Deolindo Barreto é assassinado barbaramente na Câmara Municipal de Sobral, como frisado ao tratarmos da era da *Diocese*.

Com receio do panorama político da sua terra e de tudo que havia acontecido com o seu patrão Deolindo Barreto, em 1926, com ajuda de alguns amigos e algumas migalhas que possuía, Cordeiro de Andrade empreende uma viagem para o Rio de Janeiro e São Paulo.

Nesta viagem, Cordeiro teve a oportunidade de entrar em contato com “os poetas do mal” e com os grandes romancistas franceses. Todavia, em virtude das condições financeiras, logo teve que retornar a Sobral.

Chegando a Sobral, desempregado e desenganado da vida em terra estranha, o jornalista sobralense resolve adquirir uma tipografia. Sem condições financeiras para o empreendimento, se junta com o amigo e jornalista Abdias Linhares, da vizinha cidade de Massapê, para, juntos, reativarem uma tipografia existente naquela cidade, de propriedade do Coronel João Pontes, líder

político do partido democrata. Logo a proposta foi aceita, e a tipografia transferida para Sobral. Juntos, Cordeiro de Andrade, Abdias Linhares, J. Aragão e Albuquerque fundaram o jornal *O Debate*. Termo bastante próximo do jornal de propriedade de Vicente Loyola, *O Rebate*.

Seguindo a lógica de pensamento de Araújo (1985), foi nessa mesma tipografia que Cordeiro publicou seu primeiro livro, *Poeira das Ruas*, composto de poesias e crônicas.

Retornando ao jornal *O Debate*, seu expediente era composto por: Cordeiro de Andrade, como diretor; José Aragão e Albuquerque, como redator; Abdias Lima, secretário. O primeiro exemplar circulou em fevereiro de 1931, e era publicado todas as quintas-feiras com tiragem de mil exemplares. O cabeçalho dizia: “A nossa arma: *a pena*. O nosso escudo: a verdade”. Em cada exemplar, o leitor podia se deliciar com as crônicas intituladas *Notas à Margem*, de autoria de Osíris da Luz, pseudônimo utilizado por Cordeiro de Andrade.

O cenário político nacional, estadual e municipal, na época do lançamento do jornal de Cordeiro de Andrade, era extremamente tenso. No Brasil, eclodia a Revolução de 30, com o Estado Novo de Getúlio Vargas. No Nordeste, o cangaço surgia no meio político. No Ceará, o jornalista Antônio Drummond, diretor da *Gazeta de Notícias*, havia sido assassinado em 11 de junho de 1930, em Fortaleza. Massapê, terra do padrinho de Cordeiro de Andrade, João Pontes, pessoa que o cedeu a tipografia, vivia um clima de igual tensão, pois o Coronel João Pontes era conhecido por sua rebeldia e estava sofrendo forte oposição do Partido Republicano Conservador, conhecido por “marreta”, cujo líder era Vilebaldo Aguiar, que tinha o apoio do jornal *O Combate*, dirigido por José de Freitas sobrinho.

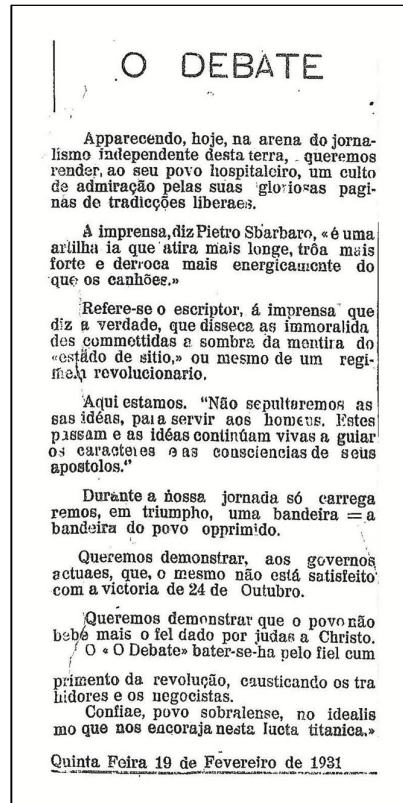
Diante dessas desavenças, principalmente as caseiras, como as de Massapê, visto que “as relações de amizade e parentesco no Brasil tendem a ser mais fortes do que eventuais diferenças ideológicas” (Noblat, 2005), Cordeiro termina se envolvendo diretamente na briga política entre João Pontes e Vilebaldo Aguiar.

5.2.1- Debatendo com *O Debate*

Antes de iniciarmos, é necessário um breve intróito. As cópias do jornal *O Debate* que serão apresentadas, de precioso valor histórico e raridade, possuem alguns problemas em suas imagens, que foram cedidas, conforme já relatamos, pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Nos primeiros exemplares, *O Debate* segue uma linha de combate às injustiças sociais que estariam ocorrendo nas sociedades como um todo.

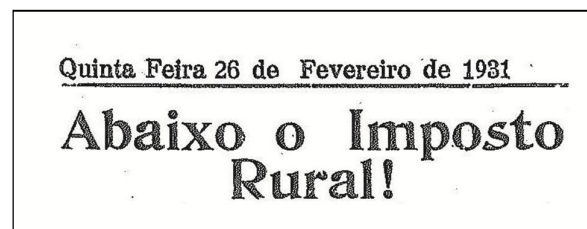
Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



Documento 24 - Primeiro exemplar de O Debate, de Cordeiro de Andrade.



Documento 25 - Manchete do segundo exemplar de O Debate.

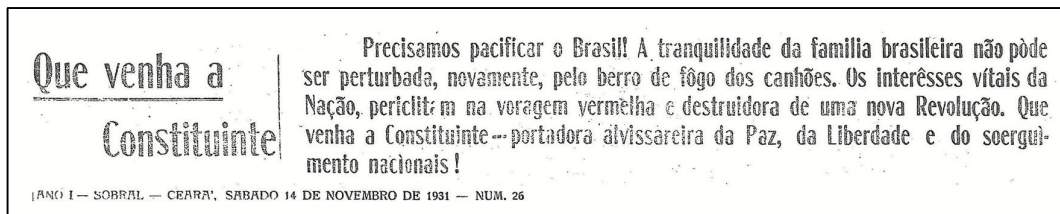


Documento 26 - Manchete de O Debate, 26 de Fevereiro de 1931.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



Documento 27 - Terceiro exemplar de O Debate.



Documento 28 - Manchete do Jornal O Debate, nº 26.

Observando estes retalhos jornalísticos, podemos verificar que, teoricamente, *O Debate* queria interrogar a sociedade da época àquilo que Noblat (2005) nos interroga atualmente:

Às favas todos os escrúpulos quando honestamente apuro fatos e quando tais fatos avalizam determinadas conclusões! Como jornalista, tenho obrigação de apresentá-los ao público – não de escamoteá-lo ou distorcê-los a pretexto de ser isento e objetivo. O público que julgue meu trabalho. Ele pode me censurar com sua repulsa ou me premiar com seu respeito e assentimento. Se não serve para esclarecer, alertar, forjar consciências e contribuir para a construção de um mundo menos injusto e desigual, para que serve mesmo o jornalismo? (Noblat, 2005, p. 41).

Outra curiosidade dos primeiros exemplares são as crônicas de Osiris da Luz, pseudônimo de Cordeiro de Andrade, escritos com o título: *Notas à Margem*.

<p>As mulheres andam mesmo a trez por dois... vbiens.</p> <p>(Perdão, minha amavel leitora, pelas minhas irreverencias...)</p> <p>Tenho certeza de que você está roxinha de raios, passando seus lindos olhos (verdes, brancos, castanhos, de que cor, meu Deus?) encobertos, injectados de sangue, sobre estas palidas linhas.</p> <p>Provavelmente já fui epithetado por você, neste instante, de atrevido, de uespéitado, e queiradas expressões.</p> <p>Você ha de dizer tambem, numa linguagem eloquente, concisa, que estou errando.</p> <p>Eu sou mesmo um roedor da... vida alheia. Ademais esta profiss, são", constitue para mim e para muita gente "casacuda", um elegante passatempo. Se bem que eu não seja casado.</p> <p>Embora o futurismo esteja em voga, domi nando de norte a sul, não peritica a minha alicia, sempre fui um adepto do passadoismo. E o fallar da vida alheia, é um passadoismo aristocratico, mesmo "da pontinha" como se diz na pyria.</p> <p>O... vbiens feios, as</p>	<h2 style="text-align: center;">Notas à Margem</h2> <p style="text-align: center;">I</p> <p>sim como eu, o José Pimentel, o Joaquim Araújo (o Paulo não, porque é bonito), gostam imensamente de fallar das mulheres.</p> <p>E eu sou tão feio, que o Fontenelle, um dia me falou assim, sem rebuços:</p> <p>— Tu és feio que só a justiça de minha terra Saibam quantos interesses possa, que o Fontenelle é natural de Granja.</p> <p>Mas vollemos ao caso. Falei nas mulheres de... graça, no futurismo, no passadoismo, na minha fealdade, na justiça de Granja, e nada disse.</p> <p>A minha bondosa leitora, de certo que está bocejando de preguiça, sem animo de ler até o fim as minhas notas.</p> <p>Mas a charra desta chroniqueta, minha amavel leitora, (isto é, o renale, porque, chace é de Jahú, gaveta, etc) é que lhe "que irritar os nervos, e lhe obrigar a dizer meia duzia de palavras "amáveis" a este desprezencioso rabisca dor.</p>	<p>La, no alto da segun da pagina, leio o seguinte:</p> <p>— Maria Monticelli, viuva de meia idade, trabalhadora, p... sendo alguns bens, deseja contrair novo matrimonio com um rapaz novo, trabalhador, etc.</p> <p>Os interessados deverão dirigir-se á mesma, em sua residencia, á rua Azevedo e Silva, 502 = Moçoca...</p> <p>Lambi os heicos, vi todos seus bens que não eram poucos, tive nojeja e raiva desse feizo rão que me arrancou os sobry, senti o frio de S. Paulo, insupportavel, penetrante como um d' lamina de pinhal, e, ao meu lado... ao meu lado a Maria, risonha, satisfeita...</p> <p>— Sonhos que se não realizam, illusões perfidas, por que me espiçações o c rebro?... Por que me transportas do mundo real para um subjectivismo ignoto e louco?</p> <p>Perguntei tudo isto de mim para mim, e repeti textualmente:</p> <p>— Se eu estivesse em S. Paulo...</p> <p style="text-align: right;">OSIRIS DA LUZ</p>
<p>QUINTA-FEIRA 19 DE FEVEREIRO DE 1931</p>		

Documento 29 - Notas à Margem, 19 de Fevereiro de 1931

<p>Os domingos, na cidade, são felizes e ban es.</p> <p>Para mim, sempre trozem, consigo, um cortejo negro de tristeza.</p> <p>Por isso costume passal-os nos campos.</p> <p>Depois de seis estafantes dias de labutas incessantes, envolto no luto yrinto tumultuoso das cidades, é oprazivel, um dia, nos campos, para um mortu, cujos olhos se elevam extastados, ante a mirogem verde das flores.</p> <p>Para mim é uma delicia mesmo, melhor do que o "pega-pinto" do Camerino! (Com licen sa dos vicarios!).</p> <p>E hoje estou diante de um domingo, esbientenie de sol, rico de fulgor. São seis horas da</p>	<h2 style="text-align: center;">Notas à Margem</h2> <p style="text-align: center;">II</p> <p>manhã. Os passaros acordam para a festa verde das compinas... A linguagem das aguas dos correjos, tem a meloita de um côro de senohins e lembra "perolas coladas numa bacia de prata"...</p> <p>Os meus olhos emotivos de senhador, atom panham, extalcos, a voga dos pintasilgos, dos canarios, dos sabiás, dos cupidos.</p> <p>E o espaço é entrecortado de instante a instante, pelo farfalhar da se da de suas azas sonoras...</p> <p>Parace que a alma da gente se curva, reverentie, pequenina, ante o espectaculo estupendo da natureza em festa...</p> <p>Tudo emba uma elegia, a um cantico liturgico, no altar da natureza.</p> <p>E para elle, tambem sôbe, em preces volteas, o fumo azul do incenso de nossa admiração.</p> <p>Não sei por que, num dia como isto, me sinto summamente feliz.</p> <p>Aqui, tudo me sorri.</p> <p>Estou longe da maldade dos homens, do egoismo avassalador...</p> <p>Aqui, na redenção, ha uma celebração do diabo...</p> <p>O forni estaltrazado... De quando em quando, um bilhinho q' se cluava typografico, suspensos; calcanhares e berra:</p>	<p>— Faltte materia "sen" Osiris. O jornal está atrazadissimo!</p> <p>— Deixe uma colunna em branco, digo eu...</p> <p>— Então escreva uma nota, um artigo, ou um... um, diabo qualque, dizendo que... que... não tem materia, que vai uma colunna em branco...</p> <p>Accendeu um cigarro, resmungou, e sahii asso biando o Zebreira.</p> <p>E o meu mister de jornalista, obrigoz me a escrever esta salada de mentiras para completar o jornal, e cumprir uma ordem expressa do sr. typografico, dizendo bem alto, ao leitor, com foia a força dos meus punhões, que...</p> <p>... Não ha materia... — Tableaux...</p> <p style="text-align: right;">OSIRIS DA LUZ</p>
<p>QUINTA-FEIRA 26 DE FEVEREIRO DE 1931</p>		

Documento 30 - Notas à Margem, 26 de Fevereiro de 1931.

Notas à Margem		
III		
<p>Quem inventou typhographo, está no inferno... Ah! é uma pena justa para o engraçado que nos dotou com tão preciosa peça, que ha feito muitas cabeças aêdar ds tontas, de rativa... Porque, elle é um bicho que quando não faz voar a gente, dá desgosto. É um inimigo acerrimo de portuguez, que ds vezes, ficamos, por algum tempo, a pensar, que, todo typhographo, é "parente do escriptor Antonio Torres". Porque, não podendo fazer mal aos portuguezes, se vinga no idioma destes, como prova solenne de sua ira, para com os filhos da patria de Camões. E sempre encontra razão para se defender. Allega que a letra é pessima, que não escrevemos conforme, que o d parece com a, o j com i,</p>	<p>é, até mesmo que o x tem parecença com i. Faleador que nem perquito em rãçadi! Lingua, muito maior do que a minha bengalã. Gosta de jogar piadas aos transeuntes e de chamar a mulher das brãs e depois dizer embaticamente, entre uma gargalhada sarcástica, que faz estremecer o prelo. —Vende tiado? Dahi a razão das constantes decepções que passamos por causa des se bicho. O outro dia, os nossos typhographos puzeram num annuncio do meu amigo Eduardo Macado, o seguinte: "Executa se com perfeição todo e qualquer serviço concer-</p>	<p>neite à arte typhographica, ao envez de xylographica! Dei o estrillo. Ellos disseron que o meu "x é a mesma cara do 1". E accrescentaram: — Parece mesmo que são gêmeos, tanto é a semelhança. Calei-me. Dois dias depois, minha noticia de aniversario, lete o seguinte:—... a prendada senherita, cujos potes intellectuaes e moraes, etc. E eu pensava que essa industria não estivesse tão adiantada. Mas os nossos typhographos dizem que é urfacto, e construção de potes intellectuaes! Que fazer? Paciencia...</p>
<p>Convenci um dia, a um meu amigo que se estabelecera, que o annuncio é a alma do commercio. Elle redigiu o annuncio, e, em baixo, e n letras gordas, escreveu: "Vende a dinheiro". Os typhographos puzeram:— "Vende tiado". O jornal circulou e, por um accaso, passei em frente ao seu estabelecimento que estava repleto de freguezes, e attribuindo ser o effeito do annuncio, arrisquei estas palavras: —Eu não te disse que a efficacia do typhographo é instantanea? Elle deu-me a carbos e respondeu: —Se circular mais uma vez, até o doveirá no embrulho; Suporta o por favor. — Ah! typho... Cas o panno... OSIRIS DA LUZ</p>		
<p>QUINTA-FEIRA 5 DE MARÇO DE 1931</p>		

Documento 31 - Documento 31 - Notas à Margem, 5 de Março de 1931.

Todavia, logo percebemos que *O Debate* estava envolvido diretamente na briga política do seu principal financiador, o Coronel João Pontes. No jornal de 14 de novembro de 1931, *O Debate* responde a um possível insulto do periódico *O Combate*, aliado de Vilebaldo Aguiar, desafeto político de João Pontes:

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

Ineditoriais
Para traz, Patife

Lendo o "O Combate", de 3 de Outubro p. p. deparei-me com um ródido artigo, intitulado "Um plano tenebroso" no qual dizia que um cidadão muito chegado ao Cel. João Pontes e Francisco Rocha havia declarado que o meio mais fácil de aniquilarem a tua nojenta redação era olharem uns cabras e mandarem empast-lar em plena solidão da noite, para que assim não fosse descoberto o referido ataque. É até irrisório.

Para traz, patife! Quando o Cel. João Pontes ou Francisco Rocha se occuparem em mandar empastolar uma redação, seja uma redação de responsabilidade, dirigido por homens de caráter, e não um chiqueiro de porco cõmo é a tua, e mesmo é dirigida por um homem completamente óbrio.

Para traz patife, não penses tu, que com semelhantes arruaças que tem feito em teu jornalão, consigas obumbrar a pessoa limpa de João Pontes e o prestígio de Francisco Rocha.

Para traz patife, qual foi o mal que o C. J. já fez a esta terra?

Para traz patife, qual foi a politica de traição que o C. J. João Pontes fez?

Tá queres saber quem é a pessoa do C. J. João Pontes?

Consulta a tua consciencia perante a justiça divina, e lembra-te das phrases dostras do "Furuna"; depois de a ter consultada, tu verás quanto ella estava apodrecida de calumnias e de vinganças injustas, mas tudo isto elle saberá perdoar porque elle, João Pontes, tem um coração poderoso e magnanimo, e mesmo não parte desta maliciada cabeça, e, sim, de politicos tórpidos, var-tadeiros burladores da situação dominante que não consulta a consciencia, o que a pena escreve.

Para traz patife, ficas tu sabendo que o C. J. João Pontes foi e sempre será o homem de Massapé...

Do X

Massapé, 5-11-31

SABADO 14 DE NOVEMBRO DE 1931

Documento 32 - Resposta a um possível insulto de O Combate, de Vilebaldo Aguiar.

Logo a seguir, a peleja toma as manchetes do noticiário de Cordeiro de Andrade:

ANO I - SOBRAL - CEARA, SABADO 5 DE DEZEMBRO DE 1931 - NUM. 29

O DEBATE

Diretor-Responsavel: - J. CORDEIRO DE ANDRADE

Redator: - J. Aragão e Albuquerque Secretario: - Abdias Lima

A nossa arma: A PENA ANO ASSINATURAS: Redação e Oficinas proprias:
O nosso escudo: A VERDADE SEMESTRE 120000 Rua Rio. Moreira da Matta, 54

O Vil e Baldo de ontem e o Vilebaldo de hoje...

O ultimo abencerragen das hóstes peixotistas e o derradeiro "maravilha-mór" - A rápida metamorfóse da besta-féra - Episodios interessantes da vida do "fujão" - O que : : : ele propala aos quatro ventos : : :

Documento 33 - Manchete que ironiza Vilebaldo Aguiar.

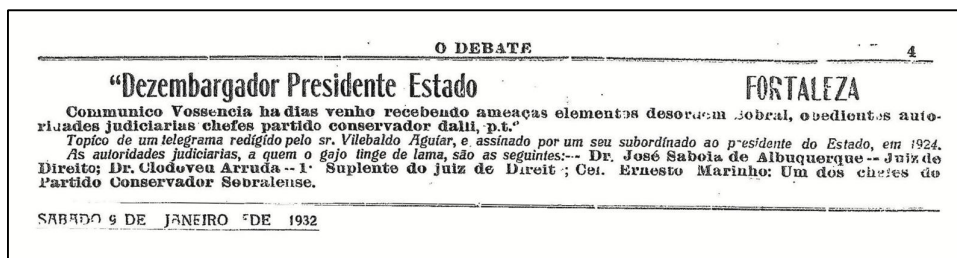
Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



Documento 34 - Manchete acusa Vilebaldo de falsificação de dinheiro.

As manchetes ofensivas fizeram com que Vilebaldo Aguiar entrasse com um processo contra Cordeiro de Andrade. O juiz de direito da época era Dr. José Sabóia, a quem fizemos referência quando tratamos da era da *Diocese*. Inimigo político de Dom José e um dos homens que também foi insultado e perseguidor de Deolindo Barreto.

Logo após a homologação do processo, Cordeiro clama pela justiça da capital:



Documento 35 - Cordeiro de Andrade pede ajuda ao Desembargador do Estado.

Mais adiante, a sentença: “ao diretor do jornal *O Debate*, à pena de quatro meses de prisão celular e multa de um conto de réis, por crime de injúrias impressas” (Araújo, 1985p. 76).

Em seguida, Cordeiro faz uma analogia do seu caso aos de Vicente Loyola e Deolindo Barreto, seus dois ex-patrões e mentores intelectuais do jornalismo, em um jornal editado no dia do aniversário de morte de Deolindo Barreto, o exemplar é quase que totalmente dedicado a sua condenação:

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

Oh! manes de Deolindo e Vicente Loiola, choremos a morte da Justiça sobralense. O cortejo não tarda a passar. Pairam, no ar, espiritualizado, as sinfonias dos funerais. Sou a hora do Despotismo e da Imoralidade humana!

Sabado 18 de Junho de 1932

Documento 36 - Documento 36 - Cordeiro de Andrade compara o seu caso ao de Vicente Loyola e Deolindo Barreto.

O DEBATE 4

Foi condenado, pelo Juiz José Saboia de Albuquerque, a 4 meses de prisão e multa de 1.000\$, por "crime" de injurias impressas, o diretor desta folha!

A maior injustiça de todos os tempos, praticada á sombra de um Juisado de Direito!

Sabado 18 de Junho de 1932

Documento 37 - O Debate anuncia a condenação de Cordeiro de Andrade.

Condenado, Cordeiro deixa Sobral, mas *O Debate* continua circulando, dessa vez, fazendo acusações diretamente ao juiz de direito, Dr. José Sabóia, e avisando que Cordeiro de Andrade está se dirigindo para Fortaleza com o intuito de resolver problemas particulares:

Mais adiante, outro exemplar, um dos últimos, traz a foto de Cordeiro de Andrade na capa e um desafio às autoridades competentes:

Atenção! "Não ha mais por ai quem queira processar do nosso diretor?"


O Debate

Diretor - Redator - chefe - J. CORDEIRO DE ANDRADE

Redator: - J. ARAGÃO E ALBUQUERQUE Redator-Secretario: - ABDIAS LIMA

ASSINATURAS: Sobral - Ceara, Terça-feira 19 de Julho de 1932

Ano 1932000 Semestre 103000 Ano II Numero 55 Redação e Oficinas: Rua Dez. Moreira da Rocha, 54 Impresso em MARINONI

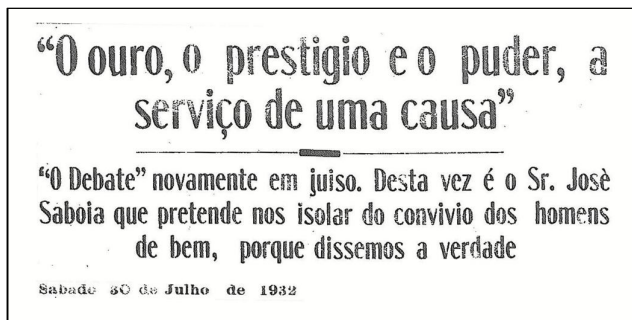


Cordeiro de Andrade, nosso diretor, candidato ao campeonato internacional de XADREZ, apresentado pela TCHECA sobralense

Documento 38 - Cordeiro de Andrade.

Porém, Cordeiro utiliza suas últimas forças para manutenção do jornal e da luta contra aqueles considerados donos do poder. E volta a erguer a pena contra o juiz de direito:

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX



Documento 39 - Cordeiro de Andrade volta a ser alvo de processo.

Com Cordeiro refugiado em Fortaleza, *O Debate* teve seu último exemplar no dia 12 de setembro de 1932, sob a direção de J. Aragão e Albuquerque, cuja manchete foi:



Documento 40 - Última manchete de *O Debate*, em 12 de Setembro de 1932.

Apesar de Araújo (1985) afirmar que:

“O Debate” é um espelho fiel de um tipo de imprensa que predominou no Brasil nos primeiros decênios deste século. Imprensa combativa, corajosa, pouco interessada em informar ou formar opinião pública, mas voltada exclusivamente para profligar os maus costumes, políticos e morais e manifestar a valentia ou coragem do próprio diretor (Araújo, 1985, p. 67).

O mesmo se contradiz mais adiante, como viesse a dizer o oposto do que foi dito antes, quando assevera:

E assim terminou a vida de um jornal destemido, tipicamente sertanejo, protótipo do jornalismo rebelde, condenado à morte por excesso de vitalidade. Porém, não

findou aí a vocação nativa de um jornalista indomável. Em Fortaleza, São Paulo e Rio de Janeiro, ainda continuará a brilhar sua pena, porque a fé na liberdade de imprensa só sairá de seu coração quando ele não mais pulsar (Araújo, 1985, p. 77).

Agora, Cordeiro, longe da cidade natal, procurado pela polícia, é também obrigado a deixar Fortaleza:

(...) Lembro-me que, certa vez, encontrando-me aqui (em Fortaleza) com Cordeiro, na Pensão Familiar, na Rua Barão do Rio Branco, às vésperas de sua partida, via marítima, para o Rio de Janeiro, ele me faz portador de uma carta dirigida à sua genitora, em Sobral, na qual participava a sua resolução e encaminhava-lhe a quantia de oitenta mil réis, como ajuda à família. Nunca mais me encontraria com Cordeiro de Andrade (Oliveira *Apud* Araújo, 1985, p. 84).

Depois disso, parafraseando Araújo (1985), de Fortaleza vai para uma escala em Pernambuco. Procurado pela polícia, é colocado por conterrâneos que moravam na capital pernambucana em um porão de terceira classe de um navio rumo ao Rio de Janeiro. Vem a trabalhar no *Diário de São Paulo*, *Constituição*, *O Globo*, *Revista Pan*, *A Pátria*, dentre outros. Em virtude da sua linguagem “ferina”, foi muitas vezes preso e açoitado pela polícia.

De acordo com seu sobrinho, José Cordeiro Damasceno, “tais açoites, principalmente sofridos pelo regime do Estado Novo de Getúlio Vargas, provavelmente tenham levado Cordeiro a sofrer um derrame vascular cerebral, deixando-o hemiplégico”.

De acordo com Araújo (1985), seus últimos dias foram assim:

(...) acometido de um derrame cerebral, não pôde mais escrever de próprio punho, com a mesma agilidade de antes, por sofrer hemiplegia de todo o lado direito. Mesmo assim, ditando as frases para a sua dedicada esposa, conseguiu preparar “Anjo Negro”, que só foi ao prelo como obra póstuma.

No ano de 1942, melhorado da paralisia parcial, empreende uma viagem de recreio ao Ceará, em visita de cortesia aos seus familiares. Demora-se alguns meses em Fortaleza, onde manteve contato com os intelectuais que então organizavam o “Grupo Clã”.

No final do ano, está em Sobral, quando ainda vive sua mãe, e passa o tempo no convívio dos irmãos e amigos, matando saudades e reavivando lembranças “em busca do tempo perdido”. Nesse tempo, já demonstra sinais de debilidade física e mental, mas é confortado pelas

inúmeras visitas que recebe dos muitos amigos e admiradores que deixara na cidade natal.

De volta ao Rio, os últimos meses de vida são dedicados ao trabalho de ordenar escritos inéditos, entre os quais os originais manuscritos do romance “Mundo sem Luz”, que ainda aguarda publicação.

Faleceu, no Rio, em sua casa residencial no bairro Meyer, no dia 7 de fevereiro de 1943, sem ter tido tempo suficiente para concluir sua obra de ficção (Araújo, 1985, p. 860).

Pelo pouco que temos de concreto sobre a vida de Cordeiro de Andrade, foi assim... Sempre posto no limiar da luta pela sobrevivência física e psicológica. Os reclames da dor foram desabafados nas suas narrativas literárias. Como, por exemplo, em *Cassacos*, quando Hormino é condenado por ficar do lado dos oprimidos; em *Tônio Borja*, quando apresenta a história de um jornalista utilizado por falsos revolucionários, com o único propósito de chegarem ao poder; ou nas lembranças de infância que João Ventura passa a ter na cadeia, relatadas em *Anjo Negro*; ou nas dores de uma viagem em um porão de navio descritas em o *Mundo sem Luz*.

Por fim, mediante tudo que vimos, podemos considerar Cordeiro de Andrade a personificação da célebre ideia de Cunha (2002) de que o sertanejo é antes de tudo um forte, ou será que podemos considerar que Cordeiro é a encarnação dos seus heróis?

5.3. A luta de Cordeiro de Andrade em querer fazer história

Em determinado ponto, analisarmos Cordeiro de Andrade é verificarmos que autor e obra se confundem. A metonímia do autor pela obra em relação a Cordeiro não pode ser analisada, simplesmente, como uma figura de linguagem, mas, sim, como uma relação de causa e efeito.

Ao traduzirmos livremente o raciocínio de Albuquerque Júnior (2001) em seu livro *A invenção do Nordeste e outras artes*, verificamos que o autor procura defender que os romancistas de trinta acabam diante dos seus discursos, criando um Nordeste homogêneo, vinculado ao coronelismo, às oligarquias e à seca. Inclusive, ratificando, mais adiante, que o Nordeste não é como ele é, mas como foi nordestinizado.

Esse raciocínio nos faz lembrar uma aula do mestrado, ministrada pelo Professor Doutor Manuel Tavares, na qual fizemos o seguinte argumento: “existe um mundo virtual paralelo ao nosso, em que criamos determinados fatos, e esses tomam corpo e se tornam uma realidade concreta”. O professor retrucou: “a fome, as desigualdades sociais, os conflitos religiosos são realidades concretas, essas coisas existem”.

Sem querermos entrar no mérito dessa discussão entre o discurso “moderno” e “pós-moderno”, até porque não faz parte dos objetivos deste trabalho, é válido salientarmos que a relação de causa e efeito entre Cordeiro e suas obras literárias e jornalísticas pode também ser vista de outra forma, se considerarmos os argumentos de Manuel Tavares, que a Sobral que é retratada nas suas bibliografias tradicionais é uma invenção dos seus autores, e a descrita por Cordeiro foi a vivenciada pelo autor. Portanto, essas coisas existiram...

Partindo dessa operação intelectual, podemos nos atentar que Cordeiro procurou, dentro das suas limitações sociais e intelectuais, “fazer história”, no sentido dúbio da expressão.

De acordo com Araújo (1985):

(...) Cordeiro de Andrade. Foi (...) entre nós, o pioneiro a tentar desmistificar a seca, como elemento forjador do caráter nordestino ou como causa principal da pobreza da região. Para ele, tudo isso é falsa literatura, pois a seca, em tudo, é essencialmente ruim. Esta tese que hoje foi assumida pela Igreja Católica como um dos desafios de sua ação pastoral, já fora defendida pelo humilde jornalista sobralense há mais de cinquenta anos. E defendeu-se valentemente, inclusive nas obras de ficção. Vivesse hoje, Cordeiro alinhar-se-ia nas fileiras dos defensores da Teologia da Libertação e faria, sem reservas, a sua generosa opção preferencial pelos pobres. Naquele tempo, era voz isolada, destoante, no meio totalmente apático e resignado, passivamente, diante da calamidade, vista como produto da natureza, ou vontade de Deus, a que o homem deveria submeter-se humildemente (Araújo, 1985, p.34).

Com base nesses argumentos é que notamos que toda sua obra literária tem como centro reproduzir a imagem do sertanejo do início do século XX. A partir da sua própria experiência, não a presumida, mas a vivida.

Portanto, se enquadrarmos a narrativa histórica de Cordeiro de Andrade pelo lado científico, esta poderá ser vista como uma espécie de realismo não-representativo, pois, de acordo com Chalmers (1993):

O realismo não-representativo é realista em dois sentidos. Em primeiro lugar, envolve a suposição de que o mundo físico é como é independentemente de nosso conhecimento dele. O mundo é como é, seja lá o que for que indivíduos ou grupos de indivíduos pensem sobre o assunto. Em segundo lugar, ele é realista porque envolve a suposição de que, na medida em que as teorias são aplicáveis ao mundo, são aplicáveis dentro e fora das situações experimentais (Chalmers, 1993, p.194).

Se analisarmos como relato de investigação educacional:

(...) pressupõe a escolha do que parece ser um discurso claro e coerente para que a história tenha sentido e credibilidade para quem lê. Tratando-se de um texto científico e não apenas literário, implica o recurso a normas de escrita, simultaneamente reveladoras dos dados de uma investigação e agradáveis para que o texto seja lido com agrado. Digamos que o prazer da leitura não pode sobrepor-se à pertinência científica da investigação, ao mesmo tempo que a descrição pretensamente objetiva de inúmeros dados não pode ultrapassar a intenção de captar para a leitura (Galvão, 2005, p. 342).

Podendo, assim, vir a servir como instrumento de pesquisa nas aulas de história local do Ensino Médio. Visto que o olhar de Cordeiro poderia vir a cooperar, no sentido de contrariar o formato pedagógico comumente estruturado nas aulas de História Local, que, de acordo com Barbosa (2005), de forma geral, são apresentados como:

(...) apostilas, com um viés muitas vezes bairrista, no qual se menospreza o que não é do local, superestima-se a história oficial que destaca cidadãos ilustres e que aborda a cultura circunscrita à folclorização exacerbada expressa com datas comemorativas e, cuja concepção de local se expressa como um espaço desarticulado de quaisquer outros (Barbosa, 2006, p. 65).

Além de procurarmos obter a desconfiguração de que a “história local toma um caráter parcial, que não ensina, não educa, não promove o raciocínio e a reflexão” (Barbosa, 2006, p. 64).

Entretanto, na contra-mão da inflexão de Barbosa (2006):

O ensino da história local trata das especificidades das localidades, tem uma grande importância, pois ele pode de diferentes formas apresentar aos alunos uma história que parta de um acontecimento ou de um cotidiano que eles conhecem empiricamente e, assim, estudar e relacionar os acontecimentos locais com os acontecimentos globais.

Trabalhar a história regional e local no Ensino Médio nos possibilita perceber que local e regional não são reflexos do nacional, ou como afirma Amado (1990) “a historiografia nacional ressalta as semelhanças, o regional lida com as diferenças, a multiplicidade”. Portanto, entender a história regional é perceber que ela está diretamente ligada ao global, mas não é consequência dele. A história regional vai destacar as diferenças que

existem dentro de um mesmo local, mostrando que cada região constitui-se de diferentes formas de cultura, valores dos quais decorrem forças globais e locais. Assim, Csmsroff, citado por Fonseca (1994, p.126), aponta que esta "história regional é melhor conceituada como o reflexo de uma dialética de articulações entre um sistema local e o contexto em que o mesmo se insere (Paim & Picolli, 2007, p. 114 e 115).

No entanto, vale salientarmos que, apesar do rápido enquadramento científico e pedagógico que fizemos da narrativa histórica de Cordeiro de Andrade, não podemos deixar que o pragmatismo sufoque a instrumentalização desta obra literária durante suas interpretações, pois, como relata Cunha (1997):

Inicialmente tínhamos a perspectiva de que as narrativas constituíam a mais fidedigna descrição dos fatos e era esta fidedignidade que estaria "garantindo" consistência à pesquisa. Logo nos apercebemos que as apreensões que constituem as narrativas dos sujeitos são a sua representação da realidade e, como tal, estão prenhes de significados e reinterpretações (...).

Tanto nas situações de **ensino** como nas de **pesquisa**, é preciso estar atento a este aspecto. Dependendo dos objetivos do investigador, discutir com os sujeitos das narrativas o perfil de sua narração pode ser um exercício intensamente interessante, capaz de explorar compreensões e sentimentos antes não percebidos, esclarecedores dos fatos investigados (...).

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade (...).

Trabalhar com narrativas na **pesquisa** e/ou no **ensino** é partir para a desconstrução/construção das próprias experiências tanto do professor/pesquisador como dos sujeitos da pesquisa e/ou do ensino. Exige que a relação dialógica se instale criando uma cumplicidade de dupla descoberta. Ao mesmo tempo que se descobre no outro, os fenômenos revelam-se em nós (Cunha, 1997, p.2).

Por fim, podemos constatar, diante de todos esses argumentos, que Cordeiro de Andrade não foi nenhum historiador, e nem queremos, nesse item da *Luta*, transformá-lo em tal, contudo, seja como romancista ou jornalista, foi um verdadeiro contador de histórias da sociedade que pertenceu, do chão que pisou. Enfim, foi um “lutador” que procurou obstinadamente retratar, seja como denúncia, como memória, como autobiografia, como divulgador das suas raízes culturais, a

sociedade em que estava inserido. Por isso, é com esse espírito de luta que procuramos dar os primeiros passos para responder aquilo que Josué Montello²⁵ *Apud* Araújo (1985) nos instigou:

Conheci-o ao tempo de “Dom Casmurro”, semanário de Álvaro Moreyra e Brício de Abreu, e dele guardo a lembrança de uma figura esquiva, já ressentido com a vida. De Cordeiro de Andrade, após a sua morte prematura, pouco se falou. Vale a pena voltar a seu legado de arte, para nele reencontrar o admirável escritor e romancista importante, que está a reclamar da justiça literária um lugar de destaque na história do romance brasileiro. (...) Paralelamente a uma história da literatura brasileira, há toda uma zona de belas obras esquecidas, que foram excluídas desse patrimônio. A obra de Cordeiro de Andrade figura nessa zona de sombra e de silêncio. Silêncio injusto para quem alcançou o relevo que o romancista soube atingir. (...) Onde estão os nossos jovens universitários, no plano das letras, para interromper o injusto esquecimento? (Montello, *Apud* Araújo, 1985, p. 136).

Entretanto, somos cientes que a luta de Cordeiro de Andrade por descrever a sociedade sobralense pode ser analisada por vários vieses, por estranhas veredas, por inúmeras interrogações: Narrador? Jornalista? Panfletário? Agente social? Anárquico? Ou simplesmente um Cordeiro entre os lobos?

²⁵Quarto ocupante da Cadeira nº 29 (da Academia Brasileira de Letras), eleito em 4 de novembro de 1954, (...) Josué de Souza Montello nasceu em São Luís do Maranhão, em 21 de agosto de 1917, e faleceu no Rio de Janeiro, em 15 de março de 2006. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=784&sid=284>. Acessado em 18/04/2013, às 19h10min.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa empreendida procurou cumprir seus objetivos geral e específico, visto que dividimos o percurso teórico da pesquisa em: *A Terra*, capítulo no qual procuramos conceder respostas de como aprimorar uma análise de narrativa histórica em instrumento educativo para as aulas de História Local no Ensino Médio. Demonstramos também como a relação espaço/tempo influencia no cotidiano cultural das pessoas, para, então, ratificar que as obras literárias de Cordeiro de Andrade “são espécies de reportagens de fatos verídicos, mas transportados para a esfera da imaginação, onde são vividos por personagens fictícios” (Araújo, 1985, p. 95).

A partir da análise de *Cassacos*, romance de estreia de Cordeiro, que se passa no ano de 1919, tendo como referência o contexto histórico sobralense dos anos de 1900 a 1920, culminando, assim, em um novo olhar sobre a história dos vinte primeiros anos do século XX, na cidade em estudo. Os dois outros capítulos, *O Homem* e *A luta*, se complementam ao referendar a importância de Cordeiro de Andrade como sujeito histórico dentro do contexto social de Sobral. Os passos que nos fizeram aglutinar essas repostas seguirão abaixo.

Primeiro, no capítulo *A Terra*, traçamos um diálogo inicial com os PCNs, principalmente nos conteúdos referentes à História, podendo nos certificar de que o estudo da história local é uma prioridade na transmissão de conhecimento dessa disciplina no Ensino Médio, e que, diante dessa temática, o aluno construirá a sua relação com o espaço e o tempo a partir da ideia de identidade e memória e, conseqüentemente, edificará o “eu” e o “outro” dentro do convívio social em que está inserido, aflorando, dessa forma, o verdadeiro significado de cidadania.

Em seguida, fitamos nosso olhar sobre a narrativa histórica, o formato literário escolhido para nos embrearmos na história de Sobral. O caminho percorrido, inicialmente, foi semelhante ao estudo sobre história local, um colóquio com os PCNs, fato que nos fez concluir que o passado é uma construção humana que está intrinsecamente ligado ao presente, e que, a partir de então, o aluno é capaz de compreender a sua memória social, por meio das veredas historicamente instituídas.

Todavia, por meio das vozes de outros autores, verificamos que esse legado da memória pode ser construído e, por ilação, pesquisado através de diversas formas de documentos, dentre eles, a narrativa histórica que se propõe, por meio daquilo que denominamos mutualismo literário, a descortinar a história local mediante o resgate das várias formas de representação social, a partir da exposição das personagens inseridas em determinados contextos que fazem parte dessas nossas

memórias sociais e, por conseguinte, nos coloca como elemento socialmente ativo daquele ambiente literário.

Contudo, após essas argumentações, por questões de prudência didática, ao invés de mergulharmos de imediato no universo literário de Cordeiro de Andrade, optamos por flunar pela história de Sobral, desde sua origem até as duas primeiras décadas do século XX. Esse passeio nos rendeu um encontro com diversas fases econômicas vividas por Sobral, *O Gado*, *O Comércio*, *O Algodão* e *A Diocese*; com a estruturação urbana da cidade, recheada de prédios históricos, trazendo consigo toda uma simbologia cultural e ideológica; com personagens que foram ícones na formação da cidade no período diocesano, como: Dom José, Dr. José Sabóia, Vicente Loyola, Deolindo Barreto e Chico Monte, além de nos conceder a vivência do ano de 1919 por meio da cronologia redigida por Padre Sadoc de Araújo e dos registros jornalísticos do *Correio da Semana*, o jornal mais antigo em circulação no estado de Ceará.

Esse preciosismo histórico e educativo nos concedeu, inicialmente, uma melhor compreensão do retrato descrito de Sobral por Cordeiro de Andrade no romance *Cassacos*, dando-nos a capacidade de enxergar a cidade por outro viés, o da narrativa histórica. Com os olhos ancorados nesse ângulo, tivemos a oportunidade de desconstruir a história oficialmente relatada e de conhecer, por meio de escritos literários, nos quais o real e o fictício se complementam, as mazelas sociais ocasionadas pela seca e a composição de uma oligarquia política e religiosa projetada a partir da miséria da população, fazendo com que a filosofia de uma “sobralidade triunfante”, representada pelas edificações urbanas e pelos costumes sociais, ofuscasse a realidade vivida pela maioria da população, isto é, pelos cassacos.

Outro fator que veio à tona por meio dos escritos de Cordeiro de Andrade foi a religiosidade popular entranhada no cotidiano da população sobralense e combatida de forma direta e indireta pelo processo de romanização do catolicismo brasileiro, constituindo um centro urbano cuja simbologia procurava retratar uma *micro-roma*, enquanto isso, a sujeira social, os retirantes da seca eram colocados em campos de concentração, com denominações de frentes de serviço do Governo. Como, por exemplo, a construção do Açude de Forquilha, quando dezenas de trabalhadores morreram vitimados pela gripe espanhola, fome e outras mazelas sociais existentes no campo de concentração, que matava mais do que fora dele.

Os registros históricos oportunizaram também a capacidade de situar os lugares de memória, como igrejas, ruas, serras, açudes, percurso do bonde, dentre outros, relatados por Cordeiro de Andrade durante as páginas de *Cassacos*.

Outro aspecto observado foi que o ano de 1919, época em que se passa o romance *Cassacos*, é resultado de um contexto construído durante vários anos, mais especificamente nas duas primeiras décadas do século XX, representado principalmente por fatores como: a elitização da estrutura urbana, a criação da Diocese, a seca do quinze e o coronelismo.

No capítulo *O Homem*, os elementos históricos nos proporcionaram analisar, apesar da ausência de dados mais concretos, a biografia de Cordeiro de Andrade a partir da sua relação com o torrão natal, não apenas como espectador, mas como agente social, diante das suas ações coletivas e da sociologia do seu caráter. Referendando, por meio da relação identidade/espço/tempo, as contradições observadas na biografia escrita por Padre Sadoc de Araújo sobre o literata sobralense.

Os desacordos interpretativos podem ser verificados quando o biógrafo enaltece o escritor por ser autodidata e, ao mesmo tempo, critica suas ideologias políticas, alegando falta de conhecimento acadêmico. Outro contra-senso é dizer que Cordeiro se desvencilhou das manifestações religiosas populares, mas tinha incutida a formação religiosa recebida pelo Bispo Dom José Tupinambá da Frota. Padre Sadoc afirma também que Sobral possuía o comércio mais importante da região e que era uma cidade próspera economicamente, o padre coloca essa questão para descaracterizar o discurso de Cordeiro sobre a quantidade de miseráveis existentes na cidade, todavia, ele não considera que essa prosperidade econômica estivesse restrita nas mãos de uma minoria, e que, se o Brasil do início do século XX vivia uma avassaladora desigualdade social, imagine o semi-árido do Nordeste brasileiro... Para encerrar, Sadoc acusa Cordeiro de fazer um jornalismo panfletário de pouca importância social, mas como fazer jornalismo em uma época em que o coronelismo de Dr. José Sabóia e de Chico Monte era que norteava as notícias? Além disso, apesar das críticas, o biógrafo volta a se contradizer quando opina sobre o fim do jornal *O Debate*, de propriedade de Cordeiro de Andrade, ao enaltecer o semanário como um periódico destemido e tipicamente sertanejo.

Em *A Luta*, os registros oficiais da história se confundem com a batalha de Cordeiro em fazer história, considerando o duplo sentido da expressão, pois observamos que, apesar do escritor sobralense, mesmo sendo um autodidata, vivendo em péssimas condições financeiras, tendo sido praticamente expulso da sua terra natal, conseguiu escrever diversas obras literárias como: *Primeiros Versos*, poesia (1928); *Poeiras das Ruas*, crônicas (1932); *Cassacos*, romance (1934); *Brejo*, romance (1937); *Tônio Borja*, romance (1940); *Anjo Negro*, romance póstumo (1946) e os inéditos: *O Mundo sem Luz*, romance e *Os Dois Mestres*, ensaios.

Dentre esses romances, nos certificamos que a trilogia *Cassacos*, *Brejo* e *Tônio Borja* tem como cenário a cidade de Sobral, e, nos restantes, apesar do cenário não ser a terra do escritor, a dor

do sertanejo é um elemento preponderante em todos os livros. Fazendo valer a ideia de que o escritor procurou durante sua vida não apenas relatar os causos de sua terra, nem demonstrar, somente, sua relação topofílica com a cidade, mas reescrever a nossa história por meio das suas narrativas, fato observado em *Cassacos* e aprofundado nos outros romances que se seguiram.

Como romancista, Cordeiro procurou retratar o seu *eu* revolucionário por meio das suas personagens, como o farmacêutico e jornalista Hormino, em *Cassacos*, por exemplo. No entanto, como jornalista, a verdadeira face do revolucionário foi posta a prêmio, travando lutas que iam desde os problemas sociais de interesse público, até as questões caseiras que, de uma forma ou de outra, também eram de interesse da população.

Alguns fatos do Cordeiro-jornalista foram apresentados, tendo como subsídio cópias dos fragmentos originais do jornal *O Debate*, de propriedade do jornalista sobralense. Neles, descobrimos também um homem valente, um típico sertanejo, que teria sofrido profundas influências dos seus ex-patrões, os jornalistas Vicente Loyola e Deolindo Barreto. O primeiro fugiu para não ser assassinado; o segundo foi morto com diversos tiros. Já Cordeiro de Andrade fez uma fuga do seu lugar de origem, em busca de continuar sua luta como revolucionário da *pena* no Rio de Janeiro, fato que, provavelmente, tenha o levado a uma hemiplegia e, conseqüentemente, à morte, em virtude dos espancamentos sofridos pela polícia do Estado Novo do Governo de Getúlio Vargas. Era o fim de um Cordeiro que se arriscou em desafiar os lobos.

Todavia, o lobo que existia dentro desse cordeiro deixou para as novas gerações um legado literário capaz de nos levar a uma releitura da história de sua terra, da sua e da nossa própria história, produzindo uma desmistificação, não teórica, mas prática do estudo sobre história local, aliás, do seu local, abrindo as portas para uma nova abordagem sobre a cidade de Sobral, que pode vir a ser utilizada como material de estudo nas aulas de História Local do Ensino Médio que, comumente, só fazem uso de fragmentos de datas e pessoas, além de serem apresentadas de forma descontextualizada, descontextualizam os alunos.

Por fim, a estrutura didática organizacional deste trabalho não é apenas por uma questão estética, mas uma proposta da dissertação como objeto em si mesmo, isto é, a dissertação é o próprio produto da pesquisa, almejando vir a servir de moção para o estudo da história local, mais especificamente relativo a Sobral. No entanto, este trabalho não é o fim em si mesmo, as portas ficam entreabertas para outras pesquisas em torno de Cordeiro de Andrade e das suas obras literárias, pois até que ponto a Sobral contemporânea ou pós-moderna, como queiram, é resultado dos relatos esculpidos na literatura de José Cordeiro de Andrade?

REFERÊNCIAS

Abaurre, M. L. M., & Pontara, M. (2005). *Literatura Brasileira – Tempos, Leitores e Leituras*. São Paulo: Moderna.

Albuquerque Júnior, D. M. de. (2008) *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço.

Andrade, C. de. (1946). *Anjo Negro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora.

Andrade, C. de. (1937). *Brejo*. Rio de Janeiro: Athena Editora.

Andrade, C. de. (1934). *Cassacos*. Rio de Janeiro: Adersen.

Andrade, C. de. (1982). *Primeiros Versos*. Sobral: Tipografia do Jornal O Debate.

Andrade, C. de. (1932). *Poeiras das Ruas*. Sobral: Tipografia do Jornal O Debate.

Andrade, C. de. (1940). *Tônio Borja*. Rio de Janeiro: Coeditora Brasília.

Andrade, C. de. (s/d) *O Mundo sem Luz*. (Texto no prelo).

Andrade, C. de. (s/d) *Os Dois Mestres*. (Texto no prelo).

Aragão, J., & Loiola, J. (2006). *Três Riachos, uma Forquilha*. Forquilha: Edição do Autor.

Araújo, F. S. de. (1985). *Cordeiro de Andrade: jornalista perdido na ficção*. Fortaleza: BNB/ACI.

Araújo, F. S. de. (1991). *Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú*. (1ª ed.). Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense Ltda.

Araújo, F. S. de. (1990). *Cronologia Sobralense*. (Vol. 5). Sobral: Imprensa Universitária – UVA.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

Barbosa, M. E. J., Lucas, M. R. L., Souza, R. N. R. de, & Vasconcelos, R. I. V. (2000). *Sobral – Patrimônio Nacional*. Sobral: Celigráfica Fitolito Ltda.

Barbosa, V. de L. (2006). *Ensino de História Local: redescobrimos os sentidos*. *Revista de História*. João Pessoa. Retirado: fevereiro, 22, 2013 de: http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum15_dos05_barbosa.pdf

Bittencourt, C. M. F. (2011). *Ensino de história: fundamentos e métodos*. (4ª Ed). São Paulo: Cortez.

Benjamin, W. (1991). *Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo*. (Tradução: José Carlos Martins Barbosa & Hemerson Alves Baptista). (2ª ed.). São Paulo: Brasiliense, Obras Escolhidas III.

Brasil (1997). *Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio*. Brasília: MEC/SEMTEC, História.

Brasil (2000). *PCN+ ensino médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEMTEC.

Campos, E. (1978). *Complexo de Anteu: Ensaio*. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC.

Cava, Ralph Della (1976). *Milagre em Joazeiro*. Tradução: Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Certeau, Michel de (2012). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. (18ª ed, Vol. 1). Petrópolis: Vozes.

Chalmers, A. F. (1993). *O que é ciência afinal?*. (Tradução: Raul Filker). São Paulo: Brasiliense.

Coelho, M. de A., & Terra, L. (2002) *Geografia do Brasil – Espaço Natural, Territorial e Socioeconômico brasileiro*. (5ª ed.). São Paulo: Moderna.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

Costa, E. M. L. da. (2011). *Sociabilidade e Cultura das Elites Sobralense: 1880-1930*. Fortaleza: SECULT/CE.

Costa, F. J. L. da. (1982). *Sobral do meu Tempo*. Brasília: Senado Federal.

Costa, F. J. L. da. (1987). *Clero, Nobreza e Povo de Sobral*. Brasília: Senado Federal.

Cunha, Euclides da (2002). *Os Sertões*. (Vol. 1, 2 e 3). Fortaleza: ABC Editora.

Cunha, M. I. da. (1997). *Conta-me Agora! As Narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino*. *Fac. Educ.* (Vol. 23). São Paulo. Retirado: abril, 04, 2013 de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551997000100010&script=sci_arttext.

Dardel, E. (2011). *O Homem e a Terra*. São Paulo: Perspectiva.

Durkheim, E. (1983). *Lições de Sociologia: a moral, o direito e o Estado*. São Paulo: Queroz.

Farias, A. de & Freitas, G. (2011). *Ceará – Nossa Terra*. (1ª ed.). São Paulo: Moderna.

Ferreira, A. B. de H. (2004). *O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa [Versão eletrônica]*. (3ª ed.). Positivo.

Freitas, N. A. de. (2000). *Sobral – Opulência e Tradição*. Sobral: Edições UVA.

Fromm, E. (1983). *O Medo à Liberdade*. (14ª ed). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A.

Gato, D. (2003). *Do romance histórico ao novo romance histórico: Paulo Setúbal e José Roberto Torero*. *Revista Guairacá*. n. 19. 31-55. Retirado: dezembro, 14, 2011, de <http://www.unicentro.br/editora/revistas/guairaca/19/artigo%2031-55.pdf>

Gil, Antonio Carlos (2002). *Como elaborar projeto de pesquisa*. (4ª ed.). São Paulo: Atlas.

Girão, G. G. S. M. & Soares, M. N. M. (1997). *Sobral – História e Vida*. Sobral: Edições UVA.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

Hobsbawm, E. (1998). *Sobre História*. Tradução: Cid Knipel. São Paulo: Companhia das Letras.

Martins, V. (1989). *Homens e vultos de Sobral*. (2ª ed.). Fortaleza: Stylus Comunicações.

Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed.

Leites, W. R., & Leites J. P. (2010) *Metaficção historiográfica e novo romance histórico: a historiografia em Memorial do convento*. II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: Diversidade, Ensino e Linguagem. 06 a 08 de outubro de 2010. UNIOESTE – Cascavel.

Lira, J. M. (1976). *Sobral na história do Ceará e a personalidade do Padre Ibiapina*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas.

Lira, J. M. (1982). *A Vida e a Obra de Dom José Tupinambá da Frota – Primeiro Bispo de Sobral 1882-1982 Centenário do seu Nascimento*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas.

Lopes, G. A. H. (2011). *A Importância de Estudar a História Local*. Retirado: setembro, 22, 2012, de <http://www.webartigos.com/artigos/a-impotancia-de-estudar-a-historia-local/71463/>

Moisés, M. (1979). *A Criação Literária. Prosa*. São Paulo: Melhoramentos.

Merquior, J. G. (1991). *O liberalismo: antigo e moderno*. Tradução de Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Motta, L. G. (2004). *Jornalismo e Configuração Narrativa da História do Presente*. *Revista Eletrônica e-compós*. Retirado: janeiro, 21, 2013, de <http://www.compos.org.br/e-compos>

Neves, F. de C. (1995). *Curral dos Bárbaros: os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932)*. *Revista Brasileira de História*. 29 (XV) São Paulo. Retirado: março, 19, 2013, de: www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3775

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

Nicola, J.de. (1999). *Literatura Brasileira – das origens aos nossos dias*. (15ª ed.). São Paulo: Scipione.

Noblat, R. (2005). *O que é ser jornalista – memórias profissionais de Ricardo Noblat*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Record.

Nogueira, N. (2005). *Ensino de História Local: Um desafio para os professores do interior da Zona da Mata – O caso Leopoldina*. Retirado: setembro, 04, 2012, de <http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT0404.htm>

Oliveira, C. de. (2011). *Campos de concentração no Ceará: mais cruéis que a seca*. Retirado: fevereiro, 18, 2013 de: <http://hannaharendt.wordpress.com/2012/10/22/campos-de-concentracao-no-ceara-mais-cruéis-que-a-seca>

Oliveira, C. B. de. (2000). *Arte Literária Brasileira*. São Paulo: Moderna.

Oliveira, N. N. M. de., Vasconcelos Júnior, R. E. de P., & Pereira, K. M. (2008). *Geografia da Educação: O Poder da Igreja Católica e a Produção do Espaço em Quixadá, Ceará, Brasil*. Retirado: Janeiro, 18, 2013, de http://www.google.com.br/url?q=http://egal2009.easypanners.info/area05/5323__Oliveira_Natalis_Natacha_Maciel_de.doc

Paim, E. A., & Picolli, V. (2007). *Ensinar História Regional e Local no Ensino Médio: experiências e desafios*. *História & Ensino*. (Vol. 13). Londrina. Retirado: abril, 04, 2013 de <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11647>

Queiroz, M. I. P. de. (1975). O coronelismo numa interpretação sociológica. In: Fausto, B. *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: DIFEL.

Queiroz, R. de. (2012). *O Quinze*. (94ª ed.). Rio de Janeiro: José Olympio.

Ricouer, Paul. (2012). *Tempo e Narrativa*. Tradução: Cláudia Berliner (1ª Ed, Vol 1). São Paulo: Martins Fonte.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

Ricouer, Paul. (2012). *Tempo e Narrativa*. Tradução: Cláudia Berliner (1ª Ed, Vol 3). São Paulo: Martins Fonte.

Rocha, Herbert (2003). *O Lado Esquerdo do Rio*. São Paulo: Hucitec.

Santos, B. de S. (2010). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. (13ª ed.) São Paulo: Cortez.

Schmidt, M. (2009). *Nova História Crítica*. São Paulo: Nova Geração.

Silva, F. da (1998). *História Local: Objectivos, Métodos e Fontes*. Retirado: outubro, 15, 2012, de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3226.pdf>

Souza, S. (1994). *História do Ceará*. (2ª ed.). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha.

Tabraj, M. B. (2012). *A Romanização da Igreja Católica no Brasil*. Anais do IV Seminário Nacional. Retirado: janeiro, 15, 2013, de http://www.google.com.br/url?q=http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario4/trabalhos/trab051.rtf

Veras, E. F. (2008). *O lugar do jornal – A voz da Religião no Cariri no processo de Romanização do Catolicismo brasileiro-1860/1870*. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. Retirado: janeiro, 20, 2013 de <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0467.pdf>

Vesentini, J. W. (2003). *Sociedade e Espaço*. (43ª ed.). São Paulo: Ática.

Vita, A. de. (1994). *Sociologia da Sociedade Brasileira*. (4ª ed.). São Paulo Ática.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

ANEXOS

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

ANEXO I



Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

Mapa 8 - Localização da Cidade de Sobral em relação ao mundo¹



Mapa 9 - Mundi²

Ao recortarmos o Mapa *Mundi* e nos determos no Continente Americano:



Mapa 10 – Continente Americano³

¹Elaborado pelo autor.

² MAPA MUNDI - <http://www.guiageo-mapas.com/mapa-mundi.htm> (Acesso em: 29/01/2013, às 08h10min)

³ AMÉRICA LATINA - <http://www.superrecados.com/imagem/mapa-america-mapa-amrica-latina-7553/> (Acesso em: 29/01/2013, às 08h15min)

Observamos, por meio de Coelho & Terra (2002), que:

Geograficamente o continente americano abrange a América do Norte, a América Central e América do Sul. No século XIX, recém-libertado do domínio Europeu, passou a ser considerado como dois subconjuntos com características culturais, históricas e lingüísticas semelhantes: A América Anglo-Saxônica compreende os Estados Unidos e o Canadá, de colonização inglesa e francesa; e a América Latina, englobando o restante do continente e composta, na maior parte, por países de língua latina e de colonização ibérica (espanhola e portuguesa).”

Ao contrário da América Espanhola, que se fragmentou em diversos países, a América Portuguesa constitui uma só unidade, o Brasil, hoje com 42% do território e 35% da população da América Latina (Coelho & Terra, 2002, p. 42).

Ao reduzirmos ainda mais o mapa e nos determos somente no Brasil, podemos verificar:



Mapa 11– Brasil⁴

⁴BRASIL - <http://www.fotosparafacebook.info/rosearts-atividades-para-imprimir-mapa-politico-do-brasil-escala-8523/> (Acesso em 29/01/2013 às 08h25min)

A mais conhecida das divisões regionais do país – não necessariamente a melhor – é a divisão oficial do IBGE, que, em 1967, estabeleceu para o Brasil cinco macrorregiões, ou grande regiões. Essas cinco macrorregiões são: (...) Região Norte, Região Nordeste, Região Sudeste, Região Sul e Região Centro-Oeste (...) A divisão oficial do IBGE baseia-se em critérios político-administrativos e não é muito rigorosa do ponto de vista científico. Os limites de cada região, segundo esse critério, coincidem com as fronteiras estaduais, ao passo que a realidade nem sempre obedece às separações administrativas (Vesentini, 2003. p. 286 e 287).

No entanto, para não perdermos nosso foco e perseguirmos nosso objetivo, é necessário fazermos mais um recorte no mapa. Destacando, assim, que, de acordo com Vesentini (2003):



Mapa 12 - Nordeste⁵

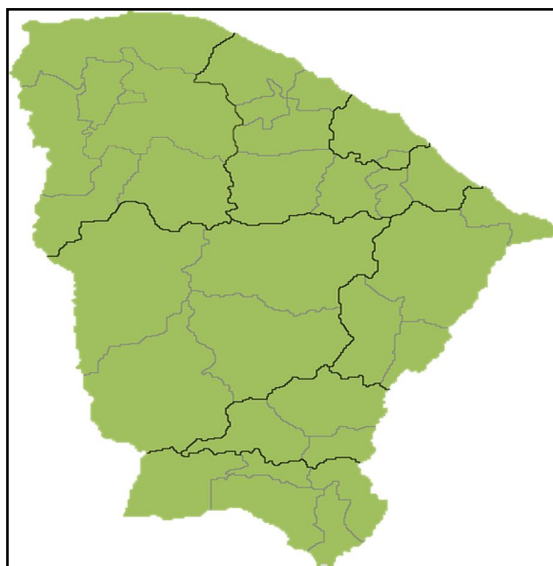
A Região Nordeste é formada “por nove estados (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia). Área: 1 556 001Km² (18,28% do território

⁵NORDESTE - <http://www.oragoo.net/quais-sao-os-estados-do-nordeste/> (Acesso em: 29/01/2013, às 08h30min)

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

brasileiro); População (2000): 47,6 milhões de habitantes (28,1% do total nacional) (Vesentini, 2003, p. 286).

Em meio a essa macrorregião, conhecida por alguns como região-problema, área decadente que necessita de ajuda governamental para desenvolver-se, está inserido, conforme demonstramos anteriormente, o estado do Ceará, onde

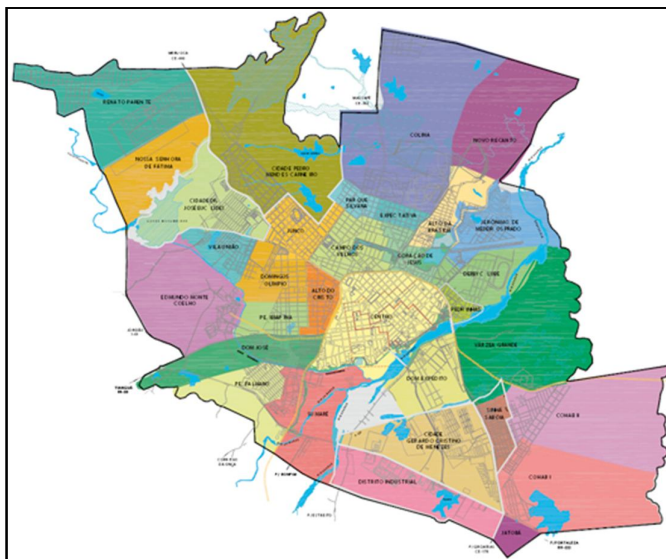


Mapa 13 – Ceará.

É um estado brasileiro localizado na Região Nordeste. Seus limites são: ao leste, a Paraíba e o Rio Grande do Norte; ao oeste, o Piauí; ao sul, Pernambuco e ao norte e nordeste, o Oceano Atlântico. Sua extensão territorial é de 146.348 km². A capital do estado é Fortaleza. Seu litoral mede 573 km⁶.

Continuando a esmigalhar o mapa e agora com um caleidoscópio no olhar, desembarcamos em Sobral:

⁶ CEARÁ - http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ceara_MicroSobral_maploc.png (Acesso em: 29/01/2013, às 08h45min)



Mapa 14 – Sobral⁷

que, de acordo com o IBGE⁸ (2010), os principais dados fisiográficos são os seguintes:

As origens de Sobral remontam ao primeiro quartel do século 18, quando fugitivos de invasores estrangeiros do litoral do Nordeste se embrenhavam pelo interior cearense, instalando-se às margens dos rios Jaguaribe e Acaraú.

Por volta de 1728, Antônio Rodrigues Magalhães, procedente do Rio Grande do Norte, instalou a Fazenda Caiçara, considerada berço do Município. Tempos depois ele e sua mulher, por escritura de 10-XII-1756, davam cem braças quadradas de terras a matriz de N. S. da Conceição. As excelentes condições de clima, a fertilidade do solo e o espírito liberal desse mesmo Antônio Rodrigues Magalhães contribuíram para que se desenvolvesse no local um povoado que se tornou o mais populoso dentre os ,seus vizinhos.

A palavra Caiçara, em língua indígena, significa, segundo o escritor José de Alencar "o que se faz de pau queimado". Existem, entretanto, outras versões quanto à origem dessa palavra. O nome que a substituiu -

⁷ SOBRAL- <http://www.sobral.ce.gov.br/comunicacao/jornal/2009/agosto/drenagem.html> (Acesso em :29/01/2013, às 09h10min)

⁸ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Acesso em 05/02/2013, às 13h15min)

Sobral - atribui-se a Carneiro de Sá, ouvidor do Ceará, português, oriundo do Distrito de Sobral, pertencente à Freguesia de Vizeu, ao norte de Portugal. A palavra, de origem latina, quer dizer abundância de .sovereiros (de souvereiro, espécie de árvore de cujo tronco se extrai a cortiça).

Sobral foi criado por Provisão de 30-VIII-1757. A vila foi criada em 5-VII-1773 com sede na povoação de Caiçara e o Município, a 14-VII-1779. Segundo outra fonte a criação da vila teria sido em obediência a Carta-Régia de 22-VII-1766, expedida ao Governador de Pernambuco, Manuel da Cunha Menezes e pela qual ela se denominar a Vila Distinta e Real de Sobral. Por lei provincial n.º 229, de 12-I-1841, a vila tomou foros de cidade com a denominação de Fidelíssima Cidade Januária de Acaraú. sendo que a designação Januária seria homenagem prestada à Princesa Januária, irmã do Imperador D. Pedro II. A denominação definitiva atual deve-se a Lei provincial n.º 244, de 25-X-1842.

Sobral teve participação destacada em fatos importantes de nossa história, notadamente na Confederação do Equador, acontecimento esse verificado em 1825.

Segundo o quadro administrativo vigente em 31-XII-1957, o Município é constituído de 8 distritos: Sobral, Aracatiaçu, Caracará, Forquilha, Jaibaras, Jordão, Patriarca e Taperuaba.

Gentílico: sobralense

Formação Administrativa

Distrito criado com a denominação de Sobral, por provisão de 30-08-1757.

Elevado à categoria de vila com a denominação de Sobral, em 05-07-1773, segundo outra fonte a vila de foi criada por carta régia de 22-06-1766. Sede na povoação de Caiçara, desmembrada da antiga vila de Fortaleza.

Elevado à condição de cidade com a denominação de Januária de Acaracu, pela lei provincial nº 222, de 12-01-1841.

Pela lei provincial nº 244, de 25-10-1842, o município de Januária de Acaruacu, passou a denominar-se Sobral.

Pelo ato provincial de 18-03-1843, é criado o distrito de Santo Antônio e anexado ao município de Sobral.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído de 4 distritos: Sobral, Cariré, Jordão e Santo Antônio do Aracatiassu.

Pela lei estadual nº 2701, de 13-09-1929, é criado o distrito de Riacho do Guimarães e anexado ao município de Sobral.

Pela lei estadual nº 1794, de 09-10-1920, o município de Sobral adquiriu o extinto município de Meruoca, como simples distrito.

Pela lei estadual nº 193, de 20-05-1931, o município de Sobral adquiriu o extinto município de Cariré, como simples distrito.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município aparece constituído de 10 distritos: Sobral, Caracará, Cariré, Forquilha, Meruoca, Riacho do Guimarães, Santa Maria, Santo Antônio do Aacatiassu, São José e Taquira. Não figurando o distrito de Jordão.

Pelo decreto nº 157, de 23-09-1935, desmembra do município de Sobral os distritos de Cariré e Riacho do Guimarães, para formar no novo município de Cariré.

Pelo decreto estadual nº 158, de 23-09-1935, o distrito de Taquara passou a denominar-se Recreio.

Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, o município é constituído de 12 distritos: Sobral, Caracará, Forquilha,

Jordão, Meruoca, Santo Antônio do Aracatiassu, Santa Maria, São José, São Vicente, Guimarães e Recreio ex-Taquara.

Pelo decreto estadual nº 448, de 20-12-1938, o distrito de São José, passou denominar-se Patriarca, São Vicente a denominar-se Jaibaras, Santo Antônio do Aracatiassu a denominar-se simplesmente Santo Antônio. Sob o mesmo decreto é extinto o distrito de Recreio, sendo do parte do seu território anexado ao distrito de Jaibaras do município de Sobral e outra parte anexado ao distrito de Ubaúna do município de Palmas.

No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 9 distritos: Sobral, Caracará, Forquilha, Jaibaras ex-São Vicente, Jordão, Meruoca, Patriarca ex-São José, Santa Maria, Santo Antônio ex-Santo Antônio do Aracatiassu.

Pelo decreto-lei estadual nº 1114, de 30-12-1943, o distrito de Santa Maria passou a denominar-se Taperuaba e Santo Antônio a denominar-se Aracatiaçu.

No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o município é constituído de 9 distritos: Sobral, Aracatiaçu ex-Santo Antônio, Caracará, Forquilha, Jaibaras, Jordão, Meruoca, Patriarca e Taperuaba ex-Santa Maria.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1950.

Pela lei estadual nº 1153, de 22-11-1951, desmembra município de Sobral o distrito de Meruoca. Elevado à categoria de município.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1955, o município é constituído de 8 distritos: Sobral, Aracatiaçu, Caracará, Forquilha, Jaibaras, Jordão, Patriarca e Taperuaba.

Pela lei estadual nº 3958, de 10-12-1957, é criado os distrito de Olho D'Água expovoado, criados com terras desmembradas do distrito de Jaibaras. Sob a mesma lei é criado o distrito de Trapiá ex-povoado, desmembrado do distrito de Forquilha e anexado ao município de Sobral.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 10 distritos: Sobral, Aracatiaçu, Caracará, Forquilha, Jaibaras, Jordão, Ôlho D'Água, Patriarca, Taperuaba e Trapiá.

Pela lei estadual nº 6482, de 28-08-1963, é criado o distrito de Bonfim e anexado ao município de Sobral.

Pela lei estadual nº 6754, de 13-11-1963, desmembrada do município de Sobral os distritos de Aracatiaçu e Caracará, para formar o novo município de Aracatiaçu.

Pela lei estadual nº 6458, de 09-08-1963, desmembrada do município de Sobral os distritos de Forquilha e Trapiá, para formar o novo município com a denominação de Francisco Monte.

Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 6 distritos: Sobral, Bonfim, Jaibaras, Jordão, Ôlho D'Água e Patriarca.

Pela lei estadual nº 7150, de 14-01-1964, é criado o distrito de Caioca e anexado ao município de Sobral.

Pela lei estadual nº 8339, de 14-12-1965, o município de Sobral adquiriu como distritos os extintos município de Aracatiaçu, Taperuaba e Forquilha ex-São Francisco do Monte, pois foram criados e não instalados.

Em divisão territorial datada de 31-XII-1968, o município é constituído de 12 distritos: Sobral, Aracatiaçu, Bonfim, Caioca, Caracará, Forquilha, Jaibaras, Jordão, Ôlho D`Água, Patriarca, Taperuaba e Trapiá.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1983.

Pela lei estadual nº 11012, de 05-02-1985, desmembrada do município de Sobral os distritos de Forquilha e Trapiá, para formar o novo município Forquilha.

Em divisão territorial datada de 18-VIII-1988, o município é constituído de 10 distritos: Sobral, Aracatiaçu, Bonfim, Caioca, Caracará, Jaibaras, Jordão, Ôlho D`Água, Patriarca e Taperuaba.

Pela lei municipal nº 111, de 1989, é criado o distrito de São José do Torto e anexado ao município de Sobral.

Em divisão territorial datada de 1-VI-1995, o município é constituído de 11 distritos: Sobral, Aracatiaçu, Bonfim, Caioca, Caracará, Jaibaras, Jordão, Rafael Arruda ex-Olho-D`Água, Patriarca, São José do Torto e Taperuaba.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 15-VII-1999.

Pela lei municipal nº 175, de 20/05/1998 (redefine) é igual o distrito de Aprazível e anexado ao município de Sobral.

Em divisão territorial datada de 2003, município é constituído de 12 distritos: Sobral, Aprazível, Aracatiaçu, Bonfim, Caioca, Caracará, Jaibaras, Jordão, Rafael Arruda, Patriarca, São José do Torto e Taperuaba.

Pela lei municipal nº 395, de 20/02/2003 é criado o distrito de Patos e anexado ao município de Sobral.

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

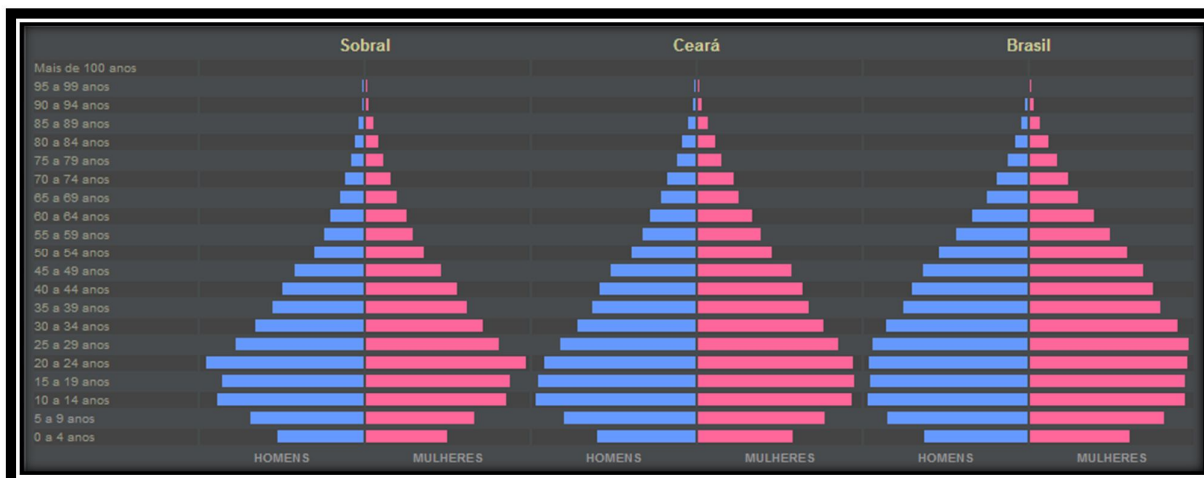


Imagem 3 - Evolução populacional

Idade	Sobral		Ceará		Brasil	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
0 a 4 anos	5.869	5.605	264.522	254.143	5.638.154	5.444.151
5 a 9 anos	7.734	7.419	354.622	341.621	7.623.749	7.344.867
10 a 14 anos	10.048	9.598	431.154	416.153	8.724.960	8.440.940
15 a 19 anos	9.684	9.863	425.466	421.375	8.558.497	8.431.641
20 a 24 anos	10.763	10.973	406.534	416.303	8.629.807	8.614.581
25 a 29 anos	8.759	9.078	364.393	378.499	8.460.631	8.643.096
30 a 34 anos	7.469	7.977	319.976	337.965	7.717.365	8.026.554
35 a 39 anos	6.265	6.886	277.797	298.631	6.766.450	7.121.722
40 a 44 anos	5.562	6.252	258.829	282.318	6.320.374	6.688.585
45 a 49 anos	4.698	5.182	228.511	250.729	5.691.791	6.141.128
50 a 54 anos	3.361	3.956	173.702	200.514	4.834.828	5.305.231
55 a 59 anos	2.666	3.246	143.692	169.422	3.902.183	4.373.673
60 a 64 anos	2.245	2.802	123.545	144.374	3.040.897	3.467.956
65 a 69 anos	1.644	2.097	93.990	111.093	2.223.953	2.616.639
70 a 74 anos	1.266	1.718	75.849	95.031	1.667.289	2.074.165
75 a 79 anos	861	1.199	48.627	63.394	1.090.455	1.472.860
80 a 84 anos	624	806	35.242	47.651	668.589	998.311
85 a 89 anos	337	491	19.597	26.181	310.739	508.702
90 a 94 anos	114	176	7.279	10.482	114.961	211.589
95 a 99 anos	46	70	2.160	3.709	31.528	66.804
Mais de 100 anos	8	12	429	842	7.245	16.987

Tabela 1 – População por faixa etária

Antonio Dias – Entre o romance e a educação histórica local: Uma análise da obra *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade, como instrumento educativo nas aulas de História Local do Ensino Médio, para compreensão da cultura sobralense nas duas primeiras décadas do século XX

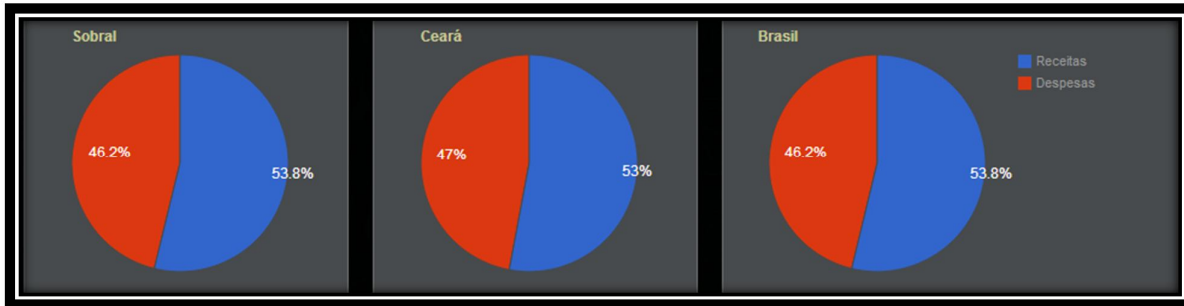


Imagem 4 - Despesas e Receitas orçamentárias

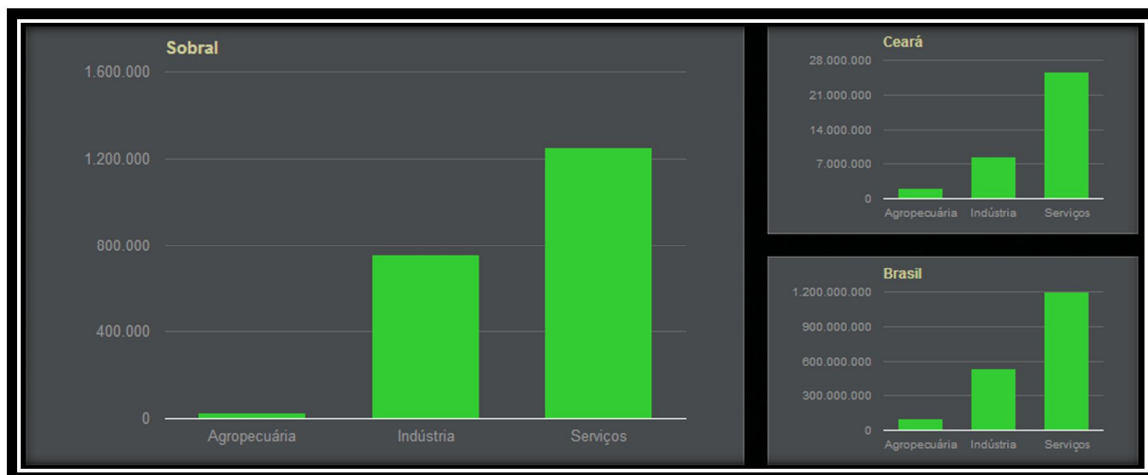


Imagem 5 - Produto Interno Bruto (valor adicionado)

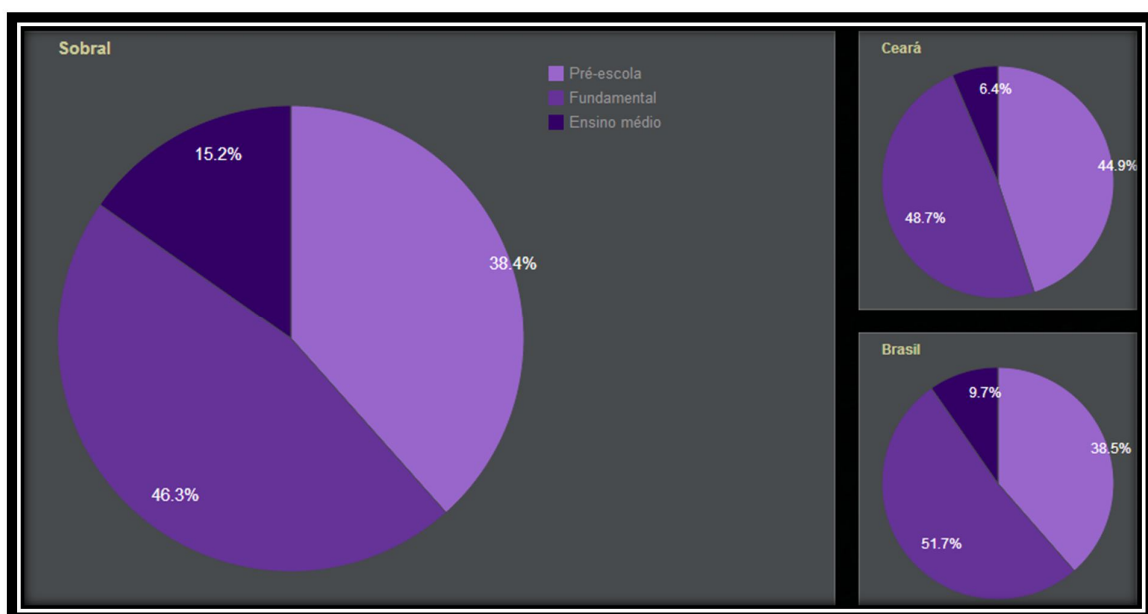


Imagem 6 - Números de escolas por série